

**Universidade de Évora - Escola de Artes**

Mestrado Integrado em Arquitetura

Trabalho de Projeto

**A Quinta da Cardiga: Aproximação à sua Arquitectura,  
Paisagem e Território**

JOANA ISABEL SAQUE MIGUENS JORGE

Orientador(es) | João Favila Sousa Menezes  
Aurora da Conceição Parreira Carapinha  
Jorge Croce Rivera

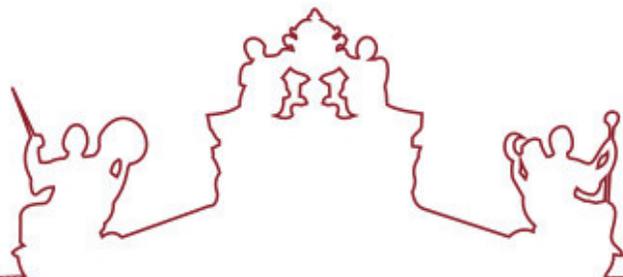
Évora 2021

---

---

---





**Universidade de Évora - Escola de Artes**

Mestrado Integrado em Arquitetura

Trabalho de Projeto

**A Quinta da Cardiga: Aproximação à sua Arquitectura,  
Paisagem e Território**

JOANA ISABEL SAQUE MIGUENS JORGE

Orientador(es) | João Favila Sousa Menezes  
Aurora da Conceição Parreira Carapinha  
Jorge Croce Rivera

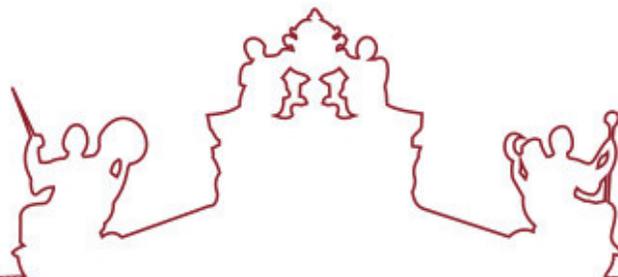
Évora 2021

---

---

---





O trabalho de projeto foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | Maria Freire (Universidade de Évora)

Vogais | João Favila Sousa Menezes () (Orientador)  
João Manuel Gomes da Silva (Universidade do Algarve) (Arguente)



# A Quinta da Cardiga

Aproximação à sua Arquitectura, Paisagem e Território

TOMO I FUNDAMENTOS

## OBSERVAÇÕES

Este Trabalho de Projecto não segue o Acordo Ortográfico de 1990

Todos os desenhos, salvo indicação de contrário, foram produzidos pela autora, com base na análise e interpretação de cartografia e iconografia disponibilizada por vários autores e instituições referenciados na Lista de Figuras e Créditos de Imagens.

# AGRADECIMENTOS

Aos meus Orientadores, Aurora Carapinha, João Favila Menezes e Jorge Croce Rivera pelo ânimo, acompanhamento e disponibilidade ao longo deste período de trabalho. Pelas conversas, por todas as perguntas que fizeram e pela aprendizagem que me proporcionaram.

Ao Dr. Ruy d'Andrade pela atenção e disponibilidade, por permitir aproximar-me à Quinta da Cardiga.

Ao Sr. Jesuíno, pela sua paciência e esforço ao longo de vários dias sempre com muito gosto em mostrar-nos a Quinta e contar-nos a sua história.

Aos Municípios de Vila Nova da Barquinha, Entroncamento, Chamusca e Golegã. Da Câmara Municipal da Golegã, à Cidália Pereirinha pela disponibilização de toda a informação que necessitei durante esta investigação.

Ao Exército Português, em especial ao Sargento Ajudante Soares e Sargento Ajudante Leitão do Centro de Informação Geoespacial do Exército e ao Sargento Chefe Paulo Almeida - Adjunto-Chefe do Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar da Direcção de Infraestruturas do Exército, por toda a ajuda na pesquisa e disponibilização de cartografia e fotografia aérea histórica.

Ao fotógrafo e arquitecto Duarte Belo e ao Saulo Dias pela gentil cedência de fotos da Quinta da Cardiga. Pelas fotografias registadas em 1995 e pelas fotos e vídeos aéreos da Quinta de 2016, respectivamente.

Ao Bruno, à Marta, aos meus Pais e Família pelo incansável apoio, ajuda e incentivo preciosos durante este processo tão alongado. Pela sua paciência e confiança.

À Georgina e à Isilda pelas suas histórias e pela sua disponibilidade para ajudar sempre.

À Adélia, à Conceição e ao João Garcia por todo o apoio no decurso do trabalho.

Aos amigos, Ana Margarida, Catarina, Duarte, Filipa, Isabel, João Pedro, Joe, Laura, Mad, Mafalda, Raquel e Steffi por compreenderem.

Por tudo, grata a todos.



# PREFÁCIO

A Quinta da Cardiga é um caso excepcional da arquitectura rural nobre em Portugal. Exemplo único no contexto nacional, fruto da sua longevidade de nove séculos e da sua posição privilegiada sobre o rio Tejo, estes factores foram determinantes na sua qualidade e riqueza arquitectónica, e na relevância histórica e social que tiveram no panorama nacional.

Visitei a Quinta da Cardiga pela primeira vez em 2012 apenas por lazer e recreio. Sem saber exactamente o que iria encontrar e sem expectativas formadas, a sua “descoberta” tornou-se surpreendente. A beleza, a intensidade das relações entre o Tejo e o campo, a complexidade de todas as estruturas, o estado devoluto das construções e a descaracterização dos sistemas agrícolas tradicionais provocou a vontade de trazer de novo à vida este conjunto excepcional.

Em 2014, durante o último ano do curso de arquitectura, confrontada com a necessidade de realizar um último trabalho de investigação (teórico ou prático), para concluir o ciclo de estudos que precede a prática da arquitectura em contexto profissional, o desejo latente de propor uma revitalização da quinta motivou-me a investigar e a trabalhar sobre este lugar, com a ambição e o objectivo primário de o tornar mais visível no contexto da arquitectura civil nobre em Portugal e de dar um contributo para a sua divulgação e preservação. Assim, o trabalho, inicialmente teórico, começou por ter como objectivo a compilação e organização de elementos que permitissem a análise individual da Quinta da Cardiga, inserida no contexto da casa nobre portuguesa, partindo dum discurso expositivo sobre o lugar e sobre o existente, fundamentado na história da arquitectura em Portugal. Paralelamente, pensei ser fundamental fazer um levantamento exaustivo do palácio, o edifício de excepção num conjunto de dependências agrícolas e industriais, salientando a sua importância como gerador e organizador de dinâmicas sociais, de relações arquitectónicas e de sistemas agrícolas e construtivos.

No entanto, com o desenvolvimento do trabalho, e nas profícuas conversas com os meus orientadores, compreendi que o vínculo vital entre história da quinta e a sua paisagem foram basilares na fundação deste lugar. Compreendi também que todas as dependências agrícolas aparentemente de “menor erudição” arquitectónica, na realidade justificam a permanência da casa nobre e da sua arquitectura erudita até aos dias de hoje. Assim, com uma visão integradora do conjunto das pré-existências propus-me a estabelecer premissas que permitissem exponenciar as potencialidades arquitectónicas e paisagísticas da Quinta da Cardiga. Das primeiras linhas de actuação surgiram novas ideias e dúvidas que sugeriram uma nova percepção do problema original proposto. Enunciaram-se várias questões e apontaram-se ideias à escala de um plano, numa aproximação aos elementos formais e princípios que constituem um Plano Director. A investigação fundamentalmente teórica passaria então a uma investigação de carácter fundamentalmente prático.

Com o acumular de dados e a proposição de estratégias de regeneração, a ideia de agir através de um plano de acção direccionou-se no sentido de um projecto mais interventivo, mais aproximado, no núcleo da quinta. Este contempla sobretudo as relações das pré-existências com a envolvente e na envolvente, estabelecendo estratégias mais sensíveis e específicas em relação ao edificado e à paisagem. É também de relevar que o estado de conservação das pré-existências piorou significativamente desde o início da investigação, pelo que se tornava premente definir acções que visassem salvaguardar este conjunto.

Nas acções de salvaguarda da Cardiga cedo se assumiu o risco de não propor uma intervenção exclusiva na casa nobre da quinta. A vontade de produzir um projecto de recuperação para o palácio colocava um problema determinante: com que objectivo específico, para além da preservação, se iria projectar uma recuperação? Que programa faria sentido implantar nesta pré-existência?

Ainda que tenham sido feitas análises ao território envolvente a escolha acertada de um programa não depende exclusivamente das características arquitectónicas de um espaço. Um programa é sempre circunstancial. A sua escolha baseada nas análises produzidas, ou na evolução morfológica do edificado, mas sem entender completamente todos os agentes que normalmente estão envolvidos nas decisões de recuperação do património, pode ser tomada como leviana. As transformações sucessivas dos espaços de acordo com novos paradigmas, alterações na organização social, evolução tecnológica, entre outros factores de carácter privado da família Sommer, levaram ao estado devoluto em que este património se encontra actualmente. O palácio está desabitado há cerca de quatro décadas, e o actual contexto social é muito diferente daquele em que todas as alterações que conhecemos foram sendo feitas.

O próximo tempo no reabitar deste edifício pressupõe um novo uso específico, e mesmo que esse uso seja residencial, as novas formas de viver e de nos relacionarmos com o espaço, de habitar os espaços, transformaram-se e iriam impor alterações na articulação do existente. No entanto, ainda que não se determine um programa específico e uma intervenção com base nesse programa, não nos abtemos de propor uma ocupação geral das pré-existências, de apontar caminhos, segundo as vocações inerentes dos espaços, para uma ocupação futura. Direcção a sua recuperação no sentido da revitalização de um sistema integrado entre arquitectura e agricultura, já que foi a actividade agrícola a geradora e justificadora destas construções.

Assim, o objectivo principal da proposta projectual prendeu-se com o 're-conhecimento', compreensão e reposição das relações da Quinta da Cardiga com a sua paisagem, e não apenas com a investigação de soluções construtivas de recuperação de património, pois só partir da recuperação destas relações, se poderá estudar uma proposta de continuidade deste legado para o futuro.







concelho  
V.N. Barquinha

# RESUMO

Ao longo de oito séculos a Quinta da Cardiga, implantada na margem norte do Rio Tejo, perseverou nos solos férteis da lezíria ribatejana, até encontrar, a partir de 1970, o seu grande momento de crise, um impasse que tem conduzido ao declínio do seu património edificado.

As transformações tecnológicas e económicas resultaram na mudança de paradigma do sustento das quintas de produção agrícola no Ribatejo, desvirtuando conjuntos que se assumiam pela multiplicidade de recursos. Policulturas deram lugar a monoculturas intensivas de regadio que deterioram e empobrecem a paisagem, ignorando as alterações climáticas em curso.

Partindo da investigação multidisciplinar do edificado e paisagem da Quinta da Cardiga, propõe-se uma estratégia de revitalização assentando a proposta na reposição da continuidade dos sistemas culturais e naturais, como forma de salvaguardar este património, assegurar o seu futuro e idealmente recuperar uma forma de habitar o meio rural em que as funções agrícolas se articulem com novos espaços de recreio.

## PALAVRAS-CHAVE

Quinta da Cardiga, Arquitectura Rural, Rio Tejo, Paisagem, Intervenções

## ABSTRACT

### Quinta da Cardiga: Approaches to its Architecture, Landscape and Territory

Over eight centuries, Quinta da Cardiga, implanted on the north bank of the Tagus River, persisted in the fertile soils of Ribatejo lezíria, until reaching, from 1970 onwards, its great moment of crisis, leading to the decline of its built heritage.

Technological and economical transformations resulted in a paradigm shift in the sustainability of agricultural farms in Ribatejo, distorting sets that were assumed by the multiplicity of resources. Polycultures have given way to intensive irrigated monocultures that deteriorate and impoverish the landscape, ignoring the ongoing climate change.

Starting from the multidisciplinary study of the building and landscape of Quinta da Cardiga, a revitalization strategy is projected, based on the proposal to restore the continuity of cultural and natural systems, as a way to safeguard this heritage, ensure its future and ideally rediscover ways to inhabit a rural environment where agricultural functions are linked to new recreational spaces.

## KEYWORDS

Quinta da Cardiga, Rural Architecture, Tagus River, Landscape, Interventions

# ÍNDICE

## TOMO I FUNDAMENTOS

INTRODUÇÃO	20
I – O TERRITÓRIO E A PAISAGEM DO RIBATEJO: CARACTERIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESPAÇO DE ESTUDO	38
Breves considerações sobre a origem toponímica	46
II – A QUINTA DA CARDIGA: GÉNESE, MORFOLOGIA E EVOLUÇÃO	54
Génese: a Cardiga no sistema defensivo do Médio Tejo no Séc. XII	54
A Comenda e a produção agrícola do Séc. XIII ao Séc. XVII	56
Da Reconquista aos Descobrimentos: uma proposta de Reconstituição	56
<i>Extratexto:</i> Das relações de comunicação e ligação no entorno da Cardiga	61
A Cardiga no Tombo de 1504	92
O desvio do Tejo em 1545	94
O palácio no Séc. XVI e outras obras	98
A Revolução Liberal e Industrial em Portugal no séc. XIX: a extinção das Ordens Religiosas e a Quinta como propriedade privada.	110
O Século XX	112
A transição para o Século XX: transformações da Quinta até meados do Séc. XX	112
A segunda metade do Século XX: decadência	136
O Século XXI: impasses	154
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	164
LISTA DE FIGURAS   CRÉDITOS DE IMAGENS	166
ANEXOS	169

# ÍNDICE

## TOMO II ESTRATÉGIAS

POSICIONAMENTO: A DESCOBERTA DE UM PROJECTO	14
I – O TERRITÓRIO PRÓXIMO: LATÊNCIAS E POTENCIALIDADES	18
Análises Territoriais	18
Condicionantes	26
Acerca das cheias	33
Os sistemas agrícolas: a transformação da paisagem	43
II- UMA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO PARA A QUINTA DA CARDIGA	46
Estratégia de Revitalização	46
O Plano Geral	51
Aproximações e Afastamentos ao lugar da Cardiga	59
Percurso I: A via fluvial	62
Percurso II: Pelas ribeiras, desde o Parque do Bonito	66
Percurso III: Pelo 'parque agrícola', desde a Barquinha	70
Percurso IV: Recuperação da alameda de lódãos	76
Intervenções Nucleares: acções sobre o edificado	81
Acerca das demolições	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143
LISTA DE FIGURAS   CRÉDITOS DE IMAGENS	144
GLOSSÁRIO	146



# INTRODUÇÃO

Localizada em pleno coração do Ribatejo, a Quinta da Cardiga situa-se na margem norte do Rio Tejo, entre as povoações de Vila Nova da Barquinha, Entroncamento e Golegã. Se a sua implantação deve ter ocorrido por razões militares, da necessidade de defesa e povoamento durante a *Reconquista*,<sup>1</sup> num segundo momento, finda a guerra neste território, ela tornou-se o centro do aproveitamento de terras férteis nas margens do rio, organizando o território e a paisagem ao longo de oito séculos.

O conjunto edificado da Cardiga tem origem na construção de uma atalaia, uma torre de pedra, inserida na rede de vigilância estabelecida ao longo do Médio Tejo pelos cavaleiros da Ordem Templária durante o período da formação do reino, no séc. XII. Da atalaia era possível estabelecer contacto com o Castelo de Almourol, a 6km a montante do rio, e com o desaparecido Castelo da Praia do Ribatejo, a 10km a montante, criando uma rede de vigilância e protecção do território, então no limite do reino, da entrada de invasores com destino a Lisboa ou a Coimbra. O Castelo de Tomar, onde a partir de 1420 se implantou o Convento de Cristo, articulava estes pontos da rede defensiva, todos eles pertencentes à Ordem dos Templários, não apenas de ponto de vista militar, mas também económico, pois seriam estes vastos terrenos que garantiriam o sustento alimentar.

Na sua origem, a Cardiga não seria mais do que uma torre em pedra circundada por uma muralha em taipa e portal em pedra, rodeada por um fosso,<sup>2</sup> à semelhança de estruturas semelhantes, como a do Castelo de Longroiva, a que foram sendo acrescentadas, entre o séc. XII e o início do séc. XIV, outras construções, dando-lhe maior valor. Transformados, a torre e os terrenos adjacentes, numa Comenda pertencente à Ordem dos Templários, eles foram doados, em 1321, à nova Ordem de Cristo.

Uma transformação profunda ocorreu em meados do séc. XVI, por ordem do rei D. João III, com a realização de grandes obras de ampliação da estrutura defensiva e de transformação das construções existentes num palácio de repouso para a família real e os freires da Ordem de Cristo. A traça do palácio foi atribuída ao arquitecto João de Castilho,<sup>3</sup> que simultaneamente se encarregou das obras de ampliação do Convento de Cristo em Tomar.<sup>4</sup>

A intenção de D. João III era, não apenas a construção de um palácio real, mas também o melhoramento do território, pelo que, enquanto decorriam as obras do palácio, em 1545, ordenou a mudança do troço do curso do rio Tejo perto da Cardiga, com o objectivo de controlar as cheias a jusante, impedir o arrasto de areias para os campos de cultivo e melhorar a irrigação desses campos.

Apesar do tremendo esforço humano que estas obras implicaram, o rio não seguiu o curso artificial que se pretendia e desviou-se para norte, alagando os campos de cultivo junto à casa nobre da Cardiga e obrigou o reforço das margens com canaviais, para impedir o avanço da água junto às casas e aos campos, criando uma nova cobertura vegetal que perdura em alguns pontos até hoje.

1 – O termo *Reconquista*, na generalidade, refere-se a um período temporal do séc. VIII ao séc. XV. Aludimos aqui à Reconquista após a declaração de independência e da formação do reino de Portugal por D. Afonso Henriques – séc. XII ao séc. XV. Acerca da pertinência do termo Reconquista, Fitz conclui: «[...] el concepto de Reconquista no sólo está vigente, sino que su uso sigue siendo plenamente operativo. Y ello es así porque con un único término se hace referencia, sin necesidad de mayores explicaciones, a un proceso clave en la Edad Media peninsular, como fue la expansión militar a costa del Islam occidental, que estuvo revestido e impulsado por una ideología militante basada en los principios de guerra santa y de guerra justa, y que además tuvo una incidencia decisiva en la conformación de unas sociedades de frontera. Es verdad que recientemente algunos autores han realizado propuestas fundadas para cambiar la denominación con la que nombramos a todos aquellos procesos, recuperando el histórico concepto de Restauración, que hasta mediados del siglo XIX había servido para designarlos. No sabemos si en el futuro esta propuesta acabará cuajando en la historiografía, pero de momento sigue existiendo un consenso bastante amplio en torno a la utilización de Reconquista: después de todo, si con una sola palabra podemos aludir, intuitivamente, a dinámicas históricas tan complejas, quizás no sea necesario que acabemos con ella.» Fitz, "La Reconquista: Un Estado de La Cuestión," 201.

2 – Batista, Cardiga: De Comenda a Quinta Da Ordem de Cristo (1529 -1630).

3 – Serrão and Almeida, O Renascimento e o Maneirismo (1500-1620); Custódio, "Quinta Da Cardiga: Adaptação a Pousada de Portugal (Dissertação de Mestrado)," 22-23.

4 – Custódio, "Quinta Da Cardiga: Adaptação a Pousada de Portugal (Dissertação de Mestrado)," 22.

Assumindo uma função representativa e recreativa, como lugar de repouso da família real no séc. XVI, mas também, ao longo dos séculos, como local de paragem da realeza e da aristocracia, no palácio da Quinta da Cardiga estão presentes elementos morfológicos comuns a outras casas nobres e quintas de recreio em Portugal<sup>5</sup> – a torre, a capela, o jardim confinado, a loggia, o miradouro, o poço e indícios de pomar –, mas é a sua localização privilegiada, na margem do Tejo e na relação com a paisagem envolvente, que o tornou num exemplar singular, mesmo excepcional.

Também do ponto de vista económico, a Comenda da Cardiga foi historicamente de grande importância, centro de uma das mais ricas e extensas áreas agrícolas do reino, pois os seus limites chegavam a Abrantes, a cerca de 21km de distância.

Tendo permanecido na posse da Ordem de Cristo até 1834, ano do decreto da extinção das Ordens Religiosas por Joaquim António de Aguiar, ela foi, à semelhança dos bens de outras Ordens, sujeita à nacionalização e posterior venda.

Após a extinção das Ordens, foi seu proprietário Domingos José de Almeida Lima durante alguns decénios, mas em 1867 os seus herdeiros vendem a Quinta a D. Maria Arrábida Lamas e, em 1898, os herdeiros desta proprietária vendem-na a Luís Adolfo de Oliveira Sommer, filho de Luís von Sommer, um Alferes vindo da Alemanha para o “Regimento de Lanceiros da Rainha D. Maria II”. Hoje-em-dia o conjunto pertence a um colectivo privado da família Sommer d’Andrade e Sommer de Melo.

Desde a posse da Quinta pela família Sommer, quer o palácio, quer as instalações agrícolas e os próprios terrenos foram sendo sujeitos a sucessivas modificações, acrescentos, modernizações. A Quinta da Cardiga manteve-se como centro administrativo de uma grande propriedade agrícola. Em 1952, a casa nobre foi considerada Imóvel de Interesse Público, ainda que a protecção então conferida se restringisse ao edifício principal da casa e a um perímetro de 50 metros desde o seu limite.<sup>6</sup> Actualmente, a Quinta da Cardiga encontra-se implantada na Reserva Ecológica Nacional e Reserva Agrícola Nacional (REN e RAN).

Pujante durante séculos, o conjunto edificado sofreu, todavia, a partir dos anos Setenta, um crescente processo de abandono e deterioração; muitos dos terrenos foram sendo alienados e o edificado, composto pela casa nobre e por vários edifícios com funções agrícolas e industriais, encontram-se na sua maioria em estado devoluto e em ruína.

Como o nosso “Prefácio” procurou explicar, o presente trabalho de projecto surgiu inicialmente do interesse em contribuir para o registo e valorização de um património em decadência, o da Casa Rural Nobre em Portugal, através de um estudo de caso. A Quinta da Cardiga apareceu-nos como um exemplo significativo da situação de muitas das ancestrais quintas de produção agrícola no Ribatejo, que se encontram abandonadas ou que viram a sua função de repouso e produção transformada, tornando-se pousadas, hotéis de charme ou espaços para festas e eventos. Na maior parte dos casos, a sua arquitectura é então desvirtuada das suas funções, destruindo conjuntos que se assumiam pela sua polivalência; no caso das Quintas de Recreio, em particular, pervertem-se os ideais da vilegiatura, que alia a função agrícola ao prazer do repouso e à contemplação, fazendo-os progressivamente desaparecer.

A Quinta da Cardiga, já não sendo o centro administrativo de uma grande exploração agrícola, encontra-se actualmente numa situação de, não apenas de decadência, mas de suspensão, expectante, talvez, de uma solução que a trans-

5 – Araújo, “Quintas de Recreio: Breve Introdução Ao Seu Estudo, Com Especial Consideração Das Que Em Portugal Foram Ordenadas Durante o Séc. XVIII,” 14.

6 – IIP - Decreto n.º 38 673, DG, 1.ª série, n.º 57 de 12 março 1952 \*1.

forme em hotel de charme, um futuro semelhante a outras tantas quintas da lezíria ribatejana. Sendo que ela é um caso notável pelos seus oito séculos de história, contexto, implantação e transformações, tornámo-nos crescentemente cientes que urgia uma estratégia ponderada e integrada de várias disciplinas que visasse preservar e dar continuidade a este legado importantíssimo da arquitectura portuguesa.

Situada logo após a transição do Alto Tejo para o Médio Tejo, a sua implantação, no início da lezíria ribatejana, deve-se fundamentalmente a questões militares e de exploração agrícola, numa continuidade que a arqueologia fez descobrir de assentamentos humanos ao longo de toda a área de aluvião do Tejo desde o Paleolítico.

Integrada numa paisagem única no contexto nacional, a Cardiga permite-nos reconhecer o papel geográfico e ecológico do Tejo, estabelecer um paralelo entre o rio Tejo, em Portugal e o rio Nilo, no Egipto. Eixo fundador e vital para a ocupação e sobrevivência humana, o Tejo permitiu consolidar economias, sistemas de trocas. Fonte de alimentos e fertilizador natural, o rio matava a sede, a fome e permitia o transporte e a comunicação, essencial ao desenvolvimento humano, separava e unia comunidades, a norte e a sul, a este a oeste. Deslocando a nossa atenção do construído para o Tejo, a Cardiga fez-nos descobrir as características excepcionais das paisagens que a envolvem, algumas delas já incluídas em áreas em regimes especiais de protecção, como é o caso do Paul de Boquilobo, ou as Serras d'Aire e Candeeiros a escassos quilómetros da Quinta.

Tornando-se assim um complexo caso de estudo, a Quinta da Cardiga passou a surgir como o centro de uma paisagem excepcional, marcada não apenas pelo engenho humano, mas também pelo seu fracasso, pelos melhoramentos tecnológicos, mas também pela dependência de interesses económicos, porventura danosos dos ecossistemas, inclusive humanos.

Actualmente vários factores contribuem para colocar a Quinta da Cardiga num impasse: as transformações económicas e as mudanças sociais consequentes da evolução tecnológica na agropecuária, as políticas de ordenamento do território e, finalmente, as questões da gestão familiar da própria Quinta, têm levado ao abandono do conjunto edificado, não só do ponto de vista da utilização física dos seus espaços, mas também do ponto de vista da relação social que se mantinha, a partir da Quinta da Cardiga, com as populações envolventes.

A desafecção da maioria dos terrenos agrícolas ao conjunto edificado, bem como o estado avançado de devolução em que muitas das estruturas se encontram tornam, dia após dia, mais complicado prever um retorno da sua actividade. Por outro lado, a implantação da Quinta em zona de leito de cheia, num momento de alterações climáticas, dificulta também uma opção clara de um caminho de recuperação, que será sempre complexo, de acordo com a própria complexidade do problema que se apresenta.

A Quinta, como 'máquina' em simbiose com os seus terrenos, já não existe. O seu funcionamento complexo e integrado nos sistemas naturais encontra-se desequilibrado e decadente. O seu legado, que mostrava uma forma de equilíbrio e reciprocidade entre o Habitar e o Trabalhar, entre a Contemplação e a Introspecção, entre a Transformação e a Preservação, entre Cultura e Natureza, desapareceu - o que nos leva à problemática principal desta investigação: como revitalizar esta 'estrutura-máquina' para o séc. XXI? Como pode ela perdurar, continuar a existir na contemporaneidade, quando aparentemente estaria implicada a sua obsolescência?

Parece-nos que o caminho viável a seguir prende-se sempre com a recuperação dos espaços pelas comunidades, para usufruto e produção sustentável de modo a reestabelecer a continuidade (física, social) com os núcleos urbanos como forma de preservar e prolongar este legado.

É necessário agir considerando as várias acções antrópicas como a redução substancial das galerias ripícolas, a redução drástica de caudal do rio Tejo, devido à falta de manutenção do seu curso e à má gestão das barragens que o intersectam, que se traduz também numa água de qualidade pobre, demasiado poluída por vezes até para a manutenção da biodiversidade.

As forma de produção de monoculturas intensivas que hoje desgastam os solos chegando mesmo a contaminá-los e aos lençóis freáticos no subsolo, com o uso excessivo de agentes químicos, idealmente deveria transitar para um aproveitamento do solo mais equilibrado, preservando as estruturas ecológicas que lhes atribuem resiliência face a cheias e secas, que se irão agravar com as alterações climáticas em marcha, colocando em prática novas formas de produção em que, para além da colheita e produção tradicional agro-pastoril, se poderia associar a produção energética necessária à manutenção das explorações. Tipos de produção em simbiose, como por exemplo a produção de energia solar associada à produção agrícola, aproveitando o sombreamento dos painéis fotovoltaicos para proteger alguns tipos de culturas, ou a reposição de sistemas silvestres de prevenção de pragas.

Recuperar a utilização do património construído da Quinta da Cardiga dependerá de estratégias integradas de revitalização. Por estarem fora da nossa capacidade de planeamento, a nossa proposta irá cingir-se às intervenções de estruturação e clarificação do conjunto, como estratégia de preparação da sua recuperação total.

Este Trabalho de Projecto encontra-se dividido em dois tomos e um caderno de levantamentos.

O “Tomo I: Fundamentos” faz a aproximação ao objecto de estudo. As análises e as contextualizações produzidas são ferramentas que informam e que permitem compreender a evolução complexa deste património, como forma de apoio à proposta arquitectónica. Esta aproximação, e a ‘*in-conclusão*’ em que a história permanece, os impasses enunciam o problema.

O “Tomo II: Estratégias” consolida a proposta de um projecto de arquitectura como forma de investigação de revitalização do património edificado e paisagístico da Quinta da Cardiga.

O Tomo III “Levantamentos” reúne os desenhos de levantamento da Quinta e em especial do Palácio na actualidade, bem como o registo fotográfico dos espaços que compõem o conjunto.

No Tomo I, o primeiro capítulo, “Território e Paisagem do Médio Tejo: caracterização e contextualização do espaço de estudo”, faz uma aproximação geográfica à Quinta da Cardiga partindo do estudo da orografia e hidrografia, ao caracterizar particularmente a lezíria ribatejana, território onde várias casas nobres se implantaram ao longo dos séculos, e a evolução urbana dos assentamentos nos arredores da Cardiga.

Foram essenciais os estudos de Silva Telles *A Região Ribatejana e Seus Limites*, de 1922, de Orlando Ribeiro, *Portugal: O Atlântico e Mediterrâneo*, e em colaboração com Suzanne Daveau e Hermann Lautensach *Geografia de Portugal* de 1987, e *Opúsculos Geográficos*, de 1991; a obra de Suzanne Daveau com José Mattoso e Duarte Belo *Portugal - O Sabor Da Terra*, de 1997 e textos de Virginia Rau acerca das explorações agrárias em Portugal.

Acerca da toponímia destacamos da consulta de vários dicionários corográficos e etimológicos o estudo de José Joaquim Nunes *A Vegetação Na Toponímia Portuguesa*, de 1920, que foi essencial para aclarar a origem toponímica da Quinta da Cardiga.

O segundo capítulo, “A Quinta da Cardiga: génese, morfologia e evolução”, estabelece um relato cronológico, reconhecendo vários momentos da evolução e transformação morfológica da Quinta, fundamentado também na história da formação do país propondo hipóteses de reconstituição, através de esquemas em axonometria e planta.

Apoiando-nos em vários estudos, para a compreensão do contexto político e arquitectónico à época da fundação do reino de Portugal e da génese da Cardiga, tomámos como base as investigações de Mário José Barroca e Nuno Villamariz Oliveira, acerca da arquitectura defensiva das Ordens Militares em Portugal nos séculos XII, XIII e XIV.

O contributo de João José Alves Dias com a sua investigação *Paio de Pele: a Vila e a Região do século XII ao XVI* é indispensável para a compreensão desta região e da Cardiga num período de quatro séculos em que poucos registos existem sobre a comenda.

Das várias investigações já consolidadas sobre a Quinta da Cardiga, três são essenciais para o trabalho de reconstituição que propomos: a Tese de Doutoramento de Luís Miguel Preto de Batista, *Cardiga: de Comenda a Quinta da Ordem de Cristo (1529 a 1630)*, de 2009, recupera o percurso político e histórico da Quinta da Cardiga desde a sua fundação como comenda, através de transcrições de documentem os históricos que descrevem os acontecimentos e permitem compreender a sua evolução. Em 2019 Luís de Batista publica a obra *Cardiga ou a*

*História de uma Quinta (1169-2019)*. Esta obra consiste num registo mais alargado no tempo e completa o âmbito da sua Tese de Doutoramento, tendo sido imprescindível para confirmar e completar informações acerca da evolução do conjunto edificado. A Prova Final de Licenciatura de Susana Custódio, *Quinta da Cardiga: adaptação a pousada de Portugal*, de 2001, retrata sucintamente a evolução morfológica da quinta desde a sua fundação, e elabora uma proposta de adaptação do seu palácio a Pousada de Portugal.

Paralelamente à consulta da bibliografia específica sobre a Cardiga, procuraram-se bases teóricas da história da arquitectura portuguesa para melhor compreender e fundamentar as hipóteses de reconstituição propostas. Para um estudo holístico da Casa Nobre e das suas tipologias em Portugal, foram fundamentais as investigações de vários autores, dos quais destacamos Carlos de Azevedo, com a sua obra incontornável, *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre* o primeiro estudo a contemplar uma teoria sobre a evolução da casa nobre desde o séc. XII ao séc. XIX, de Norte a Sul do país. Fundamental, pela exemplificação a partir de casos notáveis da arquitectura portuguesa, Azevedo propõe a evolução de diferentes tipologias de arquitectura doméstica de carácter erudito em vários períodos da história sempre atentando à sua posição geográfica. O autor não pretende apresentar a história das residências - tarefa quase sempre difícil pela escassez de elementos informativos - mas sim caracterizar a casa nobre portuguesa e apresentar um esboço da sua evolução através dos tempos, tarefa que não fora tentada ainda com tal desenvolvimento.

Helder Carita, na sua obra *Oriente e Ocidente nos Interiores em Portugal*, de 1996, ricamente ilustrada com as fotografias de António Homem Cardoso, explora a ideia de uma forte influência oriental em todo o percurso da arquitectura portuguesa. Abrindo novos domínios de investigação da arquitectura erudita em Portugal, até aqui explorados por George Kubler na sua obra de referência *A Arquitectura Portuguesa Chã: entre as especiarias e os diamantes (1521-1706)*, de 1988, a primeira vez que surge o conceito/tese da existência de uma arquitectura especificamente portuguesa, de certa forma externa à influência europeia, no seu entender uma Arquitectura Chã

Na charneira de vários mundos, nem Oriente nem Ocidente, a história e arte portuguesas não podem ser entendidas sob uma perspectiva exclusivamente europeia: o seu pensamento, o seu temperamento, as suas concepções de espaço e tempo, a sua maneira de ser, são uma visão particular desses vários mundos.

De Helder Carita foi também consultada a sua obra mais completa e actualizada *A Casa Senhorial em Portugal: Modelos, Tipologias Programas Interiores e Equipamentos*, de 2015 que partilha as mesmas ideias da obra de 1996, mas com maior sistematização dos Modelos, Tipologias, Programas Interiores e Equipamentos da casa nobre, como o próprio título indica.

Maria de Lurdes Craveiro na sua obra *A Arquitectura ao Romano* e Rafael Moreira com a sua tese de doutoramento *A arquitectura do Renascimento no sul de Portugal: a encomenda régia entre o moderno e o romano* apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em 1991, apresentam estudos essenciais sobre a arquitectura em Portugal durante o Renascimento Europeu focando-se nas singularidades portuguesas.

Para um maior entendimento do período da arquitectura barroca em Portugal, apoiámo-nos na obra de Paulo Varela Gomes, *O essencial sobre a Arquitectura Barroca em Portugal*, e também na obra de João Vieira Caldas, *A Casa Rural dos Arredores de Lisboa no Século XVIII*, que elabora um estudo sobre a casa que con-

stitua o centro de uma unidade de lavoura (independentemente do seu tamanho ou importância), seja o núcleo de uma propriedade de recreio, ambas as coisas, ou apenas a habitação do pequeno agricultor.

Acerca da tipologia da Quinta de Recreio importa destacar duas investigações: a primeira levada a cabo por Ilídio Alves de Araújo em 1974, *Quintas de recreio: (breve introdução ao seu estudo, com especial consideração das que em Portugal foram ordenadas durante o século XVIII)*, a segunda de Aurora Carapinha, *Da Essência do Jardim Português - a segunda parte A Reinvenção da Memória - A Quinta de Recreio* explora o paradigma do jardim português<sup>7</sup> apresentada em 1995, como prova de Doutoramento, à Universidade de Évora. Também foi consultada a investigação de Amílcar Gil e Pires, *A Quinta de Recreio em Portugal: Vilegiatura, Lugar e Arquitectura*, de 2013, apesar do autor considerar a Cardiga parte da Tipologia da Quinta de Recreio e de discordarmos dessa posição.

O desvio do Tejo no séc. XVI, obra de grande envergadura, foi tema para a investigação de João José Alves Dias, *Uma grande obra de engenharia em meados do Século XVI: A mudança do Curso do rio Tejo*, 1984, sendo até à data a obra mais completa que existe sobre esta transformação drástica na paisagem.

Para compreender a situação actual da Quinta e a sua história recente recorreu-se a notícias de jornais locais e a documentos camarários que dão conta de possíveis intervenções na Quinta da Cardiga, bem como a uma conversa informal com um dos herdeiros, o Dr. Rui de Andrade.

Neste primeiro tomo compilou-se, tanto quanto foi possível, cartografia e fotografia histórica de forma a completar o registo da evolução da Quinta da Cardiga e de transmitir com o máximo rigor a sua essência. As fotografias Artur Pastor retratam uma visão do Ribatejo entre as décadas de 1940-60, enquanto as fotografias de Joshua Benoliel e Duarte Belo retratam a própria Quinta em diferentes períodos (c.1910 e 1995 respectivamente), o que nos permite enriquecer, adentrar o universo de actuação e investigação.

Sobre o séc. XXI procurou-se perspectivar caminhos, contextualizar e sobretudo colocar questões que ajudassem ao trabalho de projecto.

Procuraram-se investigações de pares, de mestres, como as investigações em curso de Rem Koolhaas e Sebastien Marot acerca da ruralidade, as questões levantadas por vários especialistas, artistas, arquitectos acerca do *Antropoceno* e da urgência climática em que vivemos. Esta procura não se formalizou em nenhum texto ou elemento gráfico, foram antes leituras paralelas e constantes ao longo do trabalho, referências pessoais que não interessou neste contexto dar voz própria, mas que certamente estarão presentes na abordagem ao problema da Cardiga.

Os trabalhos de levantamento fotográfico e métrico aconteceram em paralelo com a investigação de fontes e com a produção da proposta arquitectónica. Assim decidiu-se que estes elementos, por serem basilares para a compreensão dos dois tomos, deveriam constituir em si um elemento de investigação autónomo, configurando um tomo separado que pode ser consultado em simultâneo com os outros dois tomos.

Para o levantamento métrico tomou-se como base o levantamento mais completo que existe até à data, da autoria da Arquitecta Susana Custódio, realizado no âmbito do seu trabalho final de curso, apresentado em 2001 à Universidade de Coimbra,<sup>8</sup> não dispensando, no entanto, a confirmação *in situ* do levantamento. A autora, para realizar um projecto de conversão deste palácio em Pousada de Portugal, deparou-se com a necessidade de realizar um levantamento ao edifício já que os elementos que existiam eram escassos e insuficientes para o seu trabalho

7 – Carapinha, "Da Essência Do Jardim Português," 7.

8 – Custódio, "Quinta Da Cardiga: Adaptação a Pousada de Portugal (Dissertação de Mestrado)."

de projecto. Os restantes edifícios da quinta foram visitados sempre que possível, (sempre que se obteve autorização e que o estado devolutivo e por vezes perigoso do edificado permitiu), e a informação recolhida aparecerá nos desenhos sempre que relevante.

Para além do levantamento e estudo bibliográfico, foi essencial, como metodologia de aproximação ao trabalho de projecto, perceber a relevância do caminhar – do caminhar como acção que permitiria articular o legado histórico deste lugar e a proposta de intervenção, os espaços agrícolas e edificado e a paisagem.

De metodologia prática à própria investigação teórica, o caminhar foi transversal na procura de uma estratégia e na apropriação do legado histórico que aliás seria testado na descrição feita do novo palácio construído no séc. XVI.

Pensar no caminho e no acto de caminhar como provocador de pensamentos que se bifurcam, como modo de estar ao longo da investigação. Os caminhos da investigação, os caminhos de trabalho e os caminhos do projecto. A distância 'inatingível' do destino final – como o caminho infinito que sempre aparece/se apresenta. A decisão de parar e de estar num ponto e cristalizar aqui pensamentos e ideias, para num futuro elas percorrerem outros caminhos.

Estes caminhos naturalmente favoreciam constantes 'leituras paralelas' em relação ao espaço que se decidiu estudar. Surgiram referências, leituras do lugar que coexistem muitas vezes em paradoxo. Ideias paradoxais, ou contrastantes ou apenas divergentes.

Criou-se espaço e trilhos para explorar o lugar e admitiu-se a dificuldade da escolha de um caminho, acabando muitas vezes por vaguear sem destino fixo, apenas com um vislumbre de um objectivo final, de um lugar confortável onde parar e pensar em tudo o que já se percorreu.

Dada a natureza do trabalho académico, após estudar vários caminhos que surgiram muitas vezes até como mais entusiasmantes, percebeu-se que de acordo com o objectivo final este seria o melhor a seguir, o que melhor demonstra no geral as vontades pessoais em união/harmonia com uma posição ética em relação ao lugar da Cardiga. Não tendo a intenção de tornar hermética e demasiado pessoal a leitura do lugar, optou-se pela conjugação de uma vontade pessoal com uma leitura imparcial do lugar o que justifica assim a organização, a evolução e ritmo do trabalho. Da formalidade e imparcialidade de uma leitura histórica amplamente baseada em autores que se dedicaram a fundo sobre os temas explorados na primeira parte, a uma leitura e análises mais pessoais, a uma postura tomada na segunda parte, em discurso directo, em que se permitiu ser mais livre, explorar mais os paralelismos e os vários caminhos e temas que um projecto abre. Falando em discurso directo sem por isso deixar de me apoiar em vários autores e artistas.

Caminhos que permitem aproximações, as aproximações como acto que faz tornar mais visível e legível o que está à distância, mas que coloca sempre um novo horizonte e um novo 'longe' em vista. Aproximar-me de uma leitura de evolução da quinta, já que apenas com prospecções arqueológicas rigorosas e estudos feitos com historiadores nos permitiriam chegar a conclusões claras. Aproximar-me de uma resolução de projecto. Aproximar-me de uma solução ou de uma ideia que transformará o lugar da quinta e o permitirá continuar no futuro. Aproximar-me sempre de leituras e análises territoriais que dependem de uma forma pessoal de entender o território e o mundo que envolve.

Seguir caminhos que me possibilitam aproximar da Cardiga, onde decidi parar e estar.

A partir daqui deste novo centro em que parei – da Cardiga – posso olhar para fora posso perscrutar novos caminhos e afastar-me assim do seu centro magnético/nuclear. Actos de aproximar e de afastar oferecem novas perspectivas, proporcionam-nos uma visão caleidoscópica sobre um sítio e viabilizam os caminhos trilhados. Percebemos que muitas vezes não são caminhos consequentes e em contínuo, mas sim coexistentes, paralelos e que todos se aproximam do mesmo núcleo a partir de pontos de partida distintos. Mas que todos eles constroem e estruturam o mesmo lugar. Visão esta que acompanha o acto de projectar num movimento contínuo, cíclico de aproximação e afastamento, – no sentido introspectivo de abandono e de preservação – da entrega ao que é o trabalho de projecto.

O “Tomo II: Estratégias” consolida a proposta de um projecto de arquitectura como forma de investigação de revitalização do património edificado.

O primeiro capítulo, “A Paisagem Próxima: Latências e Potencialidades”, faz uma aproximação ao problema a partir das latências e potencialidades do território próximo assim como das condicionantes no entorno da Quinta da Cardiga que impulsionaram o projecto.

Esta aproximação é feita com base em análises territoriais, em cartas e em ortofotomapas e, do ponto de vista social, com base nas visões literárias de Alves Redol, em *Avieiros*, que retrata a dureza da vida dos avieiros do Tejo, e de Miguel Torga, na sua obra *Portugal*, retrato generalista do país que procura a ‘essência’ de cada uma das suas regiões.

Para estas análises foram consultadas obras essenciais de vários autores como Suzanne Daveau em *Portugal Geográfico* ou, conjuntamente com Orlando Ribeiro e Hermann Lautensach, em *Geografia de Portugal*.

Foram, do mesmo modo, consultadas as obras do arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles: a obra de 2016 *Gonçalo Ribeiro Telles: Textos escolhidos* que congrega vários textos escritos ao longo de várias décadas e a obra de 1996, *Portugal, Paisagens e Espaços Naturais* em conjunto com Fernando Pessoa; do arquitecto Fernando Távora, com a sua obra emblemática *Da organização do espaço*, texto de 1968, mas editado pela primeira vez em 1999; ou do ecologista Richard Forman nos seus escritos sobre o impacto das vias de comunicação nos ecossistemas, todas confluindo, de forma e âmbitos diversos, na importância da organização do espaço, da paisagem.

Consultaram-se também obras mais recentes como a investigação de Rem Koolhaas *Countryside: A Report* acerca do meio rural, ou as obras de Álvaro Domingues *A rua da Estrada e Vida no Campo*, não tendo estas obras uma consequência directa na proposta ou nas análises produzidas, mas antes por aumentar o espectro das questões acerca da ruralidade e o seu entendimento.

O segundo capítulo, “Uma Proposta de Revitalização para a Quinta da Cardiga”, estabelece uma estratégia de revitalização para a quinta traduzida na formalização de um Plano Geral à escala territorial e de Intervenções Nucleares específicas à escala do conjunto da Quinta da Cardiga.

Das transformações propostas procura-se fazer o estudo das aproximações e dos afastamentos, da chegada ao lugar a partir de diferentes pontos estratégicos, propondo diferentes tipologias de caminhos em diferentes percursos, com o objectivo de re-conectar a quinta ao seu entorno. Estabelecer relações que nos aproximam ao objectivo final de revitalizar a quinta, não só do ponto de vista arquitectónico, mas também do seu contexto natural e social. Podendo associar esta estrutura actualmente decadente a espaços naturais protegidos ou a rotas

de peregrinação e turísticas, permite estabelecer uma rede que possibilita a identificação, o reconhecimento e a compreensão do nosso território e paisagens a fim de alertar também para a sua preservação.

Desta forma, propomos trabalhar nas orlas dos terrenos agrícolas e nas galerias ripícolas que os atravessam, como meio de estruturar a paisagem e integrar a proposta, bem como nos limites do conjunto edificado, dotando o núcleo da quinta de espaços que possibilitem uma utilização mais ampla e que configuram um limite às intervenções construídas, considerando-se esta proposta a primeira fase de um projecto de revitalização para um lugar complexo.

Estudar a relação destas aproximações com a envolvente natural, agrícola, edificada levanta várias questões, cuja procura de resposta nos aproxima da resolução do projecto, com todos os elementos que sempre comunicam os projectos de arquitectura, – os desenhos, as maquetes, as representações iconográficas das ideias para um lugar – que significam a concretização, a cristalização do momento de desenvolvimento da proposta, sabendo que poderia ser infinitamente informado, transformado, questionado.















# O TERRITÓRIO E A PAISAGEM DO RIBATEJO

## CARACTERIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESPAÇO DE ESTUDO

«Toda a região ribatejana é portanto, ao mesmo tempo, uma encruzilhada, um grande centro de atracção e zona intermediária que estabelece a passagem de mais de metade do território peninsular para o Atlântico. Com uma situação topográfica absolutamente excepcional, servida por uma rede hidrográfica que por uma incúria criminosa não é navegável como merece, tendo janelas largamente abertas de todos os lados e um enorme mar interior pronto a favorecê-la, é de todas as regiões em que o País se divide a que manifesta maior número de aptidões. Agricultura, florestação, floricultura, pastorícia, piscicultura, ostreicultura, salinas, navegação fluvial, navegação marítima, pesca litoral e de alto mar, construções navais, concentração das redes ferroviárias e trânsito internacional são formas de actividade da região ribatejana. Esta constitui por isso um compartimento geográfico bem caracterizado e tem uma personalidade distinta das outras regiões.»<sup>9</sup>

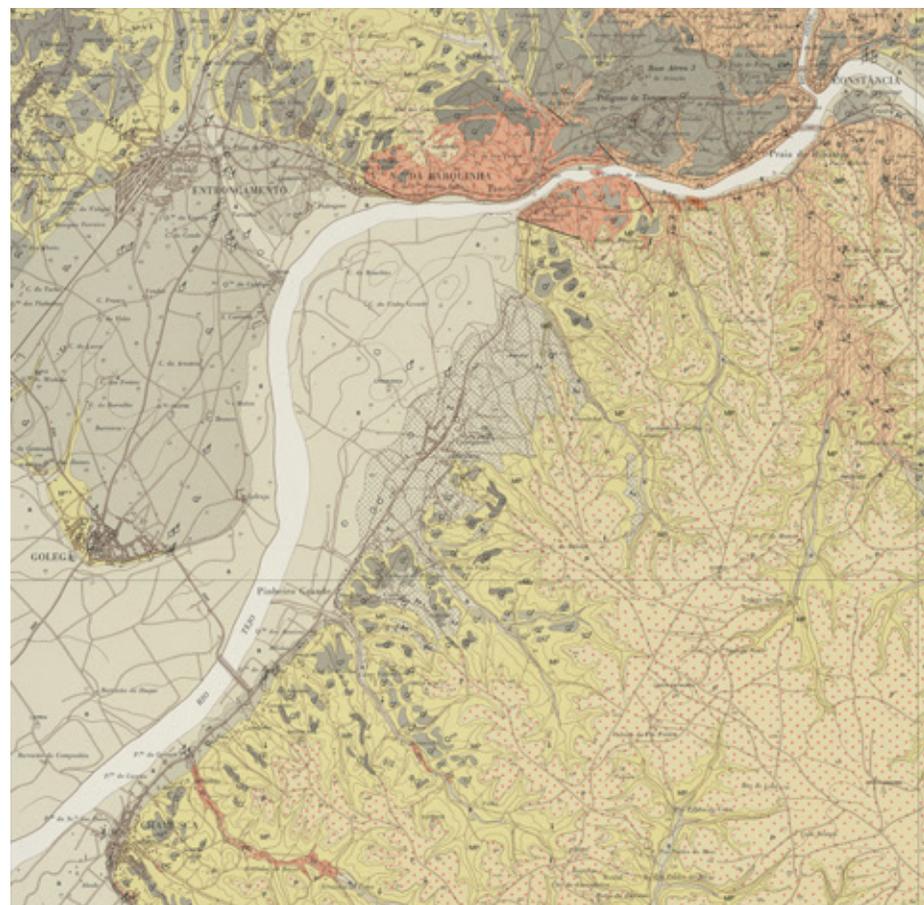


fig.06 – Carta Geológica de Portugal Folha 27-D Abrantes [Excerto]

A partir da investigação e compreensão das características geomorfológicas desta paisagem procurou-se fundamentar o assentamento original da Quinta da Cardiga, a sua longevidade ao longo dos séculos e, ao mesmo tempo, informar o projecto a desenvolver. Assim, circunscreveu-se o complexo e vasto estudo do Ribatejo<sup>10</sup> às áreas que influem directamente no projecto e na história da evolução da Cardiga, dispensando por isso um retrato generalizado de toda a região ribatejana.<sup>11</sup> Debruçámo-nos então em dois temas indissociáveis e basilares da história da humanidade, a água e a terra. A hidrografia e a orografia deste território são únicas no contexto nacional. Esta unicidade levou ao aparecimento de termos específicos que nomeiam as suas singularidades, como são exemplo lezíria, nateiros, mouchões, marachas, azielas, salgadas, caniçada, parcéis, valado, alverca, etc. Iremos, pois, caracterizar a particularidade da implantação da Cardiga no contexto de uma região única no território português.

9 – Telles, *A Região Ribatejana e Seus Limites*, 6.

10 – Para o estudo completo do Ribatejo como região portuguesa demarcada vide Silva Telles, “A Região Ribatejana e seus limites” (1922) e Amorim Girão, “Esboço duma Carta Regional de Portugal” (1933)

11 – Para o estudo do Ribatejo na sua totalidade vide obras e estudos regionais de autores como Silva Telles, Fernando Cância, Hermann Lautensach, Virgínia Rau e Georges Zbyszewski, Suzanne Daveau e Orlando Ribeiro.

	Terrenos de cobertura: Aluviões
	Terrenos de cobertura: Depósitos de Terraços Fluviais, 8-15m
	Terrenos de cobertura: Arenitos e Conglomerados
	Terrenos de cobertura: Formação areno-argilosa do Entroncamento – M <sup>4-5</sup>
	Rochas Intrusivas: Granitos calco-alcálicos de duas micas, porfíroides

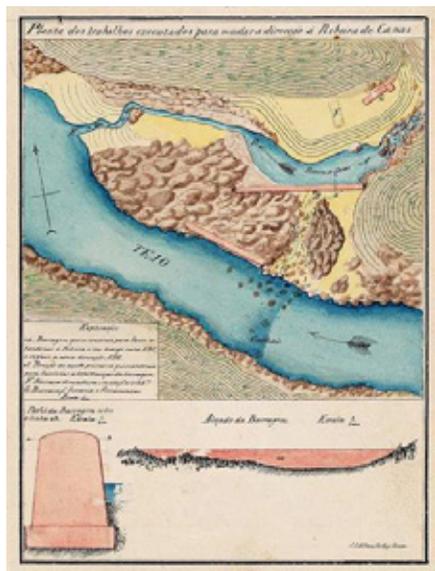


fig.07 – Vista aérea da Quinta da Cardiga, Rio Tejo e campos de cultivo, 2016

fig.08 – Cultivo de arroz na lezíria ribatejana, 1965

fig.09 – “Planta dos trabalhos executados para mudar a direção á ribeira de Canas”, 1837-51

fig.10 – Paul do Boquilobo

12 – Ver “Acerca das Cheias”, Tomo II - Estratégias

A Quinta da Cardiga ocupa uma posição central no Tejo Português. Implantada à beira do rio Tejo, cujo curso do leito foi modificado no séc. XVI, situa-se após a zona de transição do rio, onde este inflecte para sudoeste e começa a planície aluvial, apenas a 18m acima do nível do mar. À semelhança de outras quintas ribeirinhas a original residência-torre foi construída neste sítio para aproveitar as terras fertilizadas pelas argilas que desciam o rio pelos vales dos seus vários afluentes, em especial os rios Zêzere e Ocreza, e que juntamente com as terras arrastadas pelo próprio Tejo criaram, ao longo de milhares de anos, a planície aluvial, nas zonas mais baixas do rio – a lezíria ribatejana.

Por arrastar consigo os detritos e sedimentações, principalmente junto às margens do leito, a aparente planície contígua é na realidade abaulada no sentido transversal do seu curso, o que explica a fertilidade destes solos que acumulam argilas e siltes. No entanto, esta característica, durante séculos, provocou o aparecimento de grandes massas de água, que escorriam dos afluentes, abaixo do nível do Tejo, formando os paus e outras lagoas de águas paradas e na sua maioria insalubre. A insalubridade e a dificuldade de utilizar os terrenos pantanosos levou a obras consecutivas no leito do Tejo, transformando-o num rio fortemente modificado. A construção de valas de drenagem, de diques protectores, barragens, o desenho de plantações de margem e até mesmo a modificação do seu curso tiveram como objectivo conter o assoreamento, provocado pelo arrastamento de areias, reduzir o impacto das cheias que sazonalmente provocavam grande destruição às populações ribeirinhas, e tornar os terrenos cultiváveis. Em Portugal, hoje-em-dia, o fenómeno das cheias é controlado principalmente pela barragem de Castelo do Bode. No entanto, se por um lado se salvam as populações da destruição que a água provoca, ao mesmo tempo põe-se em causa a fertilidade dos seus campos.<sup>12</sup>

Actualmente o Paul do Boquilobo, a cerca de 10km da Cardiga, é um dos poucos exemplos destas estruturas naturais hídras que subsistiu até hoje, concentrando em si uma biodiversidade riquíssima. De espaço de acumulação de águas provenientes do Almonda e do Tejo, transformou-se, ao longo dos séculos, num ecossistema próprio e num habitat crucial para várias espécies de aves aquáticas e de patos, que se concentram ali para nidificar, sendo por isso protegida com o estatuto de Reserva Natural para a defesa do seu valor ecológico.

«Por fim, a ligar a terra e água ao imenso céu, as longínquas serras que mal despontam no horizonte.»<sup>13</sup>

Situada na maior extensão de área plana do país abaixo dos 200m de altitude,<sup>14</sup> a lezíria encontra o seu limite a noroeste e oeste com o maciço calcário estremenho, as Serras d'Aire e Candeeiros que atingem no máximo os 400m de altitude, tornando-se esta elevação o ponto de destaque no horizonte de toda a região baixa ribatejana. No confronto da serra com o vale formam-se os planaltos de São Mamede e Santo António, área vasta suavizando e prolongando o seu declive na plataforma de Fátima.

Este maciço calcário devido às suas qualidades materiais formou, ao longo de milhares de anos, mais de 1500 grutas, transformando-se no maior reservatório de água doce do país, onde brotam várias nascentes cársicas que fornecem água a milhares de pessoas. Todo este maciço, com as suas grutas e sítios naturais tiveram o seu valor reconhecido pelo estatuto de protecção de “Parque Natural das Serras d'Aire e Candeeiros”, uma área protegida com cerca de 389km<sup>2</sup> a menos de 30km da Quinta da Cardiga.

Num plano mais próximo, a Quinta é delimitada a norte pela cidade do Entroncamento e povoadamentos da Atalaia, Ponte da Pedra, Cardal e Pedregoso, a este por Vila Nova da Barquinha, a sul pela massa de água do Tejo e, ultrapassando o rio, a lezíria que no inverno se alaga quando as águas sobem; a oeste os campos agrícolas prolongam-se sem obstáculos, ultrapassando a povoação de São Caetano<sup>15</sup> terminando o seu domínio junto a outras terras de cultivo no caminho da Golegã.



13 – Daveau, Mattoso, and Belo, Portugal - O Sabor Da Terra: Ribatejo, 12:7.

14 – Área que engloba toda a zona de aluvião

15 – Criada muito provavelmente a partir de um casal da exploração agrícola ancestral, permaneceu até hoje como a aldeia dos trabalhadores da própria quinta, sendo que os que detinham mais responsabilidade viviam nas pequenas casas opostas ao palácio dentro do conjunto principal.

fig.11 – Serra d'Aire

fig.12 – Grutas da Moeda

fig.13 – pág. ao lado: Ortofotomapa com marcação dos núcleos urbanos e Quinta da Cardiga



As terras férteis da lezíria, cuja riqueza já era reconhecida por Estrabão, aliadas a um clima continental com laivos atlânticos,<sup>16</sup> conhecem a presença e o assentamento humano desde o Paleolítico. Em todo o entorno da Quinta da Cardiga encontraram-se vários achados arqueológicos. Cerca de 30 locais arqueológicos num raio de 50m remontam a vários períodos, destacando-se o paleolítico e o calcolítico<sup>17</sup> e de época mais tardia muitos vestígios romanos, provavelmente associados a villas rusticas que existiram na envolvente da Cardiga. É exemplo a Villa Cardilium, em Torres Novas, e os achados romanos da estação arqueológica do Monte Pedregoso que, de acordo com o arqueólogo Júlio Manuel Pereira, são os vestígios de uma villa romana que deu ali origem ao actual assentamento humano, “cuja parte urbana está subjacente à Quinta da Lameira”.<sup>18</sup>

A presença de villas romanas nesta área, contribuiu também para a lógica de povoamento e organização territorial na contínua ocupação e, conseqüentemente, transformação desta paisagem, no espaço e no tempo, como explica Orlando Ribeiro:

“Fixaram-se, pelas necessidades de tributação, os limites das unidades agrárias, que atravessam a alta Idade Média, fraccionando-se apenas interiormente, para virem a formar ainda os quadros das freguesias da Reconquista. Rasgaram-se estradas que serviram até à construção das actuais de macadame, apesar do traçado rectilíneo mal adaptado ao relevo. Surgiram indústrias – olarias, forjas, pedreiras, minas, salgas de peixe, tecelagem doméstica – umas novas, outras renovadas. E, como consequência destes moldes novos de uma produção regular, anima-se o trânsito, circula a moeda, estabelecem-se lugares de câmbio habitual. E, sobretudo, o latim apaga os velhos falares indígenas e dá a mais clara expressão de uniformidade do território.”<sup>19</sup>

No lugar da Cardiga, não se encontraram até hoje vestígios materiais nem documentos que comprovem a sua ocupação ou fundação por povos árabes. No entanto, os vários topónimos de origem árabe próximos à quinta, como, por exemplo, Almourol ou Almonda, sugerem que este assentamento poderia já existir antes da época da Reconquista. “Perante o insuficiente e deformante testemunho de geografias, crónicas e documentos, árabes ou cristãos, o tema da ocupação humana do Médio Tejo sob domínio islâmico há-de ser esclarecido, sobretudo, pela arqueologia.”<sup>20</sup>



16 – Ribeiro, Lautensach, and Daveau, *Geografia de Portugal*, 456.

17 – Direcção-Geral do Património Cultural, “Portal Do Arqueólogo.”

18 – Batista, *Cardiga Ou a História de Uma Quinta (1169-2019)*, 27.

19 – Ribeiro, *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*, 86–87.

20 – Conde, “Ocupação Humana e Polarização de Um Espaço Rural Do Garb-Al-Andalus: O Médio Tejo à Luz Da Toponímia Árabe,” 355.

fig.14 – Vila Cardílio - planta da *pars urbana*

fig.15 – Quinta da Lameira



fig.16 – Milheiral, Carlos Reis, 1889

21 – Rau, “A Grande Exploração Agrária Em Portugal a Partir Dos Fins Da Idade Média,” 67.

22 – Selvagem, “O Ribatejo No Mapa Da Nação,” 26–27.

23 – Dissertação de Mestrado orientada pelo Prof. Dr. João Vieira Caldas e Prof. Dr. Paulo Varela Gomes apresentada à Universidade de Coimbra em 2009. Rovisco, “Metamorfoses Do Médio Tejo: Das Quintas Ribeirinhas e Da Causalidade Com o Rio,” 20.

O favorecimento da implantação de várias unidades de exploração ou administração agrícola nesta área do território nacional, na proximidade da Cardiga, para além do aproveitamento da qualidade das características destas paisagens – devido às características geológicas, hidrográficas e climáticas – dá-se também por factores contextuais históricos, políticos e sociais. “Nos territórios ao Sul do rio Mondego, logo com a Reconquista (séculos XII-XIII) surgem os latifúndios. Por necessidade de defesa, de povoamento e arroteio de vastas áreas sem cultura e escassa população, que a guerra assolara e dizimara, fizeram os reis de Portugal largas doações aos mosteiros, às ordens monástico-militares, aos grandes senhores, e até mesmo aos municípios. Talharam-se assim vastas propriedades e agros concelhios, que vincaram indelevelmente a paisagem agrária do Sul de Portugal”,<sup>21</sup> como se considera ter sido a génese da Cardiga.

Ao largo de todo o Baixo e Médio Tejo português surgem logo na altura da Reconquista várias estruturas de grande expressão na organização do território. No entanto, é no século XVII, durante o período da Restauração que “afastada a guerra para as fronteiras do Sul e da Beira-Baixa, toda a úbere terra do Ribatejo, celeiro do Reino, se consagra ao labor pacífico da sua faina agrícola. As grandes quintas, as grandes herdades florescem. Todas as grandes casas fidalgas da Corte aí levantam palácios e solares, alargam as suas lavouras, apuram a criação de cavalos e de toiros de combate. Durante quasi dois séculos, o Ribatejo engorda, pacífico e soalheiro no remanso das suas terras húmidas e vicejantes, até que de novo as invasões e a guerra vem ali acordar os estrondos da política.”<sup>22</sup>

Acerca da implantação destas estruturas agrárias junto ao Tejo destaca-se o estudo de Carla Rovisco, “Metamorfoses do Médio Tejo: das quintas ribeirinhas e da causalidade com o rio”. Esta apresenta uma análise sistematizada de 18 quintas, “entre Valada e Abrantes ao longo da margem direita e a partir de Rossio ao Sul do Tejo até Salvaterra de Magos na margem esquerda.”<sup>23</sup> acerca da posição e relação arquitectónica com o rio.

Tirando proveito da sua relação funcional com o Tejo e de todas as características inerentes a esta paisagem produtiva, a Quinta da Cardiga surge assim de um contexto específico económico e social. Primeiro por fazer parte da Ordem do Templo, e mais da tarde da Ordem de Cristo, num lugar com vastas possibilidades naturais e económicas. Sendo que a grande propriedade associada à comenda da Ordem de Cristo, funcionou, como a maioria das propriedades

neste contexto, antes como centro administrativo ao invés de constituir uma grande exploração agrícola, recolhendo “o recebimento dos foros e das rendas que cobravam das suas terras, e donde partia a distribuição e colocação dos seus rendimentos em géneros e em dinheiro.”<sup>24</sup>

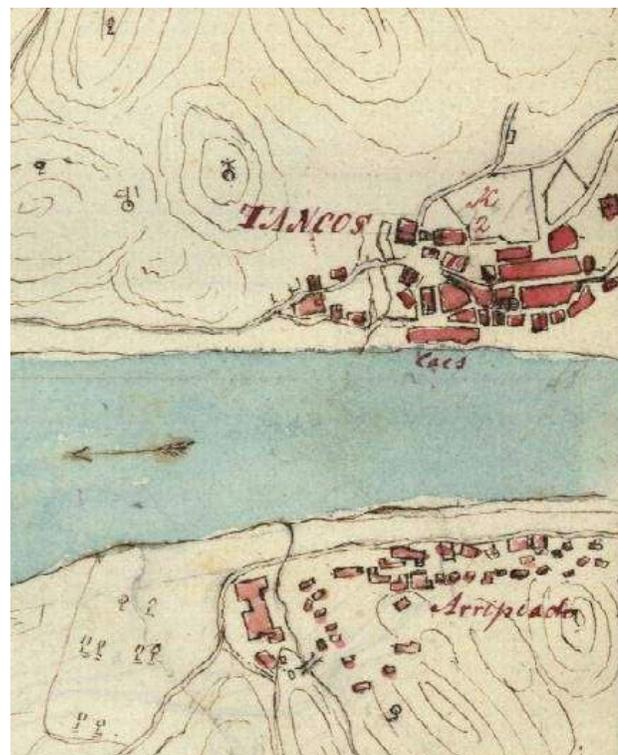
Com o desvio do Tejo no séc. XVI a situação geográfica alterou-se e a proximidade à água faz aparecer um dos mais importantes portos fluviais do Tejo – o cais de Tancos.<sup>25</sup> Construído provavelmente sobre um cais romano pré-existente, Tancos mantém a sua importância fluvial, a par de Punhete (Constância), até ao séc. XIX.

No séc. XIX, com a elevação de Vila Nova da Barquinha a Concelho (1836), e com a construção do entroncamento da linha do Norte com a linha da Beira Alta, Beira Baixa e Alentejo (1864), o cais de Tancos decaiu.

O Tejo “por constituir artéria central da Península, adquiriu desde longa data uma importância preponderante que se manteve até ao advento do caminho de ferro, quando em certos sectores diminuiu ou mesmo desapareceu; mas só a camionagem acabou por destruir completamente os transportes fluviais ao longo do Tejo.”<sup>26</sup>

A decadência do tráfego fluvial teve também o seu impacto em Vila Nova da Barquinha. Apesar de ter resistido inicialmente, aquando da construção da linha férrea, a especialização dos meios de transporte, rodoviário e férreo, levou ao desinvestimento na via de comunicação fluvial. Continuaram, no entanto, a existir vários cais e ancoradouros, que persistiram até meados do século XX, no transporte local de passageiros e mercadorias. A Quinta da Cardiga tinha a sua própria linha de travessia, e estabelecia percursos fluviais até à outra margem, no Arripiado e na Chamusca, onde a família Sommer, os actuais donos da Cardiga, detinha mais património.

Do entroncamento de uma linha de caminho-de-ferro, cresceu uma cidade actualmente com 20 206 habitantes (Censos 2011) cujo desenvolvimento transformou as relações económicas da região. Como demonstra Orlando Ribeiro, “Esta localização não é ocasional: situa-se quase na extremidade das largas formas da bacia do Tejo, um pouco como Abrantes e a Barquinha em relação à navegação fluvial. O projecto inicial de colocar o entroncamento na Barquinha, sede do seu concelho e freguesia, foi contrariado por se recear que o caminho de-ferro viesse prejudicar o seu ainda importante tráfico fluvial.”<sup>27</sup>



24 – “[...] os grandes proprietários territoriais portugueses, laicos ou eclesiásticos, e também os soberanos, não promoveram grandes explorações agrárias, mas possuíram sim, e curioso é sublinhá-lo, grandes administrações onde se concentrava a contabilidade e o recebimento dos foros e das rendas que cobravam das suas terras, e donde partia a distribuição e colocação dos seus rendimentos em géneros e em dinheiro.” Rau, “A Grande Exploração Agrária Em Portugal a Partir Dos Fins Da Idade Média,” 71.

25 – “O século XVI representa provavelmente um surto da navegação no Tejo. São do reinado de D. Manuel I algumas obras no vale do rio, de que sobressai o imponente cais de Tancos, acção que culmina com a residência frequente da corte no Palácio Real de Almeirim. Daqui para Lisboa (Paço de Xabregas ou Paço da Ribeira) o rei utiliza o barco como meio de transporte” Gaspar, “Os Portos Fluviais Do Tejo,” 158.

26 – *Ibid.*, 154.

27 – Ribeiro, *Estudos Regionais*, 6:492.

fig.17 – Planta de Tancos no séc. XIX

fig.18– Cais de Tancos

fig.19 – Vista aérea do Entroncamento



Por ser uma das cidades de formação mais recente do país, começou por aplicar novas filosofias urbanísticas, ao serem construídos os primeiros bairros-jardim do país, em 1917. De uma economia que dependia sobretudo dos serviços ligados aos Caminhos de Ferro Portugueses, e das unidades militares ali implantadas desde 1918, dá-se um crescimento acelerado, como ponto estratégico e central nas comunicações, sem, no entanto, consolidar uma vivência própria, constituindo-se hoje como um dos principais “dormitórios” da cidade de Lisboa.

Várias das estruturas que deram fôlego ao crescimento da cidade do Entroncamento, tiveram o investimento da família Sommer. Estruturas como o Mercado Mensal de Gado, a Igreja Matriz do Entroncamento, o Parque de Campismo “Cardiga Camping”, o Cemitério Municipal, a Escola do Ciclo Preparatório Dr. Ruy d’Andrade e, finalmente, o bairro da COFERPOR – Cooperativa de Habitação Económica dos Ferroviários de Portugal, cresceram na sua maioria em terrenos que pertenciam à quinta da Cardiga e foram cedidos para o efeito, atestando assim a forte relação entre a quinta e a cidade do Entroncamento.

As duas povoações, de Vila Nova da Barquinha e Entroncamento, ambas com origens em pontos estratégicos de comunicação e de trânsito comercial estabelecem as principais relações com a Quinta da Cardiga. Esta tem maior proximidade com estas povoações do que com a Golegã, concelho da qual faz parte actualmente, já no seu limite.

A longevidade da Quinta da Cardiga justifica-se a partir da sua situação geográfica excepcional, de que tirou proveito em cada contexto específico da história nacional.

A sua história recente demonstra que todas as transformações que estas paisagens têm sofrido, de acordo com as circunstâncias económicas nacionais e internacionais, para além das vicissitudes da gestão familiar, colocou este património num momento de crise

Actualmente o conjunto arquitectónico da Quinta da Cardiga, constituído pela casa nobre e cerca de 30 dependências agrícolas e industriais, organizadas ao longo de dois eixos perpendiculares, encontra-se em franco estado de devolução. O palácio aparenta ser o único edifício que recebe alguma manutenção.

Os campos de cultivo envolventes são principalmente ocupados por culturas intensivas de milho de regadio. As ribeiras que estruturavam os terrenos agrícolas têm sido recentemente privadas das suas galerias ripícolas, com o intuito de alargar a área alcançável pelos pivots de rega, e as poucas que ainda existem estão pouco cuidadas e atrofiadas. A poluição presente na água destes cursos é por vezes visível a olho nu.

As três entradas para a quinta fazem-se a sudoeste por São Caetano, aldeia maioritariamente ocupada pelos antigos trabalhadores da quinta, a noroeste, pela alameda que tem acesso pela Estrada Nacional 365 e Entroncamento, e a nascente pela estrada municipal que liga a Cardiga ao Monte Pedregoso e a Vila Nova da Barquinha.



## Breves considerações sobre a origem toponímica

A primeira referência documental ao topónimo Cardiga surge no séc. XII, à data da fundação de Portugal, numa «Carta de El Rei Dom Afonso Henriques a confirmar à Ordem do Templo a doação que lhe fizera, dez anos antes, do castelo de Tomar e termo e a doar-lhe os do Zêzere e da Cardiga com a zona pela dita Ordem amanhada na Cardiga e a vinha por ela feita além-Tejo, junto ao castelo da foz do Zêzere.[...]»<sup>28</sup>

Num parágrafo desta carta, abaixo transcrito, a “Cardica” aparece identificada como *castellum* (castelo), por oposição a *oppidum* (cidade). A utilização desta denominação demonstra que esta consistia numa estrutura militar isolada por oposição a uma estrutura defensiva com povoamento associado.

«[...] *Do, siquidem, uobis ipsum castellum de Cardica cum omni hereditate quam ibi rupistis et fecistis. Do etiam uobis ipsam uineam quam fecistis ultra Tagum, iuxta illud castellum de foce de Ozezar, quomodo clauditur suo uallo.*»<sup>29</sup>

Em 1171 o topónimo aparece já na sua forma actual “Cardiga”, numa estela em calcário branco, presente na porta da muralha exterior do Castelo de Almourol: «[...] *FACTUS DOMUS TEMPLI PORTUGALIS PROCURATOR HAEC CONSTRUXIT CASTRA<sup>30</sup> SILICET POLUMBAREM TOMAR OZEZAR CARDIGA ET HOC QUOD ALMOUREL DICITUR*».<sup>31</sup>

A Cardiga como comumente é chamada, deverá o seu topónimo, muito provavelmente, à profusão de cardos no sítio onde se implantou a torre defensiva que fundou este lugar.

Como José Joaquim Nunes, na sua obra “A Vegetação na Toponímia Portuguesa”, sugere, «Compreende-se facilmente que as plantas que mais abundavam ou o arvoredado que em maior quantidade se encontrava nos arredores dos sítios habitados deviam ter exercido influência bastante notável na sua nomenclatura e sido um dos factores que mais contribuíram para dar aos lugares os seus nomes [...]» dada a sua função, ao providir alimentos, a subsistência dos assentamentos humanos.

*Cardus, ūs* ou *Cardūs, ī*, de origem etimológica romana, significa cardo ou alcachofra, assim como *Carduetum, ī* significa plantação de alcachofras.<sup>32</sup>

José Joaquim Nunes, na mesma obra, refere que «O cardo, representante do cardus latino, encontro denominado no plural um casal ou quinta da aldeia de Pinheiro Grande, no concelho da Chamusca; dele derivam os toponímicos Cardal, Cardoso, Cardosa (em ambos os números), o diminutivo Cardosinhas, e

28 – Monumenta Henricina, 1:15–16.

29 – Ibid.

30 - *Castra, ōrum* – acampamento, arraiais, campo (serve para designar várias localidades). Ferreira, “Castra.”

31 - «IN NOMINE NOSTRI JESU CHRISTI ERA MILLESIMA DUCENTESIMA NONA MAGISTER GAUDINUS NOBILIS SI/QUIDEM GENERE BRACARA ORIUNDUS EXTITIT TEMPORE AUTEM ALFONSI ILLUSTRISSIMI PORTUGALIS REGIS COMI / TIS HENRICI REGINAE QUE TARASIAE FILII HIC SECU-LAREM ABNEGANS MILES / HIEROSOLIMAM PETIT IBIQUE PER QUINQUENIUM NOM INHERMEM VITAM DUXIT CUM MAGISTRO ENIM SUO CONFRATRIBUSQUE IN PLERISQUE PRE / LIIS CONTRA EGIPTI ET SIRIAE INSURREXIT REGEM CUMQUE ASCALONA CAPERETUR PRESTO EUM INDE ANTIQCHIAM PERGENS SE / PE CONTRA SULDANIS DECIONEM DIMICAVIT POST QUINQUENIUM VERO AD PREFACTUM QUI EUM EDUCAUERAT MILITEM EUM FECERAT REVERSUS EST REGEM / FACTUS DOMUS TEMPLI PORTUGALIS PROCURATOR HAEC CONSTRUXIT CASTRA SILICET POLUMBAREM TOMAR OZEZAR CARDIGA ET HOC QUOD ALMOUREL DICITUR»

«Em nome de nosso senhor Jesus Cristo. Era de 1209 [1209 da era de César, 1171 da era de Jesus Cristo]. O Mestre Gualdim, Nobre, sem dúvida por ascendência, natural de Braga, viveu no tempo de Afonso, ilustríssimo rei de Portugal, filho do Conde D. Henrique e da rainha D. Teresa. Abandonando a milícia secular, em breve brilhou como a estrela da alva. Com efeito demandou Jerusalém como soldado da Ordem do Templo e aí, durante cinco anos não passou vida ociosa, porquanto com seu mestre e com os seus confrades combateu em muitos recontros contra o rei do Egito e da Síria. Depois da conquista de Ascalona dirigindo-se daí rapidamente a Antioquia, pelejou contra as forças do Grão-Turco. Porém depois de cinco anos voltou para junto do rei que havia educado e o tinha feito cavaleiro. Eleito procurador da Ordem do Templo em Portugal, construiu os seguintes castelos: Pombal, Tomar, Ozêzere, Cardiga e este que se chama de Almourel»  
Tradução Livre in DGPC, “Castelo de Almourol.”

fig.21 – pág. ao lado:  
Representação de *Carduus*, 1650

32 – Dicionário de Latim-Português.

provavelmente também Cardeira.»<sup>33</sup> corroborando a ideia de Augusto Pinho Leal, no seu dicionário corográfico, onde ao termo “Cardal ou Cardosa” associa “Sítio cheio de cardos.”<sup>34</sup>

De facto, são vários os topónimos associados ao substantivo/termo/nome ‘cardo’ nas proximidades da Quinta da Cardiga. Americo Costa identifica em 1934:<sup>35</sup> **Cardal de Baixo** e **Cardal de Cima**, Olalhas, Tomar; **Cardos**, Casal em Pinheiro Grande, Chamusca, Golegã; **Cardosa**, Sarnadas, Oleiros, Sertã; para além dos topónimos também identificados por Amaral Frazão em 1952:<sup>36</sup> **Cardais**, Brogueira, Torres Novas; **Cardal**, Atalaia, Vila Nova da Barquinha; **Cardal**, Ferreira do Zêzere; **Cardal**, Freixianda, Vila Nova de Ourém; **Cardal**, Mouriscas, Abrantes; **Cardal**, Olalhas, Tomar; **Cardal**, Olival, Vila Nova de Ourém; **Cardal**, Santa Margarida da Coutada, Constância; **Cardal Grande** e **Cardal Pequeno**, Palhais, Sertã; **Cardiga Cimeira** e **Cardiga Fundeira**, Cumiada, Sertã; **Cardigos**, Mação. Em Torres Novas, a cerca de 9km da Quinta da Cardiga, encontramos também o topónimo da **Villa Cardilium**, estrutura doméstica rural lusitano-romana dos séc. I-IV, cujas ruínas se encontram preservadas, hoje-em-dia, como local arqueológico.

Do ponto de vista fitogeográfico e das características edafoclimáticas, o género botânico *Carduus*<sup>37</sup> encontra-se associado a “Prados, incultos, pastagens, pousios e margens de cursos de água. Em solos húmidos ou temporariamente encharcados, frequentemente nitrificados, junto a caminhos e valas. Também em solos pedregosos e algo secos” e “Solos calcários”<sup>38</sup>, como é o caso dos fluvisolos calcários presentes na área de implantação da Quinta da Cardiga.

«[...] não há talvez assunto que, como o da toponímia, mais pasto tenha subministrado à imaginação, levando-a até a criar não poucas lendas.»<sup>39</sup>

Não satisfeitos com uma origem toponímica tão prosaica para um lugar revestido de grande importância social e política, foram criadas, pela população local, lendas para justificar a origem dos topónimos *Cardiga* e *Almourol*. Em geral, são lendas mouras que referem várias vezes um cavaleiro, ou uma princesa que habitam o ilhéu no Tejo. A *Cardiga*, aparece então sob a forma humana ou sob forma de ser fantástico.

33 – Nunes, *A Vegetação Na Toponímia Portuguesa*, 15.

34 – Leal, *Portugal Antigo e Moderno: Dicionário Geográfico, Estatístico, Chorográfico, Heraldico, Archeológico, Histórico, Biográfico e Etimológico de Todas as Cidades, Villas e Frequezias de Portugal e de Grande Número de Aldeias*.

35 – Costa, *Dicionário Chorográfico de Portugal Continental e Insular: Ydrografico, Historico, Orographico, Biographico, Archeologico, Heraldico, Etimologico*.

36 – Frazão, *Novo Dicionário Corográfico de Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Colónias)*, 135–36.

37 – *Carduus*: género botânico pertencente à família Asteraceae ou Compositae, a maior família do grupo das plantas Angiospérmicas. “*Carduus*.”

38 – “*Carduus*.”

39 – Nunes, *A Vegetação Na Toponímia Portuguesa*, 3.



fig.22 – Capa do romance de cavalaria “Palmeirim de Inglaterra”, Parte 3 e 4, 1587

40 – Batista, *Cardiga Ou a História de Uma Quinta* (1169-2019), 401-2.

41 – Bens que o noivo assegura à esposa no caso de ela lhe sobreviver. “Arras.”

42 – Excerto do capítulo nº152, “Como se fez christão o soldam Belagriz e se fizeram os recebimentos seu e dos outros prínci-pes.”: “[...]«Acabado este recebimento que parecia ser o derradeiro, Miraguarda pedio ao Emperador que quisesse dar por molher ao gigante Al-mourol Cardiga filha do gigante Gataru qu’em su-<a> casa andava, que sabia que cada um o desejava, e pois aquele dia se ordenara pera conformar vontades, que as deles nam ficassem fora deste conto. Como a Emperatriz dissesse que tinha o consentimento de Cardiga, foi feito o recebimento com tanta solenidade como os outros. Desta Cardiga se conta no segundo livro desta historia chamado Dom Duardos de Bretanha, que o gigante Almourol alem deste castelo onde sempre estava, que pos o seu proprio nome, tinha outro polo Tejo abaixo daí ua legoa que fizera seu pai, a que chamavam a Torre Bela, a este castelo quis Almourol depois de casado com Cardiga /238d/ que tivesse o nome dela e lho deu em arras, onde ela depois dele morto despendeo sua vida, criando um filho que ficara d’ambos a que chamarom como seu pai. Assi que nam é falso em outro tempo Almourol e Cardiga serem marido e molher, e do nome deles o tomarem os castelos de seus apousentamentos e durar-lhe hoje em dia. Alguns cronistas querem que o filho que d’antr’ambos naceo se chamasse Tranconio, e um dia atravessando o Tejo abaixo do castelo de Almourol se afogou. De onde aquele passo se chamou muito tempo o pego de Tranconio, depois corrompendo-se o vocabulo se mudou em pego de Tancos, daqui veo chamar-se assi a povoaçam qu’em nossos dias se fez à borda do mesmo pego.» Alpalhão, “O Amor Nos Livros de Cavalarias – O Palmeirim De Inglaterra de Francisco de Moraes: Edição e Estudo.”

43 – Batista, *Cardiga: De Comenda a Quinta Da Ordem de Cristo* (1529 -1630), 164-79; Dias, *Paio de Pele: A Villa e a Região Do Século XII Ao XVI*, 73-88.

É exemplo disso, a lenda popular moura recolhida por José Francisco Corujo para o jornal ‘O Entroncamento’, que conta a história da jovem Cardiga, filha do alcaide Al-Mouro, que ao apaixonar-se por um fidalgo cristão que cercava o castelo de Almourol, acaba por trair a sua segurança ao abrir-lhe a porta e permitir a invasão cristã. Ao compreender o erro que cometera, Cardiga e o pai atiram-se da torre mais alta do castelo. Passados alguns dias, o fidalgo, ao navegar pelo Tejo, encontra o corpo da jovem e manda sepultá-la no lugar a que hoje chamamos Cardiga.<sup>40</sup>

Já na literatura portuguesa do séc. XVI, Francisco de Moraes, no seu romance de cavalaria, “Cronica do famoso e muito esforçado cavalleiro Palmeirim d’Inglaterra filho do rei dom Duardos”, escrito entre 1541 e 1543, tem como personagens a Gigante Cardiga e o Gigante Almourol.

Associados aos dois topónimos pela sua proximidade, no romance a Gigante Cardiga é oferecida em casamento ao Gigante Almourol. Este, oferece em arras<sup>41</sup> à sua esposa uma torre que seu pai havia denominado de “Torre Bela”, e que após o casamento Almourol quis que se passasse a chamar “Cardiga”. «[...] o gigante Almourol alem deste castelo onde sempre estava, que pos o seu proprio nome, tinha outro polo Tejo abaixo daí ua legoa que fizera seu pai, a que chamavam a Torre Bela, a este castelo quis Almourol depois de casado com Cardiga /238d/ que tivesse o nome dela e lho deu em arras.»<sup>42</sup>

A toponímia é também uma ferramenta muito útil para compreender as lógicas de ordenamento e povoamento do território, para além da sua conformação espacial. A permanência de vários topónimos das unidades de organização dos campos em casais ou courelas, e de povoações, permitem-nos perceber questões económicas, por exemplo, a partir do tipo de plantações que existiam e das actividades económicas a elas associadas, ou mesmo reconstituir redes de comunicação e defesa ao longo do território. Exemplos disso são: **Atalaya** ou **Atalaya**; **mouta** (do Norte); **eyras**; **Galegos**; **porto barrozo**; **pinheyro**; **cha-/musca**; (ribeiro do) **sarradinho**; **Annes Barrozo**; **baçello(-s** – Tomar, Torres Novas); **perdigueyra**; **Sovreira** (Sobreira-s/l – Torres Novas, Ourém, Ferreira do Zêzere, Chamusca); **bregeo** (Brejo – muito comum em todo o distrito de Santarém); **aÇeyçeyra**; **Carrascosa**; **fonte Santa**; **Cazal da Vaca**; **cazal dos pintos**; **cazal que foi do frade** (Casal dos Frades) e **martimchel**.

Para o elenco dos topónimos supracitados tomámos como referência o Tombo de 1504,<sup>43</sup> onde identificámos todos os topónimos presentes, bem como nomenclaturas associadas a explorações agrícolas ou da organização da paisagem. Constatámos que vários topónimos se mantiveram até aos dias de hoje, evoluindo muitas vezes de pequenas explorações ou portos fluviais para povoações maiores, outras vezes mantendo a sua estrutura de quinta, ou casal. Partimos também da descrição da localização de uns lugares em relação aos outros para aferir a sua continuidade no tempo.









...que lés, ensina...

...O-que chés, vive o que ensinas!

# A QUINTA DA CARDIGA

## GÉNESE, MORFOLOGIA E EVOLUÇÃO

### Génese: a Cardiga no sistema defensivo do Médio Tejo no Séc. XII

«Junto à protecção dos castelos, os povoadores, defendidos e seguros, viriam a desenvolver os trabalhos agrícolas.»<sup>44</sup>

A Quinta da Cardiga, que se situa na margem direita do rio Tejo, no concelho da Golegã, tem origem numa torre da rede defensiva templária do baixo Tejo português.

Os frades-cavaleiros da Ordem do Templo, fixaram-se em Portugal na primeira metade do séc. XII com a protecção do rei de Jerusalém, Balduino II.<sup>45</sup> Apesar de serem uma Ordem militarizada, autónoma e independente do reino de Portugal, foram os templários que auxiliaram D. Afonso Henriques na reconquista do território aos mouros. Como recompensa e garantia do auxílio das tropas do Templo em períodos de guerra, o rei prometeu doar uma terça parte das terras conquistadas a sul do Tejo.

É de reforçar a importância desta e das várias ordens militares que surgiram então em Portugal, para a conquista e manutenção de território e para o repovoamento das regiões fronteiriças, como contrapartida da doação de territórios, já que estas ofereciam segurança e concediam incentivos económicos para a fixação de população em faixas do território instáveis e mais susceptíveis de serem atacadas por frentes inimigas. Deve-se também à acção dos templários a introdução de inovações, trazidas das cruzadas feitas à Terra Santa, para a arquitectura militar em Portugal.<sup>46</sup>

Em Outubro de 1169, D. Afonso Henriques confirmava a doação do Castelo de Tomar e seu termo<sup>47</sup> e doava os castelos e os territórios da Cardiga e de Ôzezar (entretanto desaparecido) à Ordem do Templo.<sup>48</sup> Estes dois últimos, provavelmente, até ao séc. XIV configuravam uma só comenda.<sup>49</sup>

Até 1187 tinham sido doados vários bens aos templários, entre eles os castelos de Ôzezar, Cardiga (ambos em 1169), Tomar, Almourol e Lapignera (?)<sup>50</sup> que constituíam a rede defensiva do limite do reino nos territórios fronteiriços ao longo

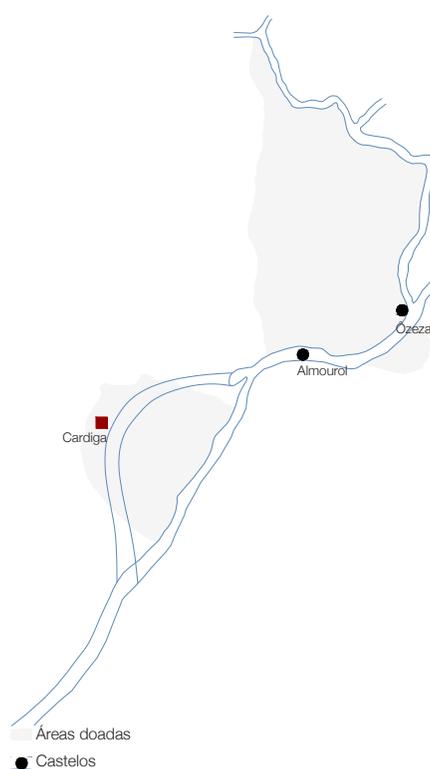


fig.25 – Territórios Doados à Ordem do Templo (1169)

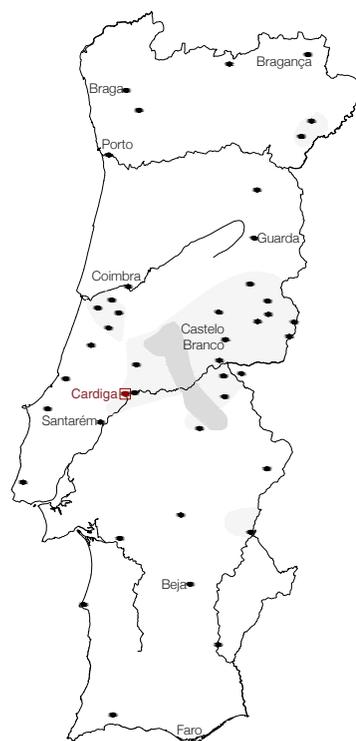


fig.26 – Territórios da Ordem do Templo em Portugal (1194)

44 – Batista, Cardiga: De Comenda a Quinta Da Ordem de Cristo (1529 -1630), 34

45 – Barroca, "A Ordem Do Templo e a Arquitectura Militar Do Século XII," 172.

46 – Barroca, "Os Castelos Dos Templários Em Portugal e a Organização Da Defesa Do Reino No Séc. XII," 214

47 – Uma década antes tinha sido doado o castelo abandonado de Ceras, (hoje inexistente) que os templários decidiram não reconstruir, deslocando-se uns quilómetros a sul para Tomar. Aí, pela sua localização mais alta e abundância de água decidiram construir um castelo de raiz, (onde a partir de 1420 se implantou o Convento de Cristo), que viria a constituir um exemplo notável do desenvolvimento da arquitectura militar e das influências trazidas da Terra Santa, na utilização de elementos defensivos como a torre de menagem e o alambor – os mais antigos de Portugal – e do hurdício. Barroca, "Os Castelos Dos Templários Em Portugal e a Organização Da Defesa Do Reino No Séc. XII."

48 – Monumenta Henricina, p.15

49 – Dias, Paio de Pele: A Villa e a Região Do Século XII Ao XVI, 22–23.

50 – A confirmação da doação encontra-se na Bula Cum Pro Defensione, em que o Papa Urbano III confirma doação dos bens aos templários. ANTT PT/TT/ GAV/7/10/29, "Bula 'Cum Pro Defensione' Do Papa Urbano III, Pela Qual Confirmou à Ordem Do Templo Todos Os Bens."

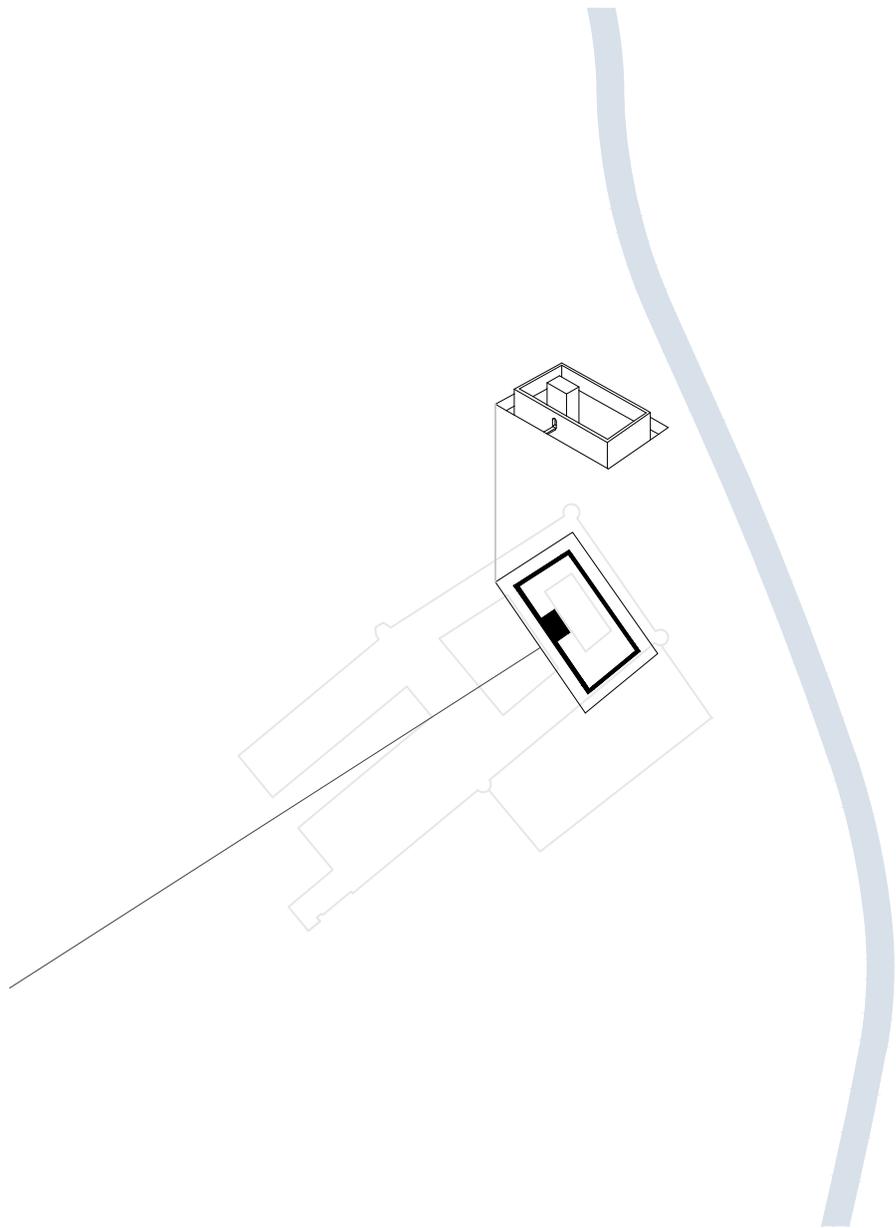


fig.27 – Reconstituição planimétrica e volumétrica da Cardiga

51 – Nuno Villamariz Oliveira sugere que a doação de Lapignera se poderia referir a uma fortificação a sul do Tejo, localizada na actual povoação de Pinheiro, sem que, no entanto, tenha encontrado referências a esta suposta estrutura fortificada noutros documentos. *Oliveira, Castelos Templários Em Portugal: (1120-1314)*, 370.

52 – Num dos principais pontos de passagem do rio Tejo a vau e uma das principais vias que ligava Tomar a Coimbra pelo território do antigo castelo Ceras, o vale da Ladeira, pela 'Estrada Velha', que seria de fundação romana. *Romão, "No Encaicho Do Passo Do Homem Medieval: As Vias de Comunicação Do Antigo Termo e Atual Concelho de Tomar,"* 61.

53 – *Oliveira, "Contributions to the Comprehension of Military Architecture and Defensive Systems of the Temple Order in Portugal,"* 126-27.

54 – «Essa 'defesa passiva' era protagonizada por residentes, que, para o efeito, ocupavam pequenas fortificações e torres estrategicamente colocadas em posições-chave». *Monteiro, Os Castelos Portugueses Dos Finais Da Idade Média: Presença, Perfil, Conservação, Vigilância e Comando,* 216.

55 – Controlo territorial: influência da Terra Santa e dos povos da Andaluzia – estes já utilizavam os *husún* para a vigia e defesa de fronteiras geopolíticas. Baseava-se numa "apertada" rede de castelos e atalaias/torres de vigia, em que cada um era essencial para garantir a segurança dos terrenos conquistados, proteger as fronteiras e as principais vias de comunicação para dentro do território do reino e para os territórios a conquistar. Núcleos principais da defesa templária: entre Soure e Pombal; Nordeste transmontano entre Penas Róias e Mogadouro; ao longo da Beira e Nordeste Alentejo (mais dispersos); entre o Zêzere e o Tejo (protecção de Tomar e Coimbra). O Tejo era o maior obstáculo e via de comunicação a defender e proteger, o que levou à construção de cidades fortificadas ao longo do rio, de Lisboa a Ródão. *Oliveira, "Contributions to the Comprehension of Military Architecture and Defensive Systems of the Temple Order in Portugal,"* 125.

56 – Como João José Alves Dias conclui no seu estudo de 1989 sobre a região de Paio de Pele, o Castelo de Ôzezar, consistia num povoado fortificado.

Apesar de ambas aparecerem descritas como "castellum" no documento original de doação de 1169, os diferentes vocábulos utilizados para nomear os dois lugares, no documento de comprovação das doações de 1187, implicam uma distinção entre as duas estruturas, já que Ôzezar é descrita como sendo um "oppidum" (=cidade) e a Cardiga aparece apenas como "Lacardica". *Dias, Paio de Pele: A Villa e a Região Do Século XII Ao XVI,* 18.

57 – Tombo de 1504

58 – *Batista, Cardiga: De Comenda a Quinta Da Ordem de Cristo (1529 -1630),* 201; *Noé, "Os Castelos Da Ordem Do Templo Em Portugal,"* 8.

59 – Fazemos a suposição de acordo com a informação que dispomos a partir de outras construções contemporâneas a esta no território português

60 – *Azevedo, Solares Portugueses: Introdução Ao Estudo Da Casa Nobre,* 23-24.

61 – *Carita and Cardoso, Oriente e Ocidente Nos Interiores Em Portugal,* 19.

62 – *Dias, Paio de Pele: A Villa e a Região Do Século XII Ao XVI,* 18.

63 – *Oliveira, "Contributions to the Comprehension of Military Architecture and Defensive Systems of the Temple Order in Portugal,"* 123.

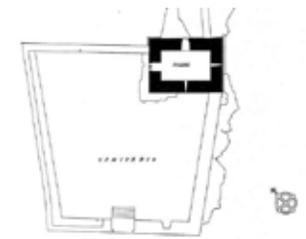


fig.28 – Castelo de Longroiva – Aspecto exterior

fig. 29 – Castelo de Longroiva – Planta

do médio Tejo.<sup>51</sup> Estes protegiam as vias de comunicação terrestres e fluviais até Lisboa, Santarém e mais importante Coimbra, onde o Rei D. Afonso Henriques tinha estabelecido a capital do reino.<sup>52</sup>

As várias fortificações desta rede distavam no máximo de 4 a 6 quilómetros entre elas,<sup>53</sup> permitindo assim uma comunicação eficaz e a prática de uma defesa passiva.<sup>54</sup> A inovadora associação de várias construções militares com diferente carácter (ofensivo, defensivo, vigilância, habitadas, não habitadas, etc.) conferia a este sistema de defesa um vasto domínio do território, fundamental para a consolidação e avanço da fronteira portuguesa durante a reconquista cristã.<sup>55</sup>

Como constatado anteriormente, na análise à toponímia da Cardiga, esta não teria a dimensão nem a constituição de um castelo povoado com poder ofensivo e defensivo, mas sim de atalaia isolada com uma função de vigilância.<sup>56</sup>

Existem registos mais tardios<sup>57</sup> que nos permitem supor que esta seria composta por uma torre em pedra com 2 ou 3 pisos, uma muralha em taipa com portal em pedra e fosso, à semelhança do Castelo de Longroiva, em Trás-os-Montes.<sup>58</sup> O rio Tejo corria sensivelmente pelo traçado actual da estrada nacional N118.

Quanto ao interior desta torre podemos apenas conjecturar<sup>59</sup> que esta se organizasse em dois ou três pisos, ligados no seu interior por uma escada, e que cada um desses pisos constituísse uma única divisão.<sup>60</sup> O piso térreo provavelmente teria a função de armazenamento, enquanto os pisos superiores seriam espaços de habitação ou reunião. Podemos supor também a utilização de elementos móveis, como tecidos, para delimitar e conferir algum conforto a estes espaços despojados, frios e pétreos.<sup>61</sup>

Em relação à ocupação do espaço entre a torre e a cerca protectora, podemos imaginar que este servia às construções efémeras de madeira que davam apoio às actividades agrícolas e à defesa das terras e dos seus habitantes.

É provável que as várias estruturas fortificadas que constituíam esta rede defensiva templária tivessem sido consolidadas a partir de pré-existências islâmicas, ou até mesmo romanas<sup>62</sup> apesar das paredes que subsistiram até aos dias de hoje serem já de origem ocidental, do séc. XII.<sup>63</sup> Mais tarde, em tempos de estabilidade bélica e económica, estas estruturas tornaram-se desnecessárias no que diz respeito à defesa transformando-se num símbolo social do poder de um senhor ou de uma instituição sobre um território.

## A Comenda e a produção agrícola do Séc. XIII ao Séc. XVII

Da Reconquista aos Descobrimentos: uma proposta de Reconstituição

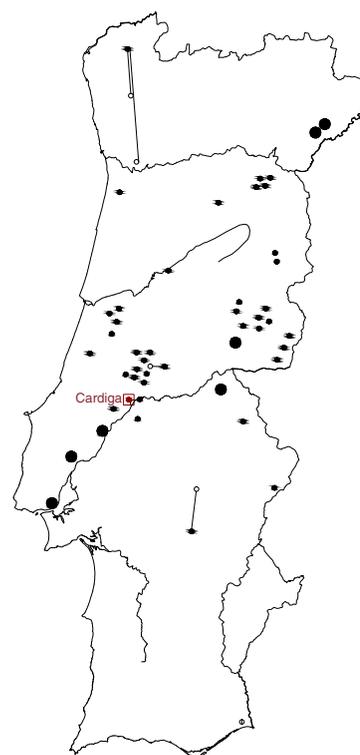
«Quanto ao Norte dos cavaleiros e fidalgos conquistadores, ele descerá com a igreja no seu fervor dinâmico. A casa como algo de permanente não tem para ele significado. A vida é apenas um percurso para outro mundo, a casa um abrigo na torre de menagem. Tudo no seu interior é mutável e transportável para outro lado. A casa nobre será apenas uma torre, uma marcação de avanço, de domínio e de acção cumprida. [...]

A sul aparecem-nos as belas cidades e as grandes residências dos alcaides. Além de construções adjacentes para guardar alfaias, gado e instalações para os criados, a residência principal organiza-se em, cinco, seis e oito aposentos sobradados, [...] envolvendo um jardim que neste caso inclui laranjal, [...].

A Norte, porém, o centro da cerca do castelo é ocupado não pelo jardim, mas pela torre residência, evidenciando um sentido da vida formulado no homem de acção, centro do Universo. Contrariamente a casa do Sul denota o homem contemplativo como simples elemento do Universo submetido à vontade divina.»<sup>64</sup>

A dualidade deste território<sup>65</sup>, não permite que especulemos sobre as características arquitectónicas deste lugar de acordo com uma visão ligada apenas ao Norte ou ao Sul do país e nem apenas ao Interior em contraste com o Litoral. A localização central deste conjunto, no que diz respeito à formação do território nacional e à sua implantação física torna necessária o estudo deste conjunto sob a perspectiva das várias realidades.

Durante o decurso da investigação, não foi encontrada informação concreta ou descrições dos espaços físicos da Cardiga até ao início do séc. XVI (Tombo de 1504). As suposições feitas são com base em estudos de vários autores sobre arquitectura militar e sobre a casa nobre em Portugal.<sup>66</sup> Sabemos, no entanto, que esta foi fundamental para a defesa do país durante a reconquista cristã.



- Localidade com Comenda
- Localidade com Cavaleiro
- Localidade associada a Comenda

fig.30 – Comendas da Ordem de Cristo (1321)

64 – Carita and Cardoso, *Oriente e Ocidente Nos Interiores Em Portugal*, 15-16

65 – Interpenetração Norte e Sul – Vide Silva Telles, Cap. I Território e Paisagem do Médio Tejo: Caracterização

66 – Consideramos para este estudo as seguintes obras: Carlos de Azevedo, "Solares Portugueses: Introdução Ao Estudo Da Casa Nobre"; Mário Jorge Barroca, "A Ordem Do Templo e a Arquitectura Militar Do Século XII"; Helder Carita, and Homem Cardoso. "Oriente e Ocidente Nos Interiores Em Portugal"; João Gouveia Monteiro, "Os Castelos Portugueses Dos Finais Da Idade Média: Presença Perfil, Conservação, Vigilância e Comando."

Abaixo listamos os vários acontecimentos históricos, que tiveram consequências na dimensão arquitectónica do conjunto e que direccionaram a forma como este se transformou e evoluiu até 1504:

1143 – 1185 – Reinado de D. Afonso Henriques “O Conquistador”  
1185 – 1211 – Reinado de D. Sancho I “O Povoador”  
1211 – 1223 – Reinado de D. Afonso II “O Gordo”  
1223 – 1248 – Reinado de D. Sancho II “O Capelo”  
1248 – 1279 – Reinado de D. Afonso III “O Bolonhês”  
1279 – 1325 – Reinado de D. Dinis I “O Lavrador”  
1310 – Extinção da Ordem do Templo – passagem de todos os bens templários para a Coroa  
1319 – Fundação da Ordem de Cavalaria de Jesus Cristo e doação de todos os bens e pertences da antiga Ordem do Templo para a nova Ordem – Bula “*Ad ea ex quibus cultus augeatur*”  
1321 – Formalização da doação da Comenda da Cardiga à Ordem de Cristo – Instituição dos Freires e Comendadores da Ordem de Cristo, de seus bens e coisas, com Declaração do que pertence ao Ofício do Comendador-Mor e Vigário – a 11-06-1321. Realização de inventários dos bens da Ordem (todas as comendas, igrejas, mosteiros e rendas), e definição dos primeiros estatutos da Ordem.  
1325 – 1357 – Reinado de D. Afonso IV “O Bravo”  
1357 – 1367 – Reinado de D. Pedro I “O Justiceiro”  
1367 – 1383 – Reinado de D. Fernando I “O Formoso”  
1383 – 1385 – Interregno  
1385 – 1433 – Reinado de D. João I “O de Boa Memória”  
1415 – Tomada de Ceuta  
1417 – Infante D. Henrique torna-se governador e regedor da Ordem de Cristo – início das obras do que viria a ser o Convento de Cristo em Tomar  
1433 – 1438 – Reinado de D. Duarte I “O Eloquentes”  
1434 – Gil Eanes dobra o cabo bojador  
1438 – 1481 – Reinado de D. Afonso V “O Africano”  
1481 – 1495 – Reinado de D. João II “O Príncipe Perfeito”  
1494 – Tratado de Tordesilhas  
1495 – 1521 – Reinado de D. Manuel I “O Venturoso”  
1497/98 – Caminho marítimo para a Índia – Vasco da Gama  
1500 – Chegada ao Brasil – Pedro Álvares Cabral  
1504 – Tombo dos bens da Comenda da Cardiga

67 – Demonstrado por João José Alves Dias no seu estudo “Paio de Pele, a vila e a região do século XII ao XVI”, 1989, p. 22, nota 17. Esta seria dominada pelos seus 3 castelos.

68 – A Comenda da Cardiga passa a pertencer à recém-criada Ordem de Cristo (1319) cujo intuito, para além de prémio para os frades-cavaleiros, era o da produção de bens que providenciavam alimento ao Convento de Cristo em Tomar e mais tarde aos estudantes das instituições de ensino da Ordem em Coimbra.

69 – A Ordem de Cristo é criada após a extinção da Ordem do Templo em 1311. Os bens da Ordem do Templo voltaram à posse da coroa e em 1319 é criada a nova Ordem dos Cavaleiros de Jesus Cristo para a qual são doados todos antigos bens templários.

Com base nos documentos de doação e na análise do existente actualmente, podemos afirmar com segurança que a torre que existe hoje no palácio da Cardiga será o vestígio, muito adulterado ao longo dos séculos, da torre do castelo original que fundou este lugar.

No final do séc. XII, a Cardiga, Ôzezar e Almourol bem como os seus territórios constituíam uma única unidade territorial sob o mesmo domínio – uma comenda.<sup>67</sup> Só em 1321, na doação destes terrenos à Ordem de Cristo<sup>68</sup> aparecem pela primeira vez divididas em duas comendas separadas.<sup>69</sup> A Comenda da Cardiga terá ficado com a Cardiga e território adjacente, com courelas mistas (courelas no campo da Comenda de Almourol), com os terrenos pertencentes à Igreja de Santa Maria do Zêzere, do antigo castelo de Ôzezar, e com alguns terrenos a sul do Tejo no local da Broca.

*«O espectro da guerra afastara-se, com a deslocação da fronteira para áreas sucessivamente mais distantes, o velho espírito comunitário declinava ou circunscrevia-se a áreas específicas da vivência colectiva – como era o caso da exploração das matas, das pastagens, dos restolhos – e o individualismo familiar ganhava terreno: o agricultor afastava-se das estruturas protectoras, arredava-se dos vizinhos e erguia casa onde achava que lhe era mais conveniente, isto é, junto às courelas que laborava.»<sup>70</sup>*

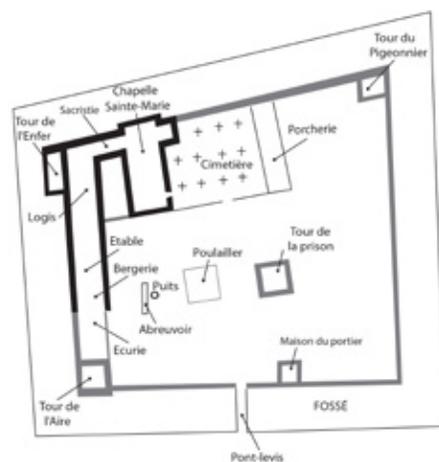
Manuel Sílvio Alves Conde resume neste excerto o percurso das populações organizadas em torno das estruturas fortificadas nesta região, e a consolidação dos seus povoados durante um período de transição entre a guerra e a paz, durante o séc. XV. Assim, a partir desta leitura podemos supor que, na Cardiga, durante o período da reconquista e posteriormente, a população fosse dispersa<sup>71</sup> e se conectasse com o centro da exploração agrícola.

As casas comuns seriam no geral muito simples, constituídas por um piso e uma divisão, o único espaço de habitar plurivalente. Casas baixas no máximo com 4 metros de altura, com poucas aberturas, muitas vezes apenas a porta de entrada. Outras vezes tinham corpos anexos como apoios às actividades agrícolas e pecuárias. Poderiam também existir casas de dois pisos, ou sobrados, nas quais o piso-térreo tinha como função dar abrigo aos animais e armazenar víveres e utensílios, enquanto o piso superior serviria à habitação. No entanto tendo em conta a área de implantação ser vasta, sem grandes obstáculos, ou acidentes topográficos e fértil, é mais provável a disseminação do primeiro tipo de habitação e da sua evolução em corpos anexos e não sobradados. Os materiais construtivos<sup>72</sup> eram na sua maioria frágeis, o que reforça a provável disseminação de construções térreas. “Muitos edifícios possuíam uma área exterior coberta, contígua à da casa propriamente dita. Era o alpendre, zona intermédia entre a casa e o exterior, espaço de abrigo, lazer e produção – com frequência localizava-se aí o forno do pão – também preenchido com práticas de sociabilidade.”<sup>73</sup>

70 – Conde, *O Médio Tejo Nos Finais Da Idade Média [Texto Policopiado]: A Terra e as Gentes*, 409

71 – [...]a nova modalidade de defesa, assente no castelo, ou melhor, na rede articulada de castelos, cada qual dominando o território anexo, viabilizava a dispersão da população, que se efectivaria, sobretudo, nos vales e outros terrenos de elevada produtividade agrícola.” Conde, *“O Médio Tejo Nos Finais Da Idade Média [Texto Policopiado]: A Terra e as Gentes.”*, 416.

72 – Madeira, terra, cal



73 – Conde, “O Médio Tejo Nos Finais Da Idade Média [Texto Policopiado]: A Terra e as Gentes.” 427.

74 – Mudança da percepção da área do território a dominar

75 – Fazia parte das obrigações dos freires nas comendas por exemplo: albergar caminantes ricos ou pobres, ou cuidar de doentes pobres e miseráveis Batista, *Cardiga: De Comenda a Quinta Da Ordem de Cristo (1529 -1630)*, 25.

76 – Oliveira, *Castelos Templários Em Portugal: (1120-1314)*.

77 – Pela primeira vez em 2000, na sua tese de mestrado em História de Arte Medieval

78 – Oliveira, *Castelos Templários Em Portugal: (1120-1314)*, 370.

80 – Nuno Villamariz Oliveira baseia a sua teoria no pressuposto que as torres circulares não têm vãos ou utilização, o que actualmente não se verifica, pois cada uma dessas torres tem uma função, ou de acesso ou de contemplação. Se estas ocupações são originais ou se são adições e transformações de uma pré-existência de cariz militar, mais uma vez, apenas com trabalhos de arqueologia se poderão tirar conclusões. Através de um documento datado de meados do Séc. XVII, percebemos que duas dessas torres seriam de facto fechadas de cima a baixo, no entanto as torres nascente e sul tinham um forte carácter lúdico, sendo abertas todas à volta com colunas e contíguas a loggias laterais. Podemos encontrar outros exemplos da arquitectura civil, de casas-fortificadas do Séc. XVI em Portugal, como é o caso da Quinta da Bacalhoa, cuja cerca com os cubelos nos ângulos, foi mais tarde absorvida pelo novo palácio construído, já no séc. XVI.

79 – Em 1377 Masdieu é composta por: igreja, cozinha, adega, forno de pão, lagar e a torre onde habitavam os freires, a “Torre do Inferno”. A casa era acedida directamente da igreja, atravessando a sacristia. Em 1449 a estrutura encontra-se já ampliada. Com muros fortes, torres altas e uma vala atravessada por uma ponte-levadiza, guardada noite e dia por um porteiro, esta continha nove quartos, uma grande sala equipada com quatro mesas e bancos que deveria servir como refeitório, já que desta se acedia directamente à cozinha, forno de pão, açougue, armazém de madeira e despensa, scriptorium, sótão e adega de azeite. Tréton, “L’organisation Topographique de La Commanderie Du Masdieu En Roussillon.”

fig.31 – Comanda de Masdieu – Planta

fig.32 – Comanda de Masdieu – Aspecto exterior

A torre da Cardiga continuava a dominar e a pontuar o território envolvente agora “limitado”<sup>74</sup> e circunscrito aos limites da comenda. Exercia domínio sobre a exploração agrícola, ocupando uma posição mais isolada e de maior soberania dentro do novo paradigma de organização social e consequentemente de relações espaciais e de comunicação.

Podemos especular que durante os séculos XIV e XV já aparecessem adossadas à torre construções de um ou dois pisos que dessem apoio à habitação dos freires, às actividades agrícolas e “[...]à prática de obras de beneficência[...].”<sup>75</sup>

Nuno Villamariz Oliveira, na sua obra “*Castelos Templários em Portugal*”<sup>76</sup> teoriza acerca da ideia de que a estrutura que existia naquele lugar poder ser já uma estrutura fortificada mais desenvolvida, cujas características tivessem sido absorvidas pelo novo palacete que foi construído, ou então apenas remodelado, à semelhança de casas fortificadas das comendas pertencentes à Ordem Hospitalária de São João de Jerusalém, durante a Idade Média, na Catalunha.

A hipótese proposta por Nuno Villamariz<sup>77</sup> apresenta a Cardiga como exemplo único em Portugal de “transformação, pelos próprios templários – e, mais tarde pela Ordem de Cristo – , de um castelo numa granja fortificada.”<sup>78</sup>, ou seja, uma estrutura regular organizada em pátios com torres circulares nos ângulos da muralha circundante e a torre ao centro, com fosso toda à volta, à semelhança das casa-forte templárias das comendas de Masdieu<sup>79</sup> e Barbens. Tendo em conta as circunstâncias em que esta hipótese foi desenvolvida, sem visitar o interior do palácio, parece-nos, por agora, refutável. Como é reforçado pelo autor, apenas com trabalhos de arqueologia se poderiam encontrar indícios que nos direccionassem nesse sentido.<sup>80</sup>

É a partir de 1504 que continuaremos a investigação sobre a Cardiga do ponto de vista do seu desenho arquitectónico e da sua organização numa perspectiva histórica e morfológica e da sua relação com o território envolvente, mais particularmente com o Tejo e os campos de cultivo.

Na ausência de prospecções e estudos arqueológicos, as hipóteses de organização da estrutura espacial dos edifícios dentro do recinto fortificado será limitada às contribuições esparsas das fontes consultadas e à análise das plantas do levantamento actual do palácio.



EXTRATEXTO

*DAS RELAÇÕES DE COMUNICAÇÃO E  
LIGAÇÃO NO ENTORNO DA CARDIGA*

compilação iconográfica histórica

*«O traçado das vias romanas principais não se afasta  
muito do das linhas férreas e grandes estradas modernas.»*

Orlando Ribeiro, 1987, 875

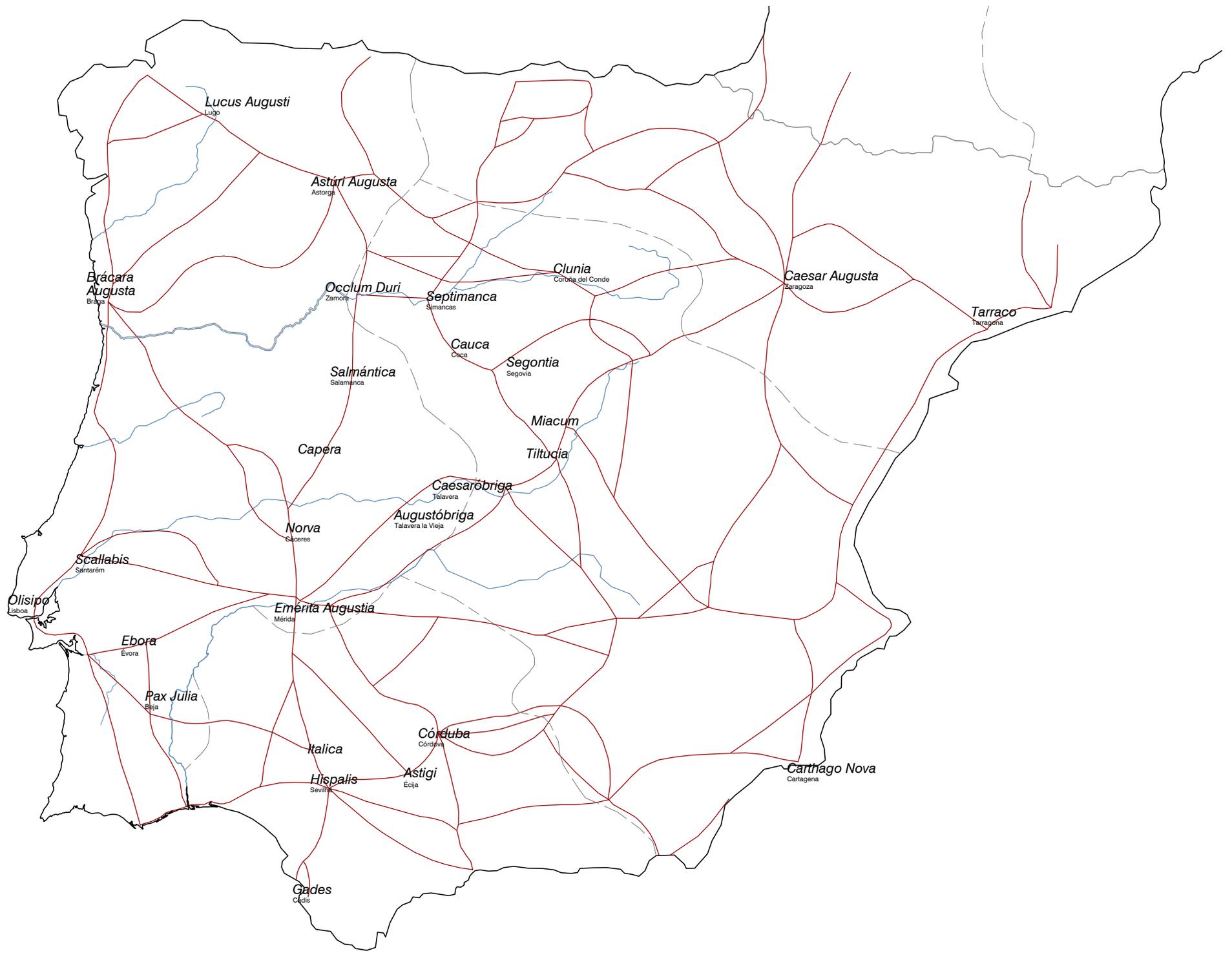


fig.33 – Vias Romanas na Península Ibérica durante o reinado de Diocleciano, 284-305 d.C.

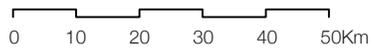
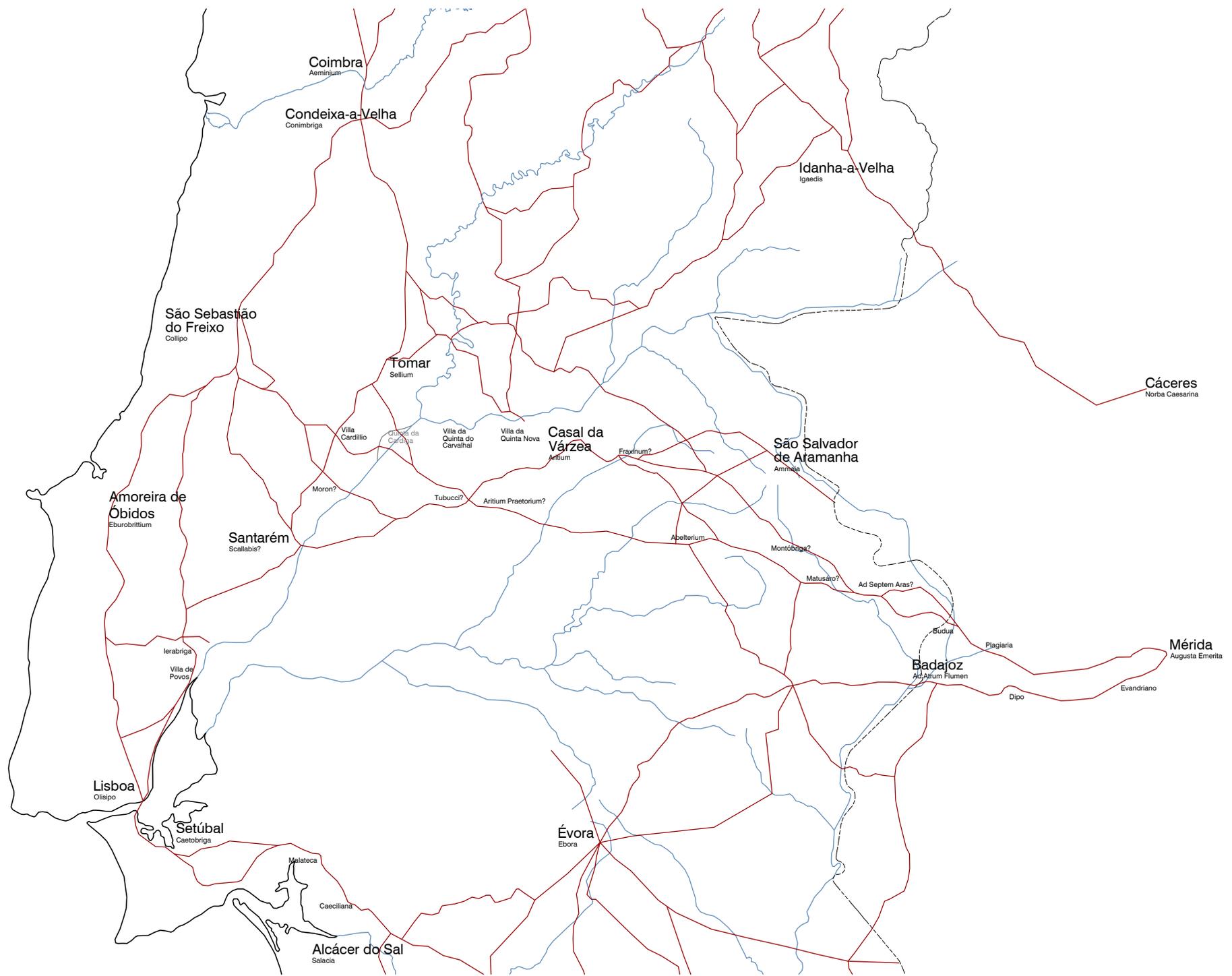
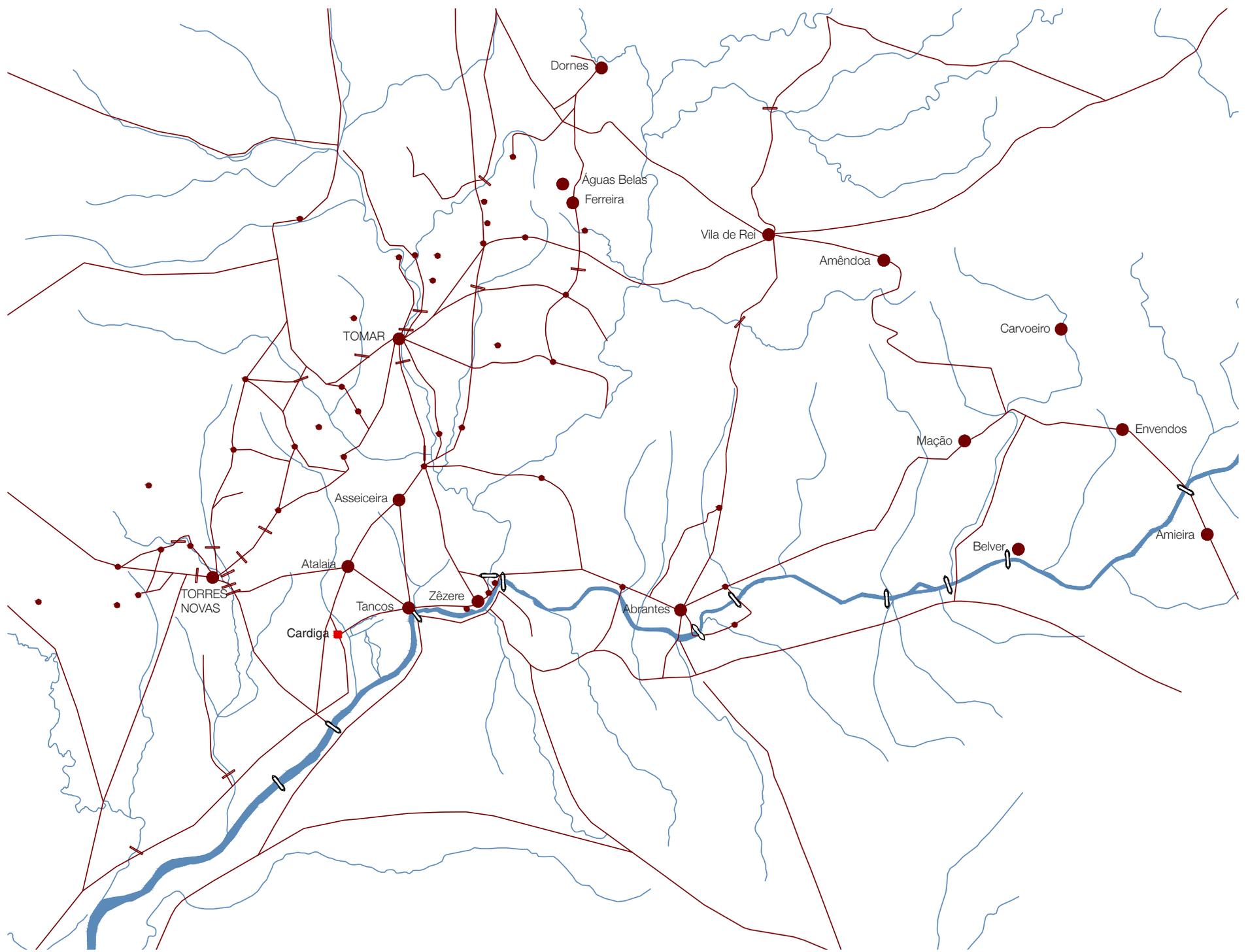


fig.34 – Vias Romanas no centro de Portugal durante o reinado de Diocleciano, 284-305 d.C.



«A circulação de bens e pessoas numa área geográfica do interior do país, no contexto tardo-medieval, assentava numa dupla estrutura viária. Vias terrestres e fluviais articulavam-se e complementavam-se: se as últimas constituíam o eixo essencial da circulação entre o litoral e o interior, as estradas e caminhos vinham desembocar nos portos fluviais, ligando estes aos centros urbanos, aos diversos núcleos de população, até aos mais recônditos.»

Conde, 1997, 477

- Estradas
- Vila, Sede de Concelho
- Povoação
- Cardiga
- Pontes
- ⇄ Barcas

0 5 10Km

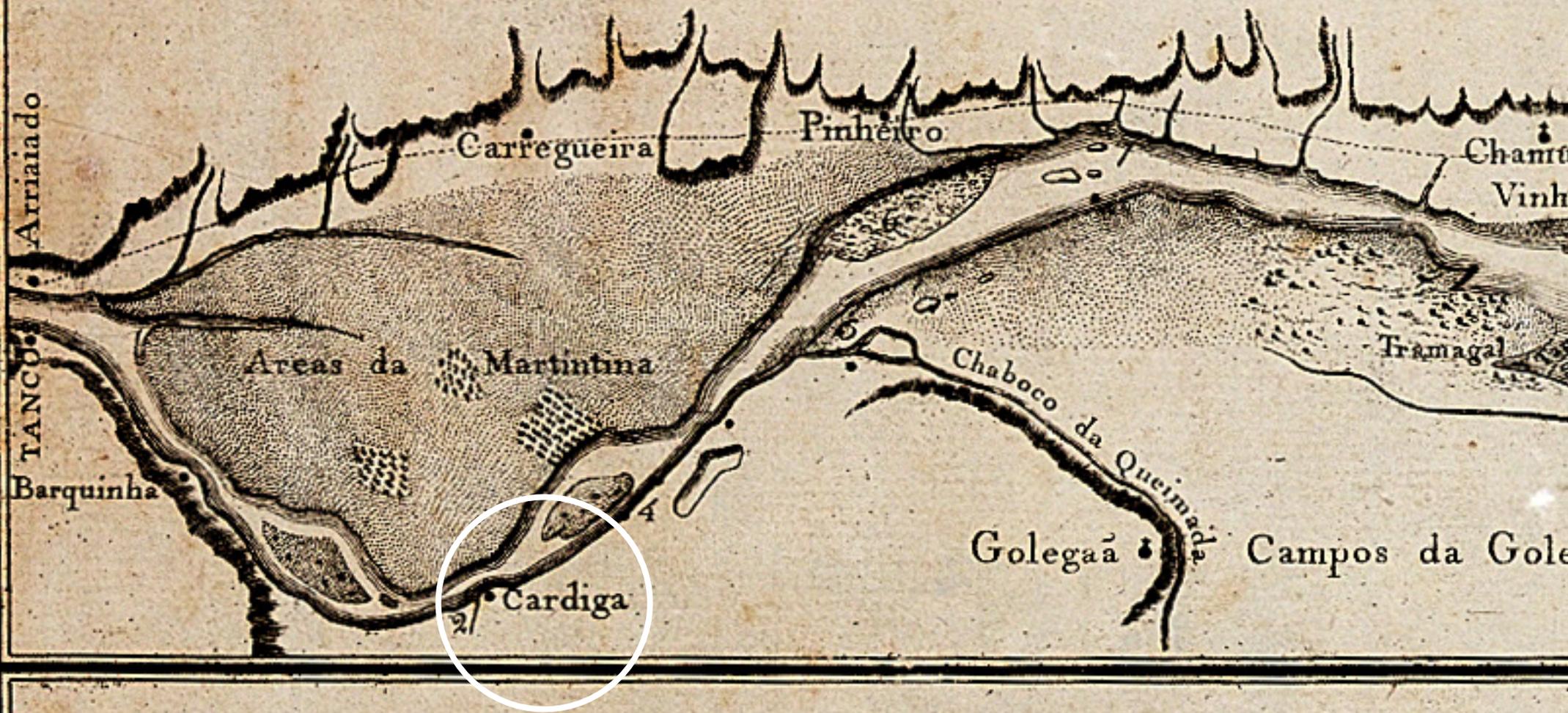
fig.35 – Vias de Comunicação do Médio Tejo na Idade Média





10000  
A 2  
P 5  
Nº 42.

Tirado do Mappa Geral das Lezirias e Coutado em Dezembro de 1784, nas different



Petipé d'huma legoa de 18 ó gráo

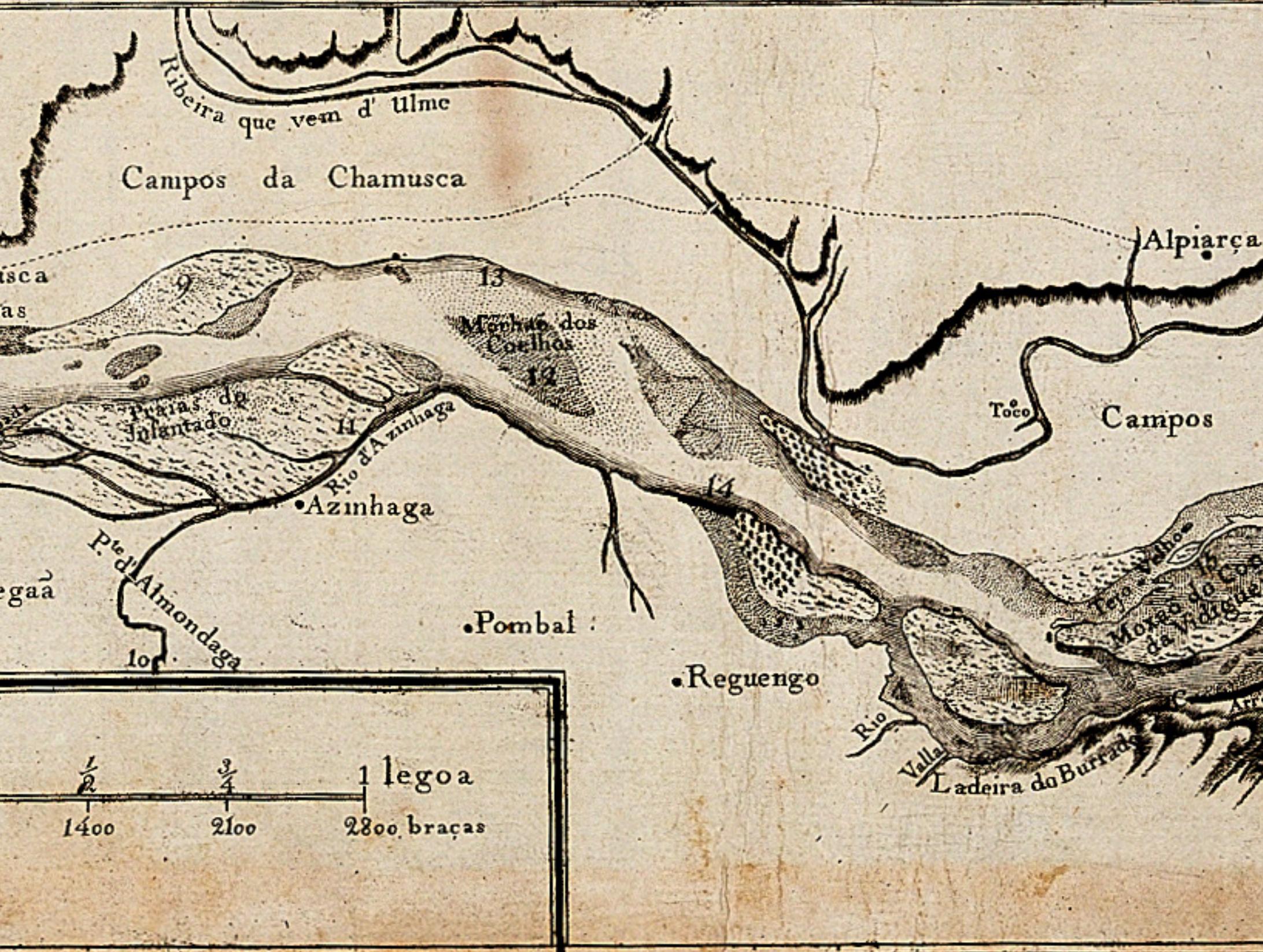


# MAPPA DO TEJO

Desde a Villa de Tancos ate a Villa Franca d

## EXTRACTO

das, que por ordem da Secretaria d'Estado se lev  
es direcçoens das correntes, e das muitas cabeç

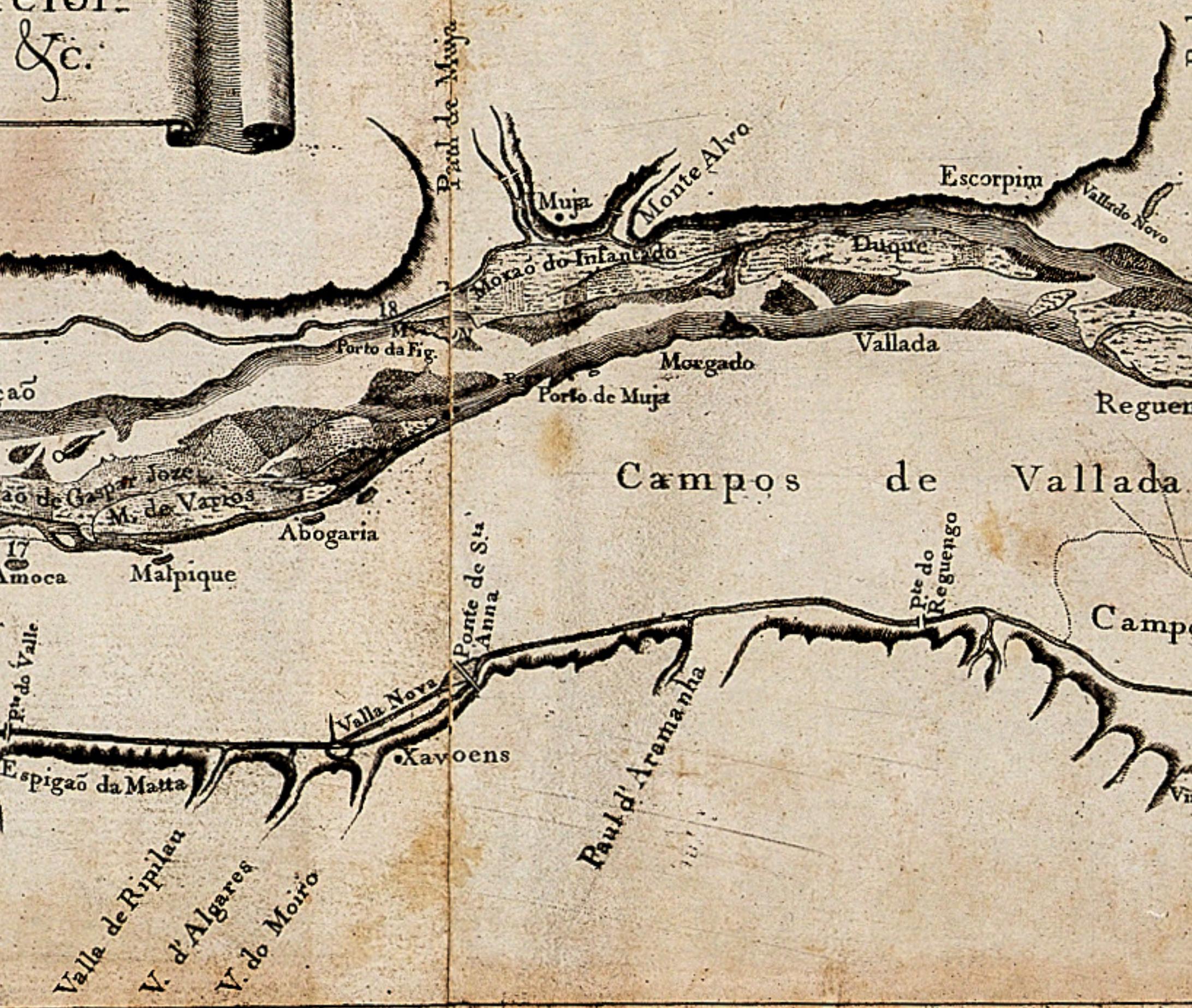
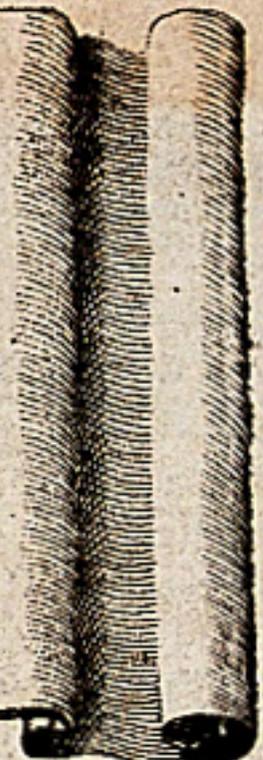


le Xira

vantou no anno de 1770, e agora novamente  
cas d'Area, que se tem mudado, e accrescentado.



refor.  
&c.



Paul de Muja

Muja

Monte Alvo

Escorpim

Vallado Novo

Mora do Infante do

Duque

Porto da Fig.

Morgado

Vallada

Porto de Muja

Reguengo

Campos de Vallada

caõ

M. de Vayros

Abogaria

Amoca

Malpique

Ponte de Sta Anna

pte do Reguengo

Campo

Pte do Valle

Valla Nova

Xavoens

Paul d'Aramanha

Espigaõ da Matta

Valle de Ripilau

V. d'Algares

V. do Moiro





fig.37 - "Mappa do Tejo desde a villa de Tancos ate a Villa Franca de Xira: extracto tirado do mappa geral das lezírias e coutadas, que por ordem da Secretaria d'Estado se levantou no anno de 1770, e agora novamente reformado em Dezembro de 1784, nas diferentes vcdirecçoens das correntes, e das muitas cabeças d'area, que se tem mudado, e accrescentado", 1734





Ribeira de Muges

Painha

M. da Ponte Velha

M. do Pinheiro

M. da Lousqueira

M. do Roteiro

M. do Pico

M. do Roteiro

SERRA

DE ALMEIRIM

ALPIACA

ALMEIRIM

RIO TEJO

SANTAREM

Alcanhoes

P. do Diogo



# MAPPA

Do Curço e Margens do RIO TEJO Compreendido entre a BOCA de SACAVEM, ea VILLA de TANCOS, Levantado para serviço do Exercito, em 1801.

Pitipe de huma Legoa

Verdadeira Escala reduzida Geometricamente 1 Legoa de 2546 Braças 1 de 2800 Br.





BELMONTE

BENAVENTE

SAMORA CORREA

SALVATERRA

RIO NOVO

AZAMBUJA

V. FRANCA

CASTANHEIRA

V. NOVA DA RAYNHA

da Buiheira

Lag. da Douzella

Zanabugeiro

Terras de Ilheo

Orta da Saude

Ariz. da Caza

Ariz. do Porto de Seixo

Enlhes de Samora

Matta E. do Bernas

Sapal

Sapal de Braganca

Terras da Patriarchal

Almoarifado d'Alcoelha

Mur de Aquiao

Almoarifado da Malveira

Infantado

Miraceira

Chumorro

Almoarifado de Alcoelha

Povo do Castro

Povo do Galo

Povo do Mouro

Povos

Val de Carquejal

Val de Oitavo

Val de Borralha

S. Braz

Soroya

Val de Moura

Parrocas

Manulo





fig.38 - "Mapa do curso e margens do Rio Tejo comprehendido entre a boca de Sacavem, e a villa de Tancos: levantado para serviço do Exército, em 1801", 1801

A  
3  
2



fig.39 – “Reconhecimento militar do terreno compreendido entre os rios Nabão, Zezere e Tejo, desde Thomar até Tancos”, 1829



567

# RECONHECIMENTO MILITAR

do  
Terreno comprehendido entre os Rios Nabaõ,  
Lezere, e Tejo desde Thomar até Tancos.

Copiado no R. Arquivo Militar, por P. Celestino S. Alfaro de Exerelle, em 1822.

Escala de linha e meia por 100 toezas.





Estada para Torres Novas

S. Miguel  
os Matos

Estada de Coimbra

Convento de S. Ionofre C. d'Arrotea.

Cardiga

Olival.

S. Caetano

Areia

Quinta de S. Antonio.

Q<sup>ta</sup> de Sima da Labruja

C. do Almotacel Mor.

C. do Zambujal.

Tapada Velha

Q<sup>ta</sup> da Labruja.

Vinha

Olival.

Quebradas

Tapada nova.

Areias

Cabeço d'Areia.

Vinhas

Pinheiro

Carregeira.

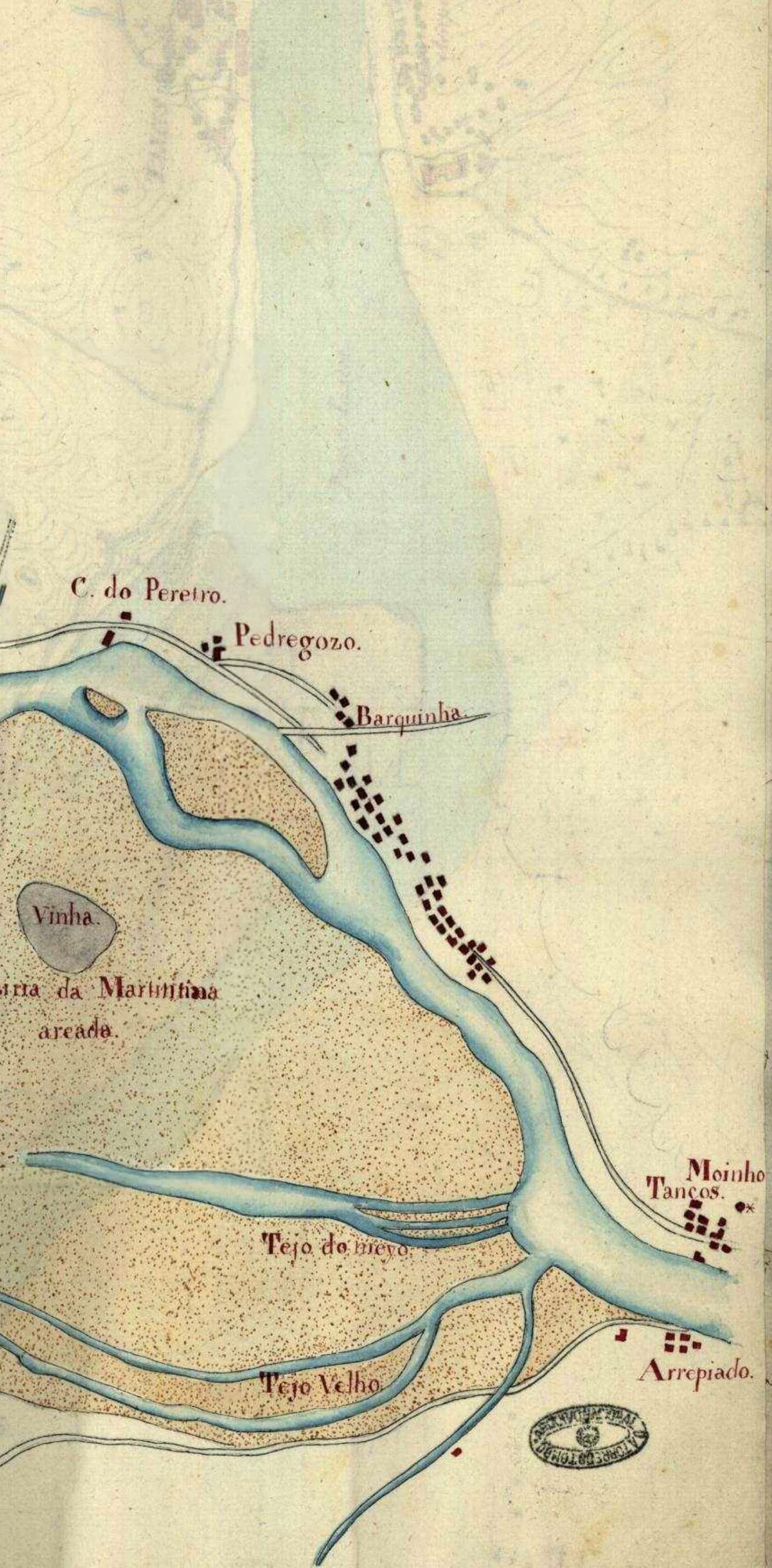


fig.40 - "Mapa do Tejo", c.1853

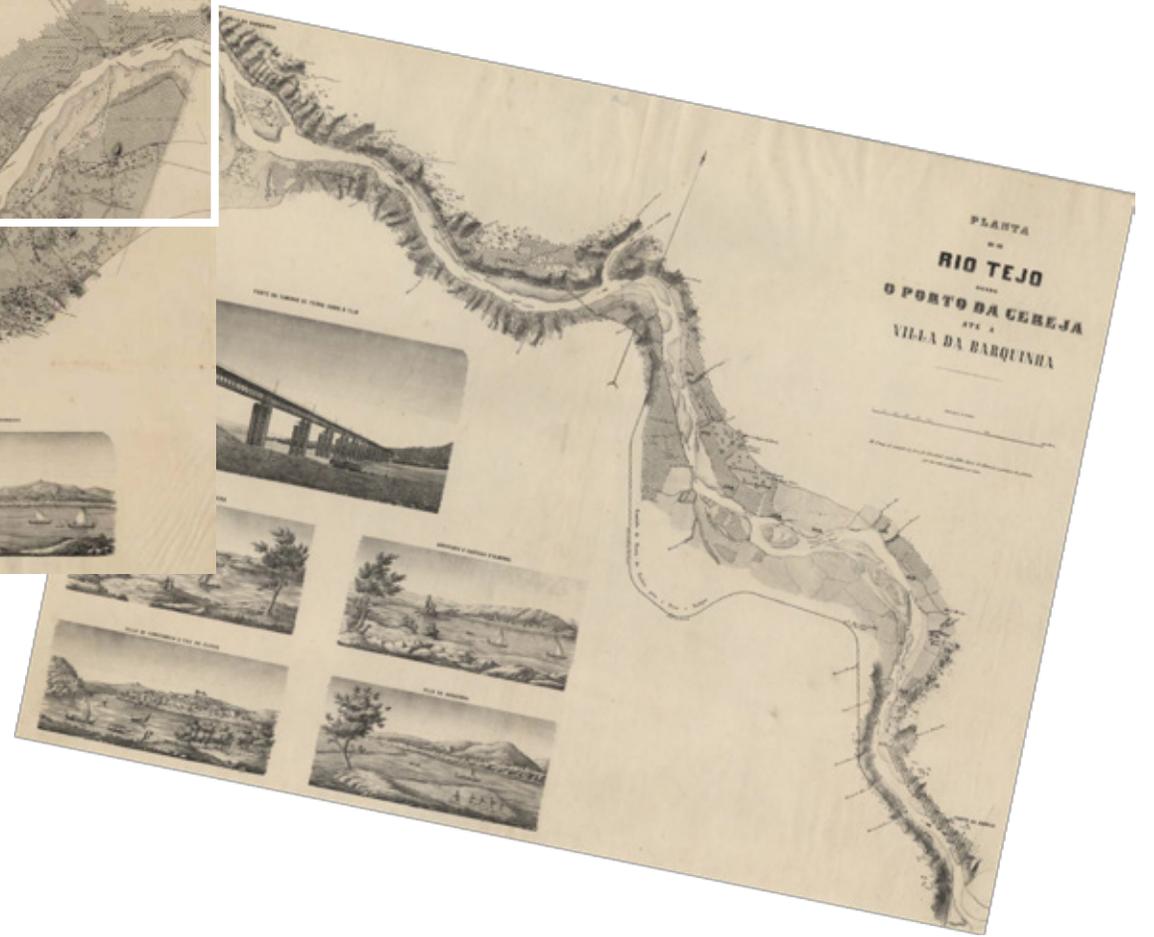
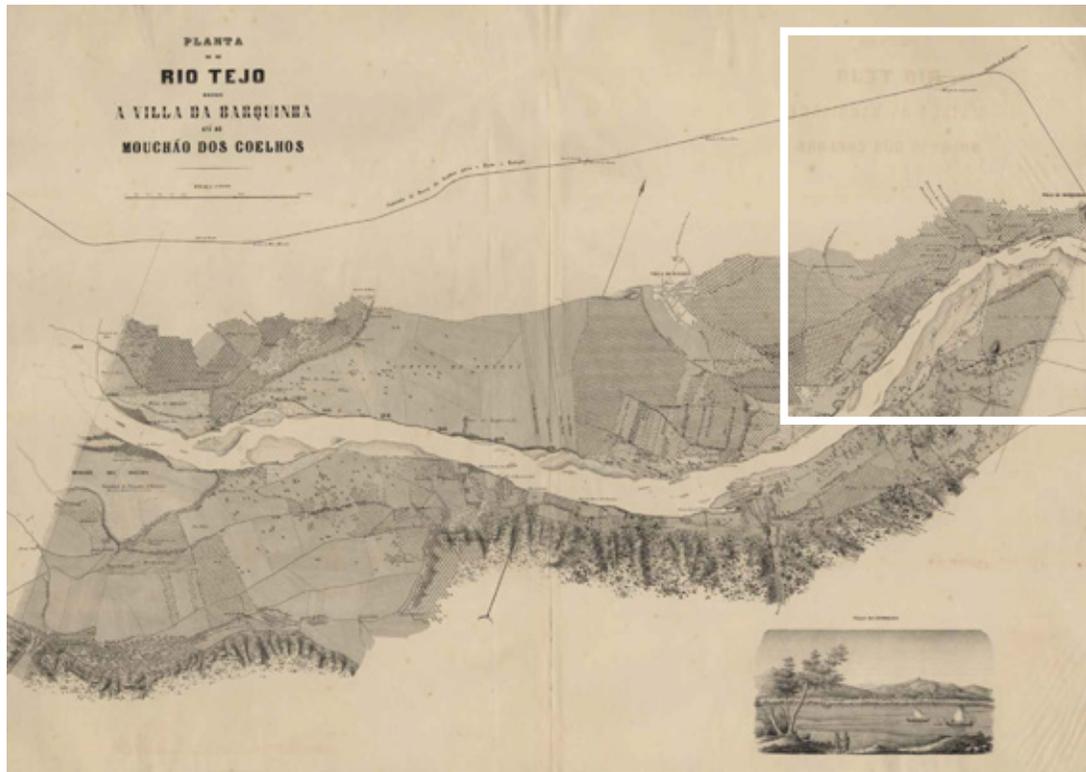


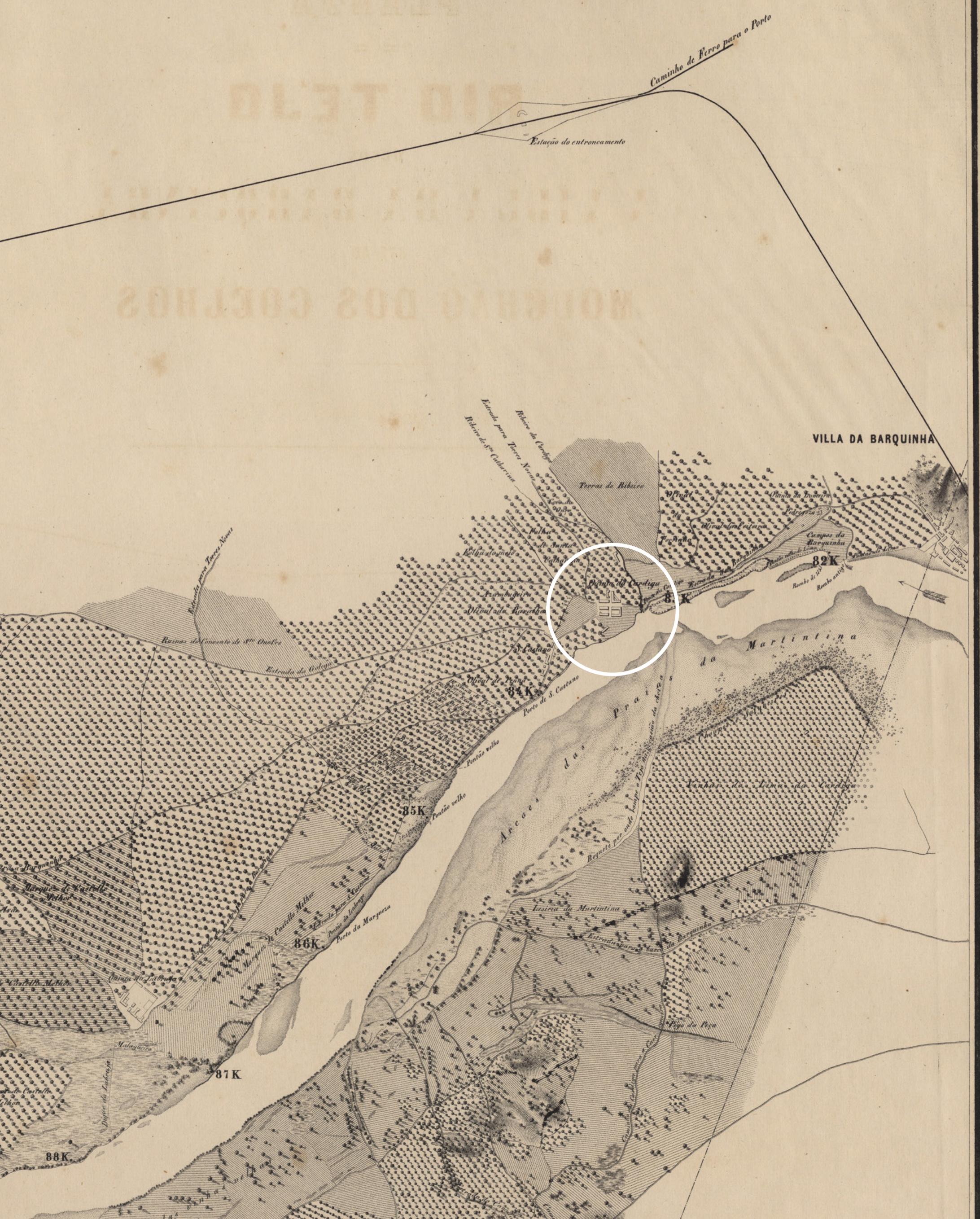
fig.41 – “Planta do Rio Tejo desde A Villa da Barquinha até ao Mouchão dos Coelhos” e “Planta do Rio Tejo desde O Porto da Cereja até à Villa da Barquinha”, 1861-64

fig.42 – pág ao lado: Excerto ampliado da fig.39

Caminho de Ferro para o Porto

Estação do entroncamento

VILLA DA BARQUINHA







**CARTA**  
**REDE TELEGRAPHICA**  
*Caminhos de ferro*  
**PORTUGAL**

por  
*E. C. de Mendonça*  
*J. P. de Sousa*

Approvada pela Di-  
 recção Geral das Telégra-  
 phias de Reino

Setembro de 1867

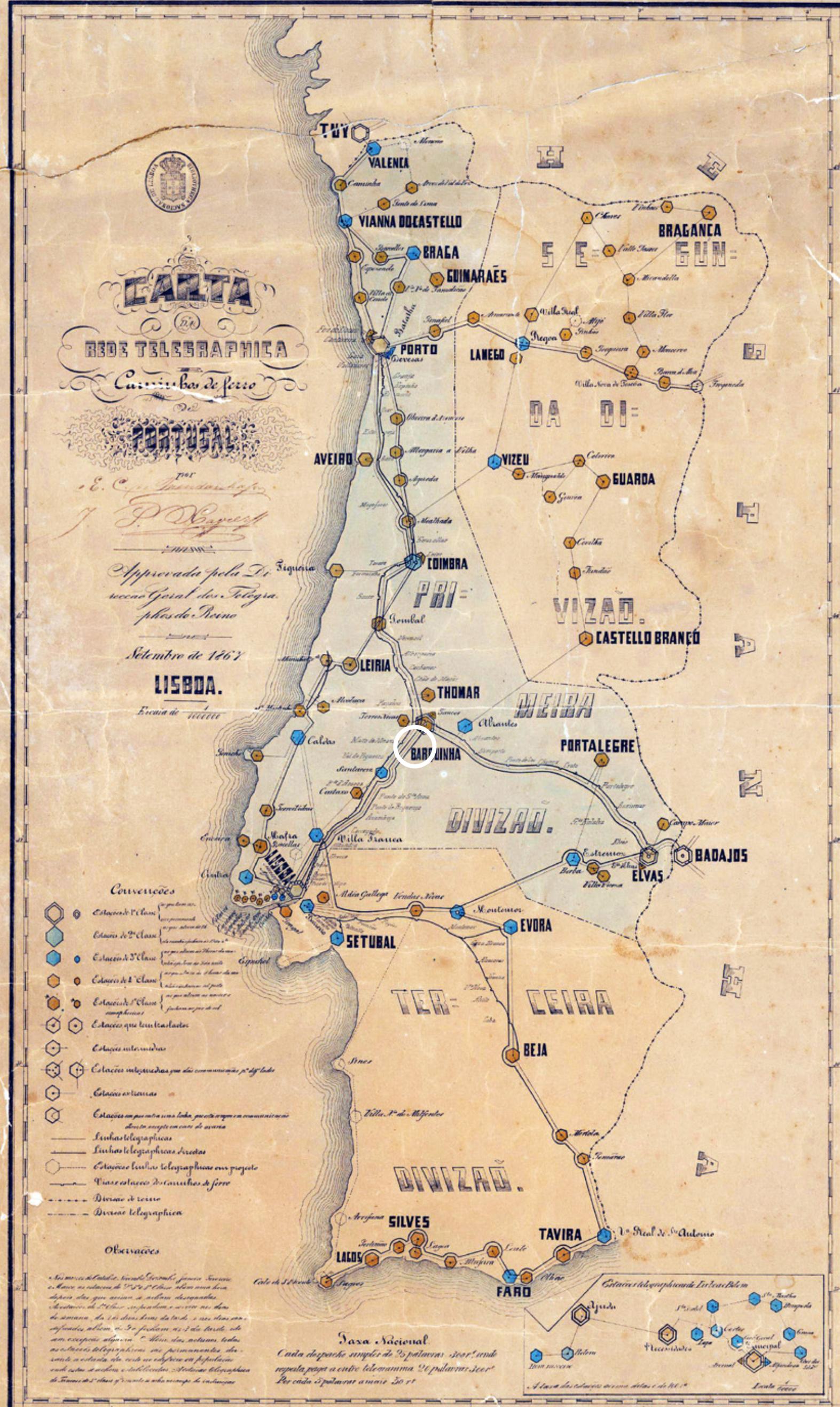
**LISBOA.**

Escala de 1:100,000

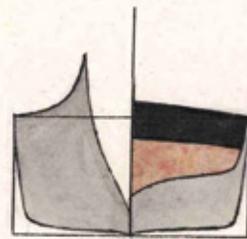
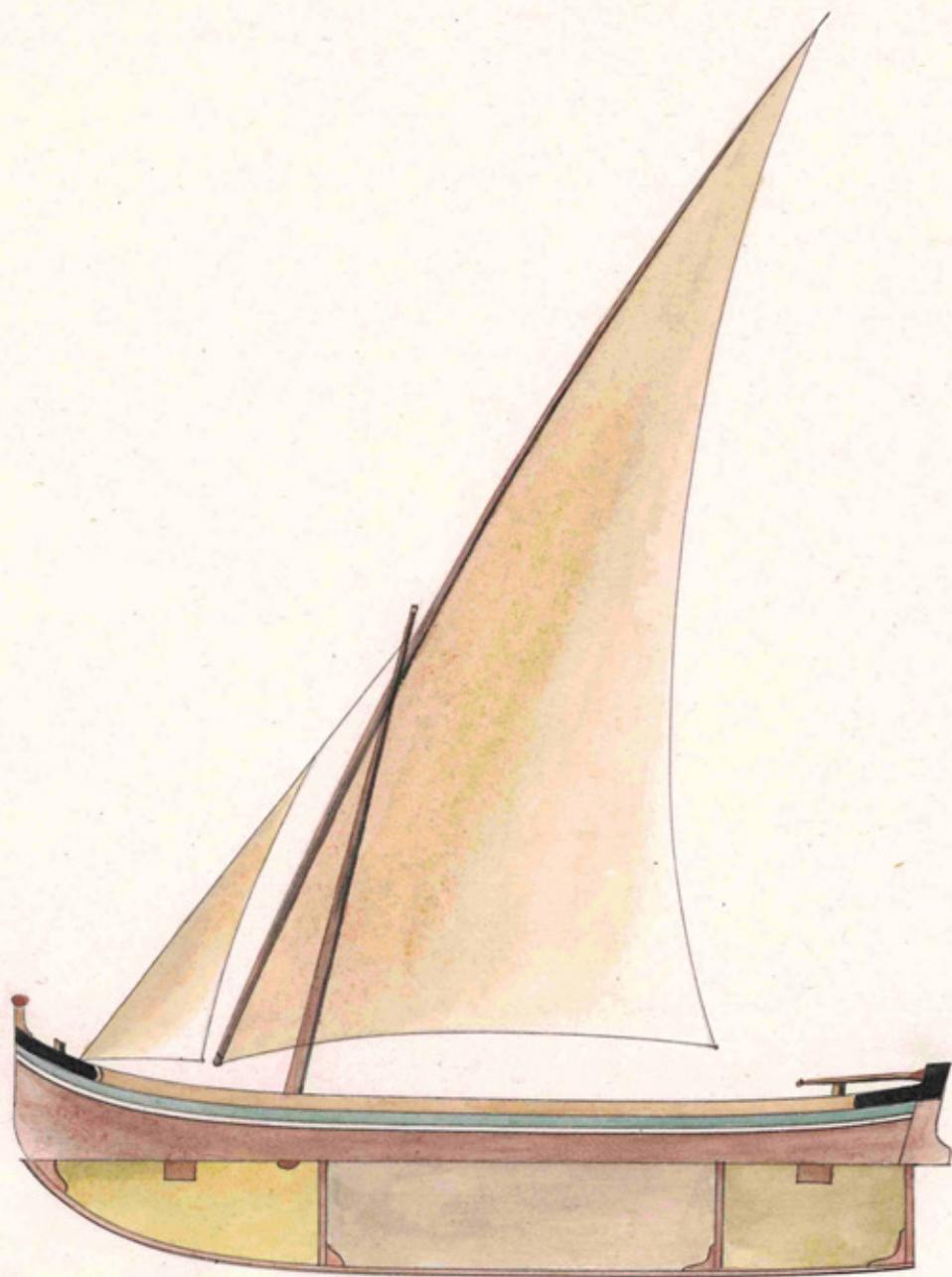
- Convenções**
- Estações de 1ª Classe
  - Estações de 2ª Classe
  - Estações de 3ª Classe
  - Estações de 4ª Classe
  - Estações de 5ª Classe
  - Estações que tem tráfego
  - Estações intermédias
  - Estações intermédias que são comunicações p. d. g. l. d.
  - Estações avançadas
  - Estações em projecto
  - Estações em projecto em comunicação directa excepto em caso de guerra
  - Estações em projecto em comunicação directa
  - Estações em projecto em comunicação directa
- Observações**
- As estações de 1ª Classe, 2ª Classe, 3ª Classe, 4ª Classe, 5ª Classe, 6ª Classe, 7ª Classe, 8ª Classe, 9ª Classe, 10ª Classe, 11ª Classe, 12ª Classe, 13ª Classe, 14ª Classe, 15ª Classe, 16ª Classe, 17ª Classe, 18ª Classe, 19ª Classe, 20ª Classe, 21ª Classe, 22ª Classe, 23ª Classe, 24ª Classe, 25ª Classe, 26ª Classe, 27ª Classe, 28ª Classe, 29ª Classe, 30ª Classe, 31ª Classe, 32ª Classe, 33ª Classe, 34ª Classe, 35ª Classe, 36ª Classe, 37ª Classe, 38ª Classe, 39ª Classe, 40ª Classe, 41ª Classe, 42ª Classe, 43ª Classe, 44ª Classe, 45ª Classe, 46ª Classe, 47ª Classe, 48ª Classe, 49ª Classe, 50ª Classe, 51ª Classe, 52ª Classe, 53ª Classe, 54ª Classe, 55ª Classe, 56ª Classe, 57ª Classe, 58ª Classe, 59ª Classe, 60ª Classe, 61ª Classe, 62ª Classe, 63ª Classe, 64ª Classe, 65ª Classe, 66ª Classe, 67ª Classe, 68ª Classe, 69ª Classe, 70ª Classe, 71ª Classe, 72ª Classe, 73ª Classe, 74ª Classe, 75ª Classe, 76ª Classe, 77ª Classe, 78ª Classe, 79ª Classe, 80ª Classe, 81ª Classe, 82ª Classe, 83ª Classe, 84ª Classe, 85ª Classe, 86ª Classe, 87ª Classe, 88ª Classe, 89ª Classe, 90ª Classe, 91ª Classe, 92ª Classe, 93ª Classe, 94ª Classe, 95ª Classe, 96ª Classe, 97ª Classe, 98ª Classe, 99ª Classe, 100ª Classe.

As estações de 1ª Classe, 2ª Classe, 3ª Classe, 4ª Classe, 5ª Classe, 6ª Classe, 7ª Classe, 8ª Classe, 9ª Classe, 10ª Classe, 11ª Classe, 12ª Classe, 13ª Classe, 14ª Classe, 15ª Classe, 16ª Classe, 17ª Classe, 18ª Classe, 19ª Classe, 20ª Classe, 21ª Classe, 22ª Classe, 23ª Classe, 24ª Classe, 25ª Classe, 26ª Classe, 27ª Classe, 28ª Classe, 29ª Classe, 30ª Classe, 31ª Classe, 32ª Classe, 33ª Classe, 34ª Classe, 35ª Classe, 36ª Classe, 37ª Classe, 38ª Classe, 39ª Classe, 40ª Classe, 41ª Classe, 42ª Classe, 43ª Classe, 44ª Classe, 45ª Classe, 46ª Classe, 47ª Classe, 48ª Classe, 49ª Classe, 50ª Classe, 51ª Classe, 52ª Classe, 53ª Classe, 54ª Classe, 55ª Classe, 56ª Classe, 57ª Classe, 58ª Classe, 59ª Classe, 60ª Classe, 61ª Classe, 62ª Classe, 63ª Classe, 64ª Classe, 65ª Classe, 66ª Classe, 67ª Classe, 68ª Classe, 69ª Classe, 70ª Classe, 71ª Classe, 72ª Classe, 73ª Classe, 74ª Classe, 75ª Classe, 76ª Classe, 77ª Classe, 78ª Classe, 79ª Classe, 80ª Classe, 81ª Classe, 82ª Classe, 83ª Classe, 84ª Classe, 85ª Classe, 86ª Classe, 87ª Classe, 88ª Classe, 89ª Classe, 90ª Classe, 91ª Classe, 92ª Classe, 93ª Classe, 94ª Classe, 95ª Classe, 96ª Classe, 97ª Classe, 98ª Classe, 99ª Classe, 100ª Classe.

**Taxa Nacional**  
 Cada despacho simples de 25 palavras 200\$ e cada  
 repeta paga a entre telegraphia 20 palavras 200\$  
 Por cada 5 palavras a mais 20\$







*Planeta do Rio  
da Cardiga*



# MAPPA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

Em 1 de Janeiro de 1895  
NO CONTINENTE E NO ULTRAMAR

PUBLICADO PELA  
**GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO**  
DE  
**PORTUGAL**  
REDACÇÃO R. DO LORETO-43  
LISBOA

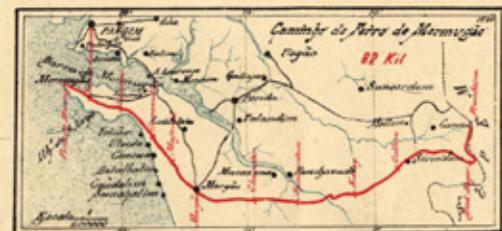
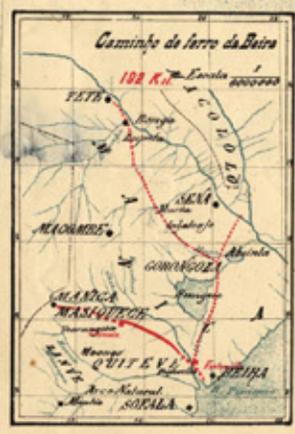
**LINHAS EM EXPLORAÇÃO**

ADMINISTRAÇÃO DO ESTADO

Sul e Sueste.	Kilometros
Sul — Barreiro a Faro.....	340
Ramal — Pínel Novo a Setúbal.....	18
Evora — Casa Branca a Estremoz.....	79
Sueste — Beja a Plas.....	43
<b>475</b>	
Minho e Douro.	
Minho — Porto a Fronteira de Valença.....	192
Ramal — Porto a Porto-Alfandega.....	4
— Nisa a Braga.....	15
Douro — Ermesinde a Fronteira de Barca d'Alva.....	192
<b>343</b>	
<b>Total das linhas do Estado... 818</b>	

**COMPANHIAS**

Companhia Real.	
Leste — Lisboa a Fronteira Badajoz.....	275,6
Ramal — Torre das Vargens a Fronteira de Valença d'Alcantara.....	71,7
Norte — Entrocamêta a Paris.....	229,6
Ramal — Coimbra B a Coimbra.....	1,7
— Cistara de Lisboa.....	9,0
Urbana — Lisboa-Rocio a Bifrostega de São Rias Cintra-Torres — Alcantara a Giestra e Torres Torres-Figueira — Torres a Figueira da Foz e Alfaiães.....	4,0
Cascaes — Alcantara a Cascaes.....	74,1
Beira Baixa — Abrantes a Bifrostega de Guarda.....	108,3
Beira Alta.....	23,9
Beira Baixa — Abrantes a Bifrostega de Guarda.....	211,9
<b>1.070</b>	
Companhia Nacional (vias reduzidas).	
Figueira da Foz a Fronteira de Villar Formoso.....	253
Mirandella — Faz Tua a Mirandella.....	55
Vizou — Santa Comba a Vizou.....	50
<b>105</b>	
Porto e Povoa e Famalicão (vias reduzidas).	
Povoa — Porto (Boa Vista) a Famalicão.....	58
Mattosinhos — Senhora da Hora a Leça.....	6
<b>64</b>	
Guimarães (via reduzida).	
Trefo a Guimarães.....	34
<b>34</b>	
<b>Total das linhas de companhias... 1.828</b>	
<b>Total da rede no continente... 2.344</b>	



**SIGNALES CONVENCIONALES**

- Cidade cabeça de distrito
- " " " concelho
- Cabeça de concelho
- Praga de guerra
- Estrada Real
- " districtal
- Caminho de ferro
- " " " em constr.
- " " " a construir

Escala de 1:500,000

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

N. 15.770

**DEPOSITADO**  
em conformidade com o art.º 604 do Código Civil, para gozar dos direitos de propriedade no mesmo Código consignados.

## A Comenda e a produção agrícola do Séc. XIII ao Séc. XVII

### A Cardiga no Tombo de 1504

Em 1504 é realizado um inventário dos bens de raiz da Cardiga com as suas demarcações e confrontações.<sup>81</sup> Neste tomo existe a primeira descrição dos espaços construídos no local da Cardiga de que há referência.<sup>82</sup>

De acordo com o documento a torre seria de planta rectangular de paredes auto-portantes em pedra caiada, organizada em três pisos, sendo o último com cinco por quatro varas ( $\pm 4,4 \times 5,5\text{m}$ ) uma construção recente. A cobertura e as lajes que dividiam os pisos seriam em madeira.

A entrada do exterior para a torre fazia-se, provavelmente, pelo primeiro piso através de uma escada construída no fosso antigo que rodeava a fortificação. Do primeiro piso aceder-se-ia ao segundo piso (o sobrado novo) por uma escada interior, que teria por baixo (no sobrado do meio) uma namoradeira, (“*janella d’asento*”) com portadas. A escada exterior de acesso ao primeiro piso teria um mainel<sup>83</sup> e existiria uma loggia ao nível do piso térreo.

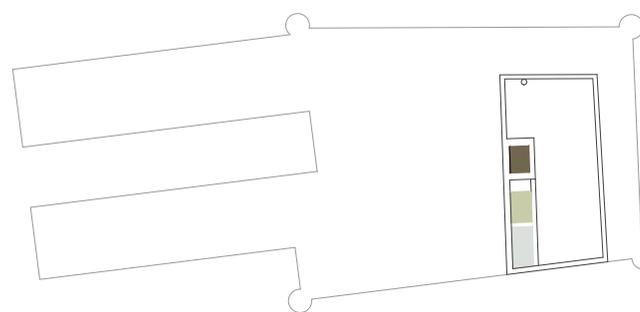
Contígua à torre existia um corpo de dois pisos. A sala de cima, com nove varas por quatro e dois terços, ( $\pm 9,9 \times 5\text{m}$ ) tinha a cobertura em telha vã e chão de madeira. Esta sala abria-se ao exterior a partir de três namoradeiras, e a vivência do espaço era direccionada para a chaminé que lá existia. No piso térreo deste corpo ficava a estrebaria com manjedouras de pedra e cal.

Contíguo a este corpo de dois pisos existia outro corpo anexo. No piso sobrado, deste corpo, encontrava-se a cozinha com cinco varas por quatro varas e três quartos ( $\pm 5 \times 4,4\text{m}$ ), descrita como tendo uma boa cobertura e uma chaminé de taipa<sup>84</sup> – uma capoeira e uma cantareira de pinho.<sup>85</sup>

Este piso relacionava-se com o exterior a partir de uma namoradeira. Por baixo da cozinha existia uma dispensa ladrilhada com a escada de acesso e mainel de pinho, descrito como estando em bom estado, o que sugere que este não seria novo.

Estas construções eram “guardadas” por uma muralha de taipa, com portal de entrada em pedra, que começava no canto norte da torre e configurava um recinto com 6 astis por 3 ( $\pm 16,5\text{m} \times 33\text{m}$ ) que terminava no canto sul da cozinha.

Os esquemas das figuras 45 e 46 foram produzidos de acordo com estas descrições e a partir do elemento que se sabe original e originador do conjunto – a torre. Assim, estudaram-se hipóteses de posicionamento dos corpos anexos e da muralha tendo a torre como elemento organizador.



- Torre
- Sala com lareira; Estrebaria
- Cozinha; Dispensa; Capoeira

fig.46 – Esquema de reconstituição da distribuição programática em 1504

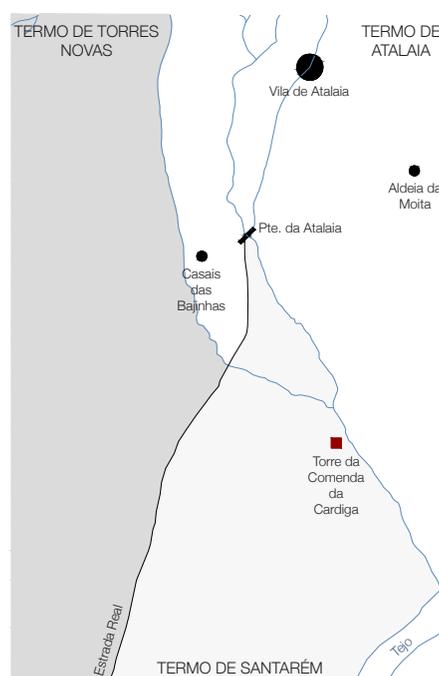


fig.47 – A região da Comenda da Cardiga, no séc. XVI (1504), antes da mudança do curso do rio Tejo

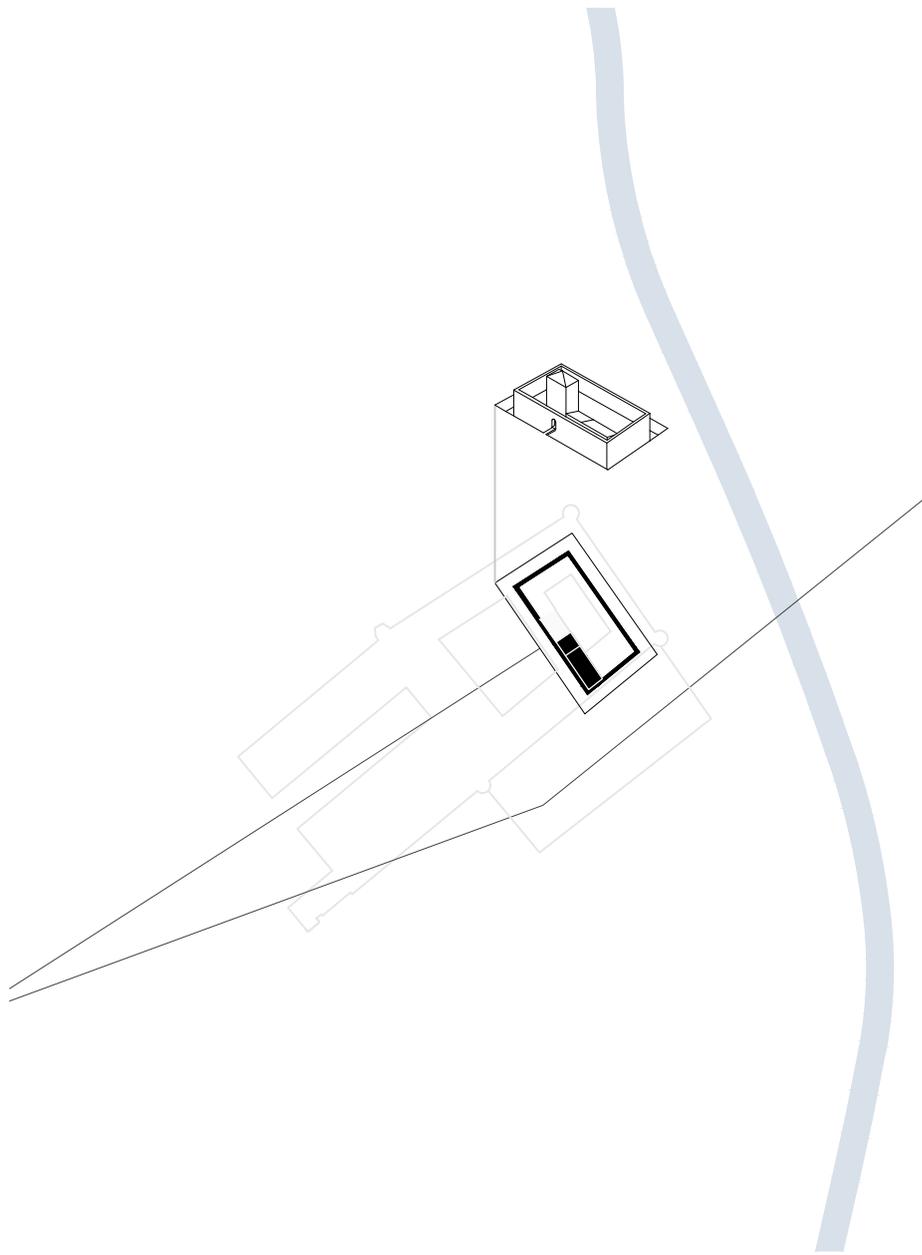
81 – Este tomo foi realizado na sequência de uma visita que iria durar 7 anos, e em que seriam visitados todos os terrenos e bens da Ordem de Cristo e feita a sua inventariação, bem como de todos os rendimentos e impostos

82 – Ver Anexo I

83 – O mesmo que corrimão

84 – Ver Anexo I «[...]hua chamine de sebe e bayrro[...]». Batista, Cardiga: De Comenda a Quinta Da Ordem de Cristo (1529 -1630), 43.

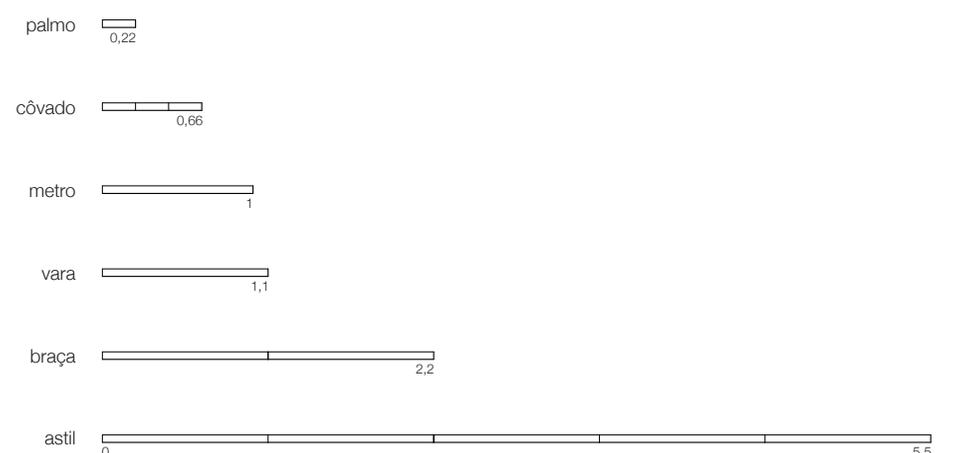
85 – Poial sobre o que se colocam os cântaros



Partindo das proporções dos corpos em planta, e da descrição da muralha à volta destes, podemos deduzir o seu posicionamento no núcleo central do palácio existente. Estas construções constituíram assim a matriz do palácio, com o perímetro da muralha a definir o espaço do pátio interior da residência seiscentista.

Apesar de não existir referência ao abastecimento de água nesta descrição é provável que existisse um poço dentro deste perímetro muralhado.<sup>86</sup>

Importa também referir a organização da grande exploração agrícola, já que esta foi fundadora do lugar, da sua permanência e evolução, constituindo um importante contributo para o trabalho de projecto a desenvolver. Assim, a partir dos registos do Tombo, podemos compreender que a grande exploração agrícola se organizava em unidades de exploração menores – os casais –, que distavam cerca de 1km uns dos outros. Todos tinham celeiros, já que em todos se produzia centeio e trigo, e alguns tinham adegas. Os principais cultivos eram o olival, a vinha e os pomares (ameixoeiras, pereiras, laranjeiras, figueiras, romãzeiras), para além do trigo e do centeio, que como já vimos, eram transversais a todos. Ao lado dos terrenos cultivados encontravam-se os “matos maninhos” dos quais se retirava lenha e mato para uso comum. Outros usos destas terras seriam o pasto para o gado; a coutada para caça; o sobral donde se retirava a lande, a lenha, a madeira para construir, etc.; as hortas; a pecuária e a avicultura e a criação de cavalos, para os trabalhos do campo, para deslocações e outros fins ligados às elites. O modelo de organização do espaço agrícola da comenda manteve-se relativamente estável até à sua dissolução e venda, no séc. XVIII, na sequência das revoluções liberais, e, conseqüentemente, da extinção das ordens religiosas.<sup>87</sup>



86 – Será o poço construído no séc. XVII (actualmente existente) o aproveitamento de um poço mais antigo, do período templário?

87 – “a estrutura agrária do país aparece-nos delineada desde o fim da Idade Média e modelada, quase até aos nossos dias por condições e possibilidades naturais, demográficas, económicas e sociais.” *Rau, “A Grande Exploração Agrária Em Portugal a Partir Dos Fins Da Idade Média,”* 67–68.

fig.48 – Esquema de reconstituição planimétrica e volumétrica em 1504

fig.49 – Comparação de unidades de medida

## A Comenda e a produção agrícola do Séc. XIII ao Séc. XVII

### O desvio do Tejo em 1545

Em Julho de 1545, por ordem de D. João III e a pedido do seu irmão, o Infante D. Luís, o rio Tejo foi desviado cerca de 1km para norte, desde Pinheiro até Tancos.

O grande projecto de engenharia deveu a sua origem à quantidade de areia que era arrastada pelo curso do rio, de Tancos até Santarém e Almeirim, e às cheias que destruíam as colheitas e as plantações, e matavam o gado e a caça, prejudicando várias povoações ao longo desse troço do seu curso, causando grandes prejuízos, em particular, ao Infante, que detinha vastas propriedades ali contíguas.

O rio Tejo corria por onde hoje corre, até chegar ao ponto onde se liberta das margens definidas pelos montes da Carregueira e do Arripiado ( $\pm$  cota 180) e se espraiava na lezíria ( $\pm$  cota 19), seguindo o seu curso junto ao monte de Pinheiro até chegar à Chamusca, onde, a partir daqui, coincidia com a sua situação actual.<sup>88</sup> Os terrenos na sua margem direita, durante esse troço de 10km (entre o Arripiado e a Chamusca), constituíam a *Lezíria da Martintina*, que pertencia à Comenda da Cardiga. No ponto de transição do rio para a lezíria (mais a montante), pela sua planura, existia uma lagoa rasa, de águas paradas, chamada *Lagoa Fedorenta*.<sup>89</sup>

A obra hidráulica foi planeada de forma a alinhar o novo curso do Tejo com a lagoa insalubre, melhorando o seu fluxo e diminuindo o depósito de areias a partir daquele ponto. A este novo curso, que atravessava a meio os terrenos de cultivo da Cardiga, deu-se, mais tarde, o nome de *Tejo do Meyo*,<sup>90</sup> já que este traçado se iria manter apenas por 15 anos.

A zona de entulhamento do leito original terá sido transformada em coutada. Na água que ainda corria no antigo braço do rio era proibido pescar ou navegar, já que estas actividades poderiam implicar movimentações de areias, em solos ainda sensíveis e instáveis pelas recentes transformações.<sup>91</sup> No entanto, com as chuvas dos anos seguintes o rio foi-se desviando progressivamente para norte<sup>92</sup> até chegar às construções da Quinta da Cardiga transformando drasticamente o desenho e a relação do novo palácio, em processo de construção, na aproximação a esta nova frente de água.<sup>93</sup>

Este desvio, deu-se sobretudo pela posição topográfica da *Lagoa Fedorenta*, que estando a uma cota mais elevada do que o leito escavado pelo homem, encaminhava a água para norte, para a zona mais baixa junto às *Cazas da Cardiga*, aquando as primeiras cheias.<sup>94</sup> A curvatura acentuada do rio neste troço provocou

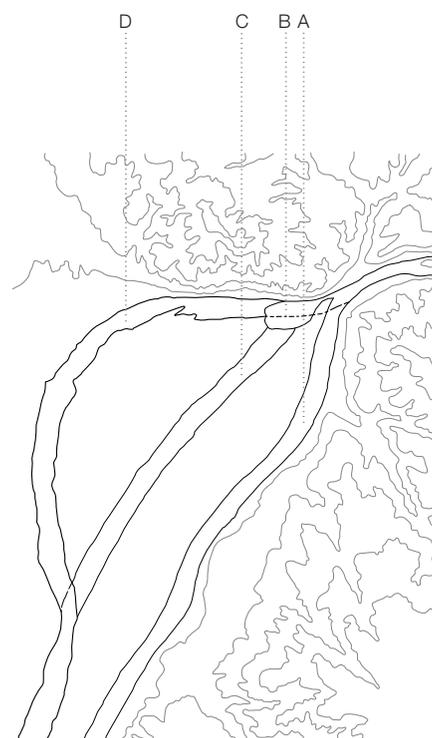


fig.50 – Alteração do curso do Rio Tejo em 1545

- A – Curso do Tejo até 1545
- B – 'Lagôa Fedorenta' – existência antes de 1545
- C – Curso do Tejo após alterações em 1545
- D – Curso actual do rio Tejo

fig.51 – pág.ao lado: Ortofotomapa das várias fases de transformação do curso do Rio Tejo no séc. XVI

88 – Dias, "Uma Grande Obra de Engenharia Em Meados Do Século XVI: A Mudança Do Curso Do Rio Tejo. Sep. De.," 67–68.

89 – Batista, *Cardiga: De Comenda a Quinta Da Ordem de Cristo (1529 -1630)*, 53

90 – É possível verificar a existência deste topónimo no "Mappa topografico dos campos da Martentina e Cardiga", de 1775 (DIE) e no "Mapa do Tejo" de 1853 (ANTT). No primeiro aparece também o topónimo de "Lamprieira" para designar os vestígios desse braço de água.

91 – Azevêdo, "A Utilização Dos Dados Históricos No Estudo Das Cheias Do Tejo," 72.

92 – Já existia um braço do Tejo que seguia por norte, coincidente com o actual curso do rio, e que ia até à lagoa fedorenta. Batista, *Cardiga: De Comenda a Quinta Da Ordem de Cristo (1529 -1630)*, 57.

93 – «Da mudança do Tejo para a parte da Fedorenta, por donde agora vai o dito Tejo, foi da Cardiga que é do Convento de Tomar, da maneira que lhe tem levado a maior parte do dito campo, e livaria [sic] o que lhe tem levado o dito Tejo alguns quarenta moios de pão de sementeira. E cada ano lhe leua ainda agora tanto que, quando o Tejo ia pela outra parte, da Cardiga ao Tejo havia um grande espaço, tanto que, quando os Padres haviam de ir embarcar em algum barco por não poderem ir a pé, iam em cavalgaduras e agora vai já por junto das casas da Cardiga.» Jorge Lopes, *tabellão de Tancos*. Dias, "Uma Grande Obra de Engenharia Em Meados Do Século XVI: A Mudança Do Curso Do Rio Tejo. Sep. De.," 70–72.

94 – Azevêdo, "A Utilização Dos Dados Históricos No Estudo Das Cheias Do Tejo," 76.

95 – *Ibid.*, 75–76.

96 – "Biblioteca Nacional, Cartografia, Mapa de Portugal, escala 1/50 000, 1900, fl16, assinala a dita ribeira, no meio do campo da Cardiga, assim como outros anteriores." Batista, *Cardiga: De Comenda a Quinta Da Ordem de Cristo (1529 -1630)*, 70, nota 21.

a erosão dos terrenos de cultivo da comenda e contribuiu para a alteração da sua morfologia, de caracteristicamente anastomosado para um leito definido e confinado, devido à acumulação de areias na sua margem esquerda, que inviabilizou a formação natural de simultâneas linhas de água.<sup>95</sup>

Após a estabilização do Tejo, na sua posição actual, continuou a existir no lugar do antigo curso, uma linha de água que recolhia a água das ribeiras a sul e a que chamavam o Tejo Velho. Este existiu até ao início do séc. XX.<sup>96</sup>

«mandou el-rei D. João o 3.º, a requerimento do Infante Dom Luís, mudar o dicto rio Tejo tirando-o do alveo a que hoje se chama Tejo Velho, mudando-lhe a corrente para o Tejo Novo por motivo de coitar o Ímpeto das areias que carregavam as lezírias das Barrocas que ficavam por cima de Santarém».

[...]

«Para a mudança do dito Tejo que custou muito trabalho e muito gasto e vieram muitos Mestres e homens de despejança digo de experiência e trabalharão mais de vinte trinta mil homens por tempo de Julho que acarretaram calhaus e outros entulhos que custou muito dinheiro» Dias, Ensaio de História Moderna, 155–56.





fig.52 – "Mapa topografico dos campos da Martentina e Cardiga [...]", 1775



Lagar de Luis Vas

ARNEIRO

Lugar da Carregueira

ARNEIRO

VINHAS

ALTOS

Ribeiro da

OSMOXOINS

SERRA DA MARTINTINA

TEJO

Raivoza

ESTREMA DA DE MARCAÇÃO QUE FEZ O D.º FR.º FR.º NOBRE SENDO CORREGD.º DE S.º M.º

VINHAS

ALAMPRIEIRA OU TEJO DOMEIO

ALEZIRIA VINHAS

A POR CONTA DA CROA QUE FEZ O D.º FR.º FR.º NOBRE SENDO CORREGD.º DE S.º M.º

Bocal antigo de hum Poço  
Chamado a este Cúcio Q.º de D. Clara

VINHAS

Area

Esta é a Velha  
MAÇAM  
Entrada Velha da  
Golegam

AREAES

AREAES

TEJO

S.º Caeetano  
SUSMARIAS

LUGAR DA BARQUINHA

QUINTA DA CARDIGA

OLIVAIS

Olivaes

QUE EXISTE DE CAMPO

PAUL

ou de 1000 Varas

Olivaes

Cazal de Torrinha

M.º Celado

## A Comenda e a produção agrícola do Séc. XIII ao Séc. XVII

### O palácio no Séc. XVI e outras obras

*«Se a arte do homem medieval português não se pode inscrever no gótico europeu pelas suas fortes tradições mediterrânicas e islâmicas, o homem do tempo dos descobrimentos, deslumbrado pelo luxo e requinte da África islâmica, assim como pela descoberta progressiva de um mundo que se abria, olhará o renascimento europeu e para a sua meditação abstracta como um mero espectador; mais como uma questão de gosto, uma moda, que um sentido profundo de expressão de um universo interior.»<sup>97</sup>*

Cerca de 1540, durante o reinado de D. João III (1521-1557) são iniciadas as obras de ampliação<sup>98</sup> da casa nobre que hoje se encontra edificada.

Esta intervenção nas casas da comenda deveu-se à estadia assídua da família real na Cardiga, durante este período, já que esta servia de paragem para descanso no caminho entre Almeirim, onde a Corte se encontrava e Tomar, onde estavam em curso as obras de ampliação e reformulação do Convento de Cristo<sup>99</sup> por consequência das reformas espirituais da própria Ordem.<sup>100</sup> As obras foram levadas a cabo pela ordem de Frei António de Lisboa, prior do Convento de Cristo e Reformador da mesma Ordem, quando esta se transformou de clerical (freires-militares) para monacal (monges de clausura).

*«Fez [Frei António de Lisboa] mais as casas da Cardiga tam grandes e sumptuosas que não so a/ vista o mostrão, mas dentro se vê quão capazes para agazalhar a hum Rey e Rainha, privados e mais senhorese chusma que acompanhava o Rey. O que o obrigou a fazer isto foi porque como a devoção mais hia crescendo, e augmentandosse no dito Rey, que queria estar sempre/ com os novos Religiosos para que lhe ficassem mais faceis as jornadas/ de Almeirim ao Convento [de Tomar]. Fez estas cazas [da Cardiga] que de Almeirim pode ser/ tres legoas e meia e da Cardiga ao Convento tres e assi com facilidade / se andava este caminho que ao Rey facilitava o desejo que tinha / de o andar».»<sup>101</sup>*

O documento “*Descrição das Cazas desta Quinta*”,<sup>102</sup> presente no Arquivo da Cardiga, e transcrito por Luís Batista<sup>103</sup> oferece-nos um testemunho essencial da composição morfológica das “Cazas” da Cardiga, no século XVI. Partindo da sua análise, e apoiando-nos em estudos de Helder Carita, Maria de Lurdes Craveiro e Rafael Moreira, acerca da casa nobre no contexto da arquitectura do Renascimento em Portugal, simultaneamente com a exploração das plantas, cortes e alçados do palácio na actualidade, propomos uma hipótese de organização do conjunto à data da construção do palácio que se traduz no esquema da página ao lado e das páginas seguintes.

97 – Carita and Cardoso, *Oriente e Ocidente nos Interiores Em Portugal*, 25.

98 – Entre 1540 e 1548. Batista, *Cardiga: De Comenda a Quinta Da Ordem de Cristo (1529 -1630)*, 117.

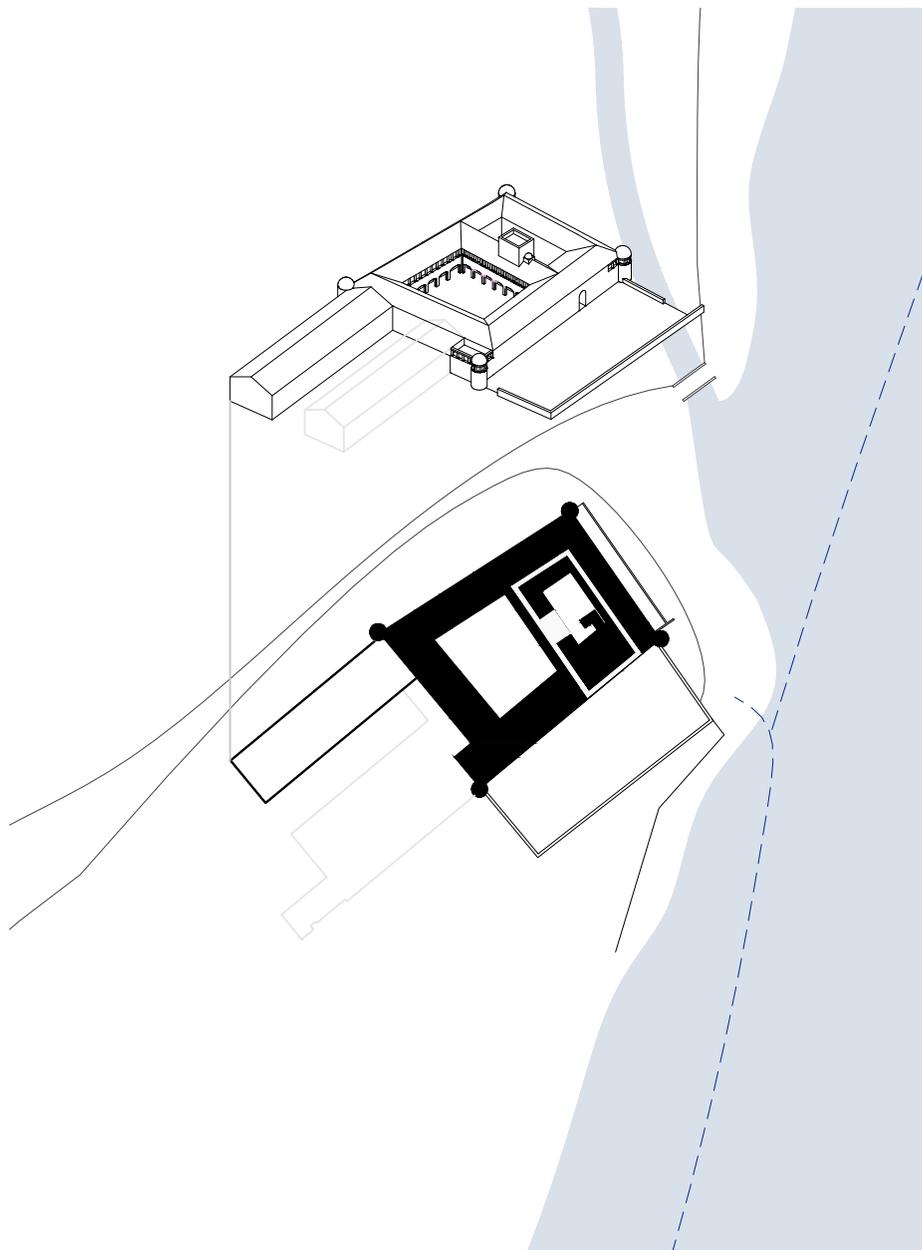
99 – Apesar da crise em Portugal durante o reinado D. João III, houve um investimento grande em obras públicas e dada a própria religiosidade do rei, as obras de Tomar seriam priorizadas.

100 – Batista, *Cardiga: De Comenda a Quinta Da Ordem de Cristo (1529 -1630)*, 116.

101 – *Ibid.*, 116, nota 452.

102 – Vide ‘Anexo II: Descrição Dascazas Desta Quinta’

103 – Batista, *Cardiga: De Comenda a Quinta Da Ordem de Cristo (1529 -1630)*.



Cabe-nos, mais uma vez, reforçar que só a partir de prospecções arqueológicas seria possível aferir a similitude da proposta com o que foi construído no séc. XVI.

É possível imaginar a aproximação ao conjunto por via fluvial, já na segunda metade de Quinhentos. Seguindo pelo Tejo, numa pequena embarcação, a torre da original fortificação, agora no centro do palácio, “*na altura de sorte que bem sedeixa ver nadistancia de tres legoas e mais*”,<sup>104</sup> anuncia a obra humana.

Chegando pelo rio atracava-se na margem do Tejo em solo brando. Ao sair do barco, em direcção ao grande muro de contenção, que conformava o limite das “*Cazas*” da Cardiga, subia-se então ao pátio de fora, grande “*varanda*” sobre a água do Tejo e ao fundo os campos de cultivo. Este pátio de fora recebia os habitantes e visitantes da comenda, e era a partir dele que se tinha acesso ao interior do Palácio.

Quatro torreões cilíndricos “*fechadas de abobedas por cima*” de inspiração militarista, ainda que de modo mais representativo e simbólico do que utilitário, marcam, ainda hoje, os momentos de intersecção entre os panos das quatro fachadas, nas “*quatro quinas*” do palácio produzindo um efeito de unidade, enquanto conferem um carácter resistente e forte à construção de tijolo e cal. O edifício aparenta ser uno, íntegro, uma casa-forte.

Dois dos quatro torreões, no entanto, aligeiram o seu pesado e maciço semblante ao permitirem abrir-se/olhar, adiantados, para o grande plano de água recentemente aproximado, o Tejo, que espelha o céu (divino) – “*abertas detodas as bandas ao redor com suas columnas tambem de pedras lavradas.*”

Estas *loggias* nos extremos da fachada principal marcavam o andar nobre do palácio, tal como as entradas para o seu interior, enquanto articulavam o programa interior com a estrutura morfológica do exterior e a paisagem.<sup>105</sup>

A entrada principal para o interior do palácio era feita por intermédio de um pátio mais pequeno, na seqüência do pátio de fora. No momento de entrada atravessava-se um espaço longitudinal abobadado até esse “*pateo para onde seentra doque tem aentrada principal*”, com a espessura do volume construído, onde se teria acesso ao Oratório “*muito bem ornado de todaadescencia de vida oqual tem hum altar em que todos osdias sedis missa*”. Esta descrição leva-nos a crer que este seria um género de capela associada à habitação religiosa e que teria importância e dimensão dentro do conjunto físico e na população vizinha,<sup>106</sup> cujo meio de sustento estava dependente e era controlado pelos Freires da Cardiga.

104 – Cerca de 20km

105 – Carita and Cardoso, *A Casa Senhorial Em Portugal: Modelos, Tipologias, Programas Interiores e Equipamento*, 90.

106 – Apesar de não dispormos de informação que nos assegure se seria de uso exclusivo dos freires ou se seria aberto à população.

fig.53 – Esquema de reconstituição planimétrica e volumétrica do novo palácio

O texto informa-nos que as divisões contíguas ao oratório tinham funções administrativas e de acomodação de visitantes, bem como de apoio às liturgias.<sup>107</sup> Destes espaços podia chegar-se a uma varanda existente na ala nascente do palácio, pela qual se tem acesso pelo torreão nascente: “*daparte de fora dodito Oratorio lhe fica outra varanda, efronteira atorre por onde se vai para ella, que tem seu Relogio de Sol pela parte defora da banda do Nascente muy proxima ao Tejo em cujas cazas assistem os Relligiosos que administrão, e Governão as couzas pertencentes adita Quinta, e seacomodão todos os mais que della vem ter brevias, e hospedes de toda a qualidade.*” Também nessa ala, no piso térreo, se encontrava o dormitório<sup>108</sup> dos freires da Cardiga.

Do pátio pequeno subia-se por uma escada exterior, “de tradição autóctone”,<sup>109</sup> em dois lanços, destacada do corpo do edifício no topo sul, levando directamente ao primeiro piso.<sup>110</sup> Chegados a uma varanda que precede a entrada nas “*ditas cazas*”, entrava-se directamente numa câmara de recepção<sup>111</sup> e a partir desta adentrava-se, na ala nascente, nos espaços mais íntimos do palácio, de acomodação da família real e outros dignatários da Ordem. De acordo com a lógica de organização programática proposta por Carita na sua obra *A Casa Senhorial em Portugal*, “As lógicas de distribuição interna da casa senhorial nesta época obedecem a um padrão em que as estéticas clássicas, emergentes no século XVI, parecem adaptar-se a antigos modelos de organização dos programas distributivos de cariz tardo-medieval, baseados numa sequência de espaços com funções específicas interdependentes, que se definiam numa sequência de *salla, antecâmara, câmara e guarda-roupa.*”<sup>112</sup> Gradualmente, quanto mais se adentrava no interior da casa mais privados seriam os espaços. As *câmaras*<sup>113</sup> combinavam em si várias funções distintas caracterizando-se assim pela sua não-especialização e pela uniformidade nas suas dimensões e proporções. Continuavam a fazer-se uso de tapeçarias e tecidos para a configuração e compartimentação dos espaços, conferindo uma volatilidade e mesmo efemeridade ao espaço habitável.

Esta herança medieval presente na tipologia da casa nobre renascentista, conflui em espaços polifuncionais, que produzem uma itinerância pelo espaço interior casa, sendo que estas constituíram o cenário ao modo de habitar em Portugal até meados do séc. XVIII.

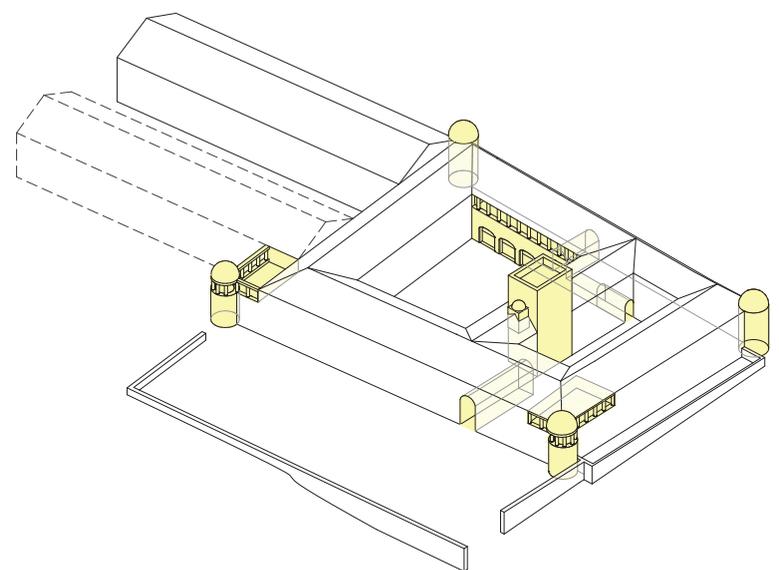


fig.54 – Esquema de reconstituição da volumetria do novo palácio e elementos fundamentais

fig.55 – Fotografia do Pátio Grande, que mostra a relação entre a torre e a arcada, na qual existia uma varanda no piso superior

107 – O posicionamento da Sacristia junto a estes espaços não aparece descrito no texto. Em conversas informais com um dos actuais donos da Quinta foi explicada a organização daquelas dependências antes da alteração da posição da capela no século XIX.

108 – Batista, *Cardiga Ou a História de Uma Quinta (1169-2019)*, 131.

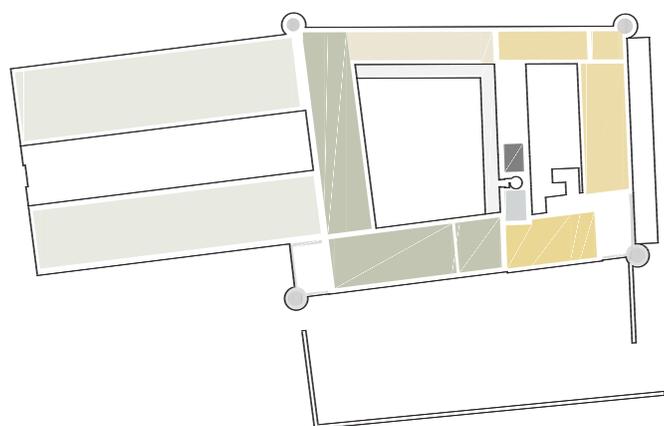
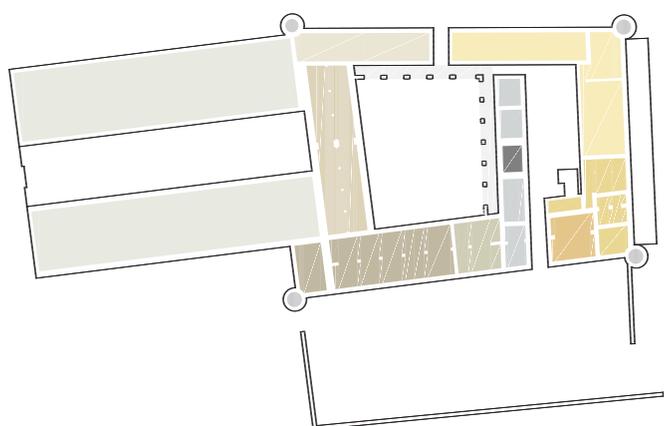
109 – Carita and Cardoso, *A Casa Senhorial Em Portugal: Modelos, Tipologias, Programas Interiores e Equipamento*, 111.

110 – «[...] a escada aparece em exemplares híbridos e de influência erudita e, se bem que obviamente destinada a atingir a habitação directamente do recinto de entrada, constitui um sinal exterior de abundância – mostra que existe um piso inferior destinado a apoios e serviços – o que é confirmado sempre pela existência, sempre, de uma escada interior secundária». Caldas, *A Casa Rural Dos Arredores de Lisboa No Século XVIII*, 64.

111 – *Ibid.*, 68–69.

112 – Carita and Cardoso, *A Casa Senhorial Em Portugal: Modelos, Tipologias, Programas Interiores e Equipamento*, 134.

113 – «À medida que a casa aumenta torna-se maior o número de compartimentos sem que tal implique a sua especialização. É difícil afirmar que determinadas divisões eram salas ou quartos e é natural, até, que servissem alternada ou concomitantemente de uma e outra coisa. [...] Sabe-se que, na região de Lisboa, as casas senhoriais tinham “câmaras” onde se dormia, se escrevia ou se costurava, se recebia e comia em particular.» Caldas, *A Casa Rural Dos Arredores de Lisboa No Século XVIII*, 68–69.



- Torre
- Cozinha; Dispensa; Capoeira; Estrebaria
- Oratório
- Administração
- Acomodação
- Varandas com Arcadas por baixo
- Lagar de Azeite
- Lagares de Uvas
- Adega e Armazém de Azeite
- Celeiros
- Lojas
- Vacaria

114 – «Como se vinha desenhando no período filipino, a casa vai como que sofrer uma pseudometamorfose. Ao alinhar-se formalmente num programa rigoroso aparentemente racionalista de acordo com a moda dita “à romana”, ela parece adoptar os conceitos espaciais europeus. Porém o interior mantém-se desligado destes princípios, recolhendo-se num esquema orgânico de inter-relações com o pátio, galerias e jardins envolvidos de altos-muros. Fria e austera, sem grandes aberturas ao nível da rua a não ser o grande portal de entrada, a fachada mantém-se como uma barreira entre o exterior e o interior em paralelo com a igreja, como elemento de contenção dum espaço criado sobre si próprio.» *Carita and Cardoso, Oriente e Ocidente Nos Interiores Em Portugal, 88–89.*

115 – Tendo em conta que para além de centro administrativo da comenda, esta, pertenceu ao infante D. Luís e foi utilizada como alojamento real, podemos justificar as decisões de Frei António de Lisboa e de João de Castilho na presença dos elementos comuns a quintas de recreio da fidalguia numa casa religiosa/na espacialidade associada ao lúdico, ao recreio.

116 – *Craveiro, A Arquitectura “Ao Romano,” 9:108.*

fig.56 – Esquema de reconstituição da distribuição programática do novo palácio

O documento refere ainda “*duas Varandas d’bastante grandeza, huma detreze Columnas, e outra de dezanove depedra com seus vãos por baixo*”. Associamos as varandas a espaços de galeria que se situavam sobre as duas arcadas, de arcos abatidos, do pátio grande.

No entanto hoje-em-dia o primeiro-andar encontra-se fechado, o que poderá ter sido consequência da generalização do encerramento dos espaços lúdicos no momento da Contra-Reforma católica durante a Dinastia Filipina, em Portugal.<sup>114</sup> Tendo em conta que esta é uma construção pertencente a uma Ordem religiosa, sentiu e integrou primeiro as transformações arquitectónicas paralelas às transformações ideológicas da Igreja. Nestes elementos traduzem-se as motivações do que foi um período de transição no território nacional, entre a introspecção e a abertura a novos mundos.

Não existe aqui, à semelhança de outras importantes casas nobres, o elemento de água desenhado e configurado pelo homem, pelo menos não na relação arquitectónica próxima e formal com o palácio edificado, pois sabemos da existência de tanques para regar os pomares e hortas. Podemos justificar esta ausência com o facto do conjunto não se centrar tanto na função recreativa, apesar de configurar alguns elementos comuns à tipologia das Quintas de Recreio,<sup>115</sup> para descanso do rei, mas centrar-se sobretudo na função agrícola associada à religiosidade, sendo esta o centro administrativo de uma grande unidade de exploração agrícola. Em alternativa, podemos especular, que o próprio rio Tejo funcionasse como o grande plano de água comumente associado aos lagos artificiais dispensando-se aqui a construção dessas infraestruturas por este já acumular em si tanto o carácter lúdico e plástico como o funcional, no fornecimento de alimento e energia e ao constituir a grande via de comunicação. Não será o Tejo, elemento de grande chegada à quinta, “o verdadeiro espelho de consagração humanista”<sup>116</sup> da relação de equilíbrio entre homem e natureza?

Maria de Lurdes Craveiro propõe que as obras da Cardiga inicialmente tiveram a orientação de João de Castilho,<sup>117</sup> à data, director superior das obras do Convento de Cristo em Tomar e mestre-de-obras d'el Rei desde 1528.<sup>118</sup> No entanto este morreu antes da sua conclusão, c. 1551,<sup>119</sup> o que leva a crer que o resultado final é obra dos mestres construtores que com ele trabalhavam.<sup>120</sup>

Cerca de 1533 João de Castilho ocupava-se das obras de melhoramento de dois paços reais em Lisboa, o Paço Real da Ribeira e o Paço Real de Santos. Nos dois palácios, a sua intervenção passou pela utilização de varandas pontuadas por torreões,<sup>121</sup> que permitiam uma vista ampla sobre o rio, estruturando as fachadas e articulando o programa interior dos palácios com a paisagem. Estas varandas funcionavam como espaços representativos, para que D. João III e família real pudessem ser vistos pelos seus súbditos, para se mostrarem ao povo numa posição de superioridade, de cima para baixo.

Através da Iluminura da Cidade de Lisboa, da autoria de Simão de Bening e António de Holanda, na primeira metade do séc. XVI,<sup>122</sup> conseguimos divisar o Paço Real de Santos, já com as obras levadas a cabo por João de Castilho. A varanda virada ao Tejo e ao horto, cercado por um muro protegido por dois torreões nos seus ângulos, em confronto directo com a massa de água do rio, encontra uma relação directa com o projecto para a Cardiga.

A obra “Santos Mártires Veríssimo, Máxima e Júlia - Desembarque em Lisboa”, pintura de Garcia Fernandes (activo 1514-1565), mostra-nos, em segundo plano, o aspecto do Paço Real da Ribeira após a intervenção de Castilho, com a sua varanda pontuada pelo torreão no seu limite. Este *modus operandi* para os projectos de João de Castilho para a família Real, não é exclusivo mas antes sintomático dum momento em que a arquitectura civil nobre em Portugal representava a ideia de abertura ao um mundo agora “expandido” pela empresa dos Descobrimientos e em que o espaço de representação social ganha especial relevância, estando o rei, já não protegido e oculto no seu reduto, na sua torre, mas numa relação contemplativa e de acolhimento da própria natureza, influência das teorias clássicas que ressurgiram na Europa desde o séc. XV<sup>123</sup> e talvez, também do contacto com as culturas orientais que procuram a harmonia entre Homem e Natureza.



fig.57 – Paço Real de Santos, 1ª metade do séc. XVI

fig.58 – Paço Real da Ribeira, c.1530

117 – Serrão and Almeida, *O Renascimento e o Maneirismo (1500-1620)*, 3:61.

118 – Vide ‘Anexo III’

119 – Viterbo, *Dicionário Histórico e Documental Dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*. Reprodução Em Fac-Simile Do Exemplar Com Data de 1899 Da Biblioteca Da INCM., 1-A/G:201.

120 – Encontrámos apenas um documento que poderá ligar João de Castilho à ‘Cardiga’. Uma carta, transcrita por Sousa Viterbo no seu “*Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores portugueses*,” do arquitecto João de Castilho ao rei D. João III, em 1548, que dá conta dos atrasos nas obras de Tomar e dos seus motivos, devido à “*falta de caretos : que tres mezes há que a esta obra [Convento de Cristo] não veeo carada de pedra, por que alguns que há, posto que são bem poucos, levão pedra pera a Cardiga e cazas Dallmeirim*” *Ibid.*, 1-A/G:198.

121 – De notar que a génese da intervenção do Paço da Ribeira é de Diogo de Arruda.

122 – Iluminura de Simão de Bening e António de Holanda in *Genealogia dos Reis de Portugal*. fl.8. Desenho da 1ª metade do séc. XVI. British Library, Londres. Add. Ms.12531

123 – “Re-descoberta” do tratado ‘*De Architectura*’ de Vitruvius em 1414 por Poggio Bracciolini e tradução e edição em 1486 por Fra Giovanni Sulpitius



fig.63 – Charolinha, Mata dos Sete Montes, Tomar. A autoria de João de Castilho

fig.64 – Varanda, Quinta da Cardiga, Golegã. Atribuído a João de Castilho

fig.59 – à esq. em cima: Adegas dos Frades, Quinta da Cardiga, Golegã. Atribuído a João de Castilho

fig.60 – à esq. em baixo: Claustro da Micha, Convento de Cristo, Tomar. A autoria de João de Castilho

fig.61 – à dir. em cima: Claustro das Necessárias, Convento de Cristo, Tomar. A autoria de João de Castilho

fig.62 – à dir. em baixo: Adegas dos Frades, Quinta da Cardiga, Golegã. Atribuído a João de Castilho

124 – Construção colossal e pesada. “mole”, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]*, 2008 2020, <https://dicionario.priberam.org/mole> [consultado em 12-10-2020].

125 – .Craveiro, *A Arquitectura “Ao Romano,”* 9:52.

126 – Viterbo, *Dicionário Histórico e Documental Dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses. Reprodução Em Fac-Símile Do Exemplar Com Data de 1899 Da Biblioteca Da INCM.,* 1-A/G:198.

127 – “Construir “ao romano” apela, antes, a uma chamada de atenção para uma cultura classicizante que chega a Portugal não exclusivamente pela via da Itália, nem, muito menos, se confina aos primeiros anos do reinado de D. João III. A condição “ao romano” implica uma consciência intelectualizada de espaços e formas que se vai progressivamente assumindo ao longo de uma “Idade Média” que, na realidade, fez conviver autores e saberes clássicos com formas construtivas que captaram outros sentidos construtivos. No reinado de D. Manuel, a terminologia “ao romano” aparecia então cristalizada nas fórmulas contratuais, indicando uma vontade explícita em oposição à sensibilidade gótica e abrindo caminho a uma decoração que firmava uma identidade mais global através da integração do ornamento de matriz classicizante.” *Craveiro, A Arquitectura “Ao Romano,”* 9:7.

João de Castilho ‘projecta’ a Cardiga no último estágio da sua vida, enquanto dirige as obras do convento de cristo em Tomar. Entre 1530-1543 “teve a incumbência de regularizar a mole<sup>124</sup> caótica dos espaços construídos até então em Tomar e conciliá-la com a reforma projectada, ao mesmo tempo que assegurava o recato necessário aos espaços dos religiosos controlados por frei António”,<sup>125</sup> que retomou, com certeza, em 1548 até 1551, data da sua morte.<sup>126</sup>

O palácio da Cardiga apresenta uma planta rectangular trapezoidal organizada em volta de dois pátios. O primeiro pátio, pequeno, serve de apoio à zona habitacional e nobre do conjunto. Organiza em seu torno o dormitório dos freires, o oratório, os aposentos para o rei e família real, e outros espaços de administração e de actividades essenciais à vida eclesiástica.

O segundo pátio, grande, organiza em seu torno as dependências de apoio à actividade agrícola – celeiros, adegas, palheiros.

Na transição entre estes dois “universos”, o da oração e repouso e o do trabalho encontra-se a génese do conjunto, a Torre. Inserida numa ala que faz a transição e divisão entre o utilitário/terreno e o transcendente, encontram-se aqui os espaços de cozinha (fogo) e cisterna (água).

Esta organização do palácio aceita já uma regularização dos seus espaços, num período de transição da arquitectura, de génese medievalista com influências do “manuelino-mudéjar”, para a arquitectura de renascimento italianizante, “ao romano”<sup>127</sup> que havia surgido ainda durante o reinado de D. Manuel I.

fig.65 – Solar de Água de Peixes, Alvito, Planta.  
Final séc. XV início séc. XVI

figs.66 e 67 – Solar de Água de Peixes, Alvito, vistas  
do pátio

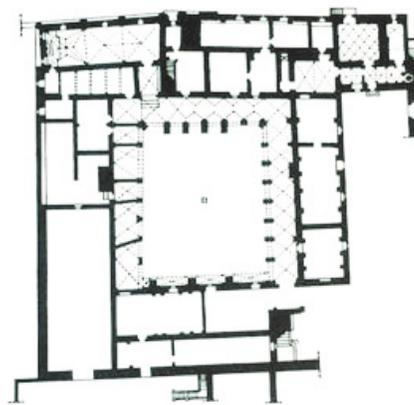


fig.68 – Quinta das torres, Azeitão, vista do tanque  
com *templeto*, c.1560

fig.69 – Quinta da Bacalhoa, Azeitão, vista aérea,  
1528-54

Da tradição da arquitectura nobre alentejana,<sup>128</sup> como é exemplo sumo o Solar de Água de Peixes, no Alvito, para as novas obras das elites na região da Lezíria Ribatejana,<sup>129</sup> a Cardiga apresenta-se já como exemplo renascentista, de uma maior clareza, planeada, num exercício de ordem aliada aos aspectos/componentes lúdicos de contemplação da natureza, da qual são exemplo máximo as varandas viradas ao Tejo, numa “ressonância palaciana que se aproxima da cultura arquitectónica veneziana.”<sup>130</sup>

“A estrutura de “palácio-fortaleza” ou os apelos da Natureza não são exclusivos da fidalguia. As ordens religiosas fabricariam também as condições de acesso ao superior estádio que combina a contemplação e o trabalho”<sup>131</sup> num momento em que persistem as Quintas de Recreio associadas à nobreza, como a Quinta da Bacalhoa ou a Quinta das Torres em Azeitão, como exemplo máximo da comunhão entre homem e natureza.

A ideia da casa-forte, com origens no Médio Oriente – Síria, Palestina – “viajou” com os templários até Portugal, desde o período da Reconquista e ganha fôlego nos finais de Quatrocentos, início de Quinhentos. O “Castelo Novo” de Vila Viçosa ou o Castelo do Alvito, por exemplo, incorporam a ideia de paço, com funções civis com alguma capacidade defensiva e são exemplo do hibridismo entre a arquitectura militar, civil e religiosa, que havia despontado no final do séc. XV durante o reinado de D. Manuel I e de que é exemplo a Ermida de São Brás, em Évora (c.1490).<sup>132</sup>

A herança vernacular e manuelina na Cardiga percebe-se também na dimensão plástica do palácio, em que um certo brutalismo de volumetrias geométricas e os efeitos de massas em superfícies lisas contrasta em momentos pontuais com a leveza da matéria, conseguida através da utilização de decoração na generosa abertura das loggias, numa reminiscência da arquitectura do início do séc. XVI no Alentejo.<sup>133</sup>

Durante o reinado de D. João III surge um interesse mais aprofundado pela arquitectura “ao romano” e por teorias da arquitectura que começavam a ter impacto em Portugal, tais como as *Medidas del Romano* de Diego Sagredo e o Tratado de Alberti, *De Re-Aedificatoria* mandado traduzir especialmente pelo rei já no ano de 1535.<sup>134</sup>

128 – A influência das casas senhoriais do Sul de Portugal ganha fôlego com o estabelecimento das Cortes em Évora durante os reinados de D. João II, D. Manuel I e D. João III e um consequente investimento arquitectónico na capital alentejana do reino. Naturalmente as influências orientalizantes que se sentiam na arquitectura civil do Alentejo são levadas até ao Ribatejo para o paço de Almeirim e para as casas da Cardiga, espaço de repouso do rei D. João III neste período.

129 – Como explica Aurora Carapinha acerca do investimento da nobreza na produção agrícola durante o séc. XVI: “De facto, foi todo o ambiente económico e social gerado pelo movimento das descobertas, de riqueza efémera, que proporcionou a onda de construção de casas de campo a partir dos meados de quinhentos. As quintas, que pelas convulsões e modificações económicas e sociais dos séculos XIV e XV, tinham passado para as mãos de rendeiros e dos lavradores, pouco a pouco, a partir do século XVI, passaram novamente à posse dos nobres, dos funcionários administrativos e de aventureiros regressados da Índia, que investiam grande parte das suas economias na compra de terra por considerarem que só este tipo de investimento oferecia segurança e conferia prestígio.” Carapinha, “*Da Essência Do Jardim Português*,” 195–96.

130 – Craveiro, *A Arquitectura “Ao Romano,”* 9:30.

131 – *Ibid.*, 9:111.

132 – “O monumento, projectado por mestre desconhecido, é particularmente inovador na utilização de um estilo manuelino-mudéjar tipicamente alentejano, com sucessão de volumes escalonados, robustos e coroados por merlões, e inaugura na cidade a utilização, depois largamente divulgada em monumentos de todo o Alentejo, de elementos arquitectónicos como os contrafortes cilíndricos com coruchéus cónicos (PEREZ EMBID, Florentino, 1955, p.134).” “*Ermida de São Brás.*”

133 – Moreira, *A Arquitectura Do Renascimento No Sul de Portugal: A Encomenda Régia Entre o Moderno e o Romano,* 166.

134 – As obras de arquitectos como Giuliano da Sangallo, fizeram o seu caminho até Portugal podendo considerar que este teve um papel influenciador na organização regularizada dos espaços das casas nobres ainda durante o séc. XVI.

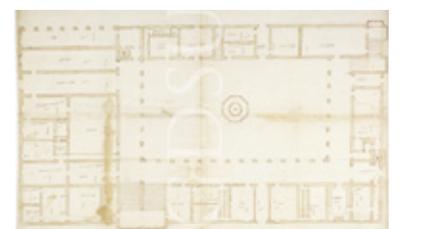
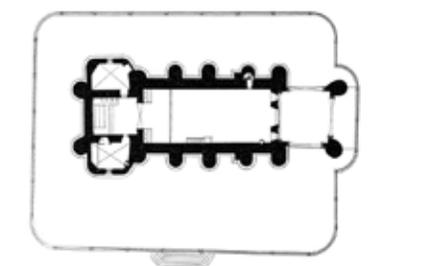
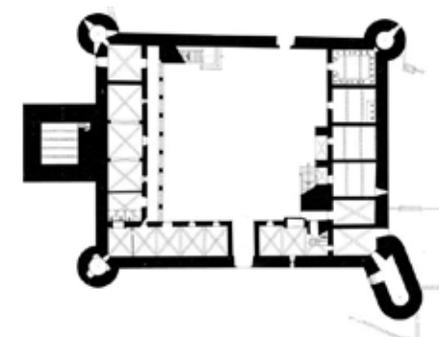


fig.70 – Castelo Novo de Vila Viçosa, Planta, 1520-37

fig.71 – Castelo do Alvito, Planta, 1494-1504

fig.72 – Ermida de São Brás, Évora, Planta, c.1490

fig.73 – Villa della Magliana, Roma, Planta. A autoria de Giuliano da Sangallo, 1483



fig.74 – à esq.: Claustro da Hospedaria, Convento de Cristo, Tomar. Aut. João de Castilho, 1541-43



fig.75 – à dir.: Exemplo de formação de base, coluna e capitel, por Diego de Sagredo, *Medidas del Romano*, 1542



figs.76 e 77 – em cima: Vista aérea do palácio da Quinta da Cardiga, 2016

fig.78 – ao lado: Palácio da Quinta da Cardiga, Planta do piso térreo na actualidade

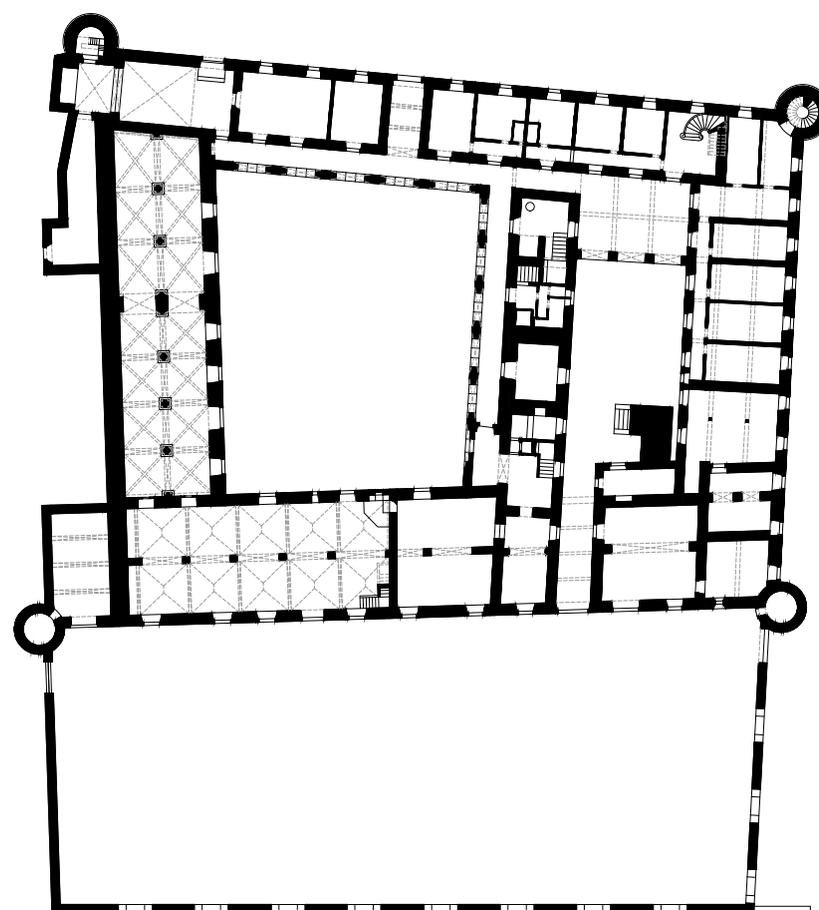
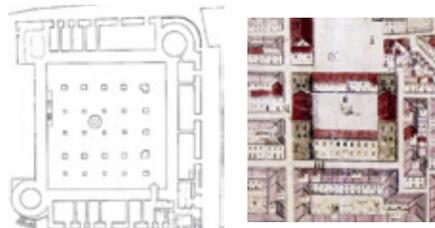


fig.79 – Cisterna de Mazagão, Planta. Aut. João de Castilho, 1541

fig.80 – Vista do Palácio Manuelino em Mazagão. Autoria de Diogo de Arruda, 1514



135 – Influências militarizantes advindas da própria experiência de Castilho nas viagens a Marrocos, em especial da sua experiência em Mazagão durante a construção da nova fortaleza projectada por Benedetto da Ravena. O Castelo Manuelino construído em 1514 com projecto de Diogo de Arruda, com seu debuxo de planta quadrangular marcada por bastiões circulares nos seus vértices, organizada em volta de um pátio, é transformado em Cisterna em 1541.

136 – Carita and Cardoso, *A Casa Senhorial Em Portugal: Modelos, Tipologias, Programas Interiores e Equipamento*, 28,49.

137 – Craveiro, *A Arquitectura "Ao Romano"*, 9:111

No entanto, na Quinta da Cardiga não é certo que a teoria tenha tido uma marcada influência no desenho do palácio, o que aliás é perceptível pela não simetria na sua forma algo irregular, trapezoidal, que denuncia ainda uma arraigada tradição vernacular, e uma utilização das pré-existências templárias.

Existe na Cardiga, também devido à sua escala, já uma intenção de regularização do existente e de uma construção de tradição da casa-forte<sup>135</sup> que não permite em si uma grande dispersão dos espaços interiores. Encontramos aqui uma arquitectura, baseada nas ideias já consolidadas da tradição helénico-islâmica<sup>136</sup> e pátios como geradores e organizadores dos espaços, mas já com a concepção do todo regularizado e unificado, de influência clássica, que é característica de Castilho nos seus trabalhos de Tomar.

Como conclui Maria de Lurdes Craveiro a Cardiga tem já uma “configuração de “palácio-fortaleza” que regulariza a dinâmica dos blocos e dos pátios num trabalho apenas atribuível a João de Castilho”.<sup>137</sup>



*camp de la...*

*camp de la...*

*de la...*

*Camp de la...*

*Tepo de...*

*Calle de...*

*de...*

*Calle de...*



fig.81 – Primeira representação conhecida da Quinta da Cardiga

Frei Pedro Moniz, sucessor de Frei António de Lisboa, ao tomar a administração da quinta em 1592, considerou serem necessárias obras de melhoramento e de manutenção do conjunto, bem como a construção de novas infraestruturas que permitissem a rentabilização dos trabalhos agrícolas e do investimento feito por Frei António de Lisboa, na compra de vários terrenos nos quais plantou olival e vinha.<sup>138</sup>

A meio do texto “Descripção das Cazas desta Quinta” encontramos referência às obras que foram levadas a cabo por ordem de Frei Pedro Moniz já sob o reinado Filipino,<sup>139</sup> entre 1617 e 1630.<sup>140</sup> A partir da descrição das obras conseguimos ter uma noção geral da dimensão e do poder desta exploração agrícola. Assim, sabemos que existiam dois celeiros, um armazém de azeite, uma adega para armazenamento de vinhos, outro lagar de vinhos, três cavalariças com “logeas”<sup>141</sup> e vários palheiros num grande pátio fechado junto à parte habitacional do conjunto.

Este seria um terceiro pátio de serviço. Podemos assegurar-nos da sua existência apenas no séc. XVIII a partir de uma carta de 1775<sup>142</sup> onde aparece a mancha de ocupação do palácio e se podem distinguir claramente três pátios. Certamente, fora do grande pátio de serviço que incluía os espaços de funções agrícolas, existiam já “*dependradas*”<sup>143</sup> que *servem dedormir os boys e Vacas dadita Quinta*”, ou seja edifícios anexos, “*pegado as Cazas da mesma Quinta daparte dopoente*”, com a função de vacaria. Fora do Palácio existiam “*quatro moradas de cazas emque vivem alguns dos criados damesma Quinta*”.

A partir de um documento de 1630 que relata a vida de Frei Pedro Moniz – Livro 47 da Ordem de Cristo, ANTT<sup>139</sup> onde são descritas as obras de manutenção e melhoramentos do existente destacamos<sup>145</sup> o arranjo do oratório e da varanda principal virada a nascente para o rio e lezíria, com a colocação de ladrilhos no chão e azulejos na parede; o arranjo de dois claustros, e das suas varandas;<sup>146</sup> a colocação de grades de azinho no pátio de fora;<sup>147</sup> a reforma da sala principal e dos celeiros substituindo as janelas antigas por outras novas; a colocação de ladrilhos nos chão e azulejos nas paredes do refeitório; a reformulação do curral dos bois, com madeiras novas, pilares de pedra e cal e manjedouras novas; a reconstrução dos telhados e do pavimento em madeira do celeiro “de cima” e, finalmente, “Tirou a serventia do pátio de fora ao povo, que antes ia ali tirar água e meteu o poço dentro do recinto do palácio”<sup>148</sup>



fig.82 – Excerto de ‘*Mappa topografico dos campos da Martentina e Cardiga [em Vila Nova da Barquinha] [...]*’, 1775. Fonte: Portugal-Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direção de Infraestruturas do Exército 3154/I-2-21-30

138 – Frei Pedro Moniz – 1592-1612 – Livro 47 da Ordem de Cristo ANTT – Obras entre 1617-1630 Batista, *Cardiga: De Comenda a Quinta Da Ordem de Cristo (1529 -1630)*, 119-24.

139 – *Ibid.*, 118, nota 461.

140 – Comendador entre 1592 e 1612

141 – O mesmo que lojas.

142 – OLIVEIRA, Joaquim de; “*Mappa topografico dos campos da Martentina e Cardiga [em Vila Nova da Barquinha] [...]*”, 1775. Fonte: Portugal-Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direção de Infraestruturas do Exército 3154/I-2-21-30

143 – O mesmo que deitado de fora, muito inclinado para fora.

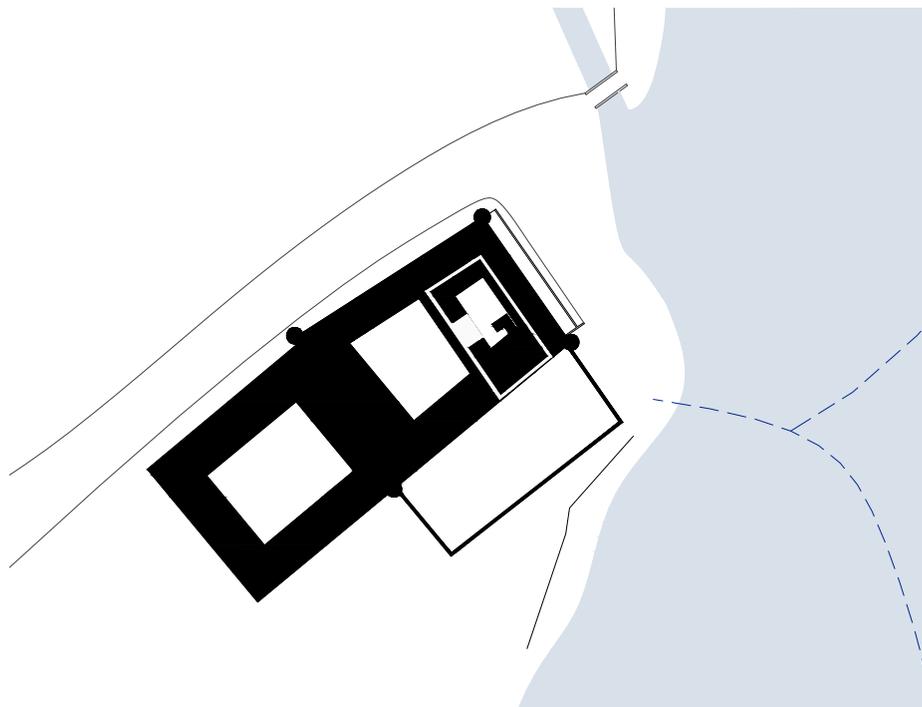
144 – Luís Batista baseou-se no documento que relata a vida de Frei Pedro Moniz escrito em 1630 – Livro 47 da Ordem de Cristo, ANTT. Batista, *Cardiga: De Comenda a Quinta Da Ordem de Cristo (1529 -1630)*, 119, nota 472.

145 – *Ibid.*, 119-20.

146 –Serão estes arranjos o encerramento das varandas desenhadas por João de Castilho?

147 – Primeiro encerramento do pátio de fora.

148 – Poço actual que se encontra junto à escada de serviço que desemboca ao pé da cozinha do primeiro piso Batista, *Cardiga: De Comenda a Quinta Da Ordem de Cristo (1529 -1630)*, 120.



Estas acções tiveram como consequência o encerramento à paisagem e à população e uma maior reclusão, traduzidos num aproveitamento do espaço direccionado para a vertente agrícola, apagando, talvez, características originais de recreio (de contemplação numa relação directa com a paisagem) introduzidas por João de Castilho e mestres construtores. Deve-se esta atitude provavelmente à crise económica que assolava o país e que tornava premente tirar partido dos investimentos agrícolas e das possibilidades de crescimento económico, já que esta era uma grande unidade de exploração.<sup>149</sup> Também a descentralização do poder, para Madrid, até à Restauração da Independência em 1640, e o espírito reformador da Igreja Católica, na sequência do Concílio de Trento (1545-1563), colocavam a produção arquitectónica ligada à Igreja na frente de uma tendência arquitectónica formal e austera, que incitava à introspecção.<sup>150</sup>

As construções das novas infraestruturas para rentabilizar os campos de cultivo e de pastorícia foram: a “*Casa da água*”; uma adega para vinho; “*talhas para conservação dos legumes secos e tulhas para guardar a azeitona*”;<sup>151</sup> um armazém de pequena dimensão para o azeite; um armazém maior de azeite no “*de baixo*”; um pombal e casas em pedra e cal para a residência do abegão; pocilgas grandes; uma eira perto das habitações da Cardiga; um tanque - o tanque “*da sesta*” e reparação de um velho tanque; a nora de água para servir os tanques; um muro de contenção de terras para impedir ainda mais o avanço do rio - “*ainda hoje existe*”;<sup>152</sup> um talha-mar em madeira para proteger a ponte da Cardiga; um poço e uma nora para regar hortas e pomares;

Todas as obras referentes à construção de um lagar, foram feitas com o objectivo de abastecer de água o moinho da Cardiga para este poder funcionar. São obras consecutivas umas às outras (respectivamente) como forma de resolver o problema de falta de força motriz da ribeira para o moinho. Assim, construiu-se o lagar da Cardiga, (sobre o sítio do antigo); duas levadas novas e uma ponte que fazia a passagem da levada para a roda da azenha. “*junto a si tinha tulhas de pedra e cal, mais compridas que o lagar que serviam por dentro e por fora para os carros despejarem as suas cargas.*”;<sup>153</sup> moinhos de água em pedra, com abóbodas, junto ao lagar da Cardiga, na ribeira da Cardiga - “*Fez as casas do moinho tão altas que as cheias da ribeira só chegavam a meio do edifício*”;<sup>154</sup> uma levada toda em pedra na mesma ribeira, que foi sendo consecutivamente ampliada<sup>155</sup> e reservatório de água com mais de 40 palmos de diâmetro na levada junto ao lagar, mais reservatórios ao longo do curso em direcção à nascente de 22 em 22 palmos e um açude de pedra junto à Ponte da Pedra - Lajeado por cima para aumentar a pressão e a força da água que alimentava o moinho da Cardiga.

Finalmente o moinho ficou a funcionar, sendo para isso necessário desviar toda a água da Ribeira da Ponte da Pedra para a levada e para o moinho. Podemos imaginar uma paisagem, deveras transformada com todas as estruturas, engenhos e construções ao longo da ribeira que permitiam o máximo aproveitamento dos trabalhos do campo. Estas intervenções sobre o território deixaram marcas profundas que ainda hoje têm reflexo no existente e que irão influenciar as acções a tomar sobre estes lugares. Em 1625 é construída a Ponte da Ribeira da Atalaia à data conhecida como Ponte da Cardiga e posteriormente como Ponte da Pedra, encontrando-se, nas proximidades da actual Quinta da Ponte da Pedra, e que configurava um dos limites da Comenda, na estrada real que ligava Santarém a Coimbra.<sup>156</sup> Em 1767 é acabada de construir a ponte mais pequena junto ao palácio, que veio substituir a ponte em madeira que necessitava de manutenção e reparações constantes.<sup>157</sup>

149 – Carapinha, “*Da Essência Do Jardim Português.*”

150 – Por estes motivos os palácios renascentistas chegaram até nós transformados e desvirtuados do seu carácter lúdico, desprovidos dos espaços fortemente relacionados com o exterior, o que em conjunto com a perda sofrida aquando o terramoto de 1755, que destruiu a maioria dos palácios quintentistas que existiam, levou à perda de um legado, transformando assim a imagem que temos presente da arquitectura daquele período.

151 – Peças em barro para conservar alimentos sólidos ou líquidos

152 – Batista, *Cardiga: De Comenda a Quinta Da Ordem de Cristo (1529 -1630)*, 120, nota 484.

153 – *Ibid.*, 121.

154 – *Ibid.*

155 – *Ibid.*, 121, nota 490.

156 – Batista, *Cardiga Ou a História de Uma Quinta (1169-2019)*, 162-63.

157 – *Ibid.*, 178.

fig.83 – Esquema de reconstituição de ocupação do palácio no séc. XVII

## A Revolução Liberal e Industrial em Portugal no Séc. XIX

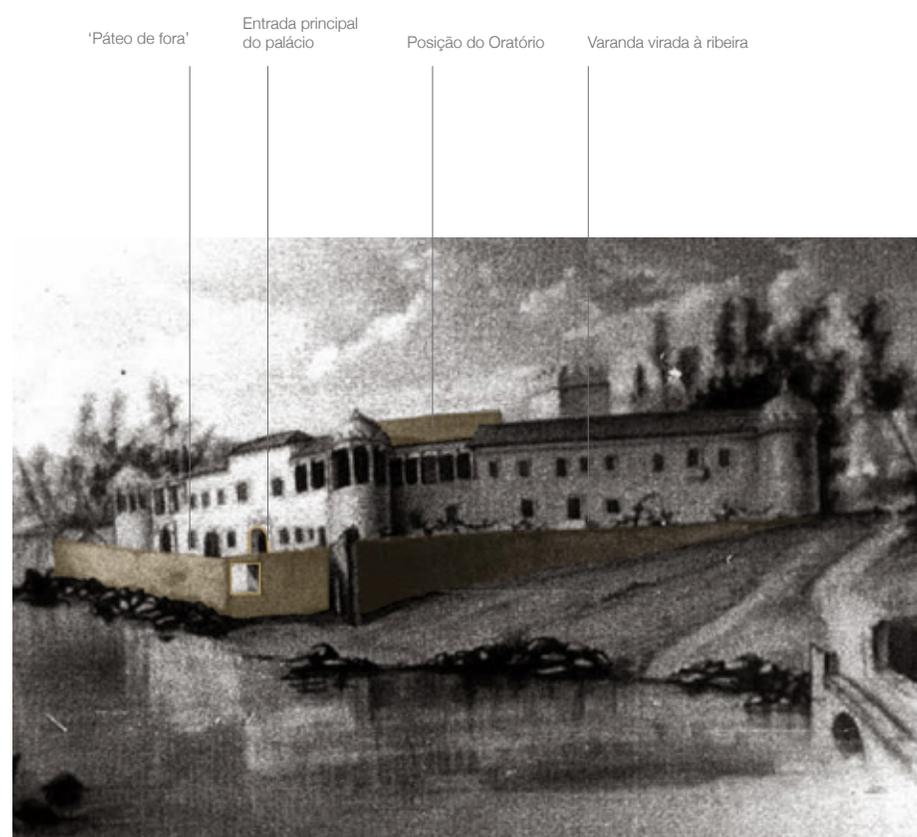
A extinção das Ordens Religiosas e a Quinta como propriedade privada.

Não se encontraram registos descritivos dos espaços físicos da quinta<sup>158</sup> nos dois séculos que se seguiram à administração de Frei Pedro Moniz.<sup>159</sup>

No entanto, através de uma gravura de meados do séc. XVIII, (pág. ao lado) consegue-se perceber que enquanto a quinta pertenceu à Ordem de Cristo, a *loggia* nascente estaria aberta ao exterior. Um volume mais alto contíguo à *loggia* parece indicar a posição do antigo oratório. Consegue-se também perceber, pela pouca quantidade de vãos presentes nas fachadas nascente e sul, e pelo seu desenho algo irregular, que o palácio abria a sua vida sobre os próprios pátios, e que esta relação com o cerne do edifício seria mais intensa do que no séc. XIX, onde as varandas interiores já se encontrariam encerradas e as aberturas teriam sido regularizadas privilegiando a relação com a paisagem exterior. Paradoxalmente é das mãos de quem abre os novos vãos à paisagem, o encerramento da *loggia* nascente, cujo espaço se tornou depois, o salão de representação da casa.

Sabemos que durante o período das Invasões Francesas (1807-1810/11) a comenda serviu de sanatório para os freires da Ordem. No entanto, até que ponto este novo uso transformou os espaços e a organização do conjunto não sabemos precisar.<sup>160</sup> As transformações ocorridas no palácio, durante este espaço de tempo terão sido menores, restringindo-se provavelmente à manutenção, até ao momento em que a quinta deixa de pertencer à Ordem de Cristo e a sua utilização passa dum contexto religioso para um contexto laico.

A Comenda da Cardiga fica na posse da Ordem de Cristo até 1834, ano do decreto da extinção das Ordens Religiosas por Joaquim António de Aguiar, procedendo-se então à nacionalização e venda dos bens das antigas Ordens. No seguimento da liberalização do poder em Portugal, e com a extinção das ordens religiosas, a burguesia, que há décadas se tentava afirmar no seio da elite portuguesa, vê na compra de património pertencente à igreja ou à nobreza a sua oportunidade de ganhar protagonismo e de ascender ao topo da nova hierarquia social. É com a venda da quinta em hasta pública, e a sua apropriação pela burguesia que se dão as maiores transformações espaciais desde a construção do palácio no séc. XVI, coincidindo com uma nova fase de transição da arquitectura no contexto de abertura ao iluminismo, do liberalismo e mais tarde da industrialização.



158 – A partir das obras que utilizámos para esta investigação

159 – Entre 1612 e as primeiras décadas do século XIX

160 – «" Quinta da Cardiga, onde os freires da Ordem de Cristo tinham uma casa de campo, espécie de sanatorium onde se recolhiam aqueles que adoeciam em Tomar ou vinham do Ultramar depauperados pelo clima."» Batista, *Cardiga: De Comenda a Quinta Da Ordem de Cristo (1529 -1630)*, 116, nota 453.

fig.84 – Panorama geral do Palácio da Cardiga em meados do séc. XVIII



fig.85 – em cima à esq.: Fachada nascente do Palácio da Cardiga no final do séc. XIX

fig.86 e fig.87 – em cima à dir.: Fachada nascente do Palácio da Cardiga no final do séc. XIX

fig.88 – entrada principal do Palácio da Cardiga no final do séc. XIX, vista do interior do Pátio Pequeno

fig.89 – Loggia aberta do Palácio da Cardiga no final do séc. XIX, vista do jardim formal

161 – Membro accionista, o 3º maior individual, e Presidente da Assembleia d'A Companhia das Lezírias do Tejo e Sado: "A Companhia das Lezírias do Tejo e Sado tinha uma administração geral composta por uma direcção de cinco membros, dentre os quais se no-meara primeiro presidente José Bento de Araújo, uma assembleia geral composta pelos 100 maiores accionistas, presidida por Domingos José de Almeida Lima e a Comissão de Exame às Propriedades, encarregue de examinar o estado das terras de lavoura, fazer o orçamento de obras e benfeitorias necessárias, propor melhoramentos, etc. O objectivo principal da criação da companhia foi o do aproveitamento económico das terras marginais do rio Tejo e, em menor escala, do rio Sado." *Madaleno, "Companhia Das Lezírias - O Passado e o Presente," 22.*

162 – De acordo com a tradição familiar "um desastre agrícola, rebentamento de enormes depósitos de azeite, tê-los-á feito perder esta propriedade." *Arquivo Nacional de Fotografia Portugal, Mesquita, and Pessoa, Jorge Almeida Lima: Fotógrafo Amador, 12.*

163 – Luís Adolpho d'Oliveira Sommer casa com Adelaide Falcão e têm três filhos: Branca Falcão de Sommer que casa com Ruy d'Andrade, Fernanda Falcão de Sommer, que casa com Jorge de Mello, Conde de Murça, e Luís Falcão de Sommer. Luís Adolpho d'Oliveira Sommer detém também uma grande propriedade dedicada quase exclusivamente à agricultura florestal, a Herdade da Agolada. Foi também um dos maiores accionistas da Companhia das Lezírias chegando a deter cerca de 400 acções. Após a 1ª G.G. perde três quartos das suas acções na Companhia. *"Herdade Da Agolada - História," Madaleno, "Companhia Das Lezírias - O Passado e o Presente," 28.*

164 – Que coincidiu com o momento da vinda de architectos de toda a Europa para a reconstrução de Lisboa no seguimento do terramoto de 1755. *Carita and Cardoso, Oriente e Ocidente Nos Interiores Em Portugal, 148-54; 207; 216.*

O seu primeiro proprietário é Domingos José de Almeida Lima,<sup>161</sup> que compra a Quinta da Cardiga à Fazenda Nacional em 1836. Em 1867 os seus herdeiros vendem a quinta a D. Maria Arrábida Lamas.<sup>162</sup> A Família Lamas dá início aos processos de mecanização das actividades agrícolas.

Em 1898 os herdeiros de D. Maria Arrábida Lamas vendem a quinta a Luís Adolpho d'Oliveira Sommer,<sup>163</sup> filho de Luís von Sommer, vindo da Alemanha, um Alferes do "Regimento de Lanceiros da Rainha" D. Maria II.

Os novos burgueses, com o seu poder económico, vão fomentar e financiar as descobertas e o desenvolvimento tecnológico. Como consequência transformar-se-ão os métodos e os processos agrícolas, os meios de aproximação aos sítios, a percepção do tempo, e o próprio desenho dos espaços arquitectónicos.

Há cerca de um século, agora, que os espaços interiores das casas se vinham a especializar no seu uso, ganhando durante este período a sua autonomia total.<sup>164</sup> As alterações feitas no final do séc. XIX e início do séc. XX denunciam esta mudança de paradigma e um novo modelo de habitar os espaços do palácio, um novo modelo social, um novo modelo de distribuição espacial e organização das várias estruturas que compõem a quinta.

Aquilo que são espaços de representação, os objectivos, as ideias, daquilo que se pretende mostrar, da simbologia que advém da posse de uma grande quinta de produção agrícola, transforma-se ao longo dos séculos.

As aproximações denunciam as mudanças do que é físico, das ideologias, da sociedade, ao longo do tempo. As aproximações, as chegadas, constroem e fazem parte desta representação do homem no mundo, no tempo e no espaço.

## O Século XX

### A transição para o Século XX: transformações da Quinta até meados do Séc. XX

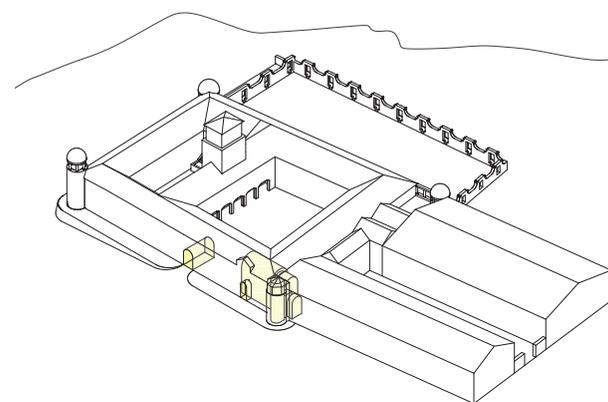
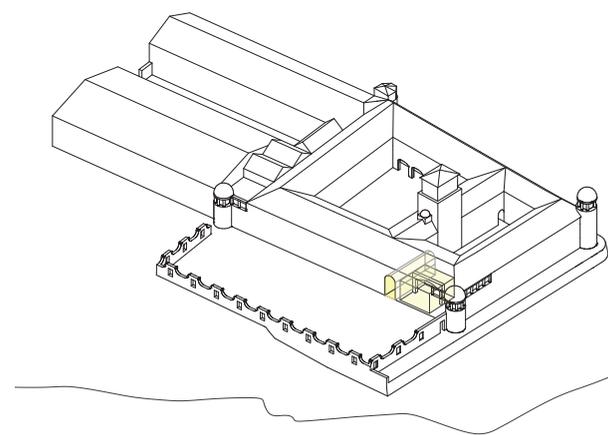
«A transição do século XIX para o século XX constitui um momento de fértil e multifacetada produção arquitectónica. O caminho da arquitectura eclética e revivalista do século XIX parecia começar a articular-se com as conquistas já adquiridas pelas engenharias depois da criação da *École de Ponts et Chaussées*. [...]

[Em Portugal] A arquitectura mantinha-se formatada como no universo das Belas-Artes, tardava-se oitocentista, permanecia eclética, revivalista, nisso se distanciando do sentido de futuro contido no pulsar da visão de progresso que a engenharia prometia.»<sup>165</sup>

Em finais do séc. XIX e início do séc. XX, a família Sommer leva a cabo várias obras, no sentido de melhorar as condições de habitabilidade do palácio, e de integrar as ideias da “descoberta da historicidade e variabilidade do Classicismo, pelos avanços da arqueologia e da história da arte [...] que legitimará todos os revivalismos e exotismos”<sup>166</sup> que surgiram em meados do séc. XVIII, e que evoluíram durante o séc. XIX para uma re-apropriação de estéticas manuelinas e mouriscas. O “progresso que a engenharia prometia” havia de ficar restringido aos avanços tecnológicos nas actividades agrícolas, tornando-se nesse domínio, exemplo internacional.<sup>167</sup> É, então neste período de transição, que o palácio sofre as transformações mais radicais desde o século XVI.

A grande alteração, que norteia todas as transformações, é a transição da entrada principal, e da capela, realizada pela Família Sommer no final do séc. XIX<sup>168</sup> para a ala norte do grande pátio de serviço dando-se, assim, uma inversão espacial da casa,<sup>169</sup> privilegiando a aproximação ao edifício por via terrestre. A consolidação deste eixo viário é também um reflexo do aparecimento dos caminhos de ferro, a norte da quinta em 1862,<sup>170</sup> que priorizou este meio de deslocação para o transporte de bens e produtos, em alternativa ao rio. Assim, a entrada das mercadorias e de acesso ao pátio grande de serviço passa agora a ser a entrada principal, de recepção social.

A transição da posição da capela para junto do eixo viário reflecte o funcionamento social da quinta que agora se abria e aproximava à população comum, permitindo que esta assistisse à missa na capela da Cardiga.<sup>171</sup> Juntamente com a transposição da capela, o torreão poente é transformado em campanário.



165 – Tostões, *Arquitectura Moderna e Obra Global a Partir de 1900*, 16:7.

166 – Porfírio and Barreiros, *Da Expressão Romântica à Estética Naturalista*, 15:117.

167 – Exemplo disso é um panfleto de uma visita à Quinta da Cardiga realizada em 1989 pela Associação de Defesa do património Histórico-Cultural de Santarém, com o tema “Quinta da Cardiga – Exemplo Histórico de Património Rural e Cultural”. Este inclui um excerto da obra de Virginia Rau e Georges Zbyszewski, “III - Une Exploitation Agricole Intensive: Quinta da Cardiga.” Rau and Zbyszewski, “III - UNE EXPLOITATION AGRICOLE INTENSIVE: QUINTA DA CARDIGA,” 105-8.

168 – Batista, *Cardiga Ou a História de Uma Quinta (1169-2019)*, 286.

169 – Custódio, “Quinta Da Cardiga: Adaptação a Pousada de Portugal (Dissertação de Mestrado),” 28.

170 – Inauguração do Interface da Ponte da Pedra

171 – Capela da invocação de Nossa Senhora da Misericórdia

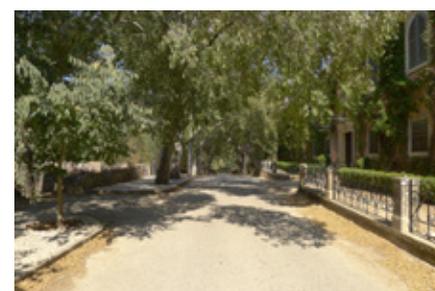


fig.90 – Esquema da inversão da chegada: transição da entrada principal e capela para a fachada norte

fig.91 – Chegada actual ao Palácio da Cardiga



A nova capela está localizada, lateralmente, no canto poente da ala norte do palácio. É configurada por um amplo corpo rectangular abobadado com altar-mor, da mesma largura, destacado apenas por um arco que demarca a separação da nave onde o povo e os trabalhadores da quinta se reuniam para assistir à missa. A família da casa assistia aos serviços litúrgicos, possivelmente, a partir do coro, cujo acesso é feito pelo interior do palácio, no primeiro piso. A sacristia, na lateral do altar-mor, é apenas um estreito corpo rectangular, com a dimensão de um corredor<sup>172</sup> e com acesso ao exterior. As confissões eram ouvidas no espaço do altar-mor. Para isso o padre encerraria a porta de acesso à sacristia, que nela inclui a grelha.

No seu aspecto exterior a capela pouco se distingue em altura do resto da casa, estando praticamente integrada na fachada. Esta é denunciada pelos seus vãos – as janelas em vitral e a porta de acesso directamente da rua para a nave – e pelo campanário. No seu interior, na parede oposta ao portal da rua, existe também a porta de acesso do interior da casa, pelo piso-térreo.

Com a mudança da capela para a sua posição actual, clarificou-se o desenho das varandas floridas que rodeiam o palácio, permitindo assim que se circule pelo exterior de forma mais contínua. É também desta altura, com a fachada norte a tornar-se protagonista aos olhos de quem chega, a construção da plataforma/jardim em frente à casa, do outro lado da estrada pública, que para além do seu carácter lúdico poderia acumular funções relacionadas com os serviços religiosos.<sup>173</sup> Esta consiste num espaço murado com alegretes e namoradeiras, elevado sobre os terrenos de cultivo onde ainda se encontram vestígios de um antigo pomar.

Estas transformações denotam também uma vontade de transformar um lugar que se virou, durante o período da Contra-Reforma (séc. XVI) e mais tarde do Despotismo Esclarecido (séc. XVIII), quase exclusivamente para a produção agrícola, num lugar que evocasse um espírito associado ao ideal de *Villegiatura*<sup>174</sup> que inspirou o primeiro desenho do palácio.

O aparecimento das preocupações higienistas já em crescente expansão pela Europa faz com que seja a burguesia, a classe social com poder económico, a implementar as primeiras e grandes transformações no que diz respeito ao conforto no habitar, como são exemplo na Cardiga, as várias lareiras adicionadas ao palácio e a construção de novas casas-de-banho.



fig.92 – Interior da nova capela na ala norte do palácio

fig.93 – Jardim com namoradeiras e alegretes

172 – Caldas, *A Casa Rural Dos Arredores de Lisboa No Século XVIII*, 76.

173 – *Ibid.*, 58.

174 – Que no séc. XVIII proliferou em Portugal

Não dispomos de informação sobre grande parte do património industrial edificado que encontramos hoje na Cardiga. Através de fotografias conseguimos perceber que, na primeira década do séc. XX, já existiam as estruturas da vacaria e palheiros, mas não o edifício da carpintaria, por exemplo. Podemos assim deduzir que alguns dos edifícios com função agrícola que se encontram actualmente na Cardiga, foram construídos ainda no séc. XIX enquanto outros foram construídos ou ampliados durante o Séc. XX.

A grande alameda de Lódãos mandada plantar por Luís e Adelaide Falcão de Sommer, na entrada principal da Quinta,<sup>175</sup> estende-se em linha recta por cerca de 1.3km, tendo como desfecho as principais infraestruturas aliadas à produção agrícola – a adega e a leitaria, com silos. Podemos considerar este momento uma chegada de representação, já que são os edifícios industriais que nos recebem? Será a intenção, de ser-se recebido pelos edifícios, que, tanto pela sua dimensão e inovação, demonstram o poder económico e social dos seus proprietários? Ou será esta aproximação ao/pelo lado industrial apenas o acumular de séculos de construções/implantações que não interessou, nem se pensou modificar?

O antigo pátio de entrada virado ao Tejo, que recebia quem chegava de barco, iria ser transformado em jardim formal. O anterior desenho ondulante do seu limite<sup>176</sup> pontuado pela abertura de namoradeiras com portadas, mimetizando o aspecto de uma fachada interior, confere idealmente a este espaço um carácter de grande sala de estar, contemplativa, aberta sobre o rio. Este foi então despedido das suas árvores e ocupado por um jardim de buxo com labirinto.<sup>177</sup>

A chegada por barco à Quinta da Cardiga manteve-se, porém, até meados do séc. XX. Pequenas embarcações atravessavam o Tejo e o transporte de passageiros até à Cardiga manteve-se em funcionamento, ainda que a sua entrada se tenha transferido para a fachada norte do palácio. A antiga porta principal, passa a ser apenas um dos acessos ao jardim formal, daí em diante de carácter privado, desenvolvido neste antigo espaço de chegada.

Entre 1898 e 1903 as alterações na linguagem exterior do conjunto traduzem-se na subida do torreão nordeste e transformação deste em miradouro e na substituição das janelas da sala de jantar por janelas de sacada.<sup>178</sup> É também deste período a introdução de um altar na nova capela e a colocação da fonte no pátio pequeno.



175 – A Quinta tinha à data duas entradas formais conhecidas como Portões Grandes da Cardiga com Casa do Guarda, onde ainda hoje se acede à Quinta pela alameda de Lódãos e os Portões Pequenos da Cardiga, também com Casa do Guarda, uma entrada menos monumental, entretanto desactivada devido à expropriação de terrenos para a construção da N365/IC3 que cortou a ligação entre o portão e os terrenos agrícolas. *Batista, Cardiga Ou a História de Uma Quinta (1169-2019)*, 291.

176 – Já visível em fotografias da Família Lamas

177 – *Batista, Cardiga Ou a História de Uma Quinta (1169-2019)*, 286.

178 – *Custódio, "Quinta Da Cardiga: Adaptação a Pousada de Portugal (Dissertação de Mestrado)"*, 28.

fig.94 – Chegada à Quinta pela alameda de Lódãos

fig.95 – Limite do jardim formal

fig.96 – Torreão transformado em miradouro

fig.97 – Pátio pequeno

fig.98 – pág. ao lado: esquema de reconstituição de ocupação da Quinta da Cardiga no início do séc. XX

# A CARDIGA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Ocupação



Os casamentos das duas filhas de Luís Adolpho d'Oliveira Sommer, Branca e Fernanda, levam a alterações profundas na estruturação dos espaços do palácio. Em 1917 na sequência do casamento da primeira filha, Branca com Ruy d'Andrade<sup>179</sup> o antigo celeiro por cima da adega dos frades é transformado em apartamento com quartos e casas de banho. Em 1924 com o casamento da segunda filha, Fernanda com Jorge de Mello, Conde de Murça, dão-se o mesmo tipo de transformações no antigo celeiro na ala virada ao jardim. “Estas transformações levam à ocupação de todo o espaço existente no primeiro andar, eliminando-se assim, pouco a pouco, a função agrícola nesta área”<sup>180</sup> As duas irmãs iriam assentar na Cardiga a sua residência principal e partilhar a administração das terras.

Em Portugal viveu-se, no início do séc. XX, um período atribulado política e socialmente – do assassinato do rei D. Carlos e do infante D. Luís em 1908, à consequente implantação da República em 1910, aos consecutivos governos da Primeira República, e participação na 1ª Guerra Mundial, até ao golpe de estado em 1926, que iria instituir a ditadura militar que mais tarde se designaria Estado Novo.

Em 1929 é criada a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos (DGEMN), sob a tutela do ministro Duarte Pacheco. “O novo organismo [DGEMN] depressa passa a servir um dos objectivos político-culturais mais importantes do regime que então se consolidava. O nacionalismo do Estado Novo comungava de uma perspectiva triunfalista da História de Portugal. A memória histórica “exigia” o testemunho palpável dos monumentos que surgiam, aos olhos dos portugueses, reintegrados na sua suposta forma primitiva, a fim de cumprir a missão de creditar o passado.”<sup>181</sup>

É neste contexto, de busca por uma identidade unificadora da pátria, opondo-se ao fôlego modernista da década de 30,<sup>182</sup> que se dão as transformações no palácio realizadas sensivelmente entre 1930 e 1960. Partindo também do gosto de Ruy de Andrade pela arquitectura e pela perspectiva do “restauração arqueológico”,<sup>183</sup> influenciado pelo seu pai, o Arq. Alfredo de Andrade, as alterações ao palácio, na sua maioria de cariz formal, pretendem recuperar a visão de um ideal renascentista, que assentava sobretudo nos preceitos de uma *arquitectura manuelina*<sup>184</sup> e na sua decoração particular, como “resistência à degeneração dos tempos modernos”,<sup>185</sup> levada a cabo principalmente pelas elites cultas, nas áreas rurais.

179 – Importa aqui referir que Rui d'Andrade era filho do Arquitecto Alfredo d'Andrade. Alfredo d' Andrade “nasce em Lisboa em 1839 e parte para Itália, com 15 anos, para estudar a actividade comercial paterna e para não mais voltar, definitivamente. Andrade estuda na Accademia Ligustica de Génova e desenvolve uma actividade multifacetada, entre Itália e Portugal — como pintor, professor, arqueólogo e arquiteto — tendo coordenado mais de trezentas intervenções em preexistências, dispersas pelo Norte de Itália. É também nomeado para inúmeros cargos públicos no âmbito da instrução artística e da salvaguarda do património artístico e monumental “Ferreira, “Paisagem, Património, Arquitectura. A Obra de Alfredo de Andrade Em Itália,” 72. Influenciado pela obra e teoria de Viollet-le-Duc, colaborou com Camillo Boito partilhando as suas ideias de restauro estilístico, contra uma modernização higienista que rompia a organicidade da cidade construída por séculos de sobreposições. Ao mesmo tempo, empregava nos seus restauros a ideia da recuperação do traçado “original” do edifício, removendo acrescentos e repondo a um “estado primitivo” transformações ocorridas ao longo dos séculos, para isso baseando-se no próprio edifício e no estudo exaustivo de outros casos da mesma época. “Internacionalmente, Alfredo de Andrade não é objeto de grande atenção, secundarizado pela tendência para o destaque de outras figuras com posição teórica firmada. Todavia, a sua ação ultrapassa as fronteiras italianas: pela actividade em Portugal, pela participação em congressos, exposições e comissões oficiais no estrangeiro, pelas viagens e contactos que estabeleceu, e até pela vastidão e repercussões da sua obra, que, devidamente avaliadas, poderão redimensionar o seu legado na cultura patrimonial europeia. De facto, como refere Álvaro Siza, “(...) se é de lamentar esta emigração de um dos protagonistas da cultura arquitectónica europeia, é também de apontar a oportunidade, que assim encontrou, de participar num debate então fundamental sobre a evolução da arquitectura, em momento de viragem irreversível do ecletismo dominante para uma antecipação de um modernismo universal (...) que chegaria também ao nosso país (...)”*ibid.*, 71.

180 – Custódio, “Quinta Da Cardiga: Adaptação a Pousada de Portugal (Dissertação de Mestrado),” 29.

181 – Neto, *Memória, Propaganda e Poder: O Restauro Dos Monumentos Nacionais (1929-1960)*, 18.

182 – “A formação eclética dos primeiros modernistas facilmente assumirá esta mudança de objectivos contra o que se designava por internacionalismo e, mesmo, por perigoso comunismo.” Tostões, *Arquitectura Moderna e Obra Global a Partir de 1900*, 16:43.

183 – “Os seus critérios tinham por base uma exploração arqueológica e uma análise arquitectónica comparativa que permitia recompor o monumento, mediante o emprego de partes originais e de elementos novos, mas distinguidos dos autênticos.” Neto, *Memória, Propaganda e Poder: O Restauro Dos Monumentos Nacionais (1929-1960)*, 26.

184 – O termo “manuelino” é cunhado pelo historiador luso-brasileiro Francisco Adolfo Varnhagen (1816-1878) e considerado por Almeida Garrett, em 1843, como o estilo “propriamente português” (cit. P. Pereira, 1986)”. Porfírio and Barreiros, *Da Expressão Romântica à Estética Naturalista*, 15:106.

185 – Tostões, *Arquitectura Moderna e Obra Global a Partir de 1900*, 16:43.



fig.99 – Alteração formal no aspecto da entrada principal: cima, antes de 1930; baixo, depois de 1930



fig.100 – Alteração formal no aspecto da fachada da capela: cima, antes de 1930; baixo, depois de 1930



fig.101 – Alteração formal no aspecto dos arcos do pátio principal

fig.102 – Quarto da Seda

186 – A pedra de todas as cantarias novas proveio das pedreiras de Chão-de-Maçãs, Tomar. *Batista, Cardiga Ou a História de Uma Quinta (1169-2019)*, 288.

187 – *Ibid.*, 289.

188 – Tostões, *Arquitectura Moderna e Obra Global a Partir de 1900*, 16:44.

189 – *Batista, Cardiga Ou a História de Uma Quinta (1169-2019)*, 290.

190 – *IIP - Decreto n.º 38 673, DG, 1.ª série, n.º 57 de 12 março 1952* \*1.

Assim, entre 1937 e 1960 são adossadas colunas trabalhadas aos apoios simples em cantaria dos arcos dos pátios; é substituída a porta da capela por um portal manuelino trazido de uma igreja em ruínas em Castanheira do Ribatejo; é substituída a cantaria da porta de entrada principal, a Norte, em arco abatido (à semelhança dos arcos do espaço de entrada) por uma de frontão com volutas, desenhada por Ruy d'Andrade; são alteradas as cantarias<sup>186</sup> das janelas do primeiro andar; é acrescentado um piso à Torre de Menagem, retirado o reboco de revestimento, transformando o seu aspecto e eliminado o mirante, um espaço aberto ao exterior protegido por uma cobertura de quatro águas construído pelos freires entre os séc. XVII e XVIII,<sup>187</sup> conferindo-lhe uma “monumentalidade simbólica e desejada atemporal”<sup>188</sup> e, finalmente, a abóbada de canhão da capela é tapada por um tecto em caixotões de madeira. Os espaços de galerias/claustros são recobertos de azulejos do século XVII provenientes de igrejas, entretanto desactivadas, como é o caso dos azulejos do Pátio Pequeno, ou de motivos setecentistas, como é o caso dos azulejos azuis e brancos que revestem o Claustro do Pátio Grande, da autoria de Pereira Cão (1841-1921).<sup>189</sup> É ainda de referir a construção da Igreja do Entroncamento, em 1937, impulsionada e financiada pela família Sommer, que teve como consequência a criação do Quarto de Seda para albergar o Patriarca de Lisboa nas suas visitas frequentes à Igreja. Em 1954 são construídas, as abóbadas da actual cozinha que não existiam. Nesta década dão-se também várias transformações nas infraestruturas, nos sistemas de electricidade, canalizações e telefone, para dar resposta às novas exigências de conforto e higiene, de que é exemplo a instalação de um elevador.

Em 1952 o “conjunto formado pela torre ameada [...] e antigas construções que a envolvem, designadamente os claustros, capela e celeiro e pequena colunata rematada por cúpula semiesférica”<sup>190</sup> é classificado pelo Instituto Português do Património Arquitectónico (IPAAR), como Imóvel de Interesse Público.





fig.103 – Palácio da Cardiga em 1910



fig.104 – Chegada por rio à Quinta da Cardiga nos  
anos 1910-20



fig.105 – Chegada pelas pontes à Quinta da Cardiga  
nos anos 1910-20



fig.106 – Vista do jardim formal nos anos 1910-20



fig.107 – Vista da Quinta da Cardiga nos anos 1910-20



fig.108 – Adega dos Frades



fig.109 – Espaço exterior coberto no pátio pequeno



fig.110 – Salão principal



fig.111 – esq.: Vista da torre a partir do pátio grande

fig.112 – dir.: Interior da Capela, invocação de Nossa Senhora da Misericórdia

## A transição para o Século XX: transformações da Quinta até meados do Séc. XX

### A “modelar” Quinta da Cardiga

A par das transformações sofridas no palácio durante a primeira metade do século, dá-se um enorme investimento nas estruturas de apoio agrícola e industrial que permitiram um desempenho, hoje considerado o auge da quinta desde que esta havia sido privatizada.

Em 1921 foi criada a primeira sociedade em nome colectivo para gerir os bens da Cardiga – a Luís de Sommer & Companhia. Em 1930, com a morte de Luís de Sommer, é criada uma nova empresa – a Sociedade Agrícola da Quinta da Cardiga – gerida pelo seu filho Luís Falcão de Sommer. Logo antes e após a morte de Luís Falcão de Sommer, em 1942, Ruy d’Andrade assume a gerência da sociedade, até 1967, ano da sua morte. Desde 1968 a gerência da sociedade é alternada entre os dois ramos da família, Sommer de Andrade e Sommer de Mello.

Num artigo de 1968 para “A Hora Jornal Ilustrado”, intitulado “A Quinta da Cardiga” Bandeira de Tóro faz uma descrição exaustiva de todas as vertentes da quinta e da exemplar acção social que a família Sommer levou a cabo desde o início do séc. XX até, pelo menos, aos anos 1970.

*“Já do princípio do Século são a adaptação a regadio de uns duzentos hectares de espargal, com olival, tendo o terreno sido nivelado em socalcos, a água canalizada até aos pontos dominantes e daí distribuída por regadeiras com suas bocas de rega construídas totalmente em alvenaria. A água, proveniente do Tejo, era bombada com potentes bombas accionadas por uma máquina a vapor, primeiro, e mais recentemente, eléctricas.*

*Para este regadio construíram-se vários estábulos para 120 vacas leiteiras, juntamente com a respectiva recria de vitelos. Também para o regadio foram feitos um ovil coberto a zinco onde se experimentaram ovelhas de leite; um cabril para cabras gra-nadinas; possilgas com porcos Bergshire e cavalariças com boxes para as éguas puro sangue árabes trazidas do Oriente e anglo-normandas. Para aproveitamento do estrume destes animais e dos de trabalho (bois e muares) construíram-se duas enormes nitreiras cobertas, com bombas para o chorume. A remoção destes estrumes para as nitreiras era já mecanizada utilizando-se transportadores basculantes, que engenhosamente se deslocavam sobre carris «decauvile».*

*Dispunha a Quinta da Cardiga, também, para a armazenagem bem protegida de comida, além de palheiros, quatro enormes silos-torre em cimento armado. A par desta implantação do regadio, tão completa quanto actual na concepção, se não nos meios mecânicos actuais, pensou-se concretamente na industrialização dos produtos agrícolas e assim surgiram: Leitaria – onde se fazia óptima manteiga e célebres queijos da Quinta da Cardiga. cuja constituição especialíssima era de 50% de leite de ovelha e os restantes 50% de leite magro de vaca. Com a gordura proveniente do desnate fazia-se a manteiga. Para armazenar a manteiga e produzir um ambiente fresco à cura do queijo, foi necessário montar-se uma fábrica de gelo.*

*Como curiosidade digna de nota diremos, quase em tom anedótico, que nesse tempo e até há uns trinta anos atrás. era a única fonte de produção de gelo na região, sendo que o gelo da Quinta da Cardiga era utilizado nos Hospitais de Santarém, Abran-tes e Tomar. Hoje, qualquer de nós tem o seu próprio frigorífico. Então era uma excepção... Sinal dos tempos! Para transformação dos cereais produzidos pela Quinta, montou-se uma moagem, e para aproveitamento da farinha uma padaria completa que, na sua fase de maior adiantamento, teve até mesmo um forno eléctrico.*

*Também para a industrialização das azeitonas, ou seja, para a extracção do azeite, foram tomadas as devidas providências, com a construção de um enorme lagar provido de prensas hidráulicas. E para o aproveitamento de certas terras muito atreitas a cheias, plantou-se uma enorme vinha aramada, e a respectiva adega já com: esmagadores, prensas, etc., que até hoje funcionam. Como se vê, a Quinta da Cardiga era, além de uma verdadeira quinta-modelo em matéria de Agricultura e criação de animais, um autêntico parque industrial em miniatura, podendo dizer-se que, nas suas necessidades primárias era quase que totalmente auto-suficiente. Para fornecer a força motriz necessária a toda esta excelente maquinaria, montou-se uma pequena central eléctrica movida a gás pobre, cujos gasogéneos aproveitavam e valorizavam as lenhas das podas de oliveiras e sobreiros, como também do Pinho que existia em outras propriedades da casa, cuja madeira não aproveitável passou assim a ter um uso útil. Já nesse tempo começou o louvável plano de exploração frutícola dos proprietários da Quinta da Cardiga, e os actuais laranjais começaram a ser plantados então, tendo mais tarde enorme expansão na Quinta do Arripado na margem esquerda do Rio Tejo. [...]*

*É exemplar e verdadeiramente precursora, a organização social da casa. Tem planos realizados e concretos que não deixam a menor margem a dúvidas, e que merecem toda a nossa reverência e elogios. Vejamos os factos insofismáveis: Auxílio a todos os recém-nascidos e às lactantes; médico para toda a gente; escola; uma esplêndida colónia balnear infantil situada em S. Martinho do Porto; ajuda a todos os doentes, com pagamento de 50 [moeda] do salário normal durante todo o período da doença e também da convallescença; ajuda por ocasião do casamento (chega a ser romântico...) reforma concedida por doença, invalidez e velhice, que se estende também às viúvas; e, finalmente enterro gratuito. Como não podia deixar de ser, o homem é que ocupa o primeiro plano na Quinta da Cardiga. E vimos que a assistência principia no nascimento para só acabar por ocasião da inevitável morte. Mas há mais vantagens à disposição dos trabalhadores: Casas a preços módicos, cada uma com a respectiva horta; água; luz eléctrica ao preço do escalão mínimo e leite, hortaliças, frutas, etc. ao preço do produtor. Também se dão auxílios vários aos mais necessitados, assim como presentes a todos por ocasião do Natal. etc.”*

Com a implementação das novas tecnologias associadas à agricultura e aos processos agrícolas a Cardiga distinguiu-se até meados do séc. XX como exemplo de inovação no contexto europeu.<sup>191</sup>

191 – Rau and Zbyszewski, “III - UNE EXPLOITATION AGRICOLE INTENSIVE: QUINTA DA CARDIGA,” 105–8.

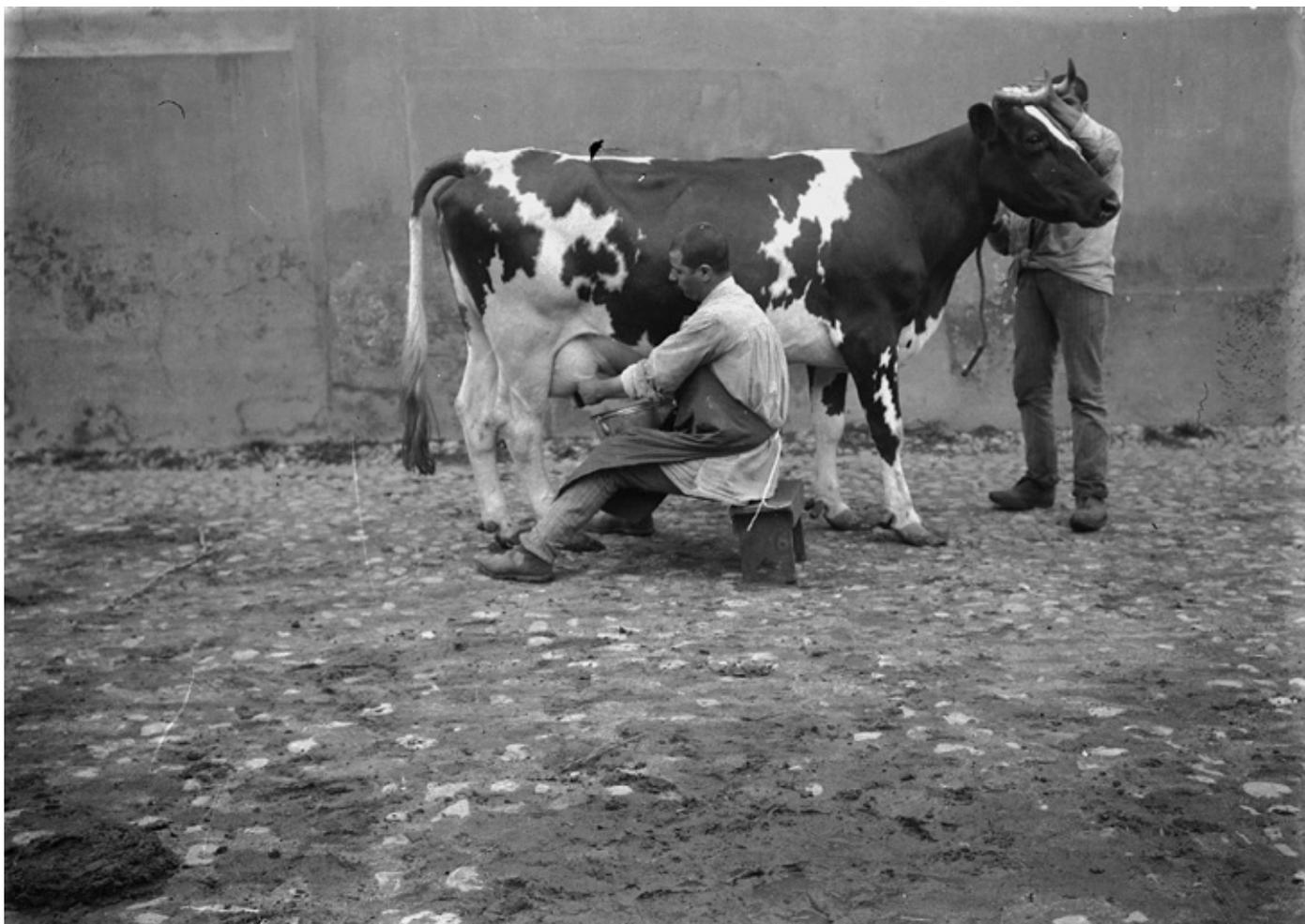


fig.113 – Campino na Quinta da Cardiga

fig.114 – Ordenha na Quinta da Cardiga



fig.115 – Estábulo da Quinta da Cardiga

Págs. seguintes: fig.116 e fig.117 – Vista aérea sobre a Quinta da Cardiga em 1947









## O Século XX

### A segunda metade do Século XX: decadência

No mesmo artigo anteriormente citado, Bandeira de Tóro estabelece, por fim, a comparação e a evolução da exploração agrícola, no ponto onde se encontrava em 1968:

*“O inexorável correr do tempo, porém, modificou várias coisas na Quinta da Cardiga. Algumas boas outras más, mas to-das simbolizando a mais pura expressão da necessidade, no seu mais alto conceito.*

*Por exemplo, foi expropriada a moagem e deixou de funcionar a padaria. A central eléctrica, que tão bons serviços prestava, foi substituída por um prosaico transformador da corrente da Companhia. A grande canalização da rega foi em parte substituída por furos com pequenos motores eléctricos.*

*A fábrica de gelo, por motivos óbvios, reduziu-se a uma câmara frigorífica. Restaurou-se a Casa, dando-lhe um traço mais consen-tâneo com a sua época. Enfim, e em resumo, caminhou-se com o tempo.*

*Actualmente toma conta da administração da Quinta da Cardiga a geração mais nova. Dono de metade da casa e descen-dente de D. Fernanda de Sommer de Mello, condessa de Murça, seu filho único António Maria, o actual Conde de Murça; o representante da outra metade é o filho de D. Branca de Fernando Luís de Sommer d’Andrade; este, graças ao bom Deus, com sua mãe ainda viva e uma irmã solteira. Devido às necessidades que regem cada época, a Quinta da Cardiga não foi excepção, e tem tido que encarar grandes transformações.*

*A falta de braços devida à imigração que se tem verificado para França e a Alemanha, ao aumento sensível do nível de vida rural às oito horas diárias de trabalho etc., obrigaram à mecanização intensiva sempre que isso fosse possível, e à intensiva exploração agrícola, e assim foi necessário modificar a antiga e linda vacaria, enlevo e bandeira da Quinta da Cardiga, para a substituir por uma estabulação livre e ordenha mecânica. Os estábulos dos bois de trabalho, hoje vazios, bem como as cavalariças das muares, transfor-maram-se em estábulos de cria e recria de vitelos. Algumas das oliveiras tiveram que ser sacrificadas, mas, em compensação, os poma-res vieram a ser aumentados. A vinha foi reformada e novamente aramada com compassos adequados à moderna mecanização, e por aí afora. Por outro lado, foi aumentado o âmbito de acção da Quinta da Cardiga com a aquisição do alvará e fábrica de extracção e rectificação de óleos essenciais, de que são um dos maiores exportadores nacionais.*

*Para tudo possuir, até um corpo de Bombeiros Voluntários a Quinta tem composto totalmente de pessoal da casa.”*



fig.118 – esq.: Vista aérea da cidade do Entroncamento, Vila da Atalaia, Vila Nova da Barquinha e Quinta da Cardiga em 1947

fig.119 – dir.: Vista aérea da cidade do Entroncamento, Vila da Atalaia, Vila Nova da Barquinha e Quinta da Cardiga em 1982



192 – Batista, *Cardiga Ou a História de Uma Quinta* (1169-2019).

193 – *Ibid.*

194 – “Hoje o campo da Golegã está totalmente alterado na sua rentabilidade. São terras de regadio que na altura praticamente não eram. Quando entrámos na Comunidade Europeia pagaram-nos para retirar o olival e hoje o olival vale dinheiro, como quando nos deram dinheiro para retirarmos vinha. Portanto, as coisas alteram-se. Neste tempo o que subsiste é a nossa história, são estas paredes, mas sobretudo esta memória, num tempo em que de duas em duas semanas se muda tudo. Num tempo em que as circunstâncias são diferentes. Num tempo em que tudo deixou de ser cíclico e como nos outros tempos em que tudo era igual durante muito tempo, e, portanto, aqui preserva-se o que aconteceu.”

195 – Vicente, “*Regresso à Quinta Da Cardiga*,” 16.

Ainda na década, de 60, foram divididos todos os bens pertencentes à Sociedade Agrícola da Quinta da Cardiga, Lda.

O fim do Estado Novo, iniciado com a revolução de 25 de Abril, comportou com certeza transformações na gestão da quinta. A Reforma Agrária, não chegou a ter um impacto directo, no sentido em que a quinta não foi ocupada como outras foram em 1975,<sup>192</sup> devido à acção dos próprios trabalhadores que impediram a ocupação.<sup>193</sup>

O actual gestor, António Holstein de Mello, identifica a década de 1970 como o início da decadência da Sociedade Agrícola da Quinta da Cardiga.

Também a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia, em 1986, é apontada pelo actual autarca da Câmara Municipal da Golegã, José Veiga Maltez, como um momento de grande transformação económica, a partir das directivas europeias no que diz respeito às práticas agrícolas. Aponta os dois exemplos do cultivo da vinha e da oliveira, cujas culturas terão sido retiradas em troca de subsídios, e das perdas económicas e culturais. Afirma ainda que todo o campo da Golegã se transformou em terras de regadio.<sup>194</sup>

A imprensa local aponta também, como factor de decadência do conjunto, um conflito entre os dois ramos da família. “Depois, as famílias dos dois sócios e timoneiros desuniram-se, a estratégia fragmentou-se e os interesses já muito divididos quiseram sobrepor-se. Os Sommer, a família de Ruy d’Andrade, queriam comprar a parte do conde, mas os herdeiros deste não queriam vender, sobretudo porque, sendo a família tremendamente abastada, não tinha necessidade de alienar o que quer que fosse.”<sup>195</sup>

A Quinta da Cardiga transita assim para o séc. XXI e para o novo milénio num estado de decadência que se intensificou ao longo das últimas duas décadas.

# A CARDIGA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

## Programas

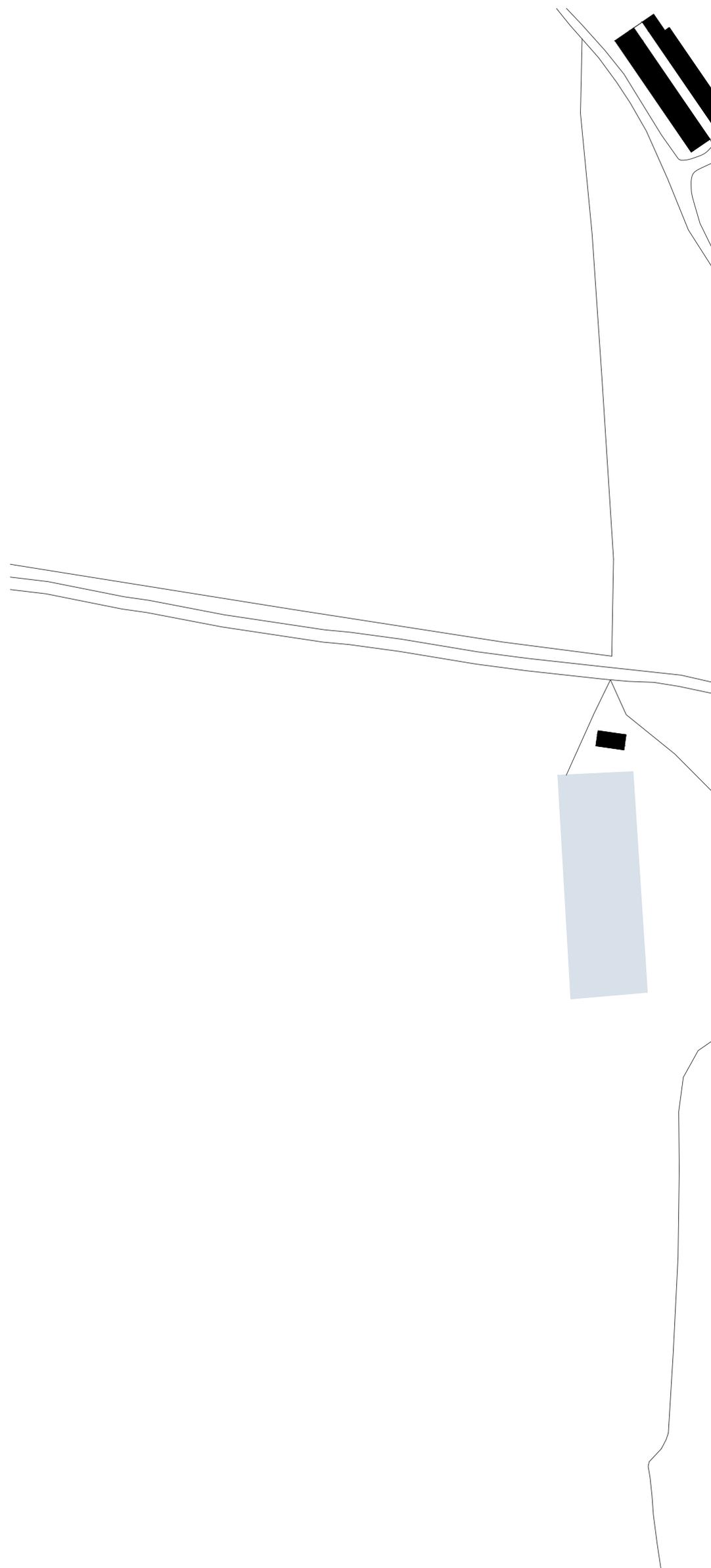


fig. 118 – Esquema de reconstituição de ocupação e distribuição programática da Quinta da Cardiga no início do séc. XX

- 1 – Casa Nobre da Cardiga
- 2 – Lagar
- 3 – Celeiro
- 4 – Cocheira
- 5 – Picadeiro
- 6 – Cavalariças
- 7 – Leitaria
- 8 – Adega
- 9 – Outras dependências agrícolas
- 10 – Armazém de máquinas
- 11 – Estábulos para gado de trabalho
- 12 – Garagens
- 13 – Escritório
- 14 – Habitação dos trabalhadores
- 15 – Habitação dos trabalhadores
- 16 – Oficina | Pintura | Refeitório
- 17 – Carpintaria | Abegoaria
- 18 – Palheiros
- 19 – Nitreira
- 20 – Câmaras Frigoríficas
- 21 – Estábulo de Ovinos/Armazém de Alfaias
- 22 – Palheiro
- 23 – Nora





fig.121 – Fachada Nascente, 1995



fig.122 – Fachada da Capela, 1995



fig.123 e fig.124 – Jardim de alegretes e namoradeiras, 1995



fig.125 – Vinha na frente do palácio, 1995



fig.126 – Edifício de habitação e armazéns, 1995



fig.127 - Carpintaria, 1995



fig.128 – Escritórios e Garagens, 1995



fig.129 – Carpintaria, 1995



fig.130 – Cocheira, 1995



fig.131 – “Terceiro Pátio”, 1995





fig.132 – Cavalariças, 1995



fig.133 – Caleira, 1995



fig.134 – Caleira, 1995

## O Século XXI: impasses

O séc. XXI é pautado por vários projectos não realizados para a Quinta da Cardiga, bem como pela venda sucessiva das terras associadas ao património edificado, reduzindo substancialmente a área agrícola afectada à Quinta da Cardiga.

Em 2001 surgiu um projecto em parceria com a Enatur que consistia em transformar o palácio numa Pousada de Portugal e na construção de 38 moradias, cujo loteamento, à data já estava aprovado pela Direcção Regional do Ambiente de Lisboa e Vale do Tejo.<sup>196</sup> “No entanto, o elevado custo que envolve a recuperação do palácio [foi apontado como] principal obstáculo ao objectivo de tornar o local numa pousada da Enatur.”<sup>197</sup>

Em 2008, no Relatório de Actividade Municipal do mês de Abril, no separador “Obras”, é referido o “parecer favorável ao Grupo Mateus que apresentou o empreendimento Golf & Resort “Quinta da Cardiga”.<sup>198</sup> O jornal regional O Mirante acrescenta ainda que “O Golf & Resort Quinta da Cardiga inclui dois hotéis, um de quatro estrelas e um de charme, um campo de golfe com 18 buracos, um clube house, um centro hípico, uma zona de lazer composta por diversas piscinas e campos de ténis e várias áreas comerciais.”<sup>199</sup> O projecto acabou por não se realizar, não se perspectivando um regresso ao mesmo.

A aldeia de São Caetano surge num contexto produtivo e paisagístico, advindo da existência da Quinta da Cardiga e de um propósito produtivo, da micro à macro economia. Assim, importa, no momento de estabelecer uma eventual estratégia de recuperação da Quinta englobar este assentamento.

É com essa consciência que em 2012 é aprovado o plano da Área de Reabilitação Urbana de São Caetano [ARU 5], incluído no Plano Director Municipal [PDM] da Golegã.<sup>200</sup> A área da ARU 5 pertence quase na totalidade à Quinta da Cardiga. É facto que a recuperação da aldeia depende quase exclusivamente da recuperação da Quinta, e que a Quinta beneficiaria da recuperação de São Caetano. Pelo interesse deste plano, permitimo-nos desta maneira transcrever excertos do documento institucional que nos parecem relevantes para o exercício da estratégia e para uma maior fundamentação da proposta arquitectónica desenvolvida no Tomo II.

“A Área de Reabilitação Urbana de São Caetano, com 25.16 hectares, integra o aglomerado de São Caetano, que se situa a nordeste da sede do concelho da Golegã, a Vila da Golegã. São Caetano constitui o quarto maior aglomerado do concelho da Golegã e é servido pelos eixos viários EM 572 que liga o aglomerado à EN 365, no sentido sul e à Golegã no sentido sudoeste. [...] Não se consegue falar acerca de São Caetano sem fazer referência à Quinta da Cardiga, localizada no limite norte da ARU, constituída por um conjunto edificado de importância reconhecida, que marca no concelho da Golegã, um domínio que se traduziu numa das mais notáveis propriedades do país.

A Área de Reabilitação Urbana de São Caetano é limitada a este pelo Rio Tejo, a oeste pela Rua Direita, a norte pela Quinta da Cardiga e a sul por terrenos agrícolas. [...]

A população residente é sobretudo idosa e com poucos recursos para efetuar obras de reabilitação. São Caetano não possui condições para a fixação de população, pois não existe oferta habitacional de qualidade, serviços, comércio e equipamentos que respondam às necessidades da população. Tendo em conta a realidade atual, São Caetano não possui atrativos nem condições para os mais jovens se estabelecerem. Mesmo na atualidade, verifica-se que este aglomerado ainda está arreigado à vivência de outros tempos relacionada com a dinâmica que a Quinta da Cardiga atribuía ao local. Mas essa dinâmica já não existe, deixando uma sensação de abandono, que é notório para quem passa por São Caetano. [...]

São Caetano pelas suas características, sendo objeto de uma revitalização e requalificação integradas, tem um largo potencial para atividade turística, o que, seguramente conduzia a um crescimento da população local. [...]

A Quinta da Cardiga e a paisagem envolvente atraem curiosos a São Caetano, mas o local não tem condições para potenciar a permanência de pessoas, para fins turísticos ou para habitar. [...]

Ao nível social também são identificadas algumas problemáticas no interior da ARU. A realidade social da população da ARU afecta a qualidade de vida da população e do próprio ambiente urbano. A área é maioritariamente habitada por pessoas idosas e reformadas, não existe mercado de trabalho, o que não potencia a fixação de população jovem, o que vem a justificar a existência de muitos edifícios degradados, desocupados e devolutos. [...]

Considerando todos estes factores a ARU 5 tem como objectivos:

1º Coesão Intermunicipal

2º Preservar a Memória, dos quais destacamos:

-Valorizar o património cultural como factor de identidade e competitividade urbana;

-Restaurar/incentivar a reabilitação do património histórico, arquitectónico e paisagístico, nomeadamente os edifícios classificados como “notáveis”;

3º Regeneração do Espaço Público

4º Promoção da Reabilitação Física-Funcional, da qual destacamos:

-Implementar estratégias que fomentem a reabilitação do edificado degradado e devoluto

5º Apoio aos Privados

196 – Vicente, “Palácio Da Quinta Da Cardiga Poderá Transformar-Se Em Pousada Da Enatur,” 4.

197 – “Golegã Quer Pousada Histórica Na Quinta Da Cardiga.”

198 – Maltez and Câmara Municipal da Golegã, “Relatório de Actividade Municipal de 22 de Fevereiro a 23 de Abril de 2008,” 9.

199 – “Grupo Mateus Avança Com Resort Quinta Da Cardiga No Entroncamento.”

200 – LT Sociedade de Reabilitação Urbana EM, “Delimitação Da Área de Reabilitação Urbana de São Caetano.”

Págs. seguintes: figs.135 e 136 – Comparação da área dos terrenos agrícolas afectos ao conjunto edificado da Quinta da Cardiga. À esquerda em meados do séc. XX, à direita em 2020

201 – Medinas, “Relatório de Actividade Municipal de 20 de Fevereiro a 21 de Abril de 2015,” 3.

202 – “Urbanização de Moradias Na Quinta Da Cardiga Pode Viabilizar Investimento No Palácio.”

203 – Mello, “Help Renovate an Ancient House That Was Once a Convent, One Hour from Lisbon, Portugal.”

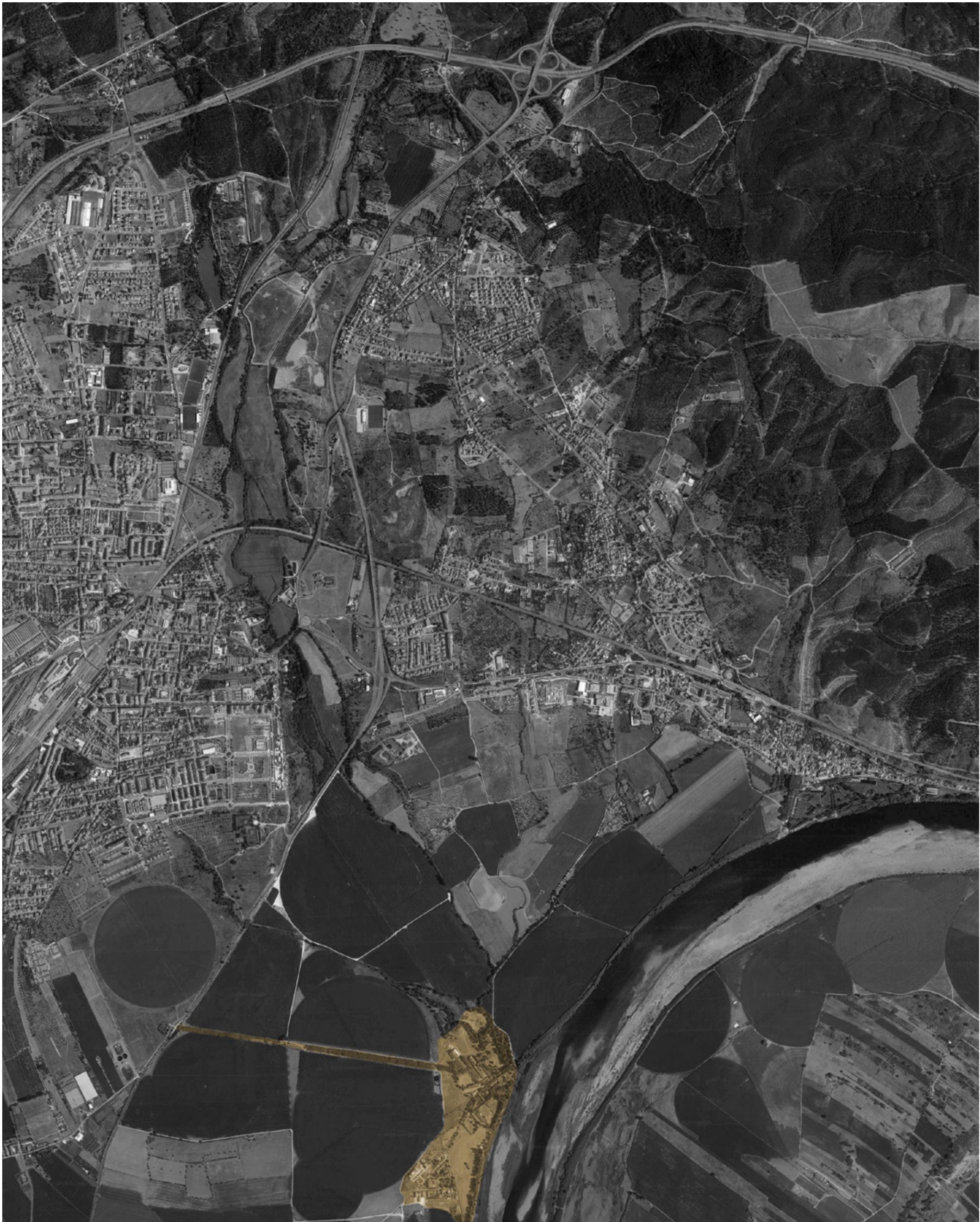
Em Abril de 2015, na “Convenção Internacional da Suprema Ordem Militar do Templo de Jerusalém a convite do Grão-Prior da Associação Grande Priorado Lusitaniae Templum, o Presidente e o Vice-Presidente da Câmara estiveram presentes na Sessão Capitular que decorreu no Convento de Cristo em Tomar, por ocasião da realização da Convenção Internacional, tendo tido o privilégio de presenciar a elevação da Cardiga a Comenda Templária.”<sup>201</sup> Neste mesmo ano a Quinta da Cardiga é posta à venda na agência Sotheby’s Realty.

Em 2017, de acordo com a imprensa local, teriam sido estabelecidos contactos entre os proprietários da Cardiga e a Câmara Municipal da Golegã com o intuito de viabilizar um projecto de urbanização, na área das dependências agrícolas e industriais. É também noticiado que o palácio tinha passado por algumas obras de manutenção como a substituição de janelas e reparação dos telhados.<sup>202</sup> Da mesma altura é o anúncio na plataforma de voluntariado Workaway, para trabalhar na Quinta da Cardiga.<sup>203</sup> No anúncio de pedido de voluntários, é requisitada ajuda nas áreas de jardinagem, construção, carpintaria, restauro, manutenção geral e até mesmo interessados em projectos artísticos.

Actualmente, a quinta encontra-se desactivada nas suas funções habitacionais, espirituais, e exploração agrícola e o edificado encontra-se em claro declínio. O conjunto está na posse de nove famílias herdeiras deste património. Ainda assim, o palácio da Cardiga é mantido e limpo com alguma regularidade.

A Câmara Municipal da Golegã equaciona permitir a construção de um complexo residencial na Quinta, apesar de toda a envolvente ser REN e RAN, com o intuito de viabilizar investimentos posteriores que sustentem a reabilitação da casa principal, e assim dar continuidade a este legado histórico.





*«The countryside is now the frontline of transformation. A world formerly dictated by the seasons and the organization of agriculture is now a toxic mix of genetic experiment, science, industrial nostalgia, seasonal immigration, territorial buying sprees, massive subsidies, incidental inhabitation, tax incentives, investment, political turmoil, in other words more volatile than the most accelerated city»<sup>204</sup>*

Várias questões se levantaram a partir da compreensão da história e da situação contextual da Quinta da Cardiga.

A investigação deste primeiro Tomo permite expor a história e desenvolvimento da Quinta da Cardiga como ferramenta fundamental para a proposta de uma intervenção consciente no seu património. Esta primeira parte do trabalho permitiu reflectir e fundamentar algumas das respostas que formalizaram o projecto, embora as decisões projectuais não se esgotem na resposta apenas da perspectiva histórica e linear do problema do abandono destes espaços.

A redução considerável dos terrenos agrícolas da Cardiga impõe a questão da utilidade ou permanência do património agrícola e industrial edificado.

Como preservar estas estruturas e com que objectivos?

Num momento em que a agricultura numa vertente intensiva e altamente tecnológica dispensa a mão-de-obra humana, como nos voltamos a aproximar do meio rural, já que praticamente não existe a real necessidade de trabalho físico nele?

Consequentemente como nos re-aproximamos do património por ele deixado nos séculos passados?

O que significa o meio rural actualmente?

De modo concreto, o que significa a Quinta da Cardiga actualmente? Como nos é que nos podemos reaproximar do seu património?

«A influência do homem nos sistemas da Terra tem sido crescente, como agente activo — e nocivo — na mudança das condições naturais do nosso planeta: desde o avanço científico na compreensão e conhecimento dos fenómenos da Natureza e seu pretenso domínio, à exploração e esgotamento de recursos naturais, até à criação de lixos tóxicos, como os radioactivos de origem nuclear, que levam milhões de anos (atingindo períodos temporais próximos dos das próprias eras geológicas) para serem neutralizados.

A necessidade de pensar de modo crítico e criativo sobre estes problemas de escala global afigura-se ainda uma realidade adiada para o indivíduo, fazendo apenas parte da discussão objectiva de algumas comunidades, como activistas, ambientalistas, artísticas, científicas ou determinados círculos políticos. Apesar da informação estar disponível e os meios de comunicação darem a conhecer os factos, o público geral parece protelar a reflexão e actuação que deveria ser central e quotidiana nos dias de hoje.

As realidades sociais e económicas tendem em direccionar o cidadão comum para preocupações de índole individual e necessidades pessoais, contrariando a própria condição de globalização da humanidade que o avanço tecnológico e a expansão de redes mundiais tem vindo a permitir, o que nos levaria a supor evidente a transversalidade da reflexão e a construção de acção conjunta.»<sup>205</sup>

205 – Melâneo, “Eco-Visionários: Os Factos e as Revoluções Necessárias.”

206 – “The Anthropocene defines Earth’s most recent geologic time period as being human-influenced, or anthropogenic, based on overwhelming global evidence that atmospheric, geologic, hydrologic, biospheric and other earth system processes are now altered by humans. The word combines the root “anthropo”, meaning “human” with the root “-cene”, the standard suffix for “epoch” in geologic time. The Anthropocene is distinguished as a new period either after or within the Holocene, the current epoch, which began approximately 10,000 years ago (about 8000 BC) with the end of the last glacial period.” Commonwealth Scientific and Industrial Research Organization (CSIRO) et al., “Welcome to the Anthropocene.”

Vivemos num momento particularmente sensível e determinante da história da humanidade. Com as alterações climáticas e a entrada na Era do Antropoceno<sup>198</sup> já reconhecida cientificamente, os meios e formas de utilização dos espaços rurais serão decisivos para estratégias de futuro sustentáveis.

É também com esta consciência que devemos reflectir na recuperação e reutilização do património edificado.

O próximo tomo não pretende ser uma resposta inequívoca às várias questões colocadas ao longo do trabalho, mas antes uma exploração, a partir da convocação de vários temas, de uma hipótese que se cristalizou e desenvolveu, sem querer mitigar de todo novas perguntas e deixando sempre em aberto outras hipóteses alternativas de actuação sobre a Quinta da Cardiga. Interessou sobretudo pensar, experimentar e procurar, através da arquitectura, uma estratégia, concretizada em acções que permitisse revitalizar o importantíssimo legado da Quinta da Cardiga, actualmente em sério risco de desaparecimento.









# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alpalhão, Margarida. “, O Amor Nos Livros de Cavalarias – O Palmeirim De Inglaterra de Francisco de Moraes: Edição e Estudo.” Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, 2008. <http://hdl.handle.net/10362/10544>.
- ANTT PT/TT/GAV/7/10/29. “Bula ‘Cum Pro Defensione’ Do Papa Urbano III, Pela Qual Confirmou à Ordem Do Templo Todos Os Bens.” Torre do Tombo, n.d.
- Araújo, Ilídio Alves de. “Quintas de Recreio: Breve Introdução Ao Seu Estudo, Com Especial Consideração Das Que Em Portugal Foram Ordenadas Durante o Séc. XVIII.” Separata Da Revista Bracara Augusta XXVII, no. XXVII (1974).
- Arquivo Nacional de Fotografia Portugal, Vitória Mesquita, and José Pessoa. Jorge Almeida Lima: Fotógrafo Amador. Lisboa: Instituto Português de Museus, 1997.
- “Arras.” In Dicionário Priberam Da Língua Portuguesa. Accessed December 14, 2019. <https://dicionario.priberam.org/arras>.
- Azevedo, Carlos de. Solares Portugueses: Introdução Ao Estudo Da Casa Nobre. 2nd ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.
- Azevêdo, Maria Teresa M. “A Utilização Dos Dados Históricos No Estudo Das Cheias Do Tejo.” Estudos Do Quaternário, no. 4 (2001). <http://www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq/article/view/148/151>.
- Barroca, Mário Jorge. “A Ordem Do Templo e a Arquitectura Militar Do Século XII.” In Revista Portugália, Vol. 17/18. Porto: Porto : Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3860.pdf>.
- — —. “Os Castelos Dos Templários Em Portugal e a Organização Da Defesa Do Reino No Séc. XII.” In Acta Historica et Archaeologica Mediaevalia, Vol. 22. Barcelona: Universitat de Barcelona: Facultat de Geografia e Historia, 2001. [www.raco.cat/index.php/ActaHistorica/article/download/188818/254676](http://www.raco.cat/index.php/ActaHistorica/article/download/188818/254676).
- Batista, Luís Miguel Preto. Cardiga: De Comenda a Quinta Da Ordem de Cristo (1529-1630). Torres Novas, Portugal: Município de Torres Novas, 2009.
- — —. Cardiga Ou a História de Uma Quinta (1169-2019). Municípios de Entroncamento, Golegã e Vila Nova da Barquinha, 2019.
- Caldas, João Vieira. A Casa Rural Dos Arredores de Lisboa No Século XVIII. Porto: FAUP Publicações, 1999.
- Carapinha, Aurora da Conceição Parreira. “Da Essência Do Jardim Português.” Universidade de Évora, 1995.
- “Carduus.” Accessed December 9, 2019. <http://www.theplantlist.org/>.
- “Carduus.” Accessed December 9, 2019. [https://flora-on.pt/#/4e8w5-BMM9YL9zD7RQd-vk12ZN\\_tllEuLkLkVd](https://flora-on.pt/#/4e8w5-BMM9YL9zD7RQd-vk12ZN_tllEuLkLkVd).
- Carita, Helder, and Homem Cardoso. A Casa Senhorial Em Portugal: Modelos, Tipologias, Programas Interiores e Equipamento. Edited by Maria da Piedade Ferreira. Alfragide: Leya, S.A., 2015.
- — —. Oriente e Ocidente Nos Interiores Em Portugal. Porto: Civilização, 1983.
- Commonwealth Scientific and Industrial Research Organization (CSIRO), Globaia, International Geosphere-Biosphere Programme (IGBP), International Human Dimensions Programme on Global Environmental Change (IHDB), Stockholm Resilience Centre, and Stockholm Environment Institute. “Welcome to the Anthropocene,” n.d. <http://www.anthropocene.info/about.php>.
- Conde, Manuel Sílvia Alves. “O Médio Tejo Nos Finais Da Idade Média [Texto Policopiado]: A Terra e as Gentes.” Universidade dos Açores, 1997.
- — —. “Ocupação Humana e Polarização de Um Espaço Rural Do Garb-Al-Andalus: O Médio Tejo à Luz Da Toponímia Árabe.” Arquipélago - História, 1997, 353–85.
- Costa, Americo. Dicionario Chorographico de Portugal Continental e Insular: Ydrografico, Historico, Orographico, Biographico, Archeologico, Heraldico, Etymologico. Vol. 4. Porto: Civilização, 1934.
- Craveiro, Maria de Lurdes. A Arquitectura “Ao Romano.” Edited by Dalila Rodrigues and José Pessoa. Arte Portuguesa: Da Pré-História Ao Século XX. Vol. 9. Arte Portuguesa: Da Pré-História Ao Século XX. Vila Nova de Gaia: Fubu, 2009.
- Custódio, Susana dos Reis. “Quinta Da Cardiga: Adaptação a Pousada de Portugal (Dissertação de Mestrado).” Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitectura, 2001.
- Daveau, Suzanne, José Mattoso, and Duarte Belo. Portugal - O Sabor Da Terra: Ribatejo. Vol. 12. Lisboa: Círculo de Leitores, 1997.
- DGPC. “Castelo de Almourol.” Accessed January 15, 2016. [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3404](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3404).
- Dias, João José Alves. Ensaio de História Moderna. Lisboa: Presença, 1988.
- — —. Paio de Pele: A Villa e a Região Do Século XII Ao XVI. Santarém: Assembleia Distrital; Vila Nova da Barquinha: Câmara Municipal, 1989.
- — —. “Uma Grande Obra de Engenharia Em Meados Do Século XVI: A Mudança Do Curso Do Rio Tejo. Sep. De.” Revista Nova História, no. 1 (1984).
- Dicionário de Latim-Português. 4th ed. Porto: Porto Editora, 2012.
- Direcção-Geral do Património Cultural. “Portal Do Arqueólogo,” n.d. <http://patrimoniogp.maps.arcgis.com/apps/webappviewer/index.html?id=5cb4735d7d7743a39a16d7269a753a4a>.
- “Ermida de São Brás.” Accessed March 20, 2020. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/en/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70294>.
- Ferreira, António Gomes. “Castra.” In Dicionário de Latim-Português. Porto: Porto Editora, 1998.
- Ferreira, Teresa Cunha. “Paisagem, Património, Arquitectura. A Obra de Alfredo de Andrade Em Itália.” Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos, no. 34 (2016): 78–81. [https://sigarra.up.pt/faup/pt/pub\\_geral/pub\\_view?pi\\_pub\\_base\\_id=208921&pi\\_pub\\_r1\\_id=](https://sigarra.up.pt/faup/pt/pub_geral/pub_view?pi_pub_base_id=208921&pi_pub_r1_id=).
- Fitz, Francisco García. “La Reconquista: Un Estado de La Cuestión.” Clio y Crimen, no. 6 (2009). [https://www.durango-udala.net/portalDurango/RecursosWeb/DOCUMENTOS/1/3\\_1945\\_7.pdf](https://www.durango-udala.net/portalDurango/RecursosWeb/DOCUMENTOS/1/3_1945_7.pdf).
- Frazão, A. C. Amaral. Novo Dicionário Corográfico de Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Colónias). Porto: Editorial Domingos Barreira, 1952.
- Gaspar, Jorge. “Os Portos Fluviais Do Tejo.” Finisterra 5, no. 10 (December 13, 2012): 153–215. <https://doi.org/10.18055/Finis2440>.
- “Golegã Quer Pousada Histórica Na Quinta Da Cardiga.” Jornal Cidade de Tomar, 2004. [www.cidadetomar.pt/noticia.php?t=e&id=1774](http://www.cidadetomar.pt/noticia.php?t=e&id=1774).
- “Grupo Mateus Avança Com Resort Quinta Da Cardiga No Entroncamento.” O Mirante, 2008. <https://omirante.pt/economia/2008-03-07-grupo-mateus-avanca-com-resort-quinta-da-cardiga-no-entroncamento>.

“Herdade Da Agolada - História.” Accessed October 20, 2016. <http://www.agolada.pt/turismo/herdade/historia>.

IIP - Decreto n.o 38 673, DG, 1.a série, n.o 57 de 12 março 1952 \*1 (n.d.).

Koolhaas, Rem. “On the Countryside.” *The Economist*, no. The World in 2018 (2017): 145.

Leal, Augusto Soares D’Azevedo Barbosa de Pinho. *Portugal Antigo e Moderno: Dicionário Geográfico, Estatístico, Chorográfico, Heraldico, Archeológico, Histórico, Biográfico e Etimológico de Todas as Cidades, Villas e Freguezias de Portugal e de Grande Número de Aldeias. Facsimile Da Edição de Lisboa: Livraria Tavares Cardoso & Irmão, 1833-1913. Vol. 2. Lisboa: Cota d’Armas, 1990.*

LT Sociedade de Reabilitação Urbana EM. “Delimitação Da Área de Reabilitação Urbana de São Caetano.” Golegã, 2012.

Madaleno, Isabel Maria. “Companhia Das Lezírias - O Passado e o Presente.” *Hispania Nova - Revista de Historia Contemporânea*, no. 6 (2006). <http://hispanianova.rediris.es/6/HISPANIANOVA-2006.pdf>.

Maltez, José Veiga, and Câmara Municipal da Golegã. “Relatório de Actividade Municipal de 22 de Fevereiro a 23 de Abril de 2008.” Golegã, 2008. <https://www.cm-golega.pt/autarquia/relatorioactividadeexecutivo/relatorios-de-2008/380-02-relatorio-de-abril-2008/file>.

Medinas, Rui Lince. “Relatório de Actividade Municipal de 20 de Fevereiro a 21 de Abril de 2015.” Golegã, 2015. <https://www.cm-golega.pt/autarquia/relatorioactividadeexecutivo/relatorios-de-2015/1570-relatorio-de-abril-de-2015/file>.

Melâneo, Paula. “Eco-Visionários: Os Factos e as Revoluções Necessárias.” In *JA Jornal Arquitectos*, 2018. <http://www.jornalarquitectos.pt/pt/forum/cronicas/eco-visionarios>.

Mello, António. “Help Renovate an Ancient House That Was Once a Convent, One Hour from Lisbon, Portugal.” *workaway*. Accessed March 13, 2018. <https://www.workaway.info/544238553672-en.html>.

Monteiro, João Gouveia. *Os Castelos Portugueses Dos Finais Da Idade Média: Presença, Perfil, Conservação, Vigilância e Comando. Estudos (Universidade de Coimbra). Lisboa: Coimbra: Edições Colibri; Universidade de Coimbra (colaboração), 1999.*

*Monumenta Henricina. Vol. 1. Coimbra, Portugal: Com. Exec. V Cent. Morte Inf. D. Henrique, n.d.*

Moreira, Rafael. *A Arquitectura Do Renascimento No Sul de Portugal: A Encomenda Régia Entre o Moderno e o Romano. Dissertação de Doutoramento Em História Da Arte. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1991.*

Neto, Maria João Batista. *Memória, Propaganda e Poder: O Restauro Dos Monumentos Nacionais (1929-1960). Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2001.*

Noé, Paula. “Os Castelos Da Ordem Do Templo Em Portugal,” 2016. [http://www.monumentos.gov.pt/Site/DATA\\_SYS/STUDYandDOCUMENTS/NORMAL/d021f272-c826-4418-9694-7cd86c955283/Artigo\\_desenvolvido.pdf](http://www.monumentos.gov.pt/Site/DATA_SYS/STUDYandDOCUMENTS/NORMAL/d021f272-c826-4418-9694-7cd86c955283/Artigo_desenvolvido.pdf).

Nunes, José Joaquim. *A Vegetação Na Toponímia Portuguesa. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade, 1920.*

Oliveira, Nuno Villamariz. *Castelos Templários Em Portugal: (1120-1314). Lisboa: Ésquilo, 2010.*

— — —. “Contributions to the Comprehension of Military Architecture and Defensive Systems of the Temple Order in Portugal.” In *Castelos Das Ordens Militares: Actas Do Encontro Internacional de Castelos*, 119–38. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural, 2013.

Porfírio, José Luís, and Maria Helena Barreiros. *Da Expressão Romântica à Estética Naturalista. Edited by Dalila Rodrigues and José Pessoa. Arte Portuguesa: Da Pré-História Ao Século XX. Vol. 15. Arte Portuguesa: Da Pré-História Ao Século XX. Vila Nova de Gaia: Fubu, 2009.*

Rau, Virginia. “A Grande Exploração Agrária Em Portugal a Partir Dos Fins Da Idade Média.” *Separata Da Revista de História*, no. 61 (1965): 65–74.

Rau, Virginia, and Georges Zbyszewski. “III - UNE EXPLOITATION AGRICOLE INTENSIVE: QUINTA DA CARDIGA.” In *Estremadura et Ribatejo (Livret-Guide de l’excursion D)*. Lisbonne: [s.n.], 1949.

Ribeiro, Orlando, Hermann Lautensach, and Suzanne Daveau. *Geografia de Portugal. Lisboa: João Sá da Costa, 1987.*

Ribeiro, Orlando. *Estudos Regionais. Opúsculos Geográficos. Vol. 6. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.*

— — —. *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico. 8th ed. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2011.*

Romão, João Maria. “No Encalço Do Passo Do Homem Medieval: As Vias de Comunicação Do Antigo Termo e Atual Concelho de Tomar.” *Universidade Nova de Lisboa, 2012.* <https://run.unl.pt/handle/10362/10150>.

Rovisco, Carla. “Metamorfozes Do Médio Tejo: Das Quintas Ribeirinhas e Da Causalidade Com o Rio.” *Universidade de Coimbra, 2009.*

Selvagem, Carlos. “O Ribatejo No Mapa Da Nação,.” Lisboa: Edição da Casa do Ribatejo, 1945.

Serrão, Vítor, and Carlos Alberto Ferreira de [coord] Almeida. *O Renascimento e o Maneirismo (1500-1620). História Da Arte Em Portugal. Vol. 3. Lisboa: Presença, 2001.*

Telles, Silva. *A Região Ribatejana e Seus Limites. Congresso Ribatejano, 1922.*

Tostões, Ana. *Arquitectura Moderna e Obra Global a Partir de 1900. Edited by Dalila Rodrigues and José Pessoa. Arte Portuguesa: Da Pré-História Ao Século XX. Vol. 16. Arte Portuguesa: Da Pré-História Ao Século XX. Vila Nova de Gaia: Fubu, 2009.*

Tréton, Rodrigue. “L’organisation Topographique de La Commanderie Du Masdeu En Roussillon.” *Archéologie Du Midi Médiéval* 28, no. 1 (2010): 271–95. <https://doi.org/10.3406/amime.2010.1933>.

“Urbanização de Moradias Na Quinta Da Cardiga Pode Viabilizar Investimento No Palácio.” *O Mirante*, 2017. <https://omirante.pt/semanario/2017-11-30/sociedade/2017-11-29-Urbanizacao-de-moradias-na-Quinta-da-Cardiga-pode-viabilizar-investimento-no-palacio>.

Vicente, Manuel Fernandes. “Palácio Da Quinta Da Cardiga Poderá Transformar-Se Em Pousada Da Enatur.” *O Mensageiro Do Tejo*, no. 21 (2002). [http://arquivo.cm-constancia.pt/details?id=985610&ht=periodical\\_press\\_collection\\_2728](http://arquivo.cm-constancia.pt/details?id=985610&ht=periodical_press_collection_2728).

— — —. “Regresso à Quinta Da Cardiga.” *Abarca Jornal Regional XXIX*, no. 431 (2019): 16–17.

Viterbo, Francisco de Sousa. *Dicionário Histórico e Documental Dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses. Reprodução Em Fac-Símile Do Exemplar Com Data de 1899 Da Biblioteca Da INCM. Vol. 1-A/G. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1988.*

# LISTA DE FIGURAS

## CRÉDITOS DE IMAGENS

Pp. 12-13: Fig. 01 – Quinta da Cardiga: portões grandes, 2013  
Créditos: Joana Jorge

Pp. 18; 29: Fig. 02 – Quinta da Cardiga: entrada na alameda, 2013  
Créditos: Joana Jorge

Pp. 30-31: Fig. 03 – Quinta da Cardiga: alameda 1, 2013  
Créditos: Joana Jorge

Pp. 32-33: Fig. 04 – Quinta da Cardiga: alameda 2, 2013  
Créditos: Joana Jorge

Pp. 34-35: Fig. 05 – Quinta da Cardiga: alameda 3, 2013  
Créditos: Joana Jorge

Fig.06 – Atlas do Ambiente: Carta Geológica  
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/p-earth/sets/72157608675719639/with/3004632619/>

Fig.07 – Foto Aérea da Quinta da Cardiga, 2016  
Créditos: Saulo Dias

Fig.08 – “Plantação de arroz – Lezíria, Ribatejo”, Série Portugal Rural, Artur Pastor, Décadas de 1950-60  
Fonte: <https://arturpastor.tumblr.com/post/167912118126/s%C3%A9rie-portugal-rural-planta%C3%A7%C3%A3o-de-arroz>

Fig.09 – “Planta dos trabalhos executados para mudar a direcção á ribeira de Canas” / J. J. A. Vianna, ten.e engr.º, director. – Escala 1:2000. – [1837-1851]. – 1 planta : ms., color.; 18 x 14 cm.  
Fonte: Portugal-Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direção de Infraestruturas do Exército – 3286-3-33-45

Fig.10 – Vista aérea do Paul de Boquilobo, [S.l. : s.n.]  
Fonte: [https://www.infatima.pt/pic/1483\\_paul\\_598af5f9e0701.jpg](https://www.infatima.pt/pic/1483_paul_598af5f9e0701.jpg)  
Vista da Serra d’Aire, [S.l. : s.n.]  
Fonte: <https://www.portugalprofundo.com/439009679>

Fig.11 – Vista da Serra d’Aire  
Fonte: <https://www.portugalprofundo.com/439009679>

Fig.12 – Vista interior das Grutas da Moeda, 2018  
Créditos: Joana Jorge

Fig.13 – Ortofotomapa com marcação dos núcleos urbanos e Quinta da Cardiga  
Créditos: Joana Jorge

Fig.14 – “Levantamiento planimétrico de Villa Cardilio efectuado por Alfonso de Paço (1964) al finalizar la última campaña de excavación” in “Villa Cardilio (Torres Novas, Santarém): una revisión desde la Numismática”, September 2017 DOI: 10.21747/09714290/port38a4  
Fonte: [https://www.researchgate.net/publication/321043554\\_Villa\\_Cardilio\\_Torres\\_Novas\\_Santarém\\_una\\_revisión\\_desde\\_la\\_Numismática](https://www.researchgate.net/publication/321043554_Villa_Cardilio_Torres_Novas_Santarém_una_revisión_desde_la_Numismática)

Fig.15 – “Barquinha (Portugal) – Quinta da Lameira - Velho Solar”, A. Passaporte, 1965  
Fonte: [https://www.delcampe.net/en\\_GB/collectables/postcards/portugal/santarem/vila-nova-da-barquinha-quinta-da-lameira-velho-solar-ed-loty-n-3-carte-postale-333929487.html](https://www.delcampe.net/en_GB/collectables/postcards/portugal/santarem/vila-nova-da-barquinha-quinta-da-lameira-velho-solar-ed-loty-n-3-carte-postale-333929487.html)

Fig.16 – “Milheiral”, Carlos Reis, c.1889, Óleo sobre tela, 130 x 200 cm. Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado  
Fonte: <http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/pecas/ver/426>

Fig.17 – “Caes de Tancos” – Cópia microfilmada. Portugal, Torre do Tombo, mf. 3540, 1853 in Fernando Freire, “O cais de Tancos é um encantador mosaico de memórias, histórias de vida e paisagem”, 2020, Mediatejo.net  
Fonte: <https://www.mediatejo.net/o-cais-de-tancos-e-um-encantador-mosaico-de-memorias-estorias-de-vida-e-paisagem-por-fernando-freire/>

Fig.18 – “Cais de Tancos – Portugal”, Vitor Oliveira, 2007  
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/vitor107/6022994935/in/album-72157594287533447/>

Fig.19 – “Entroncamento – 7”, A Terceira Dimensão, 2019  
Fonte: [portugalfotografiaaerea.blogspot.com/search/label/Entroncamento](http://portugalfotografiaaerea.blogspot.com/search/label/Entroncamento)

Fig.20 – Bairro Camões, Entroncamento, [S.l. : s.n.], in Sónia Leitão, “Quer morar no Bairro Camões a partir de 2020? Já se pode inscrever”, 2020, Mediatejo.net  
Fonte: <https://www.mediatejo.net/entroncamento-quer-morar-no-bairro-camoes-a-partir-de-2020-ja-se-pode-inscrever/>

Fig.21 – “Cod. Min. 53, Bd. 3, fol. 149r: Florilegium des Prinzen Eugen von Savoyen: Carduus - Ringdisteln”, Aguarela, Österreichische Nationalbibliothek, 1650  
Fonte: [http://www.bildarchiv.austria.at/Pages/Search/Result.aspx?p\\_eBildansicht=2&p\\_ItemID=1](http://www.bildarchiv.austria.at/Pages/Search/Result.aspx?p_eBildansicht=2&p_ItemID=1)

Fig.22 – “Terceira [-quarta] parte da chronica de Palmeirim de Inglaterra na qual se tratam as grandes caualarias de seu filho o príncipe Dom Duardos segundo & dos mais príncipes & caual-leiros que na ylha deleytosa se criaram” / composto por Diogo Fernandez. – Em Lixboa : em casa de Marcos Borges : a custa de Afonso Fernandez... & de Vasco da Sylua, 1587. - [2], 148, 83 f. ; 2º (31 cm)  
Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal – Biblioteca Nacional Digital -<http://purl.pt/14774>

Pp.48-49: Fig.23 – Quinta da Cardiga: alameda 4, 2013  
Créditos: Joana Jorge

Pp. 50-51: Fig.24 – Quinta da Cardiga, 2013  
Créditos: Joana Jorge

Fig.25 – “Territórios Doados à Ordem do Templo”  
Fonte: João José Alves Dias, Paio de Pele: A vila e a região do século XII ao XVI. Assembleia Distrital de Santarém, 1989, p.19

Fig.26 – “Territories of the Templar Order in Portugal after the grant of Guidintesta to the Hospitallers (1194) and after that of Açafa to the Templars”  
Fonte: Nuno Villamariz Oliveira, Fortificações da Ordem do Templo e da Ordem do Hospital, p.134

Fig.27 – Esquema de reconstituição planimétrica e volumétrica da Cardiga  
Créditos: Joana Jorge

Fig.28 – “Castelo de Longroiva – Planta”  
Fonte: SIPA Desenhos - [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6489](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6489)

Fig.29 – “Castelo de Longroiva”  
Fonte: SIPA Fotos - [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=6489](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6489)

Fig.30 – “Comendas da Ordem de Cristo (1321)”  
Fonte: João José Alves Dias, Paio de Pele: A vila e a região do século XII ao XVI. Assembleia Distrital de Santarém, 1989, p.20

Fig.31 – Planta de Masdêu. Tréton Rodrigue. L’organisation topographique de la commanderie du Masdêu en Roussillon. In: Archéologie du Midi médiéval. Tome 28, 2010, pp. 271-295;  
Fonte: [https://www.persee.fr/doc/amime\\_0758-7708\\_2010\\_num\\_28\\_1\\_1933](https://www.persee.fr/doc/amime_0758-7708_2010_num_28_1_1933)

Fig.32 – Fotografia de Masdêu. Tréton Rodrigue. L’organisation topographique de la com-manderie du Masdêu en Roussillon. In: Archéologie du Midi médiéval. Tome 28, 2010, pp. 271-295;  
Fonte: [https://www.persee.fr/doc/amime\\_0758-7708\\_2010\\_num\\_28\\_1\\_1933](https://www.persee.fr/doc/amime_0758-7708_2010_num_28_1_1933)

Fig.33 – “As Vias Romanas na Península Ibérica durante o reinado de Diocleciano, 284-305 d.C.”  
Fonte: “ALQUEVA - paisagem como tema” / “ALQUEVA - landscape as a theme” Departamento de Arquitectura da Universidade de Évora: 2014. ISBN: 978-989-95669-8-9

Fig.34 – “As Vias Romanas no centro de Portugal durante o reinado de Diocleciano, 284-305 d.C.”  
Fonte: “ALQUEVA - paisagem como tema” / “ALQUEVA - landscape as a theme” Departamento de Arquitectura da Universidade de Évora: 2014. ISBN: 978-989-95669-8-9

Fig.35 – “As Vias de Comunicação na Idade Média”, Manuel Silvío Alves Conde  
Fonte: O Médio Tejo nos finais da Idade Média [Texto policopiado]: a terra e as gentes. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1997.

Fig.36 – “Planta do Tejo desde a Golgãa até à Cardiga, e o Caminho até Torres Novas; com outra anexa desde a Ponte de Alseca até Tancos, e Rio Nabão [S.l. : s.n.], 1700-1900”  
Fonte: Portugal-Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direção de Infraestruturas do Exército - 3267 I-2A-28-40

Fig.37 – “Mappa do Tejo desde a villa de Tancos ate a Villa Franca de Xira: extracto tirado do mappa geral das lezírias e coutadas, que por ordem da Secretaria d’Estado se levantou no anno de 1770, e agora novamente reformado em Dezembro de 1784, nas diferentes vcdirecçoens das correntes, e das muitas cabeças d’area, que se tem mudado, e accrescentado. [S.l. : s.n.] 1784”  
Fonte: Portugal-Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direção de Infraestruturas do Exército - 3994-3-33-45

Fig.38 – “Mappa do curso e margens do Rio Tejo compreendido entre a boca de Sacavem, e a villa de Tancos: levantado para serviço do Exército, em 1801” / [desenhado pelo Capitão Engenheiro Lourenço Homem da Cunha de Eça e pelo Primeiro Tenente Carlos Luís Ferreira Ama-rante]. [S.l. : s.n.], 1801.  
Fonte: Portugal-Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direção de Infraestruturas do Exército - 3268/II-3-33-45

Fig.39 – “Reconhecimento militar do terreno compreendido entre os rios Nabão, Zezere e Te-jo, desde Thomar até Tancos / copiado no R.al Archivo Militar por P. Celestino S., Alferes do Exército em 1829”  
Fonte: Portugal-Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direção de Infraestruturas do Exército - 3996/V-3-33-45

Fig.40 – “Mapa do Tejo”, [S.l. : s.n.], c.1853  
Fonte: ANTT - PT/TT/CRT/081

Fig.41 e 42 – “Estudos Chorographicos, Phisicos e Hydrographicos da Bacia do Tejo Compre-hendida no Reino de Portugal, Acompanhados de Projectos e Descrição das Obras Tendentes ao Melhoramento da Navegação Daeste Rio e Protecção dos Campos Adjacentes [Material Carto-gráfico] / Pelo Brigadeiro Graduado de Engenharia e Inspector das Obras Públicas M. J. Guerra, Superintendente das Obras do Melhoramento do Tejo Coadjuvado Pelos Engenheiros Empre-gados Na Mesma Comissão ; Newton, Des. ; Calheiros, Grav.” Escala 1:20000; Escala vertical 1:2000. - Lisboa : Imprensa Nacional, 1861[a ca de 1864]. - 110 p. [vol. de texto], 8 plantas, 7 perfis : p&b, com traçados a cores  
Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal – Biblioteca Nacional Digital - <http://purl.pt/21846/4/>

Fig.43 – “Carta da rede Telegraphica e caminhos de ferro de Portugal” / por E. C. de Mendanha Jor., J. P. Xavier. - Escala [ca. 1:1000000]. - Lisboa : Direcção Geral dos Telegraphos do Rei-no, 1867. - 1 mapa : p&b, com traçados color. ; 67,60x39,90 cm em folha de 77,10x54,50 cm  
Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal – Biblioteca Nacional Digital - <http://purl.pt/3408>

Fig.44 – “Lancha do Rio da Cardiga”, Rascaço, 1882/3  
Fonte: Sociedade de Geografia de Lisboa

Fig.45 – “Mappa dos caminhos de ferro portu-guezes em 1 de Janeiro de 1895 no Continente e no Ultramar” / des. Goullard e Nogueira. - Escala 1:1000000. - [Lisboa] : Gazeta dos Caminhos de Ferro de Portugal, [post. Janeiro de1895]. - 1 mapa : litografia, color. ; 64,40x38,60 cm, em folha de 70,70x46,70 cm  
Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal – Biblioteca Nacional Digital - <http://purl.pt/3367>

- Fig.60 – “Claustro da Michá”  
Fonte: <http://www.conventocristo.gov.pt/>
- Fig.61 – “Claustro das Necessárias”  
Fonte: <http://www.conventocristo.gov.pt/>
- Fig.62 – “Sala Abobadada – Antiga cozinha”  
Fonte: SIPA Fotos - [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2038](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2038)
- Fig.63 – Charolinha da Mata dos Sete Montes  
Fonte: <https://www.mediotejo.net/tomar-charolinha-da-mata-dos-sete-montes-vai-ser-recuperada/>
- Fig.64 – “Jardim Terraço com Tempio”  
Fonte: SIPA Fotos - [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2038](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2038)
- Fig.65 – Solar de Água de Peixes, Planta  
Fonte: <http://www.filorbis.pt/colombo/indexPTColomboPortDest.html>
- Fig.66 e 67 – Solar de Água de Peixes, 00202361, 1949  
Fonte: SIPA Fotos - [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4335](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4335)
- Fig.68 – Quinta das Torres  
Fonte: <http://quintadecatravos.pt/outros-espacos-e-quintas/quinta-das-torres-de-azeitao/>
- Fig.69 – “Quinta e Palácio da Bacalhoa (Setúbal, Portugal)”, Catalão Monteiro, 2012. [CFT201.41]  
Fonte: Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/17576157053/in/photostream/>
- Fig.70 – “Castelo Novo de Vila Viçosa – Planta”  
Fonte: SIPA Desenhos - [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/SIPA.aspx?id=3927](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=3927)
- Fig.71 – “Castelo de Alvito – Planta”  
Fonte: SIPA Desenhos - [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=304](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=304)
- Fig.72 – “Ermida de São Brás – Planta”  
Fonte: SIPA Desenhos - [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=3854](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3854)
- Fig.73 – “Opera inv. 7947 A di Giamberti Giuliano detto Giuliano da Sangallo”  
Fonte: <https://euploos.uffizi.it/inventario-eu-ploos.php?invn=7947+A+di+%C2%ABGiamberti+Giuliano+detto+Giuliano+da+Sangallo%C2%BB#opimages-43522ng1-1>
- Fig.74 – “Claustro da Hospedaria”  
Fonte: <http://www.conventocristo.gov.pt/>
- Fig.75 – “SAGREDO, Diego de, fl. 1501-1550 Medidas del Romano agora nueuamente impressas y añadidas de muchas piezas e figuras muy necessarias a los oficiales que quieren seguir las formaciones delas basas, columnas, capiteles, y otras piezas de los edificios antiguos. - Lisbona : imprimido por Luis Rodrigues, 1542. - [43] f. : il. ; 4° (19 cm)”  
Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal – Biblioteca Nacional Digital
- Fig.76 e 77 – Quinta da Cardiga: Vista aérea, 2016  
Créditos: Saulo Dias
- Fig.78 – Palácio da Quinta da Cardiga: planta do piso térreo, 2015  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.79 – Cisterna de Mazagão, planta  
Fonte: Genin, Soraya, Krista de Jonge, and Rafael Moreira. “Antiga Mazagão, El JAdida (a No-va).” *Pedra & Cal IX*, no. 36 (2007): 19–21.
- Fig.80 – Palácio Manuelino  
Fonte: Genin, Soraya, Krista de Jonge, and Rafael Moreira. “Antiga Mazagão, El JAdida (a Nova).” *Pedra & Cal IX*, no. 36 (2007): 19–21.
- Fig.81 – Primeira Representação conhecida da Quinta da Cardiga  
“Receita: Dizima e Oitavos”, Ordem de Cristo e Convento de Tomar, mc. 30, [S.l.: s.n.], 1456 a 1794  
Fonte: ANTT – PT/TT/OCCT/E/008/0030
- Fig.82 – [Excerto] “Mappa topografico dos campos da Martentina e Cardiga [em Vila Nova da Barquinha] / que deabaixo das ordens do Coronel Engenheiro Felipe Roiz de Oliveira, tirou o Cappitam Joaquim de Oliveira no mes de Outubro de 1775 ; com acistencia do Provedor da comarca de Santarem D. Fr.co M.el de Andre.e Morei.a. [S.l. : s.n.], 1775”  
Fonte: <http://www.acasasenhorial.org/acs/index.php/en/fontes-documentais/desenhos-pinturas/225-paco-real-de-santos-sec-xvi>
- Fig.83 – “Desembarque em Lisboa dos Santos Mártires Veríssimo, Máxima e Júlia”, Garcia Fernandes, c. 1530. Óleo sobre madeira, 77x84cm.  
Fonte: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2016/01/iconografia-de-lisboa-1-parte.html>
- Fig.84 – “Panorama geral do Palácio da Cardiga em meados do séc. XVIII. Fonte: Arquivo da Quinta da Cardiga”  
Fonte: BATISTA, Luís Miguel Preto de, Cardiga: de Comenda a Quinta da Ordem de Cristo (1529 -1630), Coleção Estudos e Documentos, Município de Torres Novas, Torres Novas, 2009, p. 202
- Figs.85 a 89 – “Fotografias da Quinta da Cardiga durante a posse dos Lamas da Junqueira, na administração e vivência do Dr. António Zagallo e sua esposa, D. Maria Luísa Lamas”, c. 1880. Arquivo de Maria Helena Lamas Brou  
Fonte: Batista, Luís Miguel Preto, Cardiga Ou a História de Uma Quinta (1169-2019). Municípios de Entroncamento, Golegã e Vila Nova da Barquinha, 2019, p. 231.
- Fig.90 – Esquema da inversão da chegada: transição da entrada principal e capela para a fachada norte  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.91 – Quinta da Cardiga: rua principal, 2013  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.92 – “Capela”  
Fonte: SIPA Fotos - [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2038](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2038)
- Fig.93 – Quinta da Cardiga: jardim com alegretes e namoradeiras, 2013  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.94 – Quinta da Cardiga: alameda de entrada, 2013  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.95 – Quinta da Cardiga: jardim formal, 2013  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.96 – Quinta da Cardiga: torreão-miradouro, 2013  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.97 – “Pátio Pequeno”  
Fonte: SIPA Fotos - [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2038](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2038)
- Fig.98 – Esquema de reconstituição de ocupação da Quinta da Cardiga no início do séc. XX  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.99 – “Fachada Norte do Palácio”, 1930 e Quinta da Cardiga: entrada principal, 2017  
Fonte: Arquivo da Quinta da Cardiga  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.100 – “Fachada da Capela”, 1930 e Quinta da Cardiga: Porta da Capela, 2017  
Fonte: Arquivo da Quinta da Cardiga  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.101 – Quinta da Cardiga: arcos do claustro do pátio grande, 2013  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.102 – Quinta da Cardiga: quarto da seda, 2013  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.103 – “Casa da Cardiga”, Frederico Jorge Oom, 1910  
Fonte: ANTT – PT/TT/JAL/004/002774
- Fig.104 – “Portugal – Gollegã – Palácio Sommer da Quinta da Cardiga”  
Fonte: [https://www.delcampe.fr/en\\_GB/collectables/postcards/portugal/santarem/golega-palacio-sommer-da-quinta-cardiga-ed-alberto-malva-carte-postale-473685911.html](https://www.delcampe.fr/en_GB/collectables/postcards/portugal/santarem/golega-palacio-sommer-da-quinta-cardiga-ed-alberto-malva-carte-postale-473685911.html)
- Fig.105 – “Portugal – Gollegã – Palácio Sommer da Quinta da Cardiga”  
Fonte: [https://www.delcampe.fr/en\\_GB/collectables/postcards/portugal/santarem/golega-portugal-jardim-da-quinta-da-cardiga-247408145.html](https://www.delcampe.fr/en_GB/collectables/postcards/portugal/santarem/golega-portugal-jardim-da-quinta-da-cardiga-247408145.html)
- Fig.106 – “Portugal – Gollegã – Palácio Sommer da Quinta da Cardiga”  
Fonte: [https://www.delcampe.fr/en\\_GB/collectables/postcards/portugal/santarem/golega-portugal-jardim-da-quinta-da-cardiga-247408145.html](https://www.delcampe.fr/en_GB/collectables/postcards/portugal/santarem/golega-portugal-jardim-da-quinta-da-cardiga-247408145.html)
- Fig.107 – “Portugal – Gollegã – Jardim Sommer da Quinta da Cardiga”  
Fonte: [https://www.delcampe.fr/en\\_GB/collectables/postcards/portugal/santarem/golega-portugal-jardim-da-quinta-da-cardiga-247408145.html](https://www.delcampe.fr/en_GB/collectables/postcards/portugal/santarem/golega-portugal-jardim-da-quinta-da-cardiga-247408145.html)
- Fig.108 – “Adega dos Frades”  
Fonte: SIPA Fotos - [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2038](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2038)
- Fig.109 – “Pátio Pequeno”  
Fonte: SIPA Fotos - [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2038](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2038)
- Fig.110 – “Salão Interior”  
Fonte: SIPA Fotos - [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2038](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2038)
- Fig.111 – “Pátio Grande”  
Fonte: SIPA Fotos - [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2038](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2038)
- Fig.112 – “Capela”  
Fonte: SIPA Fotos - [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2038](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2038)
- Fig.113 – “Campino da modelar Quinta da Cardiga”, Joshua Benoliel, 1910-05  
Fonte: AML - PT-AMLSB-JBN-001963
- Fig.114 – Sem Título  
Fonte: AML - AMLSB-JBN\_001962
- Fig.115 – “Estábulo modelar da Quinta da Cardiga cujo leite é vendido pela Nutricia de Lis-boa”, Joshua Benoliel, 1910-05  
Fonte: AML - PT-AMLSB-JBN-001961
- Fig.116 – [Excerto] Fotografia Aérea: Voo RAF 1947  
Fonte: Centro de Informação Geoespacial do Exército - RAF47\_139\_5012\_t
- Fig.117 – [Excerto] Fotografia Aérea: Voo RAF 1947  
Fonte: Centro de Informação Geoespacial do Exército - RAF47\_139\_5012\_t
- Fig.118 – Fotografia Aérea: Voo RAF 1947  
Fonte: Centro de Informação Geoespacial do Exército - RAF47\_139\_5012\_t
- Fig.119 – Fotografia Aérea, 1982  
Fonte: DGT – <http://cgpr.dgterritorio.pt/Fototeca/index.html>
- Fig.120 – Esquema de reconstituição de ocupação e distribuição programática da Quinta da Cardiga no início do séc. XX  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.121 – Quinta da Cardiga, 1995  
Créditos: Duarte Belo - (nb1384-18a\_1)
- Fig.122 – Quinta da Cardiga, 1995  
Créditos: Duarte Belo - (nb1384-25a\_1)
- Fig.123 – Quinta da Cardiga, 1995  
Créditos: Duarte Belo - (nb1384-27a\_1)
- Fig.124 – Quinta da Cardiga, 1995  
Créditos: Duarte Belo - (nb1384-28a\_1)
- Fig.125 – Quinta da Cardiga, 1995  
Créditos: Duarte Belo - (nb1384-30a\_1)
- Fig.126 – Quinta da Cardiga, 1995  
Créditos: Duarte Belo - (nb1384-33a\_1)
- Fig.127 – Quinta da Cardiga, 1995  
Créditos: Duarte Belo - (nb1384-37a\_1)
- Fig.128 – Quinta da Cardiga, 1995  
Créditos: Duarte Belo - (nb1384-39a\_1)
- Fig.129 – Quinta da Cardiga, 1995  
Créditos: Duarte Belo - (nb1385-08\_1)
- Fig.130 – Quinta da Cardiga, 1995  
Créditos: Duarte Belo - (nb1385-09\_1)
- Fig.131 – Quinta da Cardiga, 1995  
Créditos: Duarte Belo - (nb1385-11\_1)
- Fig.132 – Quinta da Cardiga, 1995  
Créditos: Duarte Belo - (nb1385-13\_1)
- Fig.133 – Quinta da Cardiga, 1995  
Créditos: Duarte Belo - (nb1385-15\_1)
- Fig.134 – Quinta da Cardiga, 1995  
Créditos: Duarte Belo - (nb1385-19\_1)
- Fig.135 – Área de ocupação dos terrenos da Quinta da Cardiga na primeira metade do séc. XX. Carta produzida a partir de “Fotografia Aérea: Voo RAF 1947”  
Fonte: Centro de Informação Geoespacial do Exército - RAF47\_139\_5012\_t  
Créditos: Joana Jorge
- Pp. 158-159: Fig. 137 – Quinta da Cardiga: rua principal, 2013  
Créditos: Joana Jorge
- Pp. 160-161: Fig. 138 – Quinta da Cardiga: rua principal, 2013  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.46 – Esquema de reconstituição: distribuição programática no início do séc. XVI  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.47 – “A região da Comenda da Cardiga, no séc. XVI (1504), antes da mudança do curso do rio Tejo”  
Fonte: BATISTA, Luís Miguel Preto de, Cardiga: de Comenda a Quinta da Ordem de Cristo (1529 -1630), Coleção Estudos e Documentos, Município de Torres Novas, Torres Novas, 2009, p.139
- Fig.48 – Esquema de reconstituição planimétrica e volumétrica em 1504  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.49 – Comparação de unidades de medida  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.50 – Esquema: Alteração do curso do Rio Tejo em 1545  
Fonte: BATISTA, Luís Miguel Preto de, Cardiga: de Comenda a Quinta da Ordem de Cristo (1529 -1630), Coleção Estudos e Documentos, Município de Torres Novas, Torres Novas, 2009
- Fig.51 – Ortofotomapa das várias fases de transformação do curso do Rio Tejo no séc. XVI  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.52 – “Mappa topografico dos campos da Martentina e Cardiga [em Vila Nova da Barquinha] / que deabaixo das ordens do Coronel Engenheiro Felipe Roiz de Oliveira, tirou o Cappitam Joaquim de Oliveira no mes de Outubro de 1775 ; com acistencia do Provedor da comarca de Santarem D. Fr.co M.el de Andre.e Morei.a. [S.l. : s.n.], 1775”  
Fonte: Portugal-Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direção de Infraestruturas do Exército - 3154 I-2-21-30
- Fig.53 – Esquema de reconstituição planimétrica e volumétrica do novo palácio  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.54 – Esquema de reconstituição da volumetria do novo palácio e elementos fundamentais  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.55 – Quinta da Cardiga: Pátio Grande, 2013  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.56 – Esquema de reconstituição da distribuição programática do novo palácio  
Créditos: Joana Jorge
- Fig.57 – “Paço Real de Santos, Lisboa séc. XVI. Iluminura de Simão de Bening e António de Holanda in Geneologia dos Reis de Portugal. fl.8. Desenho da 1ª metade do séc. XVI. British Library, Londres. Add. Ms.12531”  
Fonte: <http://www.acasasenhorial.org/acs/index.php/en/fontes-documentais/desenhos-pinturas/225-paco-real-de-santos-sec-xvi>
- Fig.58 – “Desembarque em Lisboa dos Santos Mártires Veríssimo, Máxima e Júlia”, Garcia Fernandes, c. 1530. Óleo sobre madeira, 77x84cm.  
Fonte: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2016/01/iconografia-de-lisboa-1-parte.html>
- Fig.59 – Quinta da Cardiga: Adega dos Frades 1  
Créditos: Joana Jorge, 2020



# ANEXO I

«Treslado efectuado em Janeiro de 1734 do Tombo dos Bens da Comenda da Cardiga, originalmente redigido em 1504.

Fonte: IAN/TT, Ordem de Cristo, maço 30, doc. s/n, fls 113-141

[...]

Item tem primeiramente a ditto Comenda huã / Igreja Parrochial da Invocação de Nossa Senhora / Santa Maria do Zezer, e está Sobre o Zezer jun-/to do Castello que se chama Castello do Zezer./

Item onde chamão a Cardiga tem hum asento / de Cazas nesta maneira. Tem huma Torre / de boa altura toda de fundo a Cima de pedra // [fl.114v.] E Cal, bem madeyrada, e telhada / E tem tres sobrados. O Sobrado de Cima no/vo, e leva sinco varas de longo, e quatro de largo / E tem hum almario Sobre a escada no Sobrado do meyo tem huma janella d'asento / com Suas portas ainda boas, E tem hum mai/nel na Escada [do] fossado velho e hua logea por / baixo.

Item ao andar do derradeiro sobrado tem hua / Salla Sobradada e madeyrada de castanho / cuberta de telha vaã e nova leva nove varas / de comprido, E quatro e duas terças de largo / e tem tres janellas d'asentos com boas portas e huma chaminé.

Item ao andar desta Salla tem hua Cozinha Sobrada de pinho velho e leva Sinco varas escaças de comprido E quatro varas e tres quar/tas de largo bem madeyrada e telhada e nella / hua chamine de Sebe e bayrro. E huma can/tareyra de taboado de pinho, e hua Capoeyra, E hua janella d'asento com duas portas boas.

Item debayxo desta Cozinha Vay hua des/pença terrea ladrilhada com Sua escada E mainel de pinho ainda bom.

Item debayxo da Salla vay huma estrebaria / com suas manjadouras de pedra e cal.

Item tem hum Circuyto de parede de taypa / com Sua façe de cal deribado por partes, e começasse / da d(it)ta Torre da parte do norte E / vay acabar no Canto da Cozinha contra o Sul / E tem a entrada hum portal antigo de pedraria / leva Seis estis de comprido, E tres de largo.

Item tem este assento [morada] arredor de Sy hum / limite que entesta ao levante na Ribeyra da Cardiga, E leva de largo athé hum Vallado que hê / ao ponente por onde é o dito lemite parte com / terras, E matos dos erdeyros de João Galante / Setenta e dous estiis e meyo, os quais Se começaram / a medir de huma mouta grande de Silveira / que na borda da ditto Ribeyra estaã abayxo / das Cazas athé o dito Vallado, onde entesta / a outra mouta de Carrasqueira em terras da Vigairaria de Thomar, e vaise pelo ditto Vallado / contra o Sul partindo Sempre com os ditos Erdey/ros, e com os erdeyros de Brâz Fernandez, e com sesmarias do / Concelho de Santarem, athé o lado do dito Vallado onde faz hua ponta, E da dita ponta desse [desce] direyto / a hum marco novo, em hum Comaro antre a terra / da Comenda e terra da Vigairia, em direyto do porto / do Cortinhal, E daqui Se torna direyto pelo ditto Comaro, a outro marco novo no lado da ditto / terra da Vigairia, E de hu marco athé outro, leva quarenta e Sette estiis, em quinto, e torna di/reyto ao Rio [Tejo], a outro marco novo na borda do Rio / antre a terra da Comenda e terra da Vigairia, e do mar/co do porto do Cortinhal, athé o Comaro da Vinha da Comenda a hua oliveira grande e hua Regueira, leva // [115v.] de comprido (digo) Sincoenta e três estiis./

Item dentro deste Limite estão as ditas ca/zas, e hum olival que tem Cento Sincoenta / e três, digo quatro centas e oytenta e três oliveyras com as que estão por [a]li espalhadas, e outras / na vinha.

Item hi [ali tem] mais hum Cerrado em que está hua vinha feyta como treu [veremos?] quinze estiis / de largo, e hum pedaço de terra da dicta feyçon /

doze estis e meyo de largo, E estão aly no ditto Ser/rado Cento e Sincoenta e Sinco arvores de fruto / feytas. Silicet [a saber] figueyras, Pereyras, ameyxieiras / duas Sidreyras, e hua limeyra, e muitas arvores pe/quenas que senão poderão contar e passo ao Levante com a Ribeyra da Cardiga, E ao Poente / com Caminho, e ao norte, e Sul com terras da Comenda / Courellas, e terras do Campo da Cardiga.

Item o Campo da Cardiga, onde chamão o Seyxal, tem hua Courella que parte ao levante, e Ponente com courelas dalmourel / Entesta ao norte em caminho público, que vai dalmourol / pera a Golegaa na alverca de Fernando onde / leva de largo honze estis e meya quarta, E ao Sul emtesta em terra da Vigairaria / por hua estrema, onde leva de largo honze/ estis, e quarto, e leva de comprido sincoenta / e hu estis. //

[fl. 116.] Item Outra Courella no dito Seyxal que parte ao le-/vante, e Ponente com Courella d' almourol / e ao Norte emtesta no dito Caminho e alverca de Fernando, e leva por esta testada quinze / estis, e ao Sul emtesta na dita terra da / Vigairaria, onde leva de largo quatorze es-/tis, e de comprido sincoenta e seis. / Item Outra Courella ao Sapal, e parte ao Le-/vante, e Ponente com Courellas d' almou-/rol, emtesta ao norte no dito Caminho, / E alverca onde leva de largo, / digo e meyo E ao Sul digo e de longo leva / quarenta e seis e meio, e está nella hum / por sirgar /

Item Outra Courella abayxo desta que parte, E / emtesta pela ditto maneyra, e leva de / largo ao norte doze estis e quarto, e ao Sul / treze e covado, E leva de longo quarenta / e três e quarto/

[Item] Outra Courella no dito Seyxal que parte, e en-/testa pella sobredita maneyra, e leva / de largo ao norte vinte e hum estis E ao / Sul leva vinte e dois estis e quarto, e / leva de comprido Norte e Sul trinta e sette / estis e meio //

[fl. 116v.] Item Outra Courella onde chamão o Casal da / Cardiga, e parte ao Norte com terra da dita / comenda pelo caminho da vila [?], e ao Sul / com almourol , emtesta ao levante na / sobre ditto Courella, e leva por esta tes-/tada vinte e oyto estis e ao Ponente en-/testa no porto da Cardiga, honde leva / de largo vinte e sinco estis, e de longo leva / trinta e dous e meyo.

Item Outra Courella que se chama o Casal do Porto da Sylveira, e parte ao norte, e Sul com almou-/rol, ao levante emtesta em terra de Rui / Pires, e com erdeyros dalvaro doBidos, e le-/va por esta testada vinte e seis estis e meio / E ao Ponente emtesta na Ribeyra da Car-/diga ao ditto porto Sylveira, e leva aqui / de largo trinta e trez estis, e de longo leva / quarenta e dous estis e quinto/

Item Outra Courella no ditto Campo que parte ao norte, e ao Sul com almourol, ao levan-/te emtesta com erdeyros de Alvaro de obidos / E leva por esta testada treze estis, e ao Ponente / Com a ditto Ribeyra, e leva hi doze estis e meio / E de comprido leva quarenta estis e meio.

Item Outra Courella que se chama o Casal que entes-/ta ao Ponente no porto do Cortinhal, e ao le-/vante com os erdeyros dalvaro dobidos, leva de / largo ao levante dezanove estis, e hu covado E ao // [fl. 117] Ponente dezasseis e hum covado, e de / longo leva sincoenta e quatro estis e meyo.

Item Outra Courella abayxo desta que parte / ao norte, e ao Sul e levante com Courella dal-/mourol, e ao Ponente emtesta na dita Ribeyra / leva de largo ao Ponente honze estis e meio / E ao levante leva dez, e de longo leva trinta / e sinco estis e meio.

Item Outra Courella à fonte da Vougada que / parte ao norte e ao Sul, e levante com Cou-/rellas dalmourol, e ao Ponente com a dita / Ribeyra, leva de largo ao Levante quinze / estis e três quartos, ao Ponente dezoyto e meio / E de longo Vinte e hum.

Item Outra Courella às Coymbrãas que parte ao / levante, E ao norte e ao Sul com Courellas / dalmourol, e ao Ponente com Courella dos / jugados, leva de largo ao Ponente quinze / estis, E meyo, E levante dezasseis E / três quartos, e de longo quarenta e nove e meio.

Item Outra Courella nas dittas Coymbrãas que parte / ao norte, E ao Sul com almourol, emtesta / ao levante em Tejo, e ao Ponente com os Sir-/gados, leva de largo ao Ponente quinze es-/tis e quarto, E ao levante quinze, e de longo leva / trinta e três.

Item Outra Courella pequena feyta como treu, // [fl. 117v.] emtesta / ao Ponente com os Sirgados, e leva por esta tes-/tada três estis e meyo de largo, e de comprido / leva seis ao longo da Courella dalmourol /

Item Outra Courella no ditto Campo ao outero / aLemo, que parte ao levante com a Courella de / Sam Francisco de Santarem, E ao Ponente com / Courella dos Sirgados, emtesta ao sul em cou-/rella d'almourol, e ao norte em Courella / de muntos hereos [herdeiros], leva ao norte dezasseis / estis de largo, e dezanove ao sul, e de longo / leva sincoenta e quatro Estis e meyo.

Item Outra Courella a onde chamão o Coelheiro, que / é a mais Cimeyra contra Almourol, e parte do levante com a terra que foi de Gonçaleanes / da mouta, e ao Ponente com almourol, / E ao norte emtesta em comaro Velho ao / longo do olival, E ao Sul em terras de barto-/lameu Gonçalves, E de Seus erdeyros do ditto Gonçale-/anes. Nesta Courela faz huma chave / huma terra da Comfraria que vem de hum / Marco que está da parte do levante / hua pedra branca, e deste marco se vai direyto / ao Caminho que vem dalmourol ao longo da dita alverca até a terra dos ditos erdeyros de Gonçallo / Anes, a outro marco novo que no lado desta terra // [fl. 118] está na borda do caminho / acima um pouco do Ribeiro do Val da Serpe [?] / em direyto de huma oliveira grossa, que está jun-/to de outra oliveira grande de três pernas [pernadas], E leva / de longo nesta parte seis estis, e quarto, e de lar-/go do ditto marco até a terra de almourol, leva / quarenta estis, e tres quartos, e do meyo da chave / da dita terra da comfraria, até o ditto Vallado / Vello, leva de longo quinze estis, e covado; / E de longo da testada dos erdeyros de Gonçalo / Anes da parte do Sul contra a alverca, leva / de comprido pelo vallado Vello ao longo / terra de Almourol quarenta e dous estis. / Esta Courella vay ter antre os [?] da dita / chave da terra da Confraria junto do marco / da pedra branca que está contra a ditto alverca.

Item Outra Courella no ditto Coelheiro que ao levante / e ao Ponente parte com almourol, do norte / emtesta em terra publicu Barthollameu / Gonçalves, e doutros hereos, e leva por esta testada / quatorze estis, E quarto, e chega ao Caminho / vay dalmourol para a Atallaya, e contra / a Atallaya vay por bayxo do Caminho sobredito / hum pouco, e leva de largo por esta testada / vinte estis menos covado, e de comprido leva / sincoenta e nove estis e meio.

Item Outra Courella onde chamão Dona clara / que parte ao levante, E ao Ponente com almourol / ao Norte emtesta em terras de muitos hereos, por hua // [fl.

118v.] aberta Velha, E ao Sul outrosi / Emtesta com muytos hereos que vão antre esta / courella, e alverca de Fernando. Leva de largo / ao norte quinze estis e meio; e oyto ao Sul, e de / longo setenta e dous. /

Item Outra Courella abayxo desta que ao levante, / e ao Ponente parte com terras d'almourol, ao / norte emtesta na aberta Velha, e ao Sul com / hereos pella alverca de Fernando leva de / largo ao norte treze estis e meio; e ao Sul leva / oyto estis e meyo, e de comprido leva oitenta e /duas [sic] estis e meio. /

Item Outra Courella no dito Campo que parte ao levante / e ao Ponente com Almourol, emtesta ao norte / com Nuno Fernandez pella dita aberta Velha, e ao / Sul na alverca de Fernando, leva ao Norte doze / Estis e meio; e ao Sul dez, e meio, e de longo cento / e doze e meyo. /

Item Outra Courella que se chama do Paul, e parte / ao levante, e ao Ponente com terras d'almou-rol, ao norte emtesta no paul de Nuno Fernandez / e ao Sul na dita alverca de Fernando. Leva / dês estis de largo, cento e vinte e sette de longo. /

Item Outra Courella no dito Campo que parte [ao] levante / e Ponente com almourol, ao norte emtesta na dita / aberta Velha, em terras públicas de hereos, E / ao Sul na dita alverca de Fernando, leva [a]o norte / Honze estis, e ao Sul nove e meio; e de longo cento e trin-ta e dous, e três quartos. //

[fl. 119] Item Outra Courella que se chama das ademas e parte ao / levante e Ponente com almourol, ao norte em-testa na dita aberta, E ao sul emtesta na dita al-verca, leva ao norte honze estis, e ao Sul leva honze e meio, e de longo leva cento trinta e hum e quarto./

Item Outra Courella no dito Campo que parte ao levante / e Ponente com Almourol, ao norte com o porto da / garganta d'ega, e ao Sul na dita alverca, leva ao norte / doze estis e meio e hum covado, e ao sul seis estis / e quarto, de longo cento trinta e quarto, e meio. /

Item Outra Courella abayxo da dita garganta d'ega / que parte ao levante, e Ponente com almourol, ao / Norte emtesta pella dita aberta pelo pé do monte / da arna da mouta e da Atalaya, e com terras / de hereos; e ao Sul com a dita alverca, leva ao norte / doze estis, e meyo; E ao Sul treze, E quarto, e de / longo leva cento vinte e nove. /

Item Outra Courella no dito Campo que parte ao le-vante, e Ponente com almourol, Ao Norte emtesta / com os ditos arneyros pela aberta velha; e ao Sul / na dita alverca, leva norte quatorze estis. Ao / Sul leva quinze, e de longo leva cento e nove es-tis, e meyo. /

Item Outra Courella ao Zambugeyro da longara, que / parte ao levante, e Ponente com almoirol; ao norte / com coruella de hereos, e ao Sul com caminho / publico que vay de almourol para a Golegã por a dita / alverca de Fernando, leva ao norte de Largo doze / estis, e meyo, e treze ao Sul, e de longo leva oytenta / e seies estis, e quarto. //

[fl. 119v.] Item Outra Courella as eyras que parte ao levante e Ponente / com almourol. Ao Norte emtesta com courella de / hereos, e ao Sul no dito caminho e alverca de Fer-nando. Leva de largo ao norte doze estis. Ao Sul / treze e meio e de longo leva oytenta e hum. /

Item Outra Courella que parte ao levante e Ponente / com Almourol, e emtesta ao norte na dita aberta / ao leboreiro, e ao Sul no dito caminho da louça [?], leva / de largo ao norte doze estis e meio; e ao Sul leva / doze, e de comprido setenta e sinco e meio. /

Item Outra Courella onde se chama o Casal do / Castinheyro, que parte ao levante, e Ponente com / almourol ao norte com a aberta ao porto da Vinha, / e do Sul com o caminho, e alverca, leva ao norte hon-ze estis, e tem [sic] quartas, E ao Sul treze e tres quartas, e de longo setenta e sinco. /

Item Outra Courella que se chama da Vinha, e par-te ao norte com Almourol, e ao Sul com a dita alverca / e caminho. Ao levante com caminho de hereos, onde / está hum Castinheyro, e ao Ponente com a Ribeyra / da Cardiga. Leva ao Ponente Vinte estis, e ao levante / leva quinze estis e meio; e de longo leva quarenta e dous. /

Item Outra Courella ao Leboreiro que parte ao Norte / com courella de Bertolomeu Dias, e ao Sul com almou-rol. ao Ponente emtesta em courella da Vinha, / e ao levante, cara em ponta, leva ao ponente seis es-tins e meio, e ao levante hum, e de comprido vinte e seis. /

Item outra Courella ao porto da Vinha, que parte / ao Norte, e Ponente com almourol, e ao Sul, e levante / com o Ribeiro e faz huã chave contra o norte, que emtesta // [fl. 120] no porto do prado, leva de comprido / e dous estis, e de largo pello meyo sinco, e a chave / leva de comprido nove estis, e quarto, e de largo leva / quatro e meio. /

Item Outra Courella, onde chamao almafalla, que / parte ao norte, e sul com Almourol, e ao levante / emtesta na Ribeira nova da Cardiga, e ao Ponente/ com a Ribeira Velha, e leva de largo pellas ditas tes-tadas, honze estis e quarto. /

Item Outra Courella na dita almafalla, que parte e emtesta / pela sobredita maneira, e leva de largo pellas testadas / quatorze estis /

Item Outra Courella na dita almafalla, que parte ao norte / com terra da Vigairaria de Thomar, e ao Sul com / almourol, E emtesta na dita Ribeyra, e leva de lar-go / pelas testadas quinze estis e meio contra o Ponente / vay entre esta courella, e a terra da Vigairaria hua / aberta desta Comenda, que vay ter a Ribeira Velha. /

Item Outra Courella onde chamao a cornilhada do / Prado, e parte ao ponente digo norte pella Ribeira Velha / E ao Sul com almourol, ao levante emtesta na / Ribeira nova da Cardiga, e ao Ponente no Vallado / E leva de largo por esta testada sinco estis e meio, / E ao levante dezasete, e tres quartos, per bem / de huã chave que faz /

Item Outra Courella que chamão o Prado, e parte ao norte, / e Sul com almourol emtesta ao levante da Ribeira / nova, e ao ponente no dito Vallado Velho, E leva de lar-go pellas testadas treze estis e meio //

[fl. 120v.] Item Outra Courella ao porto do Prado, que parte ao nor-te, e Sul com almourol: ao levante emtesta na / Ribeira nova, E ao Ponente no Vallado, leva ao le-vante quinze estis e meio, e treze ao ponente, e dentro / desta confrontação está a que chamão a comendadeira //

Item Outra Courella que se chama a Requeixada, e / parte ao levante com a Ribeira de S. Catherina, / e ao ponente pelo Vallado Velho dito (direito) ao Canto da / Ermida. Ao norte emtesta em terra dalmourol / E ao Sul no Comaro da Vinha da Ordem E é tão / larga como o dito Serrado, e Vinha, leva de largo ao /

Norte dezaseis estis, e de longo leva vinte e quatro /

Estas sobre dittas Courellas dá o Comendador / de Renda a quem lhe apraz, e dão-lhe de Renda a / metade do que Deus nella dá entrando hi e o dizimo / da dita ametade, que à dita Comenda são obrigados pagar / os que as lavrão.

Item Tem mais ao Coelhoheiro hu olival em que estão / trinta oliveyras, E parte ao levante com terra desta / Comenda; e das outras bandas parte com diversos he-/reos, he quazi no cabo das terras da Ordem ao Coelhoheiro; E o traz hu Marcos dias por Prazo comfirmado / por El Rey Nosso Senhor, e paga delle o Sexto, / e dizimo, ao pé da oliveyra, e de foro paga hua / galinha, e meya dúzia de ovos em cada hum / anno. /

Tem a ditta Comenda da Cardiga em Abrantes, / E Seu termo estes benz que se seguem //

[fl. 121] Item Junto da dita Vila em huma Ladeyra que chamão / Maria de Covas, tem hum olival em que há / Cem oliveyras menos hua, e nove azambujeiros, / e parte ao Sul com olival e terra da Ordem de / Sam João [Hospitalários], e com olival de Martim de Temudo / E ao ponente com olival dos hereos de Fernam / Lopez da charneca: ao Norte com olivais d'a-/fonso Cabreira, e de Beatris Temuda e do / Hospital, e ao levante com estrada que vay da Villa / pera a Camera. Destas confrontações a-/dentro jazem quatro talhos pequenos de oli-/vais destes hereos. S. C. [SILICET A SABER]: Cristóvão Mendez. / Rodrigu'eanes Morgado. Pedro Castanho, / e Diego Lourenço. Este olival da Ordem / no ano de pouca novidade dá Vinte moeduras. /

Item Outro olival à Cruz de Gomeime, que parte / ao ponente, e ao norte com estrada que vay / da Villa para o Sardeal. Ao levante com olival / de Sam Vicente que traz Gonçallo baixo; E em-/testa na parte de baixo com sarrada d'al-/varo Fernandez. Tem trinta e sette oliveiras. /

Item Outro olival junto da Villa onde chamão Sam / Martinho na Costa de traz o Castello, e tem / quinze oliveyras, e parte ao ponente com a dita / Costa E ao levante com olival de João / da Maya Clerigo, e com olival de Sam João / e aoNorte com estrada das Ortas. /

Item Ao pé da Costa antre as Hortas, tem hua orta // [fl. 121v.] que se chama a orta da Ordem / E emtesta ao levante com o Rio d'abrantes, E ao / ponente com Caminho publico. Ao Sul com a Orta / de Vasco Dias, E com Orta de Lourenço Fernandez / e ao norte com orta, e pumar de João Castanho / E com orta dos erdeyros de [?] Vaz, / e com Pero Fernandez o Cavado, e com o Ribeiro da / Fonte quente. leva pella testada de contra / o Rio por onde está hua figueyra grande / dezasete braças de Craveyra; E mais acima leva / vinte E quatro; e pella testada de Cima leva / treze. tem duas figueyras, e huã Romeyra, E / da parte do norte tem três marcos, está ora / arrendada por nove annos a hu Gaspar Fernandez, / e paga della de foro, e renda cada anno / por Natal trezentos e Sincoenta Reiz. /

Item Huma seada a que chamão o quin-/houzo da Ordem, E está junta da Villa toda / Tapada de Vallado em redor; E parte ao ponen-/te começando contra a Villa junto de hum chafariz / do Concelho, e de hi se vay pera baixo partindo / por hu corrego que se chama o val d'albofeyra / athé o Sul onde faz huã testada, e leva de lar-/go por junto della trinta e sette braças de cra-/veyra, E emtesta em Cima no Recio do Concelho, / E em olival de hereos, que he antre esta sarrada, / E os passos do Bispo. E leva de comprido de Cima / a fundo trinta e huma braças, E pela testada de / Cima leva cento e nove braças, E parte ao ponente // [fl. 122] com muitos hereos, tem dentro trinta / oliveyras muito boas, e huã fonte, e três figueyras, huã / primeyra, e oyto azambujeiros /

Item Há na dita Villa na Rua dos oleyros tem huma caza / que já foi lagar de vinho, e ora he estrebaria, e parte / ao Sul com Cazas de S. Vicente que ora traz / Alvaro Dias próprio [?]; e das outras bandas parte com ruas / publicas, leva seis varas, e meya de longo, e sinco / de largo escaças, e a tras Fernam Freyre E / paga della vinte reis cada anno. /

Item Na Rua nova que sohia ser judiaria tem hum / pardieyro que já foi caza sobradada, e tem dous / portais. leva de longo nove varas de medir, e na / entrada leva de largo tres e meyo digo tres e duas / e meya no cabo. parte ao Norte com pardieyro / de Pero de Mendonça, e ao ponente com cazas / suas. Ao Sul com serventia de cazas de Francisco / Ferreira; e com serventia do dito pardieyro, e com rua publica. /

Item No termo da dita Villa, e a huma legoa della pelo Tejo / acima onde chamão a fos da Ribeyra d'areçeçe / Tem a Ordem hum cazal que se chama o Cazal / da Ordem, e te huã caza proveassas as paredes / de pedra, e barro, cuberta de cortiça, nove varas / de longo, e tres de largo, repartida pelo meyo, e tem / hu pardieyro athe a porta. /

Item Atras deste Cazal som huã só erdade a qual / entesta ao ponente com terras d'alvaro Pires pou-// [fl. 122v.] chão morador no Sardeal, e com terras / de Diego Gil escudeiro morador em Abrantes par-/tindo por hum Vallado antigo, e de hi se vay / per hum Ribeyro abayxo, que he contra o Norte / agoas vertentes pelo dito Ribeyro abayxo athé / onde o dito Ribeyro entra na Ribeyra d'areçeçe e pela / ditta Ribeyra athé o Tejo, e da banda do Sul que / he contra a Villa parte com teras d'afonso Ca-/breyra morador em Abrantes, as quaes terras tra-/zem os Manhões, começando de partir com ellas / da testada de Cima, e hindo pera bayxo contra o / Tejo, sempre direyto athé emtestar no Tejo. / E tem junto do Tejo, hum olival pequeno, que / tem nove oliveyras, e tem três junto do Cazal / E tem muitos azambujeiros e huã grande figueyra, / E muita terra por romper. /

Item Este Cazal traz ora hum Mem Lourenço lavrador / que nelle mora, e paga delle em cada hu anno / trinta alqueyres de trigo e huã galinha e huã duzia d'ovos, e dous alqueyres d'azeyte à novidade: / Lavra-se em tres folhas dezasete alqueyres de trigo à folha. /

Item Huma erdade onde chamão o val do caao, e parte / ao Norte com Fernam delgado, e com os moncarches / e com Catherina Gonçalves, molher que foi de Lopo abade / e com os charoeiros, e com os morenos. E ao Sul par-/te pelo dito val do cao abayxo pelo meyo da agra / do dito valle, E parte com Beatris Gonçalves e com erdeyros // [fl. 123] de Diego Annes Curral, E / com Diego Fernandez. E acusan(?) da Ribeyra parte / com a ditta Catherina Gonçalves, e contra o levante / parte com a Ribeyra daVide. E leva em seme-/adura hum moyo de todo pam. Destas comfron-/tações adentro vay hu pedaço de azambujal no / qual há muitos enxertos que já dão azeyte. E a traz / ora de renda hum Diego Pires manhom. / E paga della de raçom trinta alqueyres de pão.

Item Ao Rio de moínhos termo da dita Villa junto da / foos do Rio, tem huã terra que parte ao norte com a Ribeira / Velha, E ao Sul com terra de Diego Lourenço es-/cudeyro, morador em Abrantes, emtesta em mato ma-/ninho da parte de cima, e da parte de bayxo com / Tejo Leva pella testada do Tejo noventa

E / cinco braças de craveira, E pella testada de cima / setenta. E a trazem ora Diego Fernandez Lavrador / e morador arneira, e pagam della de renda / quatorze alqueyres de trigo, E quatro de centeyo / e cento e sincoenta reiz em dinheiro. /

Item Todos estes benz que a Comemda da Cardiga / tem em Abrantes e seu termo, traz ora Henri-/que da Sylva contador de leirea, e paga de vez / a Ordem mil e oytto centos reiz. /

Titullo dos benz que a ditta Comenda da Car-/diga tem da parte da alem de Punhete onde / chamão a broca

Item Da parte da alem do Tejo defronte de Punhete / tem a Ordem huma erança onde chamão a Broca, / e parte ao levante começando junto do Tejo por hum // [fl. 123v.] Ribeyro acima, que se chama o Ribeyro / da broca, com olival dos erdeyros d' alvare anes / freme, e vaise pelo dito Ribeyro acima partindo com / olival dos Lobatos, e passa os salgueyraes da / broca, E emtestano olival dos erdeyros de Pero / Vicente o Velho na testada da vinha da Ordem / que traz Lopo Alvares Escudeyro. Como esta cercada / de vallado ao levante; e vay subindo ao Sul / ao longo do dito vallado, athé o vallado que a junta / com huma vinha da Ordem que traz Diego Luz[?], / e dahi faz huã pontacima ao longo da dita / Vinha, direyto a hum marco que junto da dita vinha / está, onde ainda parte com os ditos erdeyros / de Pero Vicente, E assy se vay acima direyto / ao longo da dita vinha, E passa a dita vinha athé / onde esta hum marco ao pee de hu vallado / de hu olival da Ordem, que traz João Alveres / do Olho, e dahi faz huma chave pequena que / parte com o Galegos, Contra o levante e vay por / hi acima hum pouco, e torna ao seu direyto na / qual chave estão seis oliveyras, e dous machieyros; E assy como se vay direyto acima partindo / por vallado antre mato dos ditos Galegos, e olival / da Ordem, que tras João Alveres teçellão, E de / hi se vay mais acima ao longo do dito vallado a / huma digo a hum marco que está no canto del-/le a hum seyxal, e de hi se vay ao Sul longo do dito vallado cortando pelo cabeço direyto a mon-/florido, ao valle onde sohia estar hu salgueyral / E passa a Cima a meya ladeyra do cabeço darfa junto / com hum vallado velho, onde está hum marco, e de / hi direyto cortando a outra cabeça que está sobre a orta // [fl. 124], e vaysse direyto ao ribeyro do porto barrozo / agoas vertentes ao dito ribeyro, partindo por elle / athé o porto que está no Tejo, com o Cazal de breto-/val que he dalmourol, e de si pelo Tejo acima / athé o dito ribeyro da broca onde começou. /

Item Todo o que está destas confrontações adentro / hé da Ordem e os que hi tem eranças pagam seus foros, / e dizimos à Ordem, tirando arfa que paga o dizimo / a Sam Gião, e a orta do marco pera fora ao pinheyro, / e som hi as heranças seguintes./

Item Primeiramente hu serrado que se chama a orta d'ar-/fa, que traz emprazado em tres pessoas pelos Vezita-/dores, hum Lopo Alveres escudeyro morador em / Punhete, e elle hé a primeyra pessoa, e parte ao / Sul pella fatora do cabeço d'arfa por seu vallado / que a carra [divide] toda, e ao Norte parte ao longo do Tejo / entesta ao levante por hum ribeyro, que vem d'antre / os cabeços d'ara ter ao Tejo, e ao Ponente carra qua-/zi em ponta. leva de comprido setenta e cinco bra-/ças de craverya, e de largo ao levante vinte / e nove, tem sincoenta e seis oliveyras, e trinta / arvores de fruyto, por esta ora, e sarrado, com / huã terra que traz em mato, e della feyta ao porto / barrozo, em que está huã oliveyra e nove enxertos, / E quatro azambugeiros, paga por Sam João / no ano da novidade cinco alqueyres d'azeyte / e huma galinha, e meya dúzia d'ovos, E no anno / Manco, duzentos e sincoenta reiz, e a galinha e / ovos. /

Item Outro sarrado junto deste, que andava sonogado //, [fl. 124v.] que emtesta ao Norte no Tejo, e ao sul / em caminho publico que vay de Punhete para a cha-/musca, ao levante parte com o sarrado d'arfa, E ao / ponente com Ribeyro, e tem huã figueyra donegal, E / hum canaveal /

Item Outro sarrado que se chama arfa, que emtesta Ao / levante no dito caminho, e vem de longo delle contra / o Sul, athé este sobre dito sarrado, e parte com elle / ao ponente, e ao norte com o Tejo, leva de longo setenta E seis braças de craveyra, e tem dentro hu / pedaço de vinha, cavadura de seis homens em que / estão setenta e três ameyxieiras, e pereyros, e oytto / pesegeyros, dezaseis figueyras, e Vinte E quatro / oliveyras, e tem hi mais outro sarradinho, em que / estão honze figueyras Vinte ameixieiras duas oliveyras, / sette azambujeiros, huma moreyra, huã maçeyra / da anafega, e huma grande carreyra, e a trás a foro / huã Izabel Pires molher de Lopo Nimes, / E ella hé a derradeyra pessoa e paga della o ohtavo [sic]. / E o dizimo a Sam João, e figos ao Comendador / quando no tempo delle estiver em Punhete, /

Item Dentro no dito sarrado d'arfa está mais outro / sarradinho, que ora traz hum Alvaro Vicente, e tem / huma oliveyra, e huma figueyra, e paga delle meya / dúzia d'ovos por Natal /

Item Um olival que parte ao norte com arfa ao / longo do Vallado, e ao sul, e Ponente com mato, e ao / levante com olival da Ordem, que traz Annes Barrozo, / tem trinta e cinco oliveyras, e huã figueyra, e o traz ira / de Fernam Dias e paga delle o quinto e o dizimo ao / pé da oliveira //

[fl. 124v.] Item Outro olival junto com este, e parte com elle ao / ponente, e das outra bandas com arfa, e com matos; / e o tras ora o dito Annes Barrozo, e paga quinto, e di- / zimo ao pé da oliveyra, e estão nelle oytto oliveiras / e duas grandes figueyras, e duas ameyxieiras /

Item Outro olival que está ao ponente com o sobre- / dito, e parte das outras bandas pella sobredita maneira, / estão nelle sette oliveyras, e huã figueyra, e o / tras ora hu Rodrigo Esteves, e paga delle / o quinto, e o dizimo ao pé da oliveyra /

Item Outro olival junto com este que parte ao ponen- / te com outro olival da ordem, que traz João / Fernandez Pinheyro, e ao norte, e Sul, como os outros. Es- / tão nelle sette oliveyras, e o traz a Maria da beira, / e paga delle o quinto, e dizimo ao pé da oliveyra

Item Outro olival que entesta ao ponente, com outro / olival da ordem que traz Pero Vicente, e ao norte e Sul / como os outros, está nelle vinte e nove oliveyras, / e o traz ora João Fernandez Pinheyro, e paga delle o quinto, / e dizimo ao pé da oliveyra, e de foro em cada hu / anno por Natal Huã galinha, e hu frangam. /

Item Hum olival sarrado, que parte ao ponente com / caminho publico, que vay para a chamusca, e emtesta ao / Sul com olival da ordem que traz Ruy Pirez, / e no dito caminho ao norte, e leva por esta testada qua- / torze braças de craveyra, e pella testada de cima / quinze, e de longo settenta e trez, eo traz emprazado / pelos Vezitadores Simão Pirez em tres pessoas, e elle / hé a primeira pessoa, e paga delle o quinto, e dizimo ao pé da oliveyra, e de foro em cada hu anno por

Natal // [ft. 125v.] huã galinha, e huma dúzia d'ovos. / E estão nelle dezanove oliveyras, e sette figueyras /

Item Junto do olival que traz João Fernandez Pinheyro, / tem huã figueyra, e huns azambugeiros que ora / tras Brás Gomes Esteves Clerigo, e paga por elle de / foro em cada hu ano per Natal huã galinha, / e huã dúzia d'ovos /

Item Hum mortorio de Vinha, que parte ao ponente / com o sarrado que trás Simão Pires, e ao levante / Com vinha da ordem, que trazem os menayos, E / com vinha da ordem que traz Fernam Pinha e / entesta ao norte com caminho publico da cha- / musca, e ao Sul com olival publico de Fernam Vicente, leva pella testada de bayxo quatorze / braças meya de Craveyra, e por Cima vinte / e oyto e meya e de longo sesenta e sette, tem de- / zaseis oliveyras, antre grandes e pequenas. e trinta arvores de fruito, e a largura da testada / de Cima hé por respeyto de huã chave com olival / que traz Lançarote Fernandez, E leva de comprido es- / ta chave vinte e huã braças e tem ainda mais / duas oliveyras o que toda traz ora hum Ruy Pirez morador em Punhete, e paga Scilicet: da parte / de bayxo o quarto do vinho e do azeyte, e da / parte de cima o quinto ao pé da oliveyra, / e de fora hum par de Galinhas, duas dúzias // [fl. 126] d'ovos em cada hu anno por Natal / e dizimo que Deos der na vinha, e olival. /

Item Quazi na testada deste mortorio, tem hu / pedaço de mato com trez oliveyras, e o traz ora / Estevão menaya de que paga o quinto, e dizimo / ao pé da oliveyra. /

Item Hum olival que parte ao ponente com ma- / to da ordem, e ao levante com Rodrigo Es- / teves, e com olival publico de João / Alveres, emtes ao norte com vinha da or- / dem, que traz Diega Alveres, e ao Sul / com mato publico, tem sesenta e seis oli- / veyras abayxo da dita vinha, e na sua testa- / da tem o dito João Alveres hum chão pe- / queno com sinco oliveyras, este olival / trás hum João Alveres teçellão, e paga / delle o quinto, com sinco oliveyras, este olival / trás hum João Alveres teçellão, e paga / delle o quinto, e dizimo ao pé da oliveyra / e de foro em cada hu anno por Natal huã / galinha e hu frangom. /

Item Tem mais duas oliveyras que traz Al- / varo Gomes e paga dellas o quinto, e dizimo / ao pé da oliveyra, e junto destas duas / estão três que traz Fernam Pinha, e paga / outro sy dellas o quinto, e dizimo ao pé / da oliveyra /

Item Tem mais seis oliveyras, tres em cada parte / e as trás Diego Maya e paga dellas o quinto, / e dizimo ao pé da oliveyra. //

[fl. 126v.] Item Tem outro olival que parte ao levante com Diego / Maya, e ao ponente com olival da ordem / que traz João Fernandez beja, ao norte emtesta / no Caminho da chamusca, E ao Sul em matos / maninhos da Ordem, tem sincoente e quatro oliveyras, e o trazem ora Pero Vicente / e Alvaro Vicente, moradores em Punhete, / e pagam o quinto, e dizimo ao pé da oliveyra, / e de foro em cada hum anno por Natal / hum frango, e huma duzia d'ovos. /

Item Outra olival em mato que foi vinha / que entesta ao norte, e Sul com matos, e com caminho / publico. parte ao levante com olival que / traz Fernam Pirez, e ao ponente com oliveyras / de Diego Maya, tem daznove oliveyras an- / tre grandes e pequenas. /

Item Quatro oliveyras com seu chão que estão / junto com Pero Vicente e com caminho da / chamusca, E as trás Branca Alvres, e paga o quinto, e dizimo ao pé da oliveyra. /

Item Junto com estas quatro, traz João Pinhão / huã oliveyra e paga o quinto, e dizimo ao pé / della; E outra hi junto que ora traz Este- / vão Dias, e paga outro sy o quinto, e dizimo ao / pé della /

Item Huã vinha que parte ao levante, com o- / lival, que traz Pero Vicente, e ao ponente com matos, // [fl. 127] em testa ao Sul em olival que traz / João Alvres teçellão, e com elle ao norte, e atraz ora / hum Diega [sic] Alvres, e paga della o ohtavo de vinho à bica, e ohtavo da azeytona ao pé da oliveyra, / e mais o dizimo, e de foro huã galinha, e huã / duzia d'ovos por Natal.

Item Outra vinha que parte ao levante com o ribeiro / da broca, e ao ponente com vinha que tras Fernam / Pinhão por huã estrema, entesta ao Sul com oli- / val de Pero Vicente, e ao Norte com vinha que traz / Alvaro Tristão, leva seis braças de largo, e honze / de longo, e donde está huã oliveyra para cima / faz huã chave que leva vinte e sinco braças / de comprido, e sette de largo, e a traz emprazada / em fatiozim, hu Lopo Alveres de Coelheiros e / paga della o quinto à bica, e paga foro por Na- / tal huã galinha, e meya duzia d'ovos.

Item Dentro desta vinha estam quatro oliveyras / e outras quatro fora hi junto, e as tras Gonçallo / Esteves, com o olival da praya, emprazadas pelos / Vezitadores em trez pessoas, e paga dellas o quinto, / e dizimo ao pé da oliveyra. /

Item Na sobreditta vinha, e dentro nella traz Pero / Gomez duas oliveyras, e junto della da parte de / fora trez e assim som sinco, e paga dellas o quin- / to, e dizimo ao pé da oliveyra. /

Item Outra Vinha que traz Fernam Pinhão, e par- / te ao levante com matos e ao ponente com vin- / há que traz Catherina Esteves, e Beatriz Esteves; / ao norte com vinha que traz Lopo Alverez, / e ao Sul com vinha, e olival que traz Ruy / Pires, leva ao ponente vinte e quatro braças, e meia / e ao levante honze, e de longo trinta e oyto / estam nella treze ameyxieiras, duas maçeiras [sic] // [fl. 127v.] Dous pereyros vinte pez de enxertos, e huma / figueyra, e paga della quinto, e dizimo à bica, e / de foro em cada hum anno por Natal huã galinha, / e meya duzia d'ovos. /

Item Hum baçello novo, que parte ao ponente com mato / que traz Diego da Maya, e ao levante com mato / que trazem os Erdeyros D' alvare'anes; ao Sul em- / testa em mato maninho, e ao norte com mortorio / que trazia Diego d'outrem, o que está feyto, leva / trez homens da cava, e o traz ora Pero Fernandez almo- / creve, e paga delle quinto, e dizimo à bica, e / de foro paga em cada hum anno por Natal / huã galinha, e huã duzia d'ovos, e o traz em- / prazado pelos Vezitadores, em tres pessoas, / e elle hé a primeyra pessoa. / Item Hu sarrado que parte ao levante ao ribeiro / da broca, e ao ponente com vinha que trazem / Catherina Esteves, e Beatriz Esteves; ao norte / emtesta no Caminho da chamusca, e ao Sul / com vinha com vinha que traz Lopo Alveres, e tem trinta / oliveyras, e seis figuyras, e huã vinha cavadura / de sinco homens, e leva de comprido quarenta / e nove braças de craveyra, e de largo ao norte vin- / te e nove, E ao Sul quinze, e o traz emprazado, em / fatiozim huã branca Pirez, e paga do vinho, e do / azeyte que Deus hi dá, o quarto, e e dizimo. Scilicet: o vinho / à bica, e o

azeyte ao pé da oliveyra, e do olival / que traz junto da dita vinha o meyo e dizimo da / azeytona ao pé da oliveyra, e de foro huã galinha / huã duzia d'ovos em cada hu anno por Natal. //

[fl. 128] Item Outro serrado de vinha e olival, que parte / ao levante com vinha, e sarrado que tra Branca / Pires, e ao ponente com vinha, e olival que traz Ruy / pires, ao norte emtesta no caminho da Chamusca, e ao / Sul, com vinha, e olival que traz Fernam Pinhão, leva de / longo sesenta braças de craveyra, de largo ao norte / vinte e duas, e meya, e ao Sul vinte e quatri, dentro / em este sarrado estão quarente arvores de / fruto. Scilicet: ameixieras, e maçeyras e duas figueyras / vinte oliveyras, e tres azambugeiros, e vinha / cavadura de cinco homens; este sarrado tra- / zem aforado infatiota Catherina Esteves, E / Beatris Esteves, e pagao o quarto do vinho à bica / e o quarto da tinta, e o quarto da azeytona, ao pé / da oliveyra, e o dizimo de todo, e de foro em cada / hu anno huã galinha, meya duzia d'ovos por / Natal. /

Titullo de Payo de Pelle [ fls. 128v. a 140]

O Lemite e julgado de Payo de Pelle que / á ditta Comenda da Cardiga pertence, comessa primeyra/mente pelo pé do monte onde está o Castello do / Zezer, e Se mete o dicto Rio no Tejo, e vay se pelo meyo /do Zezer e pelo dicto Rio de Thomar aCima pouco ma/is de hu jogo de malham á fos da perdigueyra, / e pelo Ribeiro da perdigueyra aCima athé hum / penedo que junto do dicto Ribeyro está a huas oliueiras / e tem hua Cruz,

e de hi Se vay direyto ao Cerro / da quintãa, que outro Sy vem ter ao dicto Ribeiro / e pelo dicto Cerro aCima direyto a hu marco / novo, que está em hua chãa quazi no meyo do / dicto Cerro, e tem hua Cruz na cabeça,

e de hy Se / vay direyto a outro Marco, que está em outra chãa // na Cima do dicto Cerro, onde chamão a Sovreira / do Carro e tem hua contra este limite e desse a outro mar/co que está em hum outeyro, a que chamão a cabeça do mar/co, e tem outra Cruz,

e desse a outro marco que está / na meya ladeyra do outeyro do pardieyro da marin/ha, e tem outra Cruz contra este limite,

e de hy /se vay direyto a outro marco novo, que está ao pee / de hu sobreyro ao bregeo do pelome,

e desse a outro / marco á cabeça da perdigueyra, e tem huma Cruz. /

E daqui se vay a outro marco novo, que está na / Serra da barreyra do aleijado, e tem outra Cruz, /

e desse a outro marco que está na cabeça da meyxieira / e tem hua Cruz,

e da hy direyto a outro que está na / ditta cabeça, e tem outra Cruz,

e deste marco Se / vay Sempre pelo caminho que vem da Caza de / João Vicente, pera a aÇeyçeyra, hum marco novo / que está na portella de Payo christovão, e da/qui direyto pelo dicto Caminho pelo Valle de Payo Christovão abayxo athé hum marco novo / que está quazi no meyo do dicto Valle a hum sazeiro / e deste marco se vay direyto a hum penedo / que está junto com hua vinha da ordem, e d aÇeyçei/ra,

e deste penedo a hum marco que está da outra / parte da ditta Vinha a um espinheyro

e vay sse / direyto a outro marco que está na meya Ladeyra do / outeyro do junto a hum Curral de João Vicente / e desse á cabeça do dicto outeyro do junto

e de hy / se Vay aguas Vertentes,, ao outeyro da Carrascosa, /

e desse a hum marco que está nas Cimas do Valle / de Lauacollos em hum tezo pequeno da parte / de val verde, e vay á estrada que Vay de Punhete / pera a Atalaya, por bayxo do dicto marco hu jogo // de besta,

e do dicto penedo do Ribeyro da perdi/gueyra, athé este marco; parte Sempre este limite / com matos, e terras do Concelho d aÇeyçeira

e do dicto mar/co de Lauacollos, de pe direyto Sempre pela agoa / do dicto Valle partindo Sempre com ms digo com matos / maninhos, e terras da Comenda d Almourol athé agoa / do Tejo,

e pella dicta agoa do Tejo aCima athé / o pé do monte do Castello do Zezer onde começou. /

De cazaes, e benz, direytos,

e jurisdicon / que a dicta Comenda

tem no dicto julgado. Son estes. /

Tem primeyramente hua Jgreja Curada / da Invocação de Nossa Senhora do Zezere daqual / Son freguezes os moradores do dicto julgado /

Junto da dicta Jgreja, tem a ordem hum Castello / que está muy damnificado, e a mayor parte delle /deribado por terra. /

Junto do Castello ditto contra o Tejo, tem / hum oliual que ajunta com o dicto Castelo, e com / o Tejo, e o traz emprazado em fatiozim hum / Estevão Pinhão, e paga delle o dizimo ao pee / da oliueyra, e de foro hua galinha, e doze oVos, /

Tem hi mais hum assento de Cazas .S. hua / dianteyra, que leva cinco varas de longo, e quatro / de largo, e hum Çeleyro que leva quatro Varas / e meya de longo, e quatro de largo, as paredes / de pedra, e barro, madeyradas de Castanho / e telhadas. /

Junto dellas hu chão que parte ao Sul pella / vagem [sic] do Ribeiro do Castello, sem passar o dicto Ribeiro // áLem, e per elle aCima athé o adro / da Jgreja, assy Como Vem os alições [sic] , e da hi ao / marco que está antre este cham, e terras d afonso / Fernandez e de hy direito ao oliual dos erdeyros de Lourenço anes.

Estas Cazas, e terra tras / emprazado pelos Vezitadores hum Affonso Nunes teçellão em tres pessoas, e elle hé a primeira / pessoa, e paga o dizimo que Deus der na dicta terra, / e de fogo [sic] paga em cada hu anno per Natal / hum par de galinhas, e duas duzias d oVos. /

Tem hi mais outro aSento de Cazas que son / estalagens em que há oyto cazas. S. huma dianteyra que leva nove varas de longo, e quatro de / largo, e huma camera que leva quatro Varas / de longo, e duas e meya de largo. e outra camera Sobradada que leva quatro Varas, e terça / de longo e duas e meya de largo. E hua adega / que leva quatro varas e meya de longo, e duas / e meya de largo. e outra Caza apegada com / estas que leua quatro varas, e terça de Comprido, e tres, e meya de largo. e hum palheyro / que leua seis varas de longo, e tres e meya de largo, e huma caza de forno que leva quatro Varas e terça de longo, e tres e terça de largo. e hua / estrebaria com Suas manjadouras bem corre/gidas que leva dez Varas, e duas terças de / longo e tres de largo. (antre as portas tem hu / alpendre Sette varas de Comprido.) as paredes / Son de pedra, e barro, e taipas. E na dicta Caza / dianteyra, tem hua escada de madeyra // de castanho, porque vão á Camera / Sobradada. (Son todas estas cazas madeyradas / de castanho, e telhadas de telha todas novas. / O assento das dictas Cazas com o terreyro dante a porta / leva de comprido trinta e trez braças de Cravey/ra medidas pella parte de fora. /

Junto a estas cazas tem huma terra que parte ao leuante com oliuais que estão aa beria [sic] / do Zezer, e de hi como parte pella estrada que / vay pera Thomar, que hé contra o Norte, Sem / chegar à fonte Santa; e ao ponente parte / com terras, e matos do Cazal dos poços, ao norte [sic]/ Sul como parte pella estrada de Punhete / que vem para os oliuais do dicto Rio do Zezer. Com / todollos azambujeiros que na dicta terra estão / por enxertar.

o que todo traz emprazado em / fatiozim pelos Vezitadores, hu Affons eanes / dito topete. o qual Affons eanes fez o dicto / assento de novo, Sendo hi hua brava pissarra, / e Rompeo a dicta terra, e de matos grandes, e maninhos a trouxe a pam, e paga por todo de foro / em cada hum anno dez alqueyres de pam./ .S. Sinco de trigo, e Sinco de Senteyo, e hum / par de Galinhas, e duas duzias d oVos / por Natal, e pagava dantes quatro alqueires / de Centeyo, e huma galinha, e huma duzia / d oVos, e nom mais. //

Hum cazal que se chama o Cazal da Vaca, / e tem Seu assento em que há quatro Cazas .S. huma / deanteyra que leva seis varas de longo e sinco de / largo, e hum Çeleyro, que leva sinco varas e meya de / longo, e quatro E meya de largo. (huma Caza de palheiro / que Leva sette varas de longo, e tres de largo, Outro / Celeyro que leva sinco varas de longo, e quatro, e meya / de largo. as paredes destas cazas Som de pedra, / e barro, a caza dianteyra, e hu dos Çeleyros Som telhados, o outro celeyro de cortiça. E o palheyro cuberto / de palha. /

As terras deste Cazal Som hua só peça junta / Sem / se meter hi outra nenhua, e partem ao / levante com terras do cazal que traz Affonso Fernandez / E ao ponente com terras do cazal que traz Vasco Fernandez / ao norte com terras do cazal que tras Affonso Pires, / e ao Sul com matos maninhos da Ordem.

Item / mais hu meyo cazal, que está onde chamam o Aleyjado, e parte ao levante, e ponente com matos maninhos da Ordem, ao norte com terras d aÇeyçeira, / e ao Sul com terras que trazem os erdeyros de Affonso / Fernandez ( as terras deste cazal, e meyo se laurão em / tres folhas. Vinte alqueyres de pão a folha / .S. quinze de trigo, e Sinco de Senteyo. e hua vinha / nova cadavura de seis homens, e sinco enxertos / de oLiueyras.

Item este cazal e meyo traz emprazado pelos Vezitadores hu Joann eanes, em / tres pessoas, de que elle hé a primeira pessoa, e paga / por elles de foro .S. pelo cazal quinze alqueyres // de pam meado, e oito pelo meyo Cazal / e assim Som vinte e quatro alqueyres. (doze de trigo, e doze de Senteyo nas eyras, e huma galinha, / e hua duzia d oVos, em cada hum anno per Natal / e o dizimo./

Outro cazal que tem duas cazas .S. huma dianteyra que leva Sinco varas, e meya de longo, e quatro / de largo. e hu Çelleyro, que leva Seis Varas de longo, / e Seis de largo. as paredes de pedra, e barro, madeyradas de Castanho, e cubertas de telha./

As terras deste Cazal Som juntas em huma / só peça, e partem ao levante pella agoa do Ribeiro / de Payo boroa, e ao ponente com terra do cazal dos pintos. ao norte com terras do cazal que traz / Affonso Fernandez, e ao sul com terras do cazal que traz / Joann eanes. Laura se em tres folhas. Rb digo quarenta e Sinco alqueyres de pam co a folha .S. trinta / de trigo, e quinze de Senteio. tem Sette oLiueyras, / e hum azambujeiro, e duas vinhas cavadura / de Sinco homens em cada hua, e dentro em ellas / tem oyto oLiueyras a fora as sette, vinte e dous / azambujeiros e vinte e nove arvores de fruto / feytas.

Item E tras hora este cazal hum / Affonso Pires, feytor do Comendador./

Outro cazal em que há trez cazas. (huma / dianteyra que leva Sinco Varas de longo, e quatro / de largo, e hu Çeleyro, que leva Sinco varas de / comprido, e quatro de largo, e outro Celeyro que // leva outro tanto. Som todas estas tres cubertas / de cortiça. /

As terras deste Cazal Som hua só peça, e / partem ao levante com terras do cazal dos erdeyros de Fernand eanes, e ao ponente com terras / do Cazal que traz Affonso Pires, ao norte com terras do cazal que traz Joam Vicente pella estrada que Vay de Punhete para Thomar, e ao / Sul com terras do sobre dicto cazal (laurase em / huma folha, e leva hum moyo de pam, em / Semente .S. quarenta alqueyres de trigo, e Vinte de Senteyo.

Tem junto das Cazas huma / orta Çarrada de valado, e dentro nella huma / oLiueyra, e outra fora, dous pereyros, e pela / terra tem vinte e duas oLiueyras, antre grandes, / e pequenas; E abayxo de caza tem huma Vin/há cavadura de tres homens. E outra orta / com des ameyxieiras, e dous pereyros, e ao Ribeiro / de benapres, tem outra Vinha cavadura de / quatro homens, e estam junto della quatro / oliueyras, e parte de todallas bandas com terras / do cazal que traz Vasco eanes. A Santa Maria / do Zezer, tem hum pedaço de terra que leva vinte e Sinco alqueyres de pão em Semeadura. / .S. tanto de trigo como de Senteyo.

O que / todo traz emprazado pelos Vezitadores hu / Affonso Fernandez em tres pessoas de que elle hé a primeira / pessoa, e paga de foro em cada hu anno Vinte e / Sette alqueyres de pão .S. quatorze de trigo, e // treze de Senteyo, e o dizimo de todo que Deos / hi dá, e mais hum capão, e tres galinhas, e duas du/zias d oVos, o pam nas eyras, e o al por Natal /

Outro cazal que foi do mestrinho e tem dous / palheyros, as paredes de pedra, e barro, cubertas de cortiça. hum delles leva de longo quatro / varas, e meya, e quatro de largo, o outro leva / de longo seis varas, e tres de largo /

As terras deste cazal estão todas juntas, / e emirão nelle , quatro courelas, de terra que estão / ao leigorado. (laurão se em tres folhas. trinta / alqueyres de pam por cada folha .S. Vinte de trigo, / e dez de senteyo , e parte ao leuantecom terras / do cazal que traz Vasco eanes pelo olheyro do / Val de nares, e ao ponente com terras do cazal que traz Affonso Fernandez, ao norte com matos maninhos, e ao sul com terras do cazal que foi do frade. /

Este cazal tras emprazado pelos Vezitadores / hu Affonso Fernandez, em tres pessoas, e elle hé a primeyra pessoa, e paga dele em cada hu anno / dezaseis alqueyres de pam. .S. oyto alqueyres / de trigo, e oito de Senteyo, e hua galinha, e huma / duzia d oVos, o pam nas eyras, e o mais por Natal / e o dizimo do que Deus hi der. /

Outro cazal que foi do frade, e tem duas cazas / pequenas hua duanteyra, e outra celeyro, e cada / hua leva tres varas de longo, e outras tantas / de largo, as paredes de pedra e barro, cubertas de / cortiça //

Hum quarto deste Cazal, traz emprazado / pelos Vezitadores hum Martim anes em trez / pessoas, e elle hé a primeyra pessoa; e parte ao levante com terras do cazal dos erdeyros, de Fer/nand eanes, ao ponente com terras do cazal que / foi do Mestrinho, e ao norte, e Sul com terras do / Cazal que traz Vasqu eanes, e com Fernand e/anes, e tem hua vinha cavadura d oito homens / que parte de todallas bandas com o dicto Vasqu ea/nes. E paga de foro em cada hu anno, quatro alqueyres de pam meado .S. dous de trigo, e dous / de centeyo, o quinto a bica digo de centeyo, e da / vinha o quinto à bica, e huma duzia d oVos / todo nas eyras, e o dizimo do que Deus hi der. /

As outras tres partes deste cazal trazem / emprazado em fatiota Affonso Fernandez e Joam / Fernandez, e Diego Fernandez, e pagão dellas de foro, em cada / hum anno doze alqueyres de pam meado. .S. / Seis de trigo, e Seis de Senteio nas eyras, e hua / galinha por Natal. /

Outro Cazal que foi de Fernand eanes, / e tem quatro cazas hua dianteyra que leva trez / Varas, e meya de longo, e tres de largo, e hua / digo e hu Celeyro, que leva tres varas de longo, / e tres de largo, e outro celeyro, que leva Seis varas / de longo, e quatro de largo, e outra caza que leva / tres varas de longo, e tres de largo, as paredes de pedra, e barro, mal madeyradas, e cubertas / de cortiça. // [...]

As terras deste Cazal, Som juntas em huma // peça, e partem ao levante pela agora do Ze/zer, non emtrando hi os oliuais proveytados / athe o Ribeiro do gan-sinho, e ao ponente pella agoa / do Ribeyro de Payo boroa, ao norte com terras / do cazal do frade, e com o dicto Ribeiro athe o zezer / laurase em tres folhas, e leva cada folha em sementeira oyto alqueyres de trigo, e oyto de Senteyo, / e tem hua vinha cavadura de quatro homens, e dentro, e de redor della sessenta arvores de fruto, e honze oliueyras, e traz ora este Cazal hum / Diego Fernandez, e paga de foro cada anno quinze / alqueyres de pam meado nas eyras, e hua galinha, e hua duzia d oVos, e o dizimo. /

Outro cazal que tem trez Cazas, hua dianteyra / que leva quatro varas de longo, e quatro de largo, / e hu Çeleiro que leva nove varas de longo, e Sinco / de largo, e hua adega, que leva trez varas e meia / de longo, e outro tanto de largo, as paredes de pedra, / e barro, madeiradas de castanho, e cubertas de / telha. / As terras deste Cazal, Som em hua só peça / juntas, e partem ao levante com terras do Cazal / que foi de João das Varzeas, e ao ponente com terras do Cazal do barro; ao norte com terras do ca/zal de João Fernandez, e ao Sul com terras do cazal / d aFonso Fernandez, laura se em duas folhas, e leva cada folha SeSenta alqueyres, em Sementeira .S. / quarenta de trigo, e vinte de Centeyo. E tem // huma vinha caudura de dez homens, / e dentro nella trinta e Sinco oliueyras, vinte aZambugeiros, e cento e Sincoenta arvores de fruto, e Sette figueyras.

Este cazal traz emprazado / em fatiota hu Vasqu eanes, e paga delle de / foro em cada hum anno, dezaseis alqueires de pão / meado, tanto de trigo, como de centeyo nas eyras, e hua galinha, e hua dúzia d oVos por Natal, e o dizimo de quanto Deos hi der. /

Outro Cazal, que se chama caldeyro, e tem duas / cazas .S. hua dianteyra, que leva Sinco varas de / longo, e Sinco de largo, e hu celeyro deste tamanho, mal madeyradas, e cubertas de cortiça./

As terras deste Cazal Som juntas em hua / peça, e partem ao levante pella comiada da / cabeça de Pedro Vicente, agoas vertentes, athe / a gresteyra, e ao ponente pella agoa do Ribeiro / de benapres, e com terras do Cazal do dicto Vasqu e/anes: ao norte pelo Caminho dos Caneyros, / e ao Sul pelo pé da cabeça de Pedro Vicente, / laura se em hau folha, e leva oytenta alqueyres / de pam, em Sementeira .S. Sesenta de trigo, e / vinte de centeyo, e tem hua vinha cavadura / de dous homens, e Seis oliueyras, e tres figuey/ras,

Este cazal traz emprazado o dicto Vas/qu eanes em fatiota, e paga delle em cada / hum anno dezasseis alqueyres de pam meado // tanto de trigo, como de centeyo, e hua / galinha, e hua duzia d oVos, o pam nas eyras / e o al por Natal, e o dizimo. /

Outro cazal que está sobre o valle do Car/regal, e tem duas .S. hua dianteyra, que leva / quatro Varas de longo, e quatro de largo e hu / çeleiro deste tamanho.

as paredes de pedra / e barro, cubertas de cortiça. /

As terras deste Casal, partem ao Sul com terras do casal que traz Vasqu eanes, e das outras / bandas com matos maninhos / Laurão se em / tres folhas .S. trinta alqueyres á folha .S. Vinte / de trigo, e dez de centeio.

Item aonde chamam / o aleijado, tem tres courelas que levão trinta al/queyres de Semeadura, Vinte e quatro de trigo, / e Seis de Senteyo.

Este casal traz empra/zado João Fernandez, e paga delle de foro cada anno / quinze alqueires de pam meado nas eyras. E hua / galinha, e huma dúzia d oVos per Natal / e o dizimo. E o traz em fatiota. /

Outro casal que tem quatro cazas, duas dian/teyras, hua leva oyto varas de comprido, e qua/tro de largo, a outra leva quatro Varas de com/prido, e outras quatro de largo, e dous celeyros, / hu leva seis varas de comprido, e sinco de / largo, e o outro leva cinco Varas de comprido // e quatro de largo. e tem hu al/pendre antre a porta tres varas de longo, e tres de / largo, as paredes todas de pedra, e barro, ma/deiradas de castanho, e carvalho, e telhadas / de telha, e junto das cazas tem hu Sarrado que / está hua lorangeira, e hua Romeyra, e quatro / pés de parreyras. /

As terras deste casal Som juntas em hua / peça, e partem ao levante com terras do casal / que traz Affonso Rodriguez, e ao ponente pelo Ribeiro / da fonte de Payo christovam, assy como vay / demarcado: ao norte com terras dos moradores / d aÇeiçeira, e com terras do Casal do Lial / o velho, e ao Sul com o casal dos pintos, e / com os moradores d aÇeiçeira (laura-se em quatro / folhas, e leva cada folha setenta alqueyres / de pam, em Semeadura .S. Sincoenta de trigo, / e vinte de Senteyo. E tem hua vinha caadura de dous homens, e dentro, e ao redor della / Vinte e Cinco arvores de fruto. E o tráz em/prazado em fatiota hu João Vicente hi morador / e tem quarenta e nove oLiueyras.

E paga delle de foro em cada hum anno trinta / e dous alqueyres de pam meado .S. dezaseis / de trigo, e dezaseis de Senteyo nas eyras / e hum par de galinhas, e duas duzias d oVos / per Natal, e o dizimo. /

Outro casal no val dos poços, e tem duas // cazas, a dianteyra leva sinco va/ras e meya de comprido, e quatro de largo, a / outra leva quatro varas e meyo de longo, e quatro / de largo, as paredes de pedra, e barro, ma/deiradas, de castanho, e sovaro, e cubertas de / cortiça. /

As terras deste casal som juntas em hua / peça, e partem ao levante com terras do Casal / que traz Joann eanes, e ao ponente com o lemite / d almourol, por lauacollos, ao norte com / terras do casal que trazem Affonso Rodriguez / e Mathias Rodriguez, e ao Sul com terras do / casal da Praya. Laurase em tres folhas, / e leva cada folha trinta alqueyres, vinte / de trigo, e déz de Senteyo, e tem hu baçello / cavadura de dous homens / e o tráz empraza/do em fatiota Vasco Fernandez e paga delle de / foro em cada hum anno nas eyras quinze / alqueyres de pam .S. oyto de trigo, e digo dezaseis alqueyres de pam .S. oyto de trigo, e oyto de Senteyo, e hua galinha, e hua duzia de oVos / per Natal; e o dizimo. /

Outro casal que se chama dos pintos, e tem qua/tro cazas, a dianteyra em que vive Mathias / Rodriguez leva Seis Varas de longo, e Sinco / de largo, e tem hu Çeleyro que leva de longo Sin/co Varas, e trez de largo; e a outra caza dianteira // em que vive Afonso Rodriguez / leva seis varas e meia de longo, e quatro de lar/go, e tem hu çelleyro do tamanho do outro. /

Estas terras deste Casal Som hua Só peça / e partem ao levante com terras do casal que tráz / Affonso Pirez, e ao ponente com terras dos mo/radores d aÇeiçeyra pelo outeyro do junto, e da / Carrascoza, ao norte com terras do casal que tráz / Joam Vicente, e ao Sul com terras do casal / dos poços (laurão se em tres folhas e leva cada / folha setenta alqueyres de pam .S. Sincoenta / de trigo, e vinte de Senteyo; e tem hua vinha / cavadura de nove homens, e dentro nella vin/te e tres arvores de fruto. e tem quarenta / e Sinco oliueyras.

E o trazem emprazado em / fatiota Affonso Rodriguez e Mathias Rodriguez / e pagão delle de foro em cada hu anno, quin/ze alqueyres digo dezaseis alqueyres de pam, oyto / de trigo, e oyto de Senteyo nas eyras e hua / galinha, e hua dúzia d oVos per Natal e o / dizimo de todo o que Deos hy der. /

Outro casal que se chama da Praya, e tem / trez cazas, hua leva de longo sette varas, e trez / e meya de largo. outra leva quatro Varas / de longo, e quatro de largo, e a outra leva oyto / de longo, e quatro de largo, as paredes de taypa // cubertas hum pequeno / de telha, e o mais hé de Cortiça. /

As terras deste Casal som em huma só pe/ça juntas, e partem ao levante com terras da / ordem, que traz Affonso Fernandez, junto com e egreja / e ao ponente com a Comenda d Almourol, / por lauacollos, ao norte com terras do casal / dos poços, que traz Vasquo Fernandes, pella es/trada que Vay de Punhete pera Tancos. Laura se em tres folhas, e leva cada folha SeSen/ta alqueyres de pam, em Sameadura, Vinte / e Sinco de trigo, e trinta e Sinco de Senteyo, e / tem hua vinha cavadura de dez homens, eden/tro della trinta e Sinco arvores de fruto. /

E o traz em fatiota Diego Fernandes morador / em Punhete, e paga delle de foro em Cada hu / anno trinta, e dous alqueyres de pam .S. deza/seis de trigo, e desaseis de Senteyo nas eyras, / e hu par de Galinhas, e duas dúzias d oVos / per Natal. E o dizimo. /

Outro casal que se chama da perdigueyra, / e foi do Leal, e tem duas cazas, a dianteyra leva / de longo Sette Varas, e duas de largo, e o Seley/ro que leva Sinco Varas de longo, e quatro de largo, / as paredes de pedra, e barro, cubertas de telha. /

As terras deste Casal som em hua só peça // juntas, e partem ao levante pelo Ze/zer, e ao ponente com o termo d aÇeiçeira, e pelo / pé do cabeça do marco direyto à marinha, e / pelo Ribeiro da perdigueyra abayxo da parte / do norte, e pelos matos athé o rio de Tho/mar, e por elle abayxo athé o zezer, e contra / o Sul pelo Valle de martimchel abayxo / com matos maninhos da ordem. Laura se em / tres folhas, a folha da quintáa, leva honze al/queyres de pam, oyto de trigo,

e quatro de Senteyo / a folha do meyo do cazal leva vinte alquey/res, dez de trigo, e dez de senteyo, e a outra fo/lha leva vinte e Sinco alqueyres .S. quinze / de trigo e dez de senteyo. (tem vinte e seis / oliueyras, antre grandes, e pequenas, e huma, / e huma [sic] orta contra achada, em que está / hua figueyra .  
E o traz emprazado pelos / Vezitadores Gonçal anes em tres pessoas, e / elle hé a primeyra pessoa, e paga de foro, / em cada hum anno quinze alqueyres de pão / dezasseis alqueyres de pam, oyto de trigo, e oito / de Senteyo, e hu par de galinhas, e duas / duzias d oVos, o pam nas eyras, e o mais per Na/tal e hum Savel. / Neste prazo entrão os caneyros que estão no Zezer / de que ditto Gonçal anes paga o dicto Sael de foro / e o quinto, e dizimo do pescado que nelles for tomado.  
//

Ao Rio do Zezer tem hua açenha que / está junto [sic] a atrás a ordem aCima das cazas / d aFonç eanes topete,  
E a traz emprazada / em fatiota Estevão Pinhão, e paga della de / foro em cada hum anno quatrocentos Reiz / e dous alqueyres de farinha pineyrada pela / peneira dante mão, e hu par de galinhas, / e huma dúzia d oVos todo per Natal. /  
Huma caza junto do zezer aa passagem da / barca, e tem hu Repartimento ; as paredes Som / de pedra, e barro, cubertas de cortiça,  
e as traz / ora Fernandez anes alcaide, morador em / Punhete, e paga della de foro em cada hum / anno huma galinha, e hum frangam e / huma dúzia d oVos per Natal. /  
Na praya tem um oLiual em que há vinte / oLiueyras eo traz emprazado pelos Vezita/dores Gonçalo Esteves, e elle hé a primeyra / pessoa, e paga delle o quinto, e o dizimo ao pé / da oliueyra, e de foro huma galinha, e doze / oVos por Natal. //

Outro oLiual aCimad aCenha, e o traz em/prazado hum Simão Pirez em tres pessoas / pelos Vezitadores, e elle hé a primeyra pessoa, / e paga delle o quinto, e dizimo, ao pé da / oliueyra, e de foto hua galinha, e huma / duzia d oVos per Natal./

A jurisdiçom Eccleziastica, como Secular / do dito julgado he da ordem, a ordem poem / o capelão e pella ordem lhe hé cometido / a Cura, a Sy que nem o Arcebispo de Lixboa, / nem outro algum Prelado hi tem jurisdí/çom Salvo a ordem, nem emtre ahi outra / justiça, Salvo o Ouvidor do Mestrado, / e o dicto Ouvidor, conhece dos feytos que saem/ por apelação dante os Juizes do dicto julgado. /

Tem hi mais a ordem o dizimo do pescado / que morre nos Caneyros, que estão no Zezer / .S. daqueles de que se tira o dicto pescado no meyo / do dicto Rio, pera a dicta terra desta Comenda.

Treslado da Provizão de que / no principio se faz menção

Nós El Rey [D. João III] como Governador e / perpetuo Administrador da Ordem, e cava- / laria do Mestrado de NossoSenhor JESU // [fl. 140v.] Christo, mandamos a vos D. / Prior do Convento da dita Ordem, e a todas / as outras pessoas que tiverem a chaves e guar- / da do Cartorio do dito Convento, e ao escrivão do / dito cartorio que os treslados de quais quer / Previlégios, e escrituras de qualquer calidade / que sejao que vos forem requeridas do dito Car- / torio pelos Comendadores, Cavalleyros, Vigarios; / e Freyres da dita Ordem, de que se emtendao de / ajudar, vos lhos deis em publica forma, / vós lhos deis segundo o que athé qui se costumava / a fazer, sem para elles mais lhe requererdes. / Nem ser necessario Provizão, e mandado / especial nosso, porque por este Geral, quere- / mos que daqui em diante o fazais, sem em- / bargo de vos termos defezo, e mandado que / do dito Cartorio não desses Couza alguma / sem nosso especial mandado nem em geral, / e assy o cumpri. E este Alvára nosso (?) / que valha para isto como carta cellada, e registaloeis no Livro do Tombo do dito Cartorio. Feito em Thomar a sette dias de Dezem- / bro. Antonio Carneyro o fez de mil quin- / nhentos e trez. E elles pagarao ao escrivão / dodito cartorio todos os seus direytos como athé / qui se costumou, e assy a qualquer outro / oficial a que deva dever.

Rey //

[fl. 141] E não se continha mais em o Tombo que se / acha lançado no livro que está no Cartorio des- / te Convento a folha huma, e de que a peti- / ção atraz faz menção e tambem no Al- / vará de que no principio se faz menção com o / theor dos quais eu Frey Felix de Queyroz / Religioso profeço da Ordem de Christo, / e Guarda Mor do Cartorio, e Caza da Torre do Tombo deste Real Convento de Tho- / mar, por me ser pedida a prezente Certidão por / parte do supplicante, e mandada passar / pelo despacho retro por esto(?) na petição pelo / Nosso Reverendissimo Padre Mestre Frey Ricardo / de Mello, a fiz passar, e vay bem, e na verdade / sem levar couza que duvida faça, salvo alguma / digo, o que tudo se fez por mais verdade, E ao / dito Tombo, e Alvará, em todo, e por todo me re- / porto, e vay escrita em vinte e nove meyas folhas barras de papel, com esta deste emserramento / em feé de que aqui me assigney de meu / sinal razo de que uso, em este Real Convento / de Tomar em os dezanove de Setembro / de mil settecentos trinta e quatro annos.

E eu Frey Felix de Queyroz Guarda Mor do / Cartorio que o fis, escrevi, subscrevi, conservei e assignei

E comigo Escrivão do Cartorio: Fr. Manoel de Souza.

[Assinaturas] Frey Felix de Queyroz: Guarda Mor do Cartorio

Concordei com os proprios: Frey Felix de Queyroz //



## ANEXO II

«Sem data expressa.

Termo mandado fazer pelo Juiz do Tombo, Álvaro Barreto Borges, e escrito por um escrivão de apelido Moraes. O documento, pelo tipo de letra e pelo conteúdo, sugere ser dos meados do século XVII.

Além das obras mandadas efectuar por Frei António de Lisboa (1536-1551), são referidas também aquelas que foram realizadas pelo seu sobrinho, Frei Pedro Moniz (1592-1612).

Fonte: Arquivo da Quinta da Cardiga

### DESCRIÇÃO DAS CAZAS DESTA QUINTA

Primeiramente consta adita Quinta, de humas cazas nobrissimas, que são hum Palacio, com seu oratorio, muito bem ornado de toda adescencia de vida o qual tem hum altar em que todos os dias se celebra missa, com muito bons Ornamentos, que tem a serventia pela Varanda do pateo para onde se entra do que tem a entrada principal, e da parte de fora do dito Oratorio lhe fica outra varanda, e fronteira a torre por onde se vai para ella, que tem seu Relogio de Sol pela parte de fora da banda do Nascente muy proxima ao Tejo em cujas cazas assistem os Religiosos que administrão, e Governão as couzas pertencentes adita Quinta, e se accommodão todos os mais que della vem ter brevias, e hospedes de toda a qualidade. Mais duas Varandas d'bastante grandeza, huma de treze Columnas, e outra de dezanove de pedra com seus vãos por baixo, e pateos de bastante grandeza que servem para todo genero de Serviço, e depois faz o dito Palacio, e Cazas delle quatro quinas em cada huma das quaes esta sua torre todas fechadas de abobedas por cima, e duas dellas abertas de todas as bandas ao redor com suas columnas tambem de pedras lavradas.

Tem mais, outra Torre bem no meyo das ditas cazas levada na altura de sorte que bem se deixo ver a distancia de tres legoas e mais. Outro, sim tem mais dentro em si as ditas Cazas e Palacio dois Celleros, hu. Armazem de azeite contres ordens de potes, e hu adegua de vinhos tudo de notavel grandeza, hu lagar de fazer uvas das vinhas da mesma Quinta fabricado de pedra e cal, e outro de fazer azeite que está junto a o portico principal que entra para o pateo das mesmas Cazas, tambem há dentro nellas tres Cavalherices e outras mais Logeas, e officinas para o bom regimen da mesma Quinta, e tambem tem seus palheiros com outro grande pateo mais fechado pegado as cazas da mesma Quinta da parte de poente com suas dependencias que servem de dormir os boys e Vacas da dita Quinta, e finalmente tem mais da parte de fora vezinhas a ella quatro moradas de cazas em que vivem alguns dos criados da mesma Quinta, e para a todo o tempo constar da referida descripção mandou elle Doutor Juiz do Tombo fazer aqui este termo que comigo assignou. Alvaro Barreto Borges o escrivi "Moraes" Alvaro Barreto Borges. »



# ANEXO III

Entrada nº 119 do “Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses”, por Francisco Sousa Viterbo, em 1899.

e prosperou. Esta circumstancia, porém, não é verdadeira, porque Diogo esteve ainda com o irmão em Lisboa nas obras de Belem.

É possível que no archivo da sé de Vizeu existam documentos, que nos esclareçam sobre a vida dos Castilhos naquelle primeiro periodo da sua existencia em Portugal e que nos revelem pelo menos o nome dos artistas que executaram as abobadas da Sé.

O sr. visconde de Castilho (Julio) nas notas que acompanham o drama *Camões*, de seu paé, vol. III, dá-nos uma circumstanciada noticia da genealogia dos Castilhos, a principiar em João, a quem as chronicas, diz elle, chamam o Velho. No final d'este artigo publicamos a carta de armas dos Castilhos e por ella se verá melhor a sua procedencia. Este documento deve por certo merecer mais fé que os nobiliarios.

A data mais alta relativa á estada de João de Castilho em Portugal, documentalmente comprovada, é de 1517. Neste anno figura elle frequentes vezes nos roes das despesas do convento de Belem, que se conservam na Torre do Tombo. Em 1514, o principal architecto é sem duvida mestre Boytaqua; em 1517 as obras tomam extraordinário movimento, repartindo-se as empreitadas por diversos mestres. Castilho, porém, é quem exerce o principal papel, sendo talvez o director geral. D'esses roes vamos extrahir algumas verbas e indicações interessantes. Diz uma nota, logo no principio, do rol relativo a 1517:

João de Castilho . . . . .	tem	lxxxii	quãtes
Fellype Amryquez . . . . .	•	lii	•
Pero de Trillo . . . . .	•	xxix	•
Llyonardo Vaz . . . . .	•	xbij	•
Rodrigo Afonso . . . . .	•	xbij	•
Rodrigo Aues . . . . .	•	xbij	•

«Aos xbij dias de maio de lxxbij disse João de Castilho que desse o diabeiro a Rodrigo de Encurreo (?) do altar que faz, por que elle fyquava de llo fazer acabar em sua professaõ he se dava por fiador dello, he por verdade anyca aquy comigo. João Llyetam capriaõ. Ja.º de Castilho. J.º Llyetam.»

Aquelle nome Encurreo é muito difficil de ler: interpretou-o assim o nosso amigo e eminente paleographo João Basto.

Por esta epocha (1514) apparece o nome de Miguel Emcuria no seguinte bilhete:

«Senhor thezoureiro— Entregara vossa merceõ os xv quintaes de maças a miguel emcuria porque elle e os faquaros mas compraram e pagaram.— Valentym Fernandez.»

Vejam-se os *Documentos para a historia da typographia portugueza nos seculos XVI e XVII*, por Venancio Deslandes, pag. 9, da 2.ª edição.

Continuemos com as notas extrahidas dos roes das obras:

«Sexta feira a dous dias de janeiro de lxxbij (1517) começarem de servir os empreiteiros em suas empreitadas següdo regimẽto delRey nesse sãr.

«Joham de Castylho, mestre empreytoiro da crasta primeyra e capytello e scrytafia e portall da travessa, ade trazer c.º x (110) ofeyraes e adaver por mes cento e çobta mill r.º»

Segue-se o rol dos officiaes, á testa dos quaes João de Castilho, e logo:

«Diogo de Castylho.  
«Pero Gotterres, aparelhador, etc.»

«Fellype Amriquez trará cada dia lb (55) ofeyraes e avara por mes saçenta e oito mil r.º»

«Pero de Trillo trará xxxbij ofeyraes e avara por mes çobta e oyo mill r.º»

Assigna Pero de Trillo, o que demonstra que era de origem hespanhola.

«Llyonardo Vaz, empreytoiro do Refetore, ade trazer x ofeyraes e adaver por mes dezosete mil r.º»

Mestre Nycollao, empreytoiro do portall pryceppall, ade trazer onze officiaes e avara por mes vñte mill r.º»

«Rodrigo Afonso, empreytoiro das tres capellas, ade trazer dez ofeyraes e adaver por mes dez mil r.º»

«Joham Gilz, empreytoiro das tres capellas do coro, ade trazer x ofeyraes e avara por mes dez mill r.º»

Assigna o recibo de João de Gonçalves João de Castilho, por aquelle estar doente.

Apparelhadores apparecem os seguintes:

«Fernando de Ferosa, aparelhador da sacristia.  
«Rodrigo de Pontozylla— do portall do capitulo.  
«Francisco de Benavente— da crasta primeyra.  
«Pero Geterres— do capytello.  
«Diogo de Castilho, idem.»

Num recibo de 1518 se dá Pero de la Rota por aparelhador de João de Castilho, apparecendo os officiaes no rol por esta ordem:

«João de Castilho.  
«Pero de la Rota.  
«G.º (Gonzalo) de Castylho.»

**110—Castilho (João de).** Dizem os nobiliarios que João de Castilho era asturiano, natural de Santander, não nos indicando as causas da sua expatriação. Acrescentam que viera ter á Galliza e que d'ali passara a Napolés e a outros pontos de Italia, onde tivera occasião de apreciar os esplendores do renascimento, instraindo-se ao mesmo tempo nas escolas dos grandes mestres. Depois d'esta peregrinação artistica veio para Portugal nos primeiros annos do seculo XVI, dizendo-se que fôra Vizeu a terra onde primeiro empregara a sua actividade, na construcção da abobada debaixo do côro da Sé de Vizeu, em que fôra coadjuvado por seu irmão mais novo, Diogo de Castilho. A abobada principal da igreja e a que serve de pavimento ao côro foram acabadas em 1513, como se depreheende da seguinte inscripção: *Esta sé mandou abobadar o muito magnífico Senhor D. Diogo Ortiz bispo desta cidade do Conselho dos Reis e se acabou em a era do Senhor 1513.* Depois d'estes trabalhos, dizem que os dois irmãos se separaram, indo Diogo de Castilho para Coimbra, onde assentou casa

Em 1519 Pontesilhas apparece apontador da igreja. Notamos um Orta *magnario*.

Em 1519, logo nos primeiros dias de janeiro, andava elle dirigindo as obras do convento de Christo em Thomar, em cuja villa tinha a sua residencia habitual, *estante e morador em a dita villa*, como diz o auto do feito que lhe moveu Pero Carneiro, cavalleiro da casa real, por causa das obras do mesmo convento. Copiamos o processo, que, alem de nos mostrar o motivo do pleito, nos dá uma ideia das praticas forenses d'aquella epocha. Pero Carneiro queixava-se de que João de Castilho, mestre das obras de el-rei, construira uns telheiros numas terras que possuia na pedreira, termo da villa, causando-lhe, alem de outras, a perda de dez moios de pão. Esses telheiros eram as casas onde os canteiros lavravam as pedras para as obras do convento. Castilho, interrogado pelo juiz, respondeu que era ali que se costumava lavar a pedraria e que não se podia fazer em outra parte. Então o juiz, qual outro Salomão, exarou esta sentença: «que não podia haver o reo por parte e que, se nisto o autor recobria perda que fosse requerer satisfação d'ella a el-rei.» Veja o leitor os autos:

*«Trellado do auto e feito civil de Pero Carneiro, cavalleiro da casa delRey nosso senhor, autor, contra Jobã de Castilho, mestre das obras do dito Senhor d'Reo.»*

«Anno do nascimento de nosso Senhor Jhu x.º de mill e quinhētos e dezasseis anno, aos vij dias do mes de Janeiro, na villa de Tomar, na casa da audiencia della, sendo hi Luis Dalmeida, cavalleiro da casa delRey nosso senhor e vereador e juiz pela ordenaçã, a ausencia do licenciado A.º Brenaldes, juiz de fora com alçada por mandado especial do dito senhor em a dita villa, fazendo audiēcia perante elle, parecerã partes em juizo, s.º Pero Carneiro, cavalleiro da casa do dito senhor, como autor, e Jobã de Castilho, mestre das obras do dito senhor, e estante e morador em a dita villa, como Reo, e logo pelo dito autor foy dito que mddara citar o Reo pera o demandar por lhe fazer certas causas de telheiros per força sem sua autoridade em huas suas terras, que tinha na pedreira, termo desta villa, e lhe deneçura e fizera perda de dez moios de pão que lhe requeria que por passar da conta lhe oucesse o reo por citado por todosellos termos e autos judiciais e que ha primeira audiēcia viria contra elle por espirito, e o dito juiz ouue ho dito reo por citado por todosellos termos e autos judiciais e mddou ao dito autor que a primeira audiēcia viesse por espirito (escripto) contra elle. O qual disse que satisfaria e o dito Castilho disse que nã queria dmdã, por que elRey e mddara vir e laurar em a dita pedreira e que se elle juiz mddasse que ho nã fizesse que ho nã faria e o faria asy saber no dito senhor, e eu P.º Luis tabeliam que ho nã fizesse. E depois desto aos b dias do dito mes e ano, perante o dito Luis d'Almeida, juiz em audiēcia que fazia, pareceo o dito Pero Carneiro e o recobedor do dito João de Castilho por Fernão Pires procurador, como seu procurador que ho loguo fez, foy apresentada ao dito juiz lã pitiçã por espirito que tal he, como se ao dilte segue:

S.º Juiz

Diz Pero Carneiro, cavalleiro da casa delRey nosso senhor, perante vossa merce, que he elpetente juiz de causas, como autor de lã parte contra J.º de Castilho, mestre das obras que ho dito senhor no cõvto desta villa de Tomar mddã fazer, estante ora em esta dita villa, como Reo da outra, contra o qual diz o autor que pode aver tres ou

quatro mezes o tempo que viera em verdade que ho dito Reo contra vontade do dito autor e sem autoridade de justiça, somente por sua propria força, em lãas terras delle autor que elle teu no limite desta villa, donde se chama a fonte de Payo Muniz, que partem com berdeiros de Pero Muniz que Deus tem e com Rodrigo Anes Gordinho e com terra que pertence ao convento da dita villa e com outros com que do direito deva partir, em nas quas terras ho dito reo lhe tem occupadas com certas casas que nella tem feitas, em que estam e lauram os officiaes, que hi tem a laurar pedraria para a dita obra, e alem do ter as ditas terras occupadas com as ditas casas as tem occupadas e as occupa com a dita pedraria e com servintia que per ellas faz em que lhe tem deneçadas as ditas terras e occupadas, em que bem podera aver dez moios de pão de trigo e cevada, e per outro sy pelo que dito sea lhe tem o dito reo empido de nom poder fazer lãas mddas, que nellas queria fazer, tendo ja para ellas certa pedraria, com que ho dito reo fez as ditas casas e posto que ho dito autor requeresse ao dito reo per vezes lhe emulasse requerer que nas ditas terras lhe non quisesse fazer as ditas casas nem quisesse occupar nem deneçar, pello que nas ditas terras non pode aver novidade algũa nem pode fazer as ditas mddas, o que o dito reo leixar de fazer non quis, pello que o dito autor pede a vossa merce que por o dito reo todo tem feito e fazer forçosamente o contra vontade do Reo lhe leante força delle e lhe mande que lhe leixe suas terras desoccupadas, como dantes era, para aver deprovcitar e laurar, como seya fazer com as ditas casas, pois as fez nas terras delle autor e lhe pague os dez moios de pão com as custas de que protesta.

E apresentada ao dito juiz a replica do reo, lhe asynou que a primeira audiēcia oucesse a vista e alegasse de seu direito. E eu Pero Luis tabeliam que esto espreui.

E depois desto, loguo no dito dia, na dita pedreira, nos ditos telheiros, por mim tabeliam foy notificado ao dito Castilho que fizesse procuração para aver a vista da dita pitiçã e elle disse que nã dizia mais do que ja dito tinha, que non queria demanda nem feito, por estar aly e fazer todo per mandado do dito senhor e que se lhe o dito juiz mandasse que deixasse a obra em que estava que o faria, e o faria saber a elRey. E eu Pero Luis tabeliam que esto espreui.

E depois desto, aos vij dias do dito mes de janeiro do dito anno sobre dito, na casa da dita audiēcia, sendo hy ho dito licenciado juiz fazendo (falta audiēcia), perante elle pareceo ho dito autor e Fernã Pires seu procurador e disseram e recontaron per palavra ao dito juiz o conteúdo em este auto e termos em que estava, como atras he escripto, e o dito juiz visto tudo e a fee de mim tabeliam que me dello tomou do termo em que estava fez apregoar o dito Reo, o qual foi apregoado por Diogo Fernandez porteiro, e aõ pareceo por sy sem por outrem e a sua revelia o lãpo da vista do dito libello e mddou a mim tabeliam que asy o espreucasse e lhe fizesse este auto conclusão.

E eu Pero Luis tabeliam, que esto espreui.

Conclusão.

Parçam estas partes autor e Reo perante mim antes de se lhe peromeiar do direito de sua pitiçã ate primeira.

Foi dado a m.º Luis este feito pello dito juiz em suas poussadas com he desbargo acima escripto aos xi dias do mes de janeiro de b.º xix anos a revelia das partes. E eu Pero Luis t.º que o espreui.

E loguo de caminho eu t.º foy as causas do dito Reo para lhe notificar o dito desembarguo e o non achey hi e me disserã que era fora. E eu Pero Luis t.º que esto espreui.

E loguo no dito dia, na praça da dita villa, por m.º Luis foy publicado e notificado o dito desembarguo ao dito Pero Carneiro, o qual elle por sua pessoa leu e disse que satisfaria. E eu Pero Luis t.º que esto espreui.

sequem para se cõmeçarem de fazer do Janeiro que vem prazendo a Deus em diamte, e de entam por diante se lhe faram seus pagamentos do rendimento dos dinheiros da casa, segundo as obrigações de seus contrantos.

E quanto aos dezentos mil r.º que Johan de Castilho avia daver agora da primeira paga da sua empreitada avemos por bem que lhe sejam dados agora em mil reis e mais nam. E os outros em mill he dades dhy e dois meses. E dhy em diante lhe seram feitas suas pagas asy e na maneira que em seu contrato vaão ordenadas.

E todas estas obras vos encomendamos e mddamos que vigiees e olhees, porque todas se façam asi bem e como os officiaes que as têm por seus contrantos sam obrigados e naquella perfeiçã e limpeza que se deve fazer e como nos por nosso seralço confiamos que tudo so fara olhando ho vos. Spta em Evora a bil dias de Julho: Jorge Martiñz a for, de b.º xix.

Rei:—

Em baixo:

Pera Vasco de Pina, sobre as obras das empreitadas que vossa alteza ha por bem que logo se façam, e as que fiquem para se fazerem de Janeiro por diante.

No sobrescripto:

Por elrey:—A Vasco de Pina, cavalleiro de sua casa, alcaide mor d'alcobaça e proccesor das rendas do dito convento.

(Torre do Tombo.—Corpo Chronologic, parte 1.ª, maço 24, doc. 131.)

Jogando com esta carta, talvez em resposta a ella, existe uma carta de Vasco de Pina, endereçada a el-rei com data de 29 de agosto, na qual ha um trecho, que mais particularmente se refere á obra das adegas e se allude a João de Castilho, que a esse tempo se achava em Belem. Eis o alludido trecho:

«Os lagares de todos estes lagares estam tão danifycados que pera se corregerem muito bem non avia tempo, por que era muito perto das vyndyas, e os lagares sã de madeira e era necessario que a madeira pera se corregerem fosse cortada dantes muito tempo que estyvasse curada e como conprya, e por isso os non mddey fazer como era necessario, somente com a madeira que neles avia os mddey remdiar para este anno e pareceo que sendo de madeira que cadano ão mester coregymto, e se se fizessem de pedra fityryd para sempre e pera non se gastar mais netes. Se parecer bem a vossa alteza, velos emos Castyho e eu, o o que podera custar, e por que agora ha y mestre offycaes, e por que Castyho non esta qui, que ho em Belem, non exereco logo a vossalltera o que podera custar; e aqui neste mosteiro ha muitas caplas que non seruem de nada, de que se poderia fazer com menos despesa.»

(Torre do Tombo.—Corpo Chronologic, parte 1.ª, maço 24, doc. 26.)

Se o iconoclasta do Vasco de Pina, na mesquinha ideia de uma reles economia, teria reparado os lagares de Alcobaça com as campas do mosteiro, que elle julgava intuteis, e que seriam por sem duvida outros tantos monumentos epigraphicos!

E depois desto, aos xij dias do dito mes de janeiro do dito anno sobre dito, em a dita villa, na casa da audiēcia della, sendo ho dito licenciado juiz hy fazendo audiēcia, perante elle parecerã os ditos autor e reo e pello dito juiz forã feitas estas perguntas ao dito reo que se ao diante segue.

1.º Primeiramente que se a pedreira soya de ser aly no lugar da contenda: disse que sy.

2.º Lhe fiz pergunta que se se poderia fazer em outra parte e com menos dano do autor: disse que nã.

3.º E o dito juiz mandou a mim tabeliam que asy o espreucasse. E visto tudo pelo dito juiz, disse que non avia aqui y dito reo por parte e que se elle autor nãso recobria perda, poderia ir requerer a elRey nosso senhor satisfaçã della e per aqui avia esta contenda por acabada e detriminda e fosse sem custas e o dito Pero Carneiro com todo pido que lhe fosse dado hõ estromento com o trollado do auto pera com elle ir requerer a elRey nosso Senhor sua satisfaçã da perda que recobria tinha, e o dito juiz lhe mandou dar esto que vay concertado com o proprio com João da Cunha tabeliam sprito bem e ficilmente çarrado e assellado em seis meias folhas, as cinco com a tua que passy meu synall escritas e a meia no cabo limpa e por verdade eu Pero Luis tabeliam por elRey nosso Senhor em a dita villa que esto espreui e em fim de todo meu publico synall passei que tal he: nã faça dmdã um antrelinha que diz como autor, por que se faz por verdade. Y.º da Cunha.»

(Torre do Tombo.—Corpo Chronologic, parte 1.ª, maço 24, doc. 1.)

No mesmo anno, andava elle dirigindo tambem diversas obras no mosteiro de Alcobaça—a sacristia e a livraria. Eram-lhe companheiros de trabalho Mestre Nicolau e Roy Garcia. Em carta dirigida a Vasco de Pina, alcaide-mór de Alcobaça e procurador das rendas do mosteiro, dá D. Manuel as instruções sobre as obras que convinha continuar e aquellas que podiam soffrer adiamento. Foi feita em Evora a 7 de julho de 1519, e é do theor seguinte:

«V.º de Pina, nos elrey vos enviamos muito saudar, porque acerçã das obras que temos mandadas fazer nese mosteiro d'alcobaça non avemos por bem que por agora se entenda, salvo naquellas de que aja mais necessidade e que loguo se deum fazer: vos mandamos que, posto que la vos sejam mostrados alguns contrantos dalgãs obras que no dito mosteiro trabalhamos mandado fazer, que se não façam agora outras, sem as que Johan de Castilho hade fazer—s.—a sumaçã e a livraria, segundo ele por seu contrato he obrigado, e vos encomendamos que olheis por que em todo se cumpra.

E asy avemos por bem que loguo se faça a obra da carpentaria das cadeiras do coro e asi todo o correjimento daquellas cousas que vos dito Vasco de Pina e Johan de Castilho tendes dado dempreitada por preço de vintaseis mil r.º e todo se faça asy bem, como os officiaes que as ditas obras tem por seus contrantos forem obrigados, e vos olhareis que asi se faça: aos quaes fazeis seus pagamentos naquella maneira e aos tempos que por vos e por o dito Johan de Castilho estever ordenado e fordes obrigado.

Item. Asi mesmo avemos por bem que se façam loguo as empreitadas dos correjimentos de fora dos lagares e adegas e igrejas asi como temos mandado que se faça.

E quanto as outras obras e empreitadas—s.—a dos arcos da crista primeira, que tem mestre Nicolã e asi a outra que tem Roy Garcia da enfermaria e dos cerques, nestas nam avemos por bem que ao presente se faça cousa algũa. E queremos que

Em 1522 encontramo-lo em Belem na grandiosa empresa de levantar a aboboda do cruzeiro. Por este motivo lhe mandava D. João III entregar, por intermedio de Pero Lopes, a importante somma de mil cruzados, que era parte do preço da sua empreitada, devendo esta quantia ser-lhe paga em certos prazos. Diz assim a respectiva ordem:

«Pantallio Diaz, Nos mandamos era per noso desembarguo a Pero Lopes que entregue a João de Castilho, mestre das obras de Bellem, mil cruzados em parte de paguo da empreitada, que ora novamente com elle he feita sobre o fazimento das abobadas e pylares do cruzeiro da Igreja de Bellem, os quaes lhe ade entregar a certos tempos contados nella, pello qual vos mandamos que vos entreguees os ditos mill cruzados ao dito Pero Lopez aos tempos contados no dito desembarguo, que havy para elle passamos e per este com seu conhecimento em forma mandamos que vos sejam lãoados em conta: espirito em Lisboa a xxij dias de setembro—Alvaro Neto o fez—de mill b.º xxij.»

Segue-se o recibo de Pero Lopes.

(Torre do Tombo.—Corpo Chronologic, parte 1.ª, maço 24, n.º 26.)

Em 4 de junho de 1528 era nomeado mestre das obras da Batalha. logar que vagara por morte de Mathews Fernandes, o filho. O cardinal Saravia não o incluia na lista dos architectos d'aquella mosteiro, certamente por não haver encontrado nos archivos da casa documento que lhe dissesse respeito. Vilhena Barbosa (*Monumentos de Portugal*, pag. 71) chama-lhe equivocadamente Antonio de Castilho, erro que já passou para a obra do sr. visconde de Condeixa, e diz que foi elle, ao que parece, o architecto que commettou a barbaridade de fazer a terceira e mais repugnante alteraçã no risco primitivo das capellas imperfeitas, exertando o estylo do renascimento na architectura gothico-florida. Não sabemos até que ponto se possa fundamentar esta accusaçã. O estudo comparado dos estylos de Belem e Thomar nos poderia indicar quasi com certeza o que na Batalha se houvera de attribuir a João de Castilho.

Não nos parece, porém, que o mosteiro de Nossa Senhora da Victoria fosse a obra que mais atrahisse a imaginação e o cuidado d'aquelle artista, por isso que em 1529 já se achava em Arzilla, aonde tinha ido examinar as obras da fortaleza com Duarte Coelho, e em 1532 renunciava em Miguel de Arruda o cargo de mestre de obras da Batalha. Consultem-se estes dois nomes.

Passamos a transcrever a carta de nomeação:

«Dom Johan &c. A quantos esta minha carta virem faço saber que confiamos eu de J.º de Castilho, mestre de minhas obras, que me seruyra bem e ficilmente como compy a meu serviço, tenho por bem e o deu ora dagny em diante por mestre das obras do mosteiro da Batalha, asy e pola maneira que o ele dese ser e o era mestre Mateus, que ora faleceo, com o qual officio me praz que elle aja de mantymto em cada huã anno huã meço de trigo com elle, da maneira que e avia o dito mestre

Mateus. Porem mando aos veadores da minha fazenda que de janeiro que passou em diante, em cada huã anno, façã pagar ao dito João de Castilho o dito meço de trigo, na maneira que dito he, e so contador de Leiria que ho meta em peso e deya seruyr sem lhe a elo por dmdã nem embargo algũa, por que asy he minha merce: o qual João de Castilho jurara em a minha chancelaria aos santos avungelhos que bem e verdadeiramente o sirva, guardando ho scrupulo de Deus e mea e as partes sem direito; e pagou dordenado do dito officio nella mill r.º—Alvaro Neto a fez em Lisboa a quatro dias de Junho anno de noso sñr Jhu x.º de myll b.º xxvij. E eu Damian Diaz ho fiz espreuer.»

(Torre do Tombo.—Chancelaria de D. João III, liv. 14, fol. 126.)

Para se avaliar da actividade extraordinaria de João de Castilho e das multiplices obras, em que elle tinha sido occupado até ao anno de 1533, bastará ler a quitação que lhe mandou passar D. João III a 30 de junho d'esse anno. Fica-se fazendo uma perfeita ideia, não só pela enumeração d'essas obras, mas pelas quantias pendidas, passante de vinte e cinco contos, o quo, reduzido a dinheiro da epocha, é uma somma avultadissima. Como damos o documento na integra, julgamos escusado estar a extrahir d'elle o elenco das obras que Castilho realisou. Algumas d'ellas, porém, não foram levadas a cabo, estragando-se e extraviando-se muitos dos materiaes—sebegas—que para ellas estavam destinados. Vê-se que já vem de muito longe, e que não é de hoje, a pratica de não seguir ininterrompidamente as obras e de não empregar nellas uma zelosa e sensata administração. Não é esta uma das partes menos curiosas da quitação, a qual vae em seguida:

«Dom Johan &c. A quantos esta minha carta virem faço saber que João de Castilho, cavalleiro de minha casa, mestre de minhas obras, me disse que por el Rey meu senhor e padre, que santa gloria aja, e por asy me foram mandadas fazer as obras abaixo declaradas—s.—a obra do mosteiro de Belem e a obra dos pagos da Ribeira da cidade de Lisboa, as varandas, sala e esada, capella e casa da Rainha minha sobre todas muito amada e preçada molher, e asy a capella moor do mosteiro de san Francisco da dita cidade e os alcores da capella que estão no almaraz e hãa varanda em Santos e outras cousas meudas que fez nos ditos pagos—s.— portaes, janellas, bocall do peço e corejimento do jardim, e asy a obra da enfermaria que se fazia para os doentes da peste na dita cidade, e gigantes de pedra que fez na Ribeira para varar as nasos da India, e asy as obras que fez no convento de Tomar—s.—o coro, casa para ho capitullo, o arco grande da igreja, o portall da porta principall e as casas para aposentamento da Rainha e outras obras meudas, que fez no dito cõvto, e asy as obras que fez para as ferrarias da dita villa, e asy todas as obras que fez no mosteiro d'alcobaça, e todas as obras que fez no mosteiro da Batalha, e algũas por contrantos e outras sem elles, somente por avaliaçães, das quas obras algũas herdã acabadas e outras nã, e pedindome por serce que por quanto não deixara de as acabar por sua culpa, sendo por elRey meu senhor e asy em mddamos cesar as ditas obras, ouase por bem de lhus mandar avaliar todas, e asy as perdas que tyha recebido por se não acabarem e lhe não ser accido com ho dinheiro nos tempos e da maneira que em seus contrantos era declarado e elle fizera diligencia em seus contos do dinheiro que tyha recebido e achara ter recebido vymto e cinco contos qyntem.

tos e nove mil e tantos r. e que tinha recebido mais soma, a qual não se podia afirmar quanto mais era do que nos ditos contos se achava e se fizera com elle conta do dinheiro que tinha recebido e despoço e do que valião as ditas obras para lhe ser dada sua quitação. E por quanto as ditas obras se não podem avaliar no certo, por muitas delas não serem acabadas e aver muito tempo que se licenzião de fazer, e asy mesmo se poderem avaliar as perdidas que he dito João de Castilho diz que recebeu nas achegas que tynha para as ditas obras e asy nas cousas das menos delas por dizer que se fartarão e danificarão e levarão para outras obras minhas: avendo a todo respeito e asy ao muyto serviço que ao (sic) dito João de Castilho tem feyto ao dito senhor Rey e a mym e ao que espero que ao diante fará, e pela boa conta que sempre de sy tem dado em todas as obras de que ho encarregay pelas cousas sobre ditas; e por bem e por esta presente carta o dou por qynte e liure de todollos ditos vynte e cinco contos qynhentos e nove mil e tantos r., que ao dia ter recebidos para as ditas obras, e de qualqver outro mais dinheiro que em qualqver tempo se achar que para ellas recebo alem dos ditos vynte e cinco contos qynhentos e nove mil e tantos r., e asy da obrigação que por seus contratos tinha a fazer as ditas obras, em qualqver maneira que por elles for obrigado. E quero e mando que o dito João de Castilho nem seus herdeiros em tempo alguñ sejam citados, costringydos nem demandados a dar conta asy pelos ditos xxv contos bñx e tantos reis que tem recebido, como por qualqver outro mais dinheiro que em alguñ tempo se achar que recebo para as ditas obras alem da dita contya e ora tynha para ellas recebido muito ou pouco em qualqver contya que seja nem las mesmo elle nem hos ditos seus herdeiros sejam obrigados em tempo alguñ a fazer e acabar algunas das obras acima declaradas ou parte delas, por que de todo ey por bem e mo par de dar a ho dito J.º de Castilho e seus herdeiros e sobcessores que depois ellas vierem por qynte e liures deste dia para todo sempre: E avendo tambem respeito a elle ter dado quitação de todo e qualqver direito ou aução que tenha ou possa ter pelo que fez das ditas obras e por qualqver outra maneira que tenha por bem dos contratos que fez com os officiaes del Rey meu senhor e meus sobre as ditas obras e asy outras obras alem das acima declaradas que tynha feyto per si ou per outrom ou em praçaria doutros porque de todo se docco, segundo mais compridamente he cõstado em hã quitação publica que apreemto feyta per J.º Taborda, tabelião publico na villa dalmeirim aos xxix dias do mes de janeiro deste ano de bº Rj, a qual ficou registada em minha fazenda no pee desta. E para sua guarda e segurança lhe mandey passar esta minha carta de quitação, a qual mudo que se cumpra e guarde inteiramente como nela se contém sem mingua alguñ nem duvida nem empodimento nem embargo alguñ que a ello seja posto, por que asy ho ey por bem. Esta se registey no livro da minha fazenda. E porem nesta quitação não entrara a obra do Tomar, que ho dito João de Castilho ora faz, que se começou a xxx dias do mes de junho do mill bº xxxij — Antonio Soares a fez em Almeirim aos trinta dias do mes de janeiro do ano do nascimento do nosso senhor Jhuu xpo de mill qynhentos e oremta e huã. Fernã dalvz a fez escrever.

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. João III, liv. 34, fol. 7, v.)

Pela diversidade dos seus serviços, alem do ajuste das obras, Castilho havia recebido varias mercês, feitas na sua pessoa e na de seus filhos. Em 1532, a 21 de julho, D. João III mandou-lhe passar carta de tença de 7 moios de trigo por anno, equivalentes a dois padrões anteriores, um de 6 moios de trigo, de 27 de agosto de 1525 (Chancellaria de D. João III, liv. 8, fol. 107 v); outro de 1 moio, passando em Palmella a 17 de fevereiro de 1531 (mesma chancellaria, liv. 9, fol. 15). Em 20 de novembro

de 1533 foi trespassado o pagamento dos 7 moios para as jugadas de Santarem (idem, liv. 7, fol. 222 v.)

Por virtude de um contrato que fizera pelas obras de Belem, João de Castilho estava na posse de umas terras no reguengo de Algez, proximo ao mosteiro. Em 1545 renunciou-as em Diego de Torralva a troco de uma tença da 5 moios de trigo, que el rei doara a este ultimo architecto, tença que João de Castilho trespassou em seu filho do mesmo nome. O documento respectivo encontra-o ha o leitor no artigo consagrado a Torralva. Transcrevemos aqui somente a carta de tença dos 7 moios de trigo:

«Don Johan &c. A quantos esta minha carta virem faço saber que avendo eu respeito aos serviços que tenho recebido dos de João de Castilho, mestre de minhas obras, e aos que a o diamte espero de receber, tenho por bem e me aprax que elle tenha e aja de mim de tença em cada huã anno, de San João que vem do anno de xxxiii em diante, sete moios de tryguo, em quanto minha merce for, os quizes pela dita geyta tinha por dous padrões — a — seya mojos por huã padrão pelos xii (doze mil) r.º de tença que tinha de mim em cada huã anno em quanto fosse minha merce, e ouve por bem fazerlle a dita merce de huã mojo por outro padram de que lhe fiz merce, os quizes sete mojos de tryguo lhe será pagos por esta so carta geral sem mayz tyrar extra de minha fazenda no selviro dalhyobeyra da villa de Tomar, e mando ao almorzarife ou Recebedor que hora he do dito selviro e a qual quer outro que ao diante o dito cargo tyner, que do dito sum Joan em diamte, em cada huã año, de e pague ao dito João de Castilho os ditos sete mojos de trygo por esta so carta que sera registada no livro das rendas do dito selviro pelo escrytulo do seu cargo, e pelo trellado della e seu conhecimento mando aos contadores que lhos lesem em conta sem mayz mostrar outro desembarguo de minha fazenda, e mando aos veadores della que façam riscar o asento que anda nos livros da dita fazenda dos ditos sete mojos de trygo e asentados no livro dos jeras e por fimem de todo lhe mandey dar esta carta. Do myngos de Payva a fez em Setuval a xxj de julho de mill bº xxxij; e os dous padrões que tinha forã rotos ao assnar desta. E eu Danião Diaz o fiz escrever.»

(Torre do Tombo. — Chancellaria de D. João III, liv. 18, fol. 35 v.)

Como os artistas d'aquelle seculo, Castilho tinha variada aptidão e tanto se entregava ás obras de architectura civil e religiosa como ás obras de architectura militar. As praças de Africa reclamavam a sua presença e já vimos como elle tinha ido em 1529, com Duarte Coelho, a Arzilla. Em 1542 achamo-lo em Mazagão dirigindo grandes obras. Numa carta de João Alvares de Almeida, escripta a 16 de julho de 1541, ha a seguinte allusão á ida de Castilho áquella fortaleza:

«... e asy ho farey até vyr Joan de Castilho, que me trará o Regymento do que V. A. me manda que faça e a meu carrego tocar e em tudo ho compryre.» (Corpo chronologico, parte 1.ª, maio 70, doc. 23.)

Numa carta do celebrado capitão Luiz de Loureiro, de 6 de fevereiro de 1542, lê-se o seguinte trecho:

«Quanto ha obra, João Ribeiro e João de Castilho seruem niso bem vosa A. e desejo muyto fazelo ahinda melhor, e danhe a moer brevidade que podem: come-

zarem ha obra do maar huã pouço cedo e tanhe feito ho maar dano: eu per muytas vezes lho disse que nom fizessem nada no maar, pois que tinham muyto que fazer no seço e ho deixassem para entrada do verão: conhecem agora que fora boõ tomar meu conselho, eñdãse agora com cantaria bem; quereimo noso senhor pareceme que ficara bem remeado e codo: pareceme que vosa A. lhos deua de mddar que nesta obra do maar não fizessem ate fim dahyrl, por que ate entlo ha aguy ha mais das vezes gride rraça do maar, pois que no seço tem bem que fazer: elles ambos leuão muito trabalho e em tudo vosa A. he delles muy bem servido.»

(Torre do Tombo. — Corpo Chronologic, parte 1.ª, maio 71, doc. 29.)

Esta carta foi recebida a xbij de fevereiro por mão de Ayres de Sousa, do qual diz Luiz de Loureiro na mesma carta:

«Ayres de Souza dara de tudo conta a vosa A., asy da guerra como das obras: dizer eu a vosa A. como elle qua serviço não me parece necesario; sey dizer a vosa A. que elle tem saber e officio e abelidade para general de hum grãde heyrercito: elle vey de qua muy pebre, e emdyadado, tem necessidade de se lembrar vosa A. de seus serviços e dos de seu pay, que os mouros matarem.»

Não menos de tres cartas ou relatorios nos conservou o tempo, escriptas por João de Castilho, e em que elle dá conta do andamento das obras, especificando particularidades interessantes relativamente ao systema e progresso da construcção e á qualidade dos operarios empregados nella. A primeira carta diz o summario, que lhe andu appenso, que é de 1541, mas em nota, por letra da epoca, lê-se de 1542. O nosso amigo José Baste propende para a primeira data e por isso é com ella que abrimos a serie. A terceira estava no Indice do *Corpo Chronologico*, attribuida a Jeronymo de Castilho. Esta circumstancia enganou o visconde de Juronema, que informou por isso erradamente Raczyński, que collocou Jeronymo de Castilho no seu *Dictionnaire* como auctor da carta e como um dos architectos de Mazagão. Fica assim rectificado o erro. Conservadas até agora ineditas, e em parte ignoradas, será porventura um serviço historico e um tributo á memoria de Castilho o fazel-as conhecer na integra:

«Senhor — O capitão e Joan Ribeiro e eu herdamos de mddar este homem a V. A. com hã apontamto da gente que he necessaria que venha, logo se ho vosa A. houver por seu serviço para despacho desta obra, por que ha obra he muy grande e leva muita mdda pedraria lavrada, a qual vosa A. vera pelos apontamtos que la vñe, e quanto esta obra mais durar, sera muito mais custo e desgosto de V. A., he creia V. A. que na obra se não pode per mais deligencia nem trabalho de que se pde, por que ho capitão por sua parte e João Ribeiro pela sua, que elles por tanta deligencia e lerde tanto trabalho que não podem levar mais, e eu com minhas poucas forças faço aquilo que peso. Também ajudão algunas vezes estes capitães que qa está a pedra — a — Don Pedro e Don Diego, e os outros ajudão os vales que se fazem muy grandes.»

E quanto ao que me V. A. escreveo que na obra não haya dos apontamtos de Benito de Reuena, eu asy o fiz sempre e farey e por elles vera a pedraria que se ha

mister e a que meto nas chapas e ha faço ha mais forte que pode ser, na mesma maneira que ho elle deixou ordenado.

A gñte que mddamos pedir a V. A. para esta obra ca a mudo toda por rol e destes se não hade escusar por que asy comgre a seu serviço, e não patife que qua vierdo muitos que dez anos de vida me custa o tempo que ha que ando ètre eles, por que çfim qua não vejo outra gente semlo a que trouxe de Tomar e algũs officiaes de Lizboa: e tãõbem ora vycrão muitos cavouqueiros que ho nãqa foram, e por tanto compre a serviço do V. A. que a gñte que agora vier seja esta que vay apontada, por que he gñte que ou conheço e sei como cada hum laura e fazlo tudo o que lhas eu mddar nesta obra asy de noute como de dia e verdadeiramente se V. A. vise o aparato que ha obra faz não diguo eu mddar officiaes mas serarillo todas as outras obras ate se esta acabar e creio que he r mais forte que se pode fazer no mudo, posto que ha cava ade ser mai trabalhosa pela parte do norte, por que da outra parte de Tite he mais tifo.

E nos apontamtos vny que hos servidores que houverem de vir que sejião do termo de Tomar e de Torres Novas e algũs Denora e os de Lizboa escolheites, que sejião costumados andar em obras, porque nesta cava tanto valem bõs servidores como cavouqueiros e posto que os officiaes que vño apontados la andem em obras e as fação, toda vna mudo vosa A. que venhão por que has obras della (de lá) se se não fizer este ano fareã ho outro, e não diguo estes mas los de Tomar deve V. A. de mddar vir por que lla estão seguros do lhas correm moares: esta gñte que mudo pedir a vosa A. ho para trabalho e para pedir quando comgrir. O baluarte da parte dos meijos esta semana ho çgalgo todo em trinta palmos dalto; asy traguõ muita gñte no mudo delle he o portador que he Martinho da Meta dara mais fõrmação desto a V. A. Deus acrecente ho estado real do V. A. por longos dias. De Mazagõ escripta a 2b de dezembro de Jº Rj.»

(Torre do Tombo. — Corpo Chronologic, parte 1.ª, maio 71, doc. 32.)

Esta carta tem algumas linhas muito difficis de lêr, por causa das letras estarem quasi inteiramente apagadas, devido á agua ter delido a tinta. Merece destacar-se a passagem relativa a Benedicto de Ravens, a quem se refere igualmente Affonso de Noronha numa carta em que participa a el-rei a chegada d'elle a Ceuta juntamente com Miguel d'Arruda. Esta carta publicamol a já, no artigo relativo a este ultimo, a pag. 67 d'este *Diccionario*.

«Sñor. — Ho padre frey Antonio me escreveo como V. A. me tinha feita a m. (mercê) que lhe mddara pedir, que era escrever meu filho na comara, pelo qual heio as mãos a V. alteza: praxera a noute so que eu he elle lhe faremos tais serviços, por onde lhe mereçamos outras maiores merces: da obra fuso saber a V. alteza que hespera de natall delrey o baluarte dos medaõs em R (quarenta) palmos dalto he a lugares do L (cincoenta) com um pedao de muro que vay contra ho mar: certifico a V. A. que ho baluarte he hã das fortes he fermosa coan (sic) que a (ha) em Espanha: temos lhe poeto em cima muita artilharia, de maneira que de hu baluarte ate o outro esta tudo poeado darteilharia, he asi da parte do norte ate ho mar, he agora traguõ jente no mar por anbas as partes, he da parte do norte como ja ho baluarte he da outra parte dos medaõs cor hu laço de pedraria pelo mar he (e) he muito trabalhoso de fazer per amor das mares, por que lhas muy grossa pedraria, he ate que seiamos em xliij palmos dalto teremos muito trabalho. Na cava traguõ jente em duas partes; trabalho nella ho fõpoyal: a jente que mddamos pedir mudo

V. A. que venha logo por que saiamos breue mdo deste trabalho e de tito custo como V. A. qua tem: estes capitães me ajudão com a sua gente muito bem, caretam muita pedra he asy o farlo da qui por diante no mudo dos baluartes, ainda que muita parte deles tenho ya estudado, así que eu espero em noco sbr que dando me dias de vida de breue mudo esta obra feita he a obra esta ya de maneira que nã diguo eu vir ho xarife mas ho turquo com quito poder tem nos nã podera fazer mali: noso senhor acrecente os dias de vida a sua A. ho seu real estado como todos deseiamos: de Mazagõ a hi de Janeiro de 1542.

Por outra letra, ao fundo da lauda:

Juº de castillo.»

(Torre do Tombo. — Corpo Chronologic, parte 1.ª, maio 71, doc. 33.)

«Senhor — Se deuso de escrever a V. A. muitas vezes he pelo tempo me non dar lugar para iso, e tam bem por que Joan Ribeiro e eu temos escripto muitas vezes a v. A. e a Pero de Carvalho e nã vnyos nãqua nenhuma resposta, sendo cousas que compryã muito a seu serviço sobre esta obra.»

Esta obra he muy grande e muy poderosa, por que creia V. A. que o baluarte que entrar no maar com a calheta, he mais obra que amedo do que V. A. cndana que se ayva de fazer pela grande altura que lhas de pedraria lavrada e pelos grandes custos dos alycerces que se fazem todos a ponta de picã e así por que ha mare em todo hu dia nã nos da meia hora lugar para assnar na ponta do baluarte e así em partes que ayvam huã dheyros muito grandes em hã algunos que estas do baluarte contra a vila que nemqos aguos sayo dela, e para a obra ficar segura foy nos necessario hyr buscar terra firme; para se fazer este alycerce trazyamos mais de cem homens a esgotar aguos e a fazer reparos de terra e call para os cavouqueiros poderem abrir, e a gente que andava nesta praya creia V. A. que son martyres, e que depois que anda tramos nos adoeçerã mais de quatrocentos homens de que muita parte deles son mortos e outros despedidos e agora ficarã doentes mais de cento e tantas pessoas, como V. A. pudera saber pelo doutor.

No Regimento que V. A. deu a João Ribeiro dizia que paguasse eis hos homens pelos pontos e dia que trabalhassem e nã declarava se ayva de pagar aos homens que está doentes, pela qual razão os officiaes e toda a mais gente se agravã, por que dizem que nãqua em Africa se deixã de pagar aos homens doentes e mayz nos terem casas nem camas e os miltimentos serem de biscoute, com o quall adoeçem todos, por que he muito seque e molhno aguos e fãzhe cpyrã no corpo, e com esta maa vñe e estar todo o dia dentro aguos e ao soll e ao vento nas pedreiras e com João Ribeiro e eu andamos sempre sobre eles, hã nos fogiã e outros se amuntavam e ate qui hos deturamos com lre dizer que tinhamos escripto sobre yso a V. A. o quall estazamos esperando cada dia por seu recado e por lre tyramos os dias sanatos que não trabalhãv, posto caso que muitos deles trabalhãv no maar e nos vales quando hos requeryamos e hera necesario e vendo que paguãv aos soldados todo o tempo que estãv doentes e vño velar de quatro em quatro dias hã noute so maro e muita parte deles serem alfayates e capatzeiros e taverneyros e terem outros procytos que a gente da obra non ten, e vendo o capitão e João Ribeiro e Lopo de Fyna e o doutor e os como eles clamãv e nã trabalhãv por vontade e fygiam cada dia como diguo e algũs fogyãm para os mouros, detremynamos de que mudo o mes do junho para qua lre paguamos os dias que fossem doentes nos que se curassem com hos serviços do quall o doutor dese foy ate quantia de vynte dias e passando este tempo sem ter milhorya os despedimos, e así ordnamos que cada ferya paguasse cada hum hum vyntem para o espytall e que V. A. lre dese fygys botica e disto o

doutor dara mais largua conta a V. A. e como quer que ha gente he fillos de muitos payes e mayz sem tam deferentes nom ha quem possa com eles e a vida e trabalho que João Ribeiro e eu com eles passamos Deus a doe a conhecer a quem a não cre nem conhece.

He necessario que V. A. mande logo proner esta jente dalgũs farynhas boas por que tudo sera serviço de V. A. que como a gente andar cõteme trabalho dobrado, por que as cousas que qua mudi os seus feitores passam por muitas mãos e quando chegã sãõ bisnetas.

Ha obra toda ao redor tirando o baluarte do mdr com hu grande pedao de muro vay fytar com ho outro muro que vem do baluarte dos meijos esta todo em xxx palmos dalto em xxxb e corõta a lugares e asy ho lamço da calheta que esta contra o norte esta em altura de xxx palmos dalto com seus portais fechados e suas escadas feytas asy do caez como das portas e o baluarte que entra no maar com aguos vyuas, e com outro lamço da calheta da parte dos meijos esta doze palmos dalto e a lugares de quatorze e outro pedao do muro que falta andamos agora alycerção e acabaro a ha cedo e vay ja a lugares hã fiada e a lugares duas e a lugares tres e neste avemos agora de trabalhar todo o posnel así para nosa defemã como para tomar toda aguos, por que me parece que de tudo temos muita necessidade segundo dizem; o capitão escrevera a V. A. mais largamente, o quall creio que duas horas antes que amañheja anda no campo e creia que he o mais fraguero homem que nãqua se vyo e así lre socodem suas cousas como V. A. lhas sabera.

Ho escaaleiro do baluarte contra Tite se acabara esta semana e ja asentamos as bombardeiras em cima e tem xxxii ou xxxiij palmos dalto dandar do baluarte para cyma e com seu esparã e duas guarytas hã dña parte e outra doutra para as velas. Este escaaleiro tem L (cincoenta) palmos de grosso — s — xxx, onde ade jugar artilharia, e 11 no peltoryll, dez em cada parte, e este acabado, logo detremynamos de nos passar logo ao dos meijos, por que ha de ser muito necessario e os estulhos dantre estes dois baluartes nã san feitas e o capitão cada dia nos require que ho façamos e nos non sabemos a qual acudamos, se a eles se muro que esta por serrar no maar e así fazemos hã myna por mandado do capitão de junto com a casa a hu peço que esta ahy perto que ha xx biij braças de casa a ele e a myster de ser dabo-beda e tyjole igual com ho chlo e desda boca desta myna a porta da trayçã hay Lº (50) braças e o capitão diz que ha que guastemos a terra desta casa que fçamos logo a parede da carçã cuberta por que a terra das maneiras ou da outra doera para as velas tirada daly por que temos empuro para os inmygos e poderamosham tornar e ftyppy a casa. Eu diguo que esta carçã que he muy escusada, por que nom se fazem se nã em lugares onde ha xxx, corenta mil homens, que estas a cidade ou vila comcedida de jente ha mais pejeja daly e o meu parecer hera fazerse esta parede na borda da outa, por que com doze ou treze palmos dalto em que a casa vay a lugares aberta com estes cyto palmos de parede ficava de xxii ou xxxii palmos dalto com sua chapa feita de terra e pedregulho que sea da casa muy bem tappada e com dous palmos o meio de parede por cyma de pedra e call que leve sete braças do chape de comprido por que venha easy chlo com a terra. Fycara esta casa muy forte e escusarcha dabalar mais hã braça na casa.

E nas Lº (cincoenta) braças que ha da boca da myna a porta da trayçã aly pedera ter hum pedao de carçã de tres palmos de larguo por donde vam a tomar aguos.

Ho douter se vay daquy e ficamos todos bem desemparados sem ele, por que creia V. A. que he hã peson quo a todos nos fazia guastado e tynhamos esforço com eis para nosas doenças e emfyrmidades.

E quanto he aos entulhos dantre baluarte a baluarte da parte do sertã que esta-

mas para fazer comprar a seruiço de V. A. que mande vynde bestas mures para acartarem a terra do fora para dentro por que custara dobrado faserse com gente, por que as mais bestas que qua está sam necessarys para a obra que se faz, por que os boys se vão gustando pelo pouco pasto que a qual o se ounerem de vyr hade ser logo e trazerem o mantimento que he necessary para elas e para as que qua estam, por que nenhum seruiço ha nesta obra cõto melhor que o delas. Deus acrecente o estado real de vossa A. por longos tempos a seu santo seruiço. De Maagão, escripta a xiiij de Julho de 1542. Ju. de Castylio.

(Torre de Tombo — Corpo Chronologico, parte 1.ª, março 72, doc. 65.)

De 1548 a 1551 encontramos João de Castilho em Thomar entregue á faina da construcção do convento, obra, que a par da de Belem, foi por certo a que mais provocou a sua actividade. Não menos de quatro cartas suas existem d'essa epocha no immenso deposito documental da Torre do Tombo. A primeira carta estava no indice do *Corpo Chronologico* sob o nome de Nuno de Castilho. A quantos equívocos não deu lugar a sua assignatura, aliás razoavelmente intelligivel! Uma vez confundiram o nome com o de Jeronymo de Castilho, outras com o de Nuno de Castilho e até com o de fr. João de Castro!

Na carta de 4 de março de 1548 se refere a uma doença, de que ficara muito arruinado. Também falla de Simão Dias, que é um carpinteiro de Santarem, de quem se tratará no lugar competente. Na de 11 de setembro do mesmo anno refere-se ainda a Simão Dias e falla especificadamente de Miguel d'Arruda, que el-rei mandara a examinar as obras e a entender-se com elle a este respeito. Por esta carta se vê também que Castilho construiu a igreja de Pias. A ultima carta, de 1551, não traz o mez, porque falta no original. É a que o indice do *Corpo Chronologico* attribua a fr. João de Castro. Nella se dá noticia desenvolvida de diversas obras do mosteiro. Inserindo-as aqui, completaremos, quanto em nós coube, a collecção epistolar de João de Castilho:

«Soñr.—Estos dias pasados caprey a Pero Carvalho acerca destas obras do pouco que neias se fazia por falta de caretos: que tres mezes ha que a esta obra não veo carada de pedra, por que algũs que ha, posto que são bem poucos, levão pedra para a Cardiga e casas Dallmeirra. E crea V. A. que por falta de cem caradas de pedra que levadas na pedreira—s— portais e janelas, não tenho acabado de galgar os estudos dos collegios e as necessarys no andar do dormitório da cima dos frades e nisto certo me parecia a mim que hora mais necessary faserse que todas as outras obras.

Hos estudos estão galgados mais dametade e em oito dias dobra os gargara de todo se tivera avyamento como digo e a verdade he que emqõto eu tive bois nungã me faltou pedra na obra e as vezes ajudavõ ao padre: emfim que com ho muito trabalho que tiverõ derõ fim a suas dias: e se não fora esta minha doença, de que fiquy tão gastado como Deus sabe, eu me roneidara para mercar algũs, mas así me Deus salve que não pude, e por iso esperey a Pero Carvalho que falase a V. A. que me midsse dar vynte mill r.<sup>o</sup> para comprar vynte bois e com tres que tenho mo remedezra e acabara presto estas obras, porque na pedreira tenho mais de mill car-

dra. O eyrado que vai no andar destas cellas htre o dormitório grãde ha mester lagreas como digo ou por roçar o tijello, por que vejo que em todallas casas de tijello roçado ahí (ha ahí) goteiras e nas que se lagrará nã passa a agua senhã comã. Nisto e em todo mais se fara como V. A. mldar e ordenar. As columnas da casa dos noçios não as asentel por me não quebrarem os carpinteiros os capiteis. Em toda a mais obra se faz o posivel e se daa quito avyamento pode nella, posto que agora sam as obras tantas que emcarecerã os officiaes, de maneira que se não achã, por que em toda a parte ca roçã com mayor jornal do que achã nesta obra. A ponte desta villa lembro a V. A. que corre esta invernoada grãde risco se se deixar así estar. Jorge Ferreira vai laa, sobre ella dara de tudo conta a V. A. He homem que tem bem seruido estas obras; deviasse V. A. de librar delle, por que certo que merece tola a merce que lhe fizereis. Noso Senhor acrecente seu real estado e vida. Beijo as mãos a V. A. De Tomar a x de 1551 anos. João de Castylio.

(Torre de Tombo. — Corpo Chronologico, parte 1.ª, março 87, doc. 35.)

Esta carta não traz o mez, e a assignatura, muito tremida, em letra maior que a sua costumada, faz lembrar a do poeta Castilho. Estava indicada no indice do *Corpo Chronologico* como de fr. João de Castro!

Depois de 1551 não encontramos mais noticias de João de Castilho, o que significa talvez que a sua existencia se tenha apagado pouco depois d'aquelle anno. Bem sabemos que essa falta de pormenores é apenas um argumento por negação, e tanto assim o consideramos que existim lacunas no periodo conhecido e indiscutivel da sua actividade, que não podemos preencher. Ha, todavia, uma circumstancia que até certo ponto vem corroborar a nossa hypothese. É a sua assignatura, que nas ultimas cartas se apresenta bastante tremida, affirmação positiva de senilidade.

Raczynski attribue a sua morte ao anno de 1581, tendo fallecido com mais de oitenta annos, e certamente com mais de noventa. O visconde de Juromenha parece-nos que o informou erradamente. A pensão comprada a André Corço por João de Castilho não foi adquirida pelo pae, mas sim pelo filho, seu homonymo, fidalgo e aposentador mór da corte e escriptão da fazenda d'estes reinos. É, pois, a este e não a quello que se refere a apostilla adjunta ao padrão de venda e que resa assim:

«Por ser o sobredito João de Castilho cõtendo neste registo falecido, se riscou o padrão aqui registado por vtydo de hum despacho dos vedores da fazenda. Em Lisboa a xxx dias dagosto de jbo lxxx.»

(Torre de Tombo. — Chancelaria de D. Sebastião, liv. 48, fol. 31.)

Existe um documento que vem confirmar as nossas conjecturas e destruir as asserções de Raczynski. Por elle se vê que João de Castilho, o architecto, já era fallecido em 1561, vinte annos antes do periodo até agora demarcado e correntemente accete por preguiça de mais accurada investigação. Esse documento é a carta de armas concedida aos seus descendentes. Ahí vem designada a sua naturalidade, montanhas de Biscaya,

das de pedra lavrada, além da que digo a V. A. e por não aver caretos a não trazem que ainda que dem sessenta rs. por carada não ha quem a traga por falta de bolada e achando quem isa quisesse trazer, eu ositaria por dar cabo a esta obra, por que sey o gosto que V. A. levava em a ver acabada.

Tõo bem mldedy hum papell a V. A. sobre a sela do dom prior e coredor do cirado de sobre a livraria e alyo e sprasmo o sora necessary fazerhe a vontade como lha tenho feita em todas as outras couzas, e se V. A. me mldar estes bois, eu acabarei muito cedo esta obra, para que, se V. A. qã vier, ache que ver o leve contentamento dela.

Simão Dias tras muito pouca jente e jagora fora bom comearse a lavar madeira para o dormitório de sobre os estudos: eu falo cada dia com ele e elo me diz que não tem avyamento de madeira nem tão pouco de dyabeyro e se V. A. deseja tanto ver estas obras acabadas mldedo que se da, que homde tanto he gastado não he realço que agora pelo pouco falte nisto. Não digo mais senão que fiquy roçando ao senhor Deus por vida e real estado de V. A. De Tomar oje iiii dias de março de 1548. Ju. de Castylio.

(Torre de Tombo. — Corpo Chronologico, parte 1.ª, março 80, doc. 46.)

«Soñr.—Miguel daruda me deu hã carta de V. A. em que me mandava que praticasse com elle as couzas destas obras e daquelas em que trusesse algũs duida lha deço conta para elle informar V. A. inteiramente: elle o mayo do tempo gustou com ho padre don prior, porque somente lha não dava lugar para fallar comigo e porisso não lha dara tan inteira informação como eu desejava.

Esta obra, como elle dira a V. A., não se acaba por falta de caretos, e eu não posso mayso fazer do que faço, porque algũs caretos que a nesta villa são necessarys para seruiço desta casa e para as couzas que ho don prior mlda fazer, e os de fora desta terra não se podem aver, porque senão exortulo as pennas que V. A. a por bem por hãa proçailo que para iso tem passado, e para se este caretos aviar com mais brevidade e diligencia he necessary hãa proçailo que o don prior e eu mandamos pedir a V. A. e do que meu filho Jean de Castilho esta desregado. Beijarey as mãos de V. A. aver por seu seruiço que venha este aluara muy forte e que não escuse algũm de nenhuma exallidade que seja, por que nesta terra os que tom algũs couzas de scu são os que se escusão por fuor e os pobres homde seram, o que parece agrano e opresdo para elles grande. E crea V. A. que lha sereno isto como homde desesperado, porque ho não posso seruir como desejo, e esta proçailo venha dirigida ao corregedor o juiz, que ho mandom fazer por hum meirinho seu, por que ho alcide daqy anda sempre fora e nãca esta na terra.

E por que Miguel Daruda ade fallar a V. A. sobre os espelhos da necessarya, detrimicy de lhos mandar agora así como estão e o ellegimto das casas vera V. A. todo e veja o que mayso seruiço for, porque as casas são muy claras e os espelhos vem conformes ao macyramto como estão. Verdade he que os da casa do meo ficão mais pequenos que o lume das janelas debaixo meo pallino e os da outra casa que pegua com ho dormitório dos religiosos são mayores hum pallino que as janelas debaixo, porque nãca Symão Dias quis deixar de fazer os entancomtos todos do hum tamanho e elles não sam de parecer mal e fazendose os espelhos mayores he necessary fazerem os pannos dos corredores mayores por fora e an dafor muito os telhados que sam fora da ordenança da casa grande e así fica tudo por hãa ordenança e per esto debaixo podera V. A. ver o que melhor lha parecer e mayso seruiço for. Os dous espelhos mayso pequenos que vem na casa pequena dametade por fora rasguio com a propria mollura das janelas e por dentro são mais pequenas fca de lume grãde meo pallino: se V. A. quiser que alargue estas dous, allargualosy que venhão com o lume das frestas debaixo.

meirinhado de Trasmiera, sendo oriundo por linha recta da casa de Castilho. Nella se mencionam também outras circumstancias, como o ter vindo para Portugal havia mais de cincoenta annos, o que nos faz crer que elle já estava entre nós logo no começo do seculo XVI, ou ainda anteriormente.

«Dom Sebastião de A quãto esta myha carta virem faço saber que Antonio de Castilho, filho de Joã de Castilho, ja defunto, morador que foy na villa de Tomar, me pediu que por a memoria do seus antecessores se nã perder e ele em meus Reynos e senhorios gouvir e usar das armas que pelos merecimentos de seus seruiços nos Reynos de Castela ganhãrão e lhos forão dadas e así dos privilegios, outras, graças, merces, que por dreyto e por bem deles lha pertencem lha mandara passar este meu aluara: «Eu elrey faço saber a vos, meu Rey d'armas Portugal, que Joã de Castilho, meu escriptão da camara, e Antonio de Castilho e Pero de Castilho, defunto, morador que foy na villa de Tomar, me vziãro dizer per sua petição que o dito seu pay era natural das montanhas de Reyno de Biscaya e descendia da casa de Castilho, que he muito principall nas ditas partes e vynda della por lhyha dreyta como constava por hũ publico estormento que hofezereõ tirado na Junta de Cudeo, do meirinhado de Trasmiera, pelo tenente que nas ditas partes residia no tempo que se tirou, e justificado por certos officiaes na corte delRey de Castella, meu muito amado e prezado tio, e por don Duarte d'Almeida, do meu conselho, estando por embaxador na dita corte, e que aos da dita linhagem e casa pertenciam as armas dela e a cõca Joã de Castilho, Antonio de Castilho, Pero de Castilho, Diogo de Castilho e Manuel de Castilho pertencia dreytamente as ditas armas e lha devia ser premytido trazerem nas e usarem delas em meus Reynos, visto como nelas nacera e vivã e devã ser avidos por naturas deles, pois avyã mais do cymponente antes que ho dito João de Castilho seu pay se viera vizer a estes Reynos e nelas falecera, pedindome que ouesse por bem que as ditas armas se liçãsem no liuro da nobreza destes Reynos, como se nelas per meu mldado lançaram as armas dontras povos estrangeiras, e que as podese trazer e delas usar, pois eram suas, e lha pertenciam, e justamente com ha dita petição me apresentaram mais hum estormento foyto e assinado por Garcia de Femeosella, escriptão publico do chancero da Junta de Cudeo, a quinze dias do mes de abril do ano jbrlly (1556) reconhecido e aproudo por Joã de Solares e Fernã de Campos Redondo, escriptões gereses na corte delRey de Castella e nos Reynos e senhorios d'ela e do numero da Junta de Cudeo nas montanhas do Reyno de Biscaya, e así outro estormento foyto na villa de Valhedely por Belchior Teles, escriptão do publico na dita villa, a xi dias do mes dagosto do ano de jbrl e seis tirado por o doutor Durazquez, do conselho delRey de Castella e alcide em sua casa e corte e justificados por Jeronimo de Tenca e Joã de Colhar, escriptões do publico na dita villa e corte, e pelo dito don Duarte d'Almeida, meu thaxador, em que aprouzãro e dito estormento que sey vynda tirado da montanha e así mais me apresentãro o banalo das armas que dizem que lha pertencem tirado do liuro da nobreza dos ditos Reynos de Castella em hãa certidão publica por Diogo d'arajo, Rey d'armas d'elas, e justificada pelo licenciado Morilhas, do conselho delRey de Castella e alcide em sua casa e corte, e por o dito Diogo de Femeosella e por Joã Vasquez, escriptões do publico na dita corte de Castella, e justificados onty pelo dito don Duarte d'Almeida, a qual certidão era feyta em Valhedely a vynte dias de mayo do ano de jbr lly e com os ditos estormentos e banalo de armas me apresentãro mais hum estormento publico foyto e assinado por Garcia de Redondo Morãte, escriptão e notario publico nas ditas montanhas,

A caustra dos fornos esta toda travancada com a pedra para a cisterna: não quer o don prior dar jente para a despejar. Beijarey as mãos de V. A. mandarlhe que para iso e para as couzas outras que me forem necessarys me de a jente que se ouner mister. Elle me tinha também prometido de me mldar ver a igreja das Pias por Miguel Daruda, o qual foy tam depressa que não teve tempo para ir ver, e porque eu estou fpenhado e illudido para por no fim, beijarey as mãos de V. A. mandarlha ver e avalliar, porque não tenho hum vintom de mea, e destoutra obra não recebo nenhum dinheiro e o don prior he muito mau para o dar nem de hãa parte nem de outra, e sempre me jura pelo abito que ho não tem, e juro aos santos evangelhos que nãca desta obra receby outro dyabeyro senão o que me V. A. mandou dar, e por iso desejo de dar fim a esta obra para me desmldidar e librar de tantos trabalhos e fadigas quantas Deus sabe que passo. Noso Senhor acrecente os dias de vida e real estado de V. A. De Tomar a xi de setembro de 1548. Ju. de Castylio.

(Torre de Tombo — Corpo Chronologico, parte 1.ª, março 81, doc. 48.)

«Soñr.—Por Jorge Ferreira screvi larguamento a V. A. a conformação destas obras e do negocio da ponte, e porque Jorge Raposo, vzeador desta villa, sam se pode ir tam cedo por certas diligencias que indã nisto ficão por fazer, enfermara agora V. A. de tudo muyto particularmente, e elle fez nisto tolo posivel, e fez a diligencia que cupria. Destas obras não ha outras novas somente ficar ja asentada a esxada do cõca: he hãa obra muyto boa e que V. A. fillguara de ver. Noso Senhor acrecente a vida e real estado de V. A. De Tomar a x do março de 1551. João de Castylio.

(Torre de Tombo — Corpo Chronologico, parte 1.ª, março 86, doc. 34.)

«Soñr.—Em toda esta obra se trabalha quito pode ser, e ha todo se daa tall avyamento que não falta nada. Agora hãã (andam) na cozinha, que ja estas ametade dela lagrada e tem seu onno feito para a augoa. A depressa estas ja ladrilhada e acabada de tijello roçado com suas juntas foytas muyto boas e parece muyto bem e he mais seguro así que de tijello roçado que logo se come. A casa por d'ãca se anda dar as iguarias também estas acabada e ladrilhada do mesmo tijello. Agora se anda ladrilhado e eyrado do andar do dormitório que corre por cima das cellas dos collegios e avellta que corre com a livraria esta ja tudo arguapado e hũ pedaçõ ladrilhado do mesmo tijello toco, por que así parece melhor por se nã gastar com a augoa e os religiosos tãbem o querem mais así. Acobase mais agora hãa seruitia para o relogio que vai no andar da sobre crasta, por que he muito necessary e así mais a varanda da ffermaria esta ja casi toda hlegida, e leua dous palmos dallence em alltura que accretou de ir jfite com o caso que vinha das secretas, e crea V. A. que do caso se hã de desachtar mais de quinze braças, por que atransava toda a cisterna e com a mesma pedraris se hade tornar acetar por fora da cisterna, e na cisterna nã se fez ainda mais que a lagarar; da parte do larajal, abriãse os alicorces; algũs pedraris esta ja laurada para ella e a cali terçada para se por logo nãca nella com ajuda de Deus. Da pedraris se laurará cymq.<sup>ta</sup> (cincoenta) e dous mil reis d'pzevidã; o asento detrimico se de fazer de jornal. Del tãbem dempreitada hãa balastro com suas molluras em cima dos dous eyrados das espaldas que está escontra o larajal fora da crasta. A pedraris destes balastros ho da serra para parecer melhor e pello tornar, e depreo a todo custo darameo, caretos, lauramento e acemto por vinte mil reis, o qual preço fizemos o soprior e ou. As cellas dos collegiaes bem he que seji de tijello roçado, mas os eyrados nã me parece bem que así sejam, por que se gastarão com a augoa e he muito melhor de tijello por roçar, que se agora faz muito bem para yso ou do pe-

no qual se cõtinha que Pero Fernandez de Solerzano e Castilho, erdeiro da casa e morgado dos Castilhos nas ditas montanhas, declarara e jurava pertencerem as ditas armas ao dito Joã de Castilho, defunto, por ser seu parente o vir da dita casa de barão em barão, pela qual rezão pertenceã as ditas armas do sua casa aos ditos seus filhos e ora cõtento e lha aprazia que as pudese trazer e delas usar segundo mais inteiramente era declarado no dito estormento e o dito Joã de Castilho, meu escriptão da camara, fez pitiãca nos corregedores da minha corte dos feytos civis em que lha pediu que lha mldassem treladar os ditos estormentos em letra portugesa e tirados da limoga castelhana em portugez, na qual foy posto despacho por o doutor Symã Gonçalves Proto, do meu desãbargo e corregedor da minha corte dos feytos civis, que se treladase por vtydo do dito despacho se treladãsem os ditos estormentos em letra portugez por Luis Vaz do Rencãde, escriptãram diante os ditos corregedores, e se cõtãrãto com os proprios por Felipe Pirez, que foi escriptão diante eles, e por Afonso destunega, cavalleiro fidalgo de minha casa, o qual trelado era assinado por o dito corregedor e passado pela minha chancelaria em carta testemunchavel, pedindome os nobredos que ouesse por bem mandar lançar no liuro da nobreza destes Reynos as ditas armas para poderem usar delas, pois erão suas e lhas pertencem como sayna me dito, e antes de lha nãca dar despacho mldey a don Gonçalo Pinheiro, bispo de Viseu, e aos doutores Felype Antunes, Xpovão Mõdes de Carvalho, Gaspar do Figueiredo, Symão Gonçalves Cardoso, do meu conselho e meus desembargadores do paço, que vissem os ditos estormentos com ho dito braço d'armas e do que lha parecer me dessem relação para no caso mldar o que ouver por meu seruiço, e ferão visios por os ditos desembargadores do paço na mesa do seu despacho, os quases ounerã a dita proua por boa e lhos porreco que eu devia de mldar que as ditas armas se assentãsem e registãsem no dito liuro da nobreza para poderem usar delas nestos Reynos e do dito caso me derõ justa informação, a qual vista por mym e avido respeito aos seruiços do dito João de Castilho seu pay fez nestes Reinos e em Africa a elRey don Manuel meu bisavo e a elRey meu senhor e avo, que samta gloria ajã, e así acc que o dito Joã de Castilho seu filho ao dito senhor Rey meu avo e a mym tom feytos, así neste Reyno como em Africa, e por folgar de lha fazer merce, ey por bem e me praz que os ditos Joã de Castilho, Antonio de Castilho, Pero de Castilho, Diogo de Castilho e Manuel de Castilho e todos seus filhos e descendentes possã daqy em diante trazer em meus Reynos e senhorios as armas dos Castilhos e vsem delas así e da maneira que as trazem e delas usão os de Castilho nos Reynos de Castella, por as ditas armas pertencerem aos ditos filhos de Joã de Castilho ja falecido e virem da dita linhagem, as quases armas sã hum castelo com suas menaças e dois lybres brãquios a porta dele presos com cadeas domro e em syma do castelo hãa frol de lis por brasão em campo verde da maneira que estão figuradas e debuxadas na dita certidão publica que com esta vos sera apresentada, e per tanto vos mando que acõteis e registes as ditas armas no dito liuro da nobreza e pasco carta em forma aos ditos filhos de Joã de Castilho para que elle e todos seus filhos e descendentes as possã trazer e delas usar como dito he, e no asento e registo do dito liuro da nobreza e así nas ditas cartas que lha passades se treladãro cõto meu aluara para se por ele em todo tempo saber como así o ouve por bem e este me praz que valha o tenha força e vygo, como se fosse carta foyta em meu nome por mym assynada e passada por mynha chancelaria sem embargo da ordenação do segundo liuro titulo vynte, que diz que as couzas quã effeyto ouner de durar mais de hum ano passem por cartas e passando por aluara não valhã. Jorge da Costa o fez em Lisboa a dezasete dias do mes de janeiro de jbr lly. Manuel da Costa o fez escrever, por vtydo do qual aluara lha mldoi registrar as ditas armas em os liuros dos registos das armas dos nobres e fidaigos do meus Reynos que tem Portugal meu principall rei d'armas para em todo tempo se acharem nelas em boa e devida guarda e delas esta

myha carta em forma passar com seu brasão cimo e timbre, como aqui são devisados, e asy como fiel e verdadeiramente se acharão na dita certidão devyados e foydo registados nos ditos livros da nobreza, as quas armas são as seguintes, e: O campo verde e hum castelo de prata com portas e frestas e laurado de preto e em cyma da torre do meo hã fiol de lis douro e a porta dele dous libros de prata cullido hum pera o outro com coloiras vermelhas presas por hãs cadeas douro que sayon das bombardeiras deles, cimo de prata aberto goarnydo douro paquife douro e verde e prata e verde e por timbre hum dos libros das armas e por deferença hã moleta douro, o qual escudo, armas e synaes em meus Reynos e señorios poã trazer e traga o dito Antonio de Castilho e como nos de Castela os trouxerão seus antecessores em todos os lugares de omra em que os nobres e antigos fidalgos sempre os costumavão trazer em tempos dos may esclarecidos Reis meus antecessores e com eles poã strar em batallas, campos, duellos, reptos, escaremoças e desafios e exerceytar com elas todos os autos lycytos de gera e de paz e asy as poã trazer em seus firmas, antes e synates, devissas, e as poer em suas cascas e ydesçios e leyralos sobre sua propia sepultara, finalmente se servir e ornar e govir e aproveytar delas em todo e por todo como a sua nobreza oÿvem, porem nullo a todos los corregedores e decembargadores juizes, justicias, alcaides, metrinches e em especial los meus Reis darmas, arautos e pasavites, e a quaca quer outros officios e personas a que esta minha carta for mostrada e o conhecimento dela com direito pertencer, que em todo lho cumprlo e guardem e façã inteiramente cumprir e guardar, como nela he othendo, sem duvida nem cargo alguẽ que lho em elo seja posto, por que así he myha merce. Dada em a myha muy nobre e sempre leal cidade de Lisboa aos sete de janeiro—el Rey noso senhor ho mldou por Gaspar Velho, seu Portugall e primeipall Rey darmas, por bem do alvares seyms declarado—Antonio Fernandez por Jeronimo de Matos seprivã da nobreza a fez ano do nacymento de noso senhor Jhuã Xpo do jho lxj. Jr.ºº de Matos a fez seprentar.

(Torre do Tombo. — D. Sebastião e D. Henrique, Privilegios, liv. 2, fol. 44 v.)

Das armas dos Castilhos deu noticia o sr. visconde de Sanches de Baena no seu livro *Archivo Heraldico*, mas, por uma extraordinaria metamorphose heraldica, transformou em lebrões os lebrões que guardam o castello. No documento acima transcripto vem mencionados os filhos de João de Castilho: João, Antonio, Pedro, Diogo e Manuel. Os dois primeiros são os mais conhecidos; João como tendo desempenhado importantes cargos palacianos; Antonio, guarda-mór da Torre do Tombo, pela sua boria doutoral e pelas suas produções litterarias. Raczyński considera o dr. Antonio de Castilho tambem como architecto, ainda que de um modo pouco seguro, limitando-se a dizer parece. Isto não obsteo a que fosse admitido positivamente como tal e por escriptores, aliás de valia. Não sabemos, porém, de nenhum facto ou documento que autorise semelhante attribuição.